



MEMÓRIA HISTÓRICA DA
CAPITANIA DE SÃO PAULO:
EDIÇÃO E ESTUDO

Renata Ferreira Costa

**MEMÓRIA HISTÓRICA DA CAPITANIA DE SÃO PAULO:
EDIÇÃO E ESTUDO**

Renata Ferreira Costa



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador

Geraldo Alckmin

SECRETARIA DE ESTADO – CASA CIVIL

Secretário

Saulo de Castro Abreu Filho

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Coordenador

Izaías José de Santana

Diretora do Departamento de Preservação e Difusão do Acervo

Yara Prado Fernandes Pascotto

Diretora do Departamento de Gestão do Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo

Ieda Pimenta Bernardes

Conselho Editorial

Ana Célia Rodrigues

Barbara Weinstein

Célia Reis Camargo

Denise Aparecida Soares de Moura

Fernando Teixeira da Silva

Jaime Rodrigues

James Naylor Green

Jeffrey Lesser

João Roberto Martins Filho

João Paulo Garrido Pimenta

Yara Aun Khoury

Coordenação Editorial

Haike Roselane Kleber da Silva

Preparação de Originais e Revisão de Provas

Gabriel Costa de Souza

Jéssica Ferraz Juliano

Pesquisa de Imagens

Karina Gonçalves de Souza de Oliveira

Maria Luiza Silva Carvalho

Capa

Helen Karina Teixeira Batista

Projeto Gráfico

Helen Karina Teixeira Batista

Maria Luiza de Alvarenga Dini

Diagramação

Helen Karina Teixeira Batista

MEMÓRIA HISTÓRICA DA CAPITANIA DE SÃO PAULO: EDIÇÃO E ESTUDO

Renata Ferreira Costa

C875m Costa, Renata Ferreira

Memória histórica da Capitania de São Paulo : edição e estudo / Renata Ferreira Costa . - São Paulo : Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2014.

23.495 Kb ; PDF

Modo de Acesso: World Wide Web

Contém edição semidiplomática justalinear, glossário parcial e índices da obra “Memória Histórica da Capitania de São Paulo”, elaborados pela autora.

ISBN: 978-85-63443-13-7 (PDF)

1. Linguística histórica. 2. Paleografia. 3. História de São Paulo (Estado) – Século XVIII. I. Título.

CDD 469.7
981.61

NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE E-BOOK

Os direitos sobre todos os textos contidos neste livro eletrônico (e-book) são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Este exemplar de livro eletrônico pode ser reproduzido em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos. Em caso de uso acadêmico deste e-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a) e ao Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos...

...a Deus, à minha família, à FAPESP, ao professor Heitor Megale e ao Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Sumário

Introdução.....	11
<i>capítulo 1</i> O século XVIII: contexto histórico.....	13
1.1 O Século das Luzes.....	13
1.2 A Era Pombal.....	14
1.3 O Brasil no Século do Ouro.....	16
1.4 São Paulo no século XVIII.....	17
1.4.1 Educação e cultura na São Paulo do século XVIII.....	20
<i>capítulo 2</i> Manuel Cardoso de Abreu: biografia, bibliografia e autoria.....	23
2.1 Informações Biográficas.....	23
2.2 Informações Bibliográficas.....	25
2.3 <i>Memória Histórica da Capitania de São Paulo</i> : tema e divisão temática.....	28
2.4 Autoria.....	31
<i>capítulo 3</i> Descrição do códice E11571.....	35
3.1 Identificação.....	35
3.2 Aspectos Codicológicos.....	35
3.2.1 Suporte material.....	36
3.2.2 Marcas d'água.....	39
3.2.3 Cadernos.....	42
3.2.4 Encadernação.....	43
3.3 Aspectos Paleográficos.....	47
3.3.1 Classificação da escrita do códice.....	49
3.3.2 Alfabeto.....	49
3.3.3 Punhos.....	53
3.3.4 Grafemas e seus alógrafos.....	55
3.3.5 Emprego de maiúsculas.....	58
3.3.6 Abreviaturas.....	60
3.3.7 Sinais diacríticos.....	65
3.3.8 Translineação.....	70

3.3.9	Separação Intervocabular.....	70
3.3.10	Sinais de pontuação	71
3.3.11	Paragrafação.....	72
3.3.12	Notas marginais.....	73
3.3.13	Sinais de correção, de emenda e anotações do escriba.....	73
3.3.14	Sinais de escrita posterior.....	73
3.4	Aspectos Linguísticos.....	75
3.4.1	Consoantes duplicadas.....	78
3.4.2	Alterações gráficas com possível repercussão na fala.....	81
3.4.3	Sistema vocálico e suas variantes gráficas.....	84
3.4.3.1	Posição Pretônica.....	85
3.4.3.2	Posição Postônica.....	86
3.4.3.3	Ditongos em Posição Pretônica.....	86
3.4.3.4	Ditongos em Posição Tônica.....	87
3.4.3.5	Ditongos em Posição Postônica.....	90
3.4.4	Uso de <y> por <i>.....	90
3.4.5	Uso de <h>.....	92
3.4.5.1	<h> etimológico.....	92
3.4.5.2	Marcador de hiato.....	93
3.4.5.3	Marcador de sílaba tônica.....	93
3.4.5.4	Na composição de palavras compostas.....	93
3.4.5.5	Nos grupos consonantais <nh>, <ch> e <lh>.....	94
3.4.5.6	Em antropônimos.....	95
3.4.5.7	Em topônimos indígenas.....	95
3.4.5.8	Falsa regressão.....	95
3.4.6	Grupos consonantais <cç>, <ct>, <gm>, <gn>, <mn> e <pt>.....	96
3.4.7	Representação gráfica das terminações nasais.....	97
3.4.8	Posição das sibilantes.....	98
3.4.9	Uso dos pronomes relativos “cujo” e “o qual” (e flexões).....	102
3.4.10	Concordância nominal.....	103

<i>capítulo 4</i>	Edição semidiplomática de <i>Memória Histórica da Capitania de São Paulo</i>.....	105
4.1	O tipo de edição.....	105
4.2	Normas de transcrição adotadas.....	105

<i>capítulo 5</i>	Glossário parcial e índices de <i>Memória Histórica da Capitania de São Paulo</i>.....	108
-------------------	---	------------

5.1 Critérios adotados na elaboração do glossário e dos índices.....	108
Glossário Parcial.....	110
5.2 Índice de Expressões Latinas.....	135
5.3 Índice Antroponímico.....	136
5.4 Índice Toponímico.....	150
5.5 Índice de Cargos, Dignidades e Funções.....	63
<i>capítulo 6</i> Considerações Finais.....	169
Referências bibliográficas.....	170



A los manuscritos, por tanto, habrá que aproximarse con conocimiento y respeto, pero no con temor, considerando que frecuentemente pueden encerrar bastante más que un texto.

(Manuel Mariana Sánchez)

Introdução

A busca de um *corpus* para o trabalho que deu origem a este livro, que se iniciou no Arquivo Público do Estado de São Paulo no ano de 2004, estava bem direcionada e deveria atender ao seguinte requisito: um documento do século XVIII, porque dois anos e meio de iniciação científica haviam mostrado que esse século representara um campo histórico e linguístico muito produtivo, na confluência de um interesse pelo conteúdo histórico e por ricos dados linguísticos.

Pesquisando o livro de registros do Arquivo, o título de um documento chamou a atenção: *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e todos os seus memoráveis sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796*, por situar-se justamente em fins do século XVIII e compreender dados da história de São Paulo, cidade atualmente reconhecida como importante núcleo de atividades intelectuais, políticas e econômicas, mas que até o século XVIII ocupou uma posição quase insignificante na colônia portuguesa, situação acarretada pela distância do litoral, pelo isolamento comercial e pela carência de uma atividade econômica lucrativa. Situação que levou o autor da obra, tomado pelo orgulho de ser paulista e indignado com as informações de alguns escritores estrangeiros, “particularmente espanhóis”, que procuravam denegrir o valor dos seus antepassados, a empreender uma busca de informações referentes à história da Capitania de São Paulo como forma de resgatar a memória dos paulistas, exaltando suas conquistas, sua coragem e seu valor, usando-a como arma de defesa de sua pátria e de instrução dos naturais, porque a memória, segundo Le Goff (1996, p. 476-477), “[...] é o elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva [...]” e que “[...] procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.”

Diante de um documento como esse, com relevantes dados a respeito dos mais variados campos do saber, a atuação do filólogo faz-se necessária e imprescindível, porque a função desse estudioso é justamente “[...] concentrar-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado [...] tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores [...]” (SPINA, 1994, p. 82).

Dessa forma, o presente trabalho, através da edição semidiplomática do manuscrito – oferecendo ao leitor um texto seguro, provido de esclarecimentos e informações importantes que lhe possibilitem avaliar os critérios de transcrição e entender o texto em todos os seus pormenores – também pretende resgatar fatos importantes e obscuros do passado histórico, cultural e linguístico brasileiro, pois o manuscrito, pela sua própria natureza, permite explorar não só o texto em si, mas também a sociedade que o produziu.

A edição semidiplomática de *Memória Histórica*, além de eliminar certo grau de dificuldade de leitura que se insere em um documento manuscrito do século XVIII, constitui contributo para os estudos de *Crítica Textual*, porque é um manuscrito setecentista inédito cuja autoria é contestada; apresenta contribuição para a *Codicologia* e à *Paleografia* através da sistematização do conhecimento do suporte material, das marcas d'água, do sistema de encadernação, de escrita e de abreviaturas da época; traz informações relevantes à *Linguística*, principalmente quanto à reconstrução da história linguística brasileira; oferece colaboração especial à *Lexicografia* e à *Onomástica*, uma vez que é acompanhada por um glossário parcial e por índices de antropônimos e topônimos; representa importante fonte para enriquecer o atual conhecimento da *História* e da *Geografia*, mais especificamente da Capitania de São Paulo; e constitui contribuição para

a realização de uma edição crítica do códice E11571 baseada no confronto com os testemunhos das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus e de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, que teriam sido plagiadas por Manuel Cardoso de Abreu.



A edição semidiplomática de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, objetivo principal deste trabalho, perderia muito de seu valor se não viesse acompanhada da reconstrução do contexto histórico em que a obra foi escrita, função transcendente da Filologia, que, segundo Spina (1994, p. 83-84), toma o texto enquanto “[...] instrumento que permite ao filólogo reconstruir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época.”

Tendo-se em vista a importância de entender melhor a sociedade brasileira de fins do século XVIII e lançar um olhar crítico sobre *Memória Histórica*, este capítulo traz uma caracterização dessa época através do recorte e da reconstrução de aspectos significativos da história brasileira ou relacionada ao Brasil de fins dos setecentos, época de grandes mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais e linguísticas.

Com base nesses pressupostos, o critério para a delimitação do assunto baseia-se em questões relacionadas à época em que o autor da obra viveu e que justificam sua escolha pelo tema, assim como a maneira como o abordou, questões essas relacionadas à sociedade, à cultura e ao pensamento da época.

Foram selecionados cinco tópicos, a saber: *O século das luzes*, que trata do Iluminismo, o grande acontecimento intelectual ocorrido naquele momento e que, de certa forma, parece ter influenciado o autor da obra na escolha do gênero “memória histórica”, baseado no método crítico, na valorização do questionamento e da investigação¹; *A era Pombal*, que descreve o período em que o Marquês de Pombal atuou como primeiro-ministro do rei D. José I, de Portugal, e as medidas que tomou, sob influência dos ideais iluministas, para reerguer Portugal da difícil situação em que se encontrava; *O Brasil no século do ouro*, que aborda a época da descoberta das primeiras jazidas de ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, que mudou radicalmente a estrutura social e econômica da colônia brasileira e também da Metrópole; *São Paulo no século XVIII*, que trata especificamente da Capitania de São Paulo, pátria do autor da obra, na época em que essa foi escrita; *Educação e cultura na São Paulo do século XVIII*, que procura compreender melhor os reflexos da reforma educacional de Pombal em São Paulo, que era orientada pelos preceitos racionalistas de Luís Antônio Verney.

1.1 O Século das Luzes

O século XVIII representa uma época de importantes transformações no campo cultural europeu. O Iluminismo, também chamado “Ilustração” ou “Filosofia das Luzes”, movimento intelectual caracterizado, em linhas gerais, pela valorização da Razão, “essencialmente subjetiva e crítica”, do racionalismo, “essencialmente humanista e antropocêntrico” (MONCADA, 1941, p. 8), e da investigação como fontes do conhecimento, combatendo assim o absolutismo monárquico, o mercantilismo, os privilégios da nobreza e o poder do clero, trouxe grandes contribuições para o avanço dos estudos relacionados às Ciências, Artes, à Filosofia, Economia e Política, além de, juntamente com a Revolução Industrial, lançar os fundamentos para a profunda mudança política determinada pela Revolução Francesa (1789).

1 Sobre esse assunto, conferir também a sessão 2.3.

Os filósofos iluministas dedicaram-se à observação dos fenômenos naturais (astronômicos, biológicos, geográficos, químicos) utilizando métodos experimentais e buscando provas materiais, e ao exame do Estado, de questões éticas e morais, propondo explicações baseadas na razão e no direito natural. Conforme salienta Fortes (1981, p. 27-28):

O que é próprio do século XVIII é a postura, a atitude que se liga ao nome “filósofo”. Ele não mais será visto como um especialista a debater idéias no círculo fechado de seus pares. Sua ambição é sair pelas ruas, ou melhor, pelos famosos “salões” privados mantidos por personalidades inclusive da aristocracia, onde passam intermináveis noitadas a discutir. O sonho desses intelectuais “engajados” é intervir nos acontecimentos e desenvolver uma atividade pedagógica e civilizatória.

As grandes ideias dos pensadores do Iluminismo, propagadores da Revolução Intelectual que aflorava na Europa de então, foram reunidas e publicadas em um conjunto de livros conhecido como a *Grande Enciclopédia*, preparada entre 1751 e 1780 pelos intelectuais Denis Diderot e Jean d’Alembert, “[...] que pretendia ser uma suma completa dos conhecimentos filosóficos e científicos da época [...]” (BURNS, 1979, p. 553).

Entre esses pensadores estão, conforme Burns (1979, p. 550-553): *Isaac Newton*, que chegou “[...] à conclusão de que todos os acontecimentos da natureza são governados por leis universais [...]”; *John Locke*, que lançou um dos elementos básicos da filosofia iluminista ao combinar o sensacionismo e o racionalismo; *Voltaire*, símbolo do Esclarecimento e defensor da liberdade individual; *Diderot*, grande crítico do absolutismo e do poder da Igreja; *d’Alembert*, defensor da tolerância e da ideia de que o racionalismo e a ciência deveriam ser ensinados ao povo como única forma de libertação; além de *Montesquieu*, cujas teorias políticas sugeriam a adoção, pelos grandes países, do despotismo esclarecido e lançaram a “doutrina dos três poderes”, por meio da qual a liberdade política só seria garantida pela divisão do poder em três partes: “Legislativo, Executivo e Judiciário”; *Rousseau*, que defendia a ideia de que a vontade coletiva deveria se impor sobre a vontade individual e a ideia de que a economia deveria funcionar segundo a lei da oferta e da procura; *François Quesnay*, que “[...] atacava a intervenção do Estado na economia e defendia a liberdade de comprar e vender [...]”; e *Adam Smith*, defensor da divisão da sociedade capitalista em três classes: o operariado, os capitalistas e os proprietários de terra (O ILUMINISMO, [2002]).

Com a propagação dos ideais iluministas, certos governantes absolutistas adotaram alguns de seus princípios, governando em nome da razão, com o objetivo de construir Estados prósperos. Desenvolveu-se, assim, uma forma de governo conhecida como “Despotismo Esclarecido”, que gerou uma série de reformas sociais e econômicas, principalmente no campo educacional, com o incentivo à educação pública e leiga, e no campo fiscal, com o remanejamento das arrecadações tributárias.

1.2 A Era Pombal

Todo o clima de renovação intelectual trazido pelo Iluminismo atingiu também Portugal, que, depois de um período turbulento marcado, principalmente, pelo terremoto seguido de um maremoto, que destruiu a cidade de Lisboa em 1755, “[...] pela redução da produção de ouro no Brasil, agravado pela queda dos preços do açúcar brasileiro nos mercados internacionais, [...] pela concorrência da produção de açúcar das Índias ocidentais tanto britânicas quanto francesas [...]” (MAXWELL, 1996, p. 144), passava por um período de reestruturação econômica, política e cultural. Esse período tem início em 1756, com a nomeação de

Sebastião José de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal (1750-1777), para secretário de Estado dos Negócios do Reino de Portugal, equivalente atualmente ao cargo de primeiro-ministro. Suas principais medidas foram, segundo Maxwell (1996, p. 96),

[...] a estruturação de um novo sistema de educação pública para substituir o dos jesuítas, a afirmação da autoridade nacional na administração religiosa e eclesiástica, o estímulo a empreendimentos industriais e a atividades empresariais e a consolidação da autoridade para lançar impostos, das capacidades militares e da estrutura de segurança do Estado.

Governando com “mão de ferro” e plena autonomia de poder, Pombal, um “déspota esclarecido”, acabou com os privilégios da alta nobreza, primeiro ao julgar e executar brutalmente os marqueses de Távora, o duque de Aveiro e o conde de Atouguia, acusados pelo atentado sofrido por Dom José I, rei de Portugal, em 3 de setembro de 1758. O que surpreendeu nessa execução, segundo Maxwell (1996, p. 88), “[...] foi a posição social das vítimas.” Depois, aboliu a separação existente entre cristãos-velhos e cristãos-novos (MAXWELL, 1996, p. 99), reintegrando estes à sociedade portuguesa, e acabou com a prática dos casamentos fechados, o que estimulou a tolerância com a miscigenação racial, traço característico da atual sociedade brasileira.

Em 1759, de maneira intransigente e radical, o Marquês de Pombal sequestrou todos os bens da Companhia de Jesus, fechou seus colégios, destruiu suas missões e expulsou seus padres de Portugal e suas colônias. Pombal, assim como Luís Antônio Verney, cujas ideias tiveram grande influência sobre as reformas do Marquês (MONCADA, 1941, p. 124), acreditava que os jesuítas, pertencentes a uma ordem religiosa completamente autônoma, viviam à margem da autoridade do Estado e à custa da exploração do indígena, e não respeitavam o Tratado de Madri, que visava pôr fim às seculares disputas territoriais entre Espanha e Portugal, incitando os índios à resistência por não quererem abandonar suas missões. Além disso, a Companhia de Jesus foi acusada como cúmplice da nobreza no atentado contra o rei (MAXWELL, 1996, *passim*).

Essa ação de Pombal contra os jesuítas marcou a vitória do moderno Estado secular, livre da influência da Igreja, um dos princípios básicos do Iluminismo, além de ter levado ao grande enfraquecimento da influência religiosa no campo da educação, o que incentivou os estudos científicos e a reforma do ensino, “[...] resultado inevitável da expulsão dos jesuítas [...]” (MAXWELL, 1996, p. 169), cuja principal e mais importante medida na colônia foi a implementação de uma política linguística, impondo o uso do português e priorizando o ensino da gramática portuguesa.

Em 1746, Luís Antônio Verney, inspirado nas ideias racionalistas do Iluminismo, publica *Verdadeiro método de estudar*, obra pedagógica composta por 16 cartas que se constitui num divisor de águas na cultura portuguesa do século XVIII. Nessa obra, Verney faz uma crítica ao ensino tradicional português e propõe reformas para o desenvolvimento da cultura portuguesa, totalmente atrasada em relação às outras nações europeias. Moncada (1941, p. 25) salienta que a maior preocupação do autor era justamente “[...] o profundo abismo que separava Portugal dos restantes países da Europa no estado de adiantamento das ciências e das artes e no tocante aos progressos das luzes da Razão em todos os domínios da vida nacional.” Dentre suas propostas, que só foram concretizadas, efetivamente, pelo Marquês de Pombal, destacam-se o ensino da “gramática em português, e não em latim”, e a implementação “dos métodos experimentais” em oposição “a um sistema de debate baseado na autoridade” (MAXWELL, 1996, p. 12).

Segundo Pinto (1988, p. 17-18), o século XVIII representa também o desenvolvimento dos estudos ortográficos, em que se destacam Luís Caetano de Lima, João Madureira Feijó, Luís de Monte Carmelo e Antônio José dos Reis Lobato, e a evolução da lexicografia portuguesa, tendo como marco inicial o *Vocabu-*

lário português e latino (1712-1727), de Rafael Bluteau, a que se seguiram o *Dicionário da língua portuguesa* (1789), de Antônio de Morais Silva, e o *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usavam* (1798-1799), de Joaquim de Santa Rosa Viterbo.

Na literatura, surge o Arcadismo – também conhecido como “Neoclassicismo” ou “Setecentismo” – com a fundação, em Portugal, da Arcádia Lusitana em 1756. No Brasil, o estilo teve como marco inaugural a publicação de *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, em 1768. Os estudos arcádicos, também influenciados pelos princípios iluministas, propõem uma literatura mais equilibrada e racional, em oposição aos excessos do estilo barroco, baseada na “[...] imitação dos modelos greco-latinos [...], elogio da vida simples, sobretudo em face da Natureza, no culto permanente das virtudes morais; fuga da cidade para o campo (*fugere urbem*) [...]; o gozo pleno da vida [...]” (MOISÉS, 2001, p. 97).

No campo social, ao atribuir foros de nobreza aos donos de capital, Pombal promoveu a igualdade social e política entre aristocratas e burgueses.

Na esfera econômica, a ação de Pombal pautou-se pelo mercantilismo, “[...] baseado principalmente no fomento à produção metropolitana, na determinação de uma política econômica que promovesse o monopólio de exportação, o equilíbrio da balança comercial e o reforço do pacto colonial [...]” (GONÇALVES et al., 1998, p. 35), características que entravam em concorrência com a empresa dos jesuítas. Além disso, essas medidas tomadas por Pombal, como observa Maxwell (1996, p. 144-146), estimularam a reorganização e o estabelecimento de indústrias manufatureiras privadas “[...] com proteção exclusiva ou monopolista.”

1.3 O Brasil no Século do Ouro

A descoberta de lavras de ouro em Minas Gerais, no Mato Grosso e em Goiás, em fins do século XVII e início do XVIII, representou um dos acontecimentos mais importantes da história econômica do Brasil, que, pela sua enorme repercussão, provocou a primeira corrida do ouro da história moderna. Gente de todas as partes, “[...] não só da Metrópole como das capitâneas vizinhas [...]” (SOUZA, 2004, p. 41), ricos ou pobres, corria para as minas na esperança de enriquecer-se fácil e rapidamente.

O afluxo de pessoas em direção às minas provocou preocupação nas autoridades, já que as capitâneas ficaram quase desertas, principalmente as vilas e povoados do litoral e do planalto paulista, de maneira “[...] que tiveram [os paulistas] de suportar a própria perda da autonomia, ficando inteiramente subordinados ao governo do Rio de Janeiro por um período de mais de 15 anos” (HOLANDA, 2001, p. 138), enquanto as áreas mineradoras sofriam com o inchaço populacional. Segundo Souza (2004, p. 42),

Durante os sessenta primeiros anos do século XVIII, a corrida do ouro provocou na Metrópole a saída de aproximadamente 600 mil indivíduos, em média anual de 8 a 10 mil indivíduos. [...] Em 1709, era 30 mil o número das pessoas ocupadas em atividades mineradoras, agrícolas e comerciais, sem falar nos escravos da África e das zonas açucareiras em retração.

Economicamente, a descoberta do ouro representou a mudança do centro econômico, então no Nordeste, para o Centro-sul do país, e “[...] a formação do primeiro mercado interno do Brasil colonial [...]” (O SÉCULO..., 2002), devido à necessidade que tinham os exploradores de equipamentos, alimentos e mercadorias de consumo diário. Geográfica e administrativamente, representou uma maior interiorização do Brasil, uma vez que, à medida que os metais de um determinado local iam escasseando, os exploradores

avançavam para outras áreas em busca de novas fontes de riqueza mineral, formando assim novos núcleos de povoamento. Ademais, assiste-se, em 1763, ao deslocamento do aparelho político-administrativo da Bahia para o Rio de Janeiro, objetivando, conforme salienta Mendonça (1960, p. 18), “[...] tornar mais eficaz e pronto o controle das ações de repressão às invasões castelhanas, que se vinham dando pelas bandas do sul, especialmente a partir de 1763, quando a Colônia do Sacramento foi tomada.”

Com a chegada ininterrupta de forasteiros às minas, surgiram diversos atritos com os paulistas – responsáveis pelas primeiras descobertas de lavras. A disputa mais emblemática entre paulistas e forasteiros deu-se entre 1707 e 1709 e ficou conhecida como “Guerra dos Emboabas”; foi motivada pelo fato de os paulistas, vendo seu direito à prioridade nas reivindicações de lavras perder-se em consequência dos privilégios concedidos aos lusos, empunharem suas armas principalmente contra os forasteiros vindos do reino, “[...] mas também baianos, pernambucanos e outros [...]” (VITRAL, 2001, p. 311). Conforme Boxer (1969, p. 100-101):

Os paulistas retorquiam que “não podiam deixar de reclamar pessoalmente satisfações pela afronta que tinham sofrido, pois eram os senhores daquelas minas pelo fato de as terem descoberto, e sob circunstância alguma era conveniente que forasteiros ali vivessem; por essa razão desejavam expulsar estes últimos e tomar posse das primeiras”.

Vendo-se derrotados pelos emboabas², muitos paulistas deixaram as minas e emigraram para outras áreas do interior do país, onde, acidentalmente, novas jazidas de ouro foram descobertas no início do século XVIII, em Mato Grosso e Goiás, ou ainda dedicaram-se ao tropeirismo, atividade de condução por terra de gado bovino, equino e muar, provenientes dos campos do sul, particularmente de Curitiba, das campinas de Viamão e da Colônia do Sacramento, e que eram vendidos principalmente na Feira de Sorocaba, que assinala, segundo Holanda (2001, p. 132), “[...] uma significativa etapa na evolução da economia e também da sociedade paulista.”

Apesar de a explosão do ouro ter trazido diversos benefícios para o Brasil, de acordo com Maxwell (1996, p. 43-44), os maiores beneficiados com a exploração das minas foram os portugueses, uma vez que a Coroa detinha o monopólio de muitas áreas mineradoras e cobrava tributos muitas vezes exorbitantes, o que permitiu a Portugal readquirir “[...] sua própria independência em 1640 e [...] que recuperasse a sua posição na Europa.”

1.4 São Paulo no século XVIII

Durante o período colonial, até pelo menos o século XVIII, a vila de São Paulo de Piratininga viveu à margem da economia brasileira, constituindo-se na região mais pobre da América portuguesa. Tal situação

2 Conforme Souza e Bicalho (2000, p. 66), como à época da “Guerra dos Emboabas” a maior parte da população da Capitania de São Paulo falava tupi, não seria estranho apelidarem nessa língua os forasteiros, chamando-os “emboabas”. De acordo com Pizarro (1908, p. 527, nota 8 apud SILVEIRA, 1997, p. 63) e Boxer (1969, p. 84), os paulistas designavam de “emboabas” as galinhas ou outras aves de pernas emplumadas. Como os forasteiros sempre usavam botas ou “[...] coberturas protetoras para as pernas e pés, ao contrário dos paulistas, que andavam descalços e de pernas nuas pelo matagal” (BOXER, 1969, p. 84), receberam esse designativo depreciativo pela semelhança com essas aves ou por causa de seus hábitos europeus refinados diante dos modos rústicos dos paulistas de então. De acordo com Taunay (1948, p. 475-478), “emboaba” ou “imbuaba, amboaba, embuaba, buaba, boava, imboaba, boyaba, emboyaba, ambuava”, variantes encontradas nos documentos da época, poderia designar ainda “o estrangeiro entre os indígenas”, “feito homem ou como homem”, “homem de botas” ou “agressor, provocador”.

era causada pela distância do litoral, pelo isolamento comercial e pela carência de uma atividade econômica lucrativa como a do cultivo da cana-de-açúcar no Nordeste (VITRAL, 2001, p. 341-342).

As atividades praticadas pelos paulistas, como a criação de animais e a agricultura, serviam para sua própria subsistência e não para o comércio exterior. Dessa forma, como não possuíam riquezas para serem exploradas e produzidas em larga escala, empreenderam como principal atividade comercial a busca e o aprisionamento do “negro da terra”.

Desde o final do século XVI, começaram a formar bandos de homens armados com o objetivo de embrenhar-se nos sertões desconhecidos e capturar os indígenas para vendê-los ou usá-los como mão de obra escrava para tocar seus empreendimentos agrícolas, além de atacar “as prósperas missões jesuítas do Paraguai” (MAXWELL, 1996, p. 39). Essas expedições ficaram conhecidas como bandeiras e eram compostas por índios, brancos e mamelucos. As bandeiras podiam ser de aprisionamento, que escravizavam os índios, ou de contrato, que capturavam negros fugitivos, tendo como consequência o despovoamento de São Paulo e a ampliação das fronteiras do Brasil. Além da caça aos indígenas, adotaram “como atividade mais ou menos suplementar”, conforme Boxer (1969, p. 54), a procura de jazidas de metais preciosos.

Foram justamente a busca de ameríndios, a ambição do ouro e a liberdade pessoal dos paulistas os estímulos responsáveis pela descoberta das minas, segundo Boxer (1969, p. 280-281). A partir da descoberta das primeiras lavras, no final do século XVII, em Minas Gerais, depois, no início do século XVIII, no Mato Grosso e em Goiás, os paulistas tornaram-se os grandes desbravadores do interior brasileiro, fundando novos núcleos de povoamento por onde passavam.

Um aspecto interessante da sociedade brasileira de então, confrontado com sua economia, é observado por Novais (2005, p. 25) como um paradoxo, já que

[...] a sociedade mais estável, permanente, enraizada, está voltada para fora – a economia açucareira organiza-se para a exportação; e a economia de subsistência (como a de São Paulo, ou a pecuária nordestina), que está voltada para dentro, dá lugar a uma formação social instável, móvel, sem implantação.

Uma sociedade como a de São Paulo, voltada para o isolamento, a desolação e a permanente mobilidade, e em contato com a cultura indígena e com situações adversas, desenvolveu hábitos próprios, tributários, conforme Souza (2005, p. 46), “[...] dos indígenas e incorporados mesmo por aqueles que haviam nascido na Europa [...]”, entre eles o seminomadismo, que, por meio da constante mobilidade, visava encontrar novos recursos, a luta contra a mata para provimento da comida necessária para sustento nas incursões pelo sertão, o reconhecimento dos vestígios deixados na mata pelos animais, o hábito de andar descalço, com o peso lançado sobre a planta dos pés, “[...] de manusear não apenas armas de fogo, mas as armas do índio, mais eficazes no emaranhado da floresta. De aprender a vasta farmacopeia do sertão [...]” (SILVA, 2004, p. 66).

A presença do índio permeia toda a história da Capitania de São Paulo, constituída de uma população mestiça, mameluca, sem a qual não seria possível o efetivo conhecimento do sertão, do cultivo da terra e de tantas outras atividades. Os mamelucos, nascidos da miscigenação de índios e brancos, representavam para os europeus, “[...] os ‘línguas da terra’ (intérpretes) e guias para as entradas na mata, devido aos profundos conhecimentos que tinham do sertão: da geografia, dos moradores indígenas e dos recursos naturais que proporcionavam a alimentação [...]” (ZEQUINI, 2004, p. 50). Além disso, a presença mameluca moldou o caráter do homem paulista, nascido de seu semi-isolamento e da peculiaridade de seu modo de viver,

cuja principal característica são a autonomia e certa insubordinação em relação à administração colonial, porque, como salienta Monteiro (2005, p. 57),

[...] ao contrário da sua contrapartida senhorial do litoral, os paulistas deram as costas para o circuito comercial do Atlântico e, desenvolvendo formas distintivas de organização empresarial, tomaram em suas próprias mãos a tarefa de constituir uma força de trabalho.

Além do bandeirantismo, os paulistas dedicaram-se às navegações fluviais, conhecidas como monções, que se firmaram com a abertura das minas em Cuiabá, no início do século XVIII, “[...] para o abastecimento da região aurífera de Mato Grosso e no comércio do gado muar do Rio Grande até a Região das Minas Gerais [...]” (BELLOTTO, 1979, p. 33 apud CASTILHO, 2001, p. 343). As monções, que partiam de Ararituaba, atual Porto Feliz, em direção às minas do Cuiabá, a partir do rio Tietê, e que, segundo Holanda (2001, p. 138), “[...] não se consumiam menos de cinco meses de jornada [...]”, podiam ser, conforme Silva (2004, p. 77),

[...] oficiais, chamadas reiúnas, e se destinavam à condução de autoridades designadas pela Coroa ou ao transporte de tropas de linha e apetrechos de guerra para a nova província mineral, além do escoamento dos impostos reais. Outras, a maioria delas, estabeleciam simplesmente a ligação entre dois pontos da colônia e se destinavam ao inevitável trânsito de pessoas [...], de manufaturados e gêneros que as minas não produziam. E outras, ainda, a partir da década de 1760, supriam de homens e armas a colônia militar de Iguatemi [...].

O tropeirismo também foi outra atividade econômica praticada pelos paulistas como medida de um novo impulso explorador, já que, como já foi dito, devido a perda do seu monopólio sobre as jazidas das Minas Gerais, tiveram que buscar novos recursos econômicos. Os muares vendidos pelos paulistas provinham das áreas que compreendem o atual Uruguai e o Rio Grande do Sul. Segundo Silva (2004, p. 83-84), o mercado tropeiro teve um grande crescimento com a abertura das novas minas em Mato Grosso e Goiás e, mesmo com a decadência da produção aurífera, o interesse pelos muares não se modificaria, principalmente na segunda metade do século XVIII, com o renascimento agrícola, “sobretudo em São Paulo, com a cultura canieira a exigir lombos para o transporte do açúcar”.

Em 1748, com a extinção da Capitania de São Paulo, seus habitantes ficaram sob a jurisdição do governador do Rio de Janeiro, situação que durou 17 anos, até a nomeação de Luiz Antônio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus, para governador da Capitania (1765-1775).

Com a incumbência, dada pelo Marquês de Pombal, de proteger o sul do país contra os espanhóis – sendo que “[...] São Paulo tinha um papel estratégico na defesa dessas fronteiras [...]” (GROPPI, 2001, p. 376) –, expandir as fronteiras da Capitania para o oeste e mandar recursos para a reconstrução de Lisboa, destruída pelo terremoto de 1755, o Morgado de Mateus trouxe ao Brasil uma equipe de cartógrafos, fundou novas povoações, forneceu subsídios para a urbanização, reestruturou o militarismo, fortaleceu a organização burocrática e administrativa, deu incentivos à agricultura paulista, visando a exportação de seus produtos, com apoio especial ao cultivo da cana e fabricação do açúcar, também empreendeu uma política de povoamento e uma reforma no ensino, medidas que marcaram o início do progresso econômico, político e social de São Paulo (GONÇALVES et al., 1998, passim).

1.4.1 Educação e cultura na São Paulo do século XVIII

A história da educação no Brasil tem início em 1549, com a chegada dos primeiros padres jesuítas, os quais, como únicos representantes da Igreja naquele momento, detinham o monopólio do ensino. Segundo Gonçalves (et al., 1998, p. 6), os principais objetivos do trabalho pedagógico exercido pela Companhia de Jesus na colônia eram “[...] a conversão do gentio e a ampliação dos seus quadros regulares [...]” por meio do ensino da língua e da doutrina cristã.

Baseada na punição física, justificada como elemento fundamental para a manutenção da disciplina, da concepção e da repressão dos sentidos, pois, como salienta Del Priore (1991, p. 13), “[...] os ‘vícios e pecados’ deviam ser combatidos com ‘açóites e castigos’ [...]”, a prática pedagógica adotada pelos inicianos recebeu, desde o século XVIII, críticas severas de seus opositores, entre eles os filósofos ilustrados, que se apoiaram nessa pedagogia de medo, “inadequada à idade da razão”, conforme Maxwell (1996, p. 12), como um dos argumentos para justificar a necessidade de uma reforma pedagógica.

Em 1554, assiste-se ao estabelecimento de um colégio na vila de São Paulo de Piratininga, o primeiro do Brasil, que, em 1556, estava em plena atividade sob o comando dos jesuítas. Esse colégio, conhecido como “Colégio dos Jesuítas”, foi, durante todo o período colonial, o centro principal de instrução em São Paulo.

Apesar de a Companhia de Jesus deter o monopólio sobre o ensino no Brasil, “[...] existiram as escolas vinculadas às ordens dos beneditinos, dos franciscanos e dos carmelitas [...]” (VILLALTA, 2005, p. 347) e há que se considerar também, segundo Gonçalves (et al., 1998, p. 16), que

a presença, desde tempos remotos, de um ensino particular, pago e exercido por mestres leigos, se fez sentir não só na Capitania de São Paulo, mas em algumas das principais vilas da colônia. [...] No entanto, presume-se que o ensino dispensado por estes mestres particulares atingia uma restrita e seleta camada da população, ficando longe de substituir o extenso e abrangente trabalho pedagógico dos inicianos.

Desde o início da colonização, a Igreja, que, no Brasil, era representada principalmente pela Companhia de Jesus, teve grande participação em vários setores da sociedade. Essa influência dos jesuítas, aliada aos privilégios de que gozavam na colônia, foram os motivos dos diversos conflitos entre os colonos e os padres, que, além de controlar a mão de obra indígena, “[...] contavam com isenção alfandegária e se negavam a pagar os dízimos de suas propriedades.” (GONÇALVES et al., 1998, p. 42). Esses conflitos, aliados aos argumentos expostos anteriormente, contribuíram para a expulsão dos jesuítas de Portugal e suas colônias em 1759, medida que exigiu do Marquês de Pombal uma importante reforma educacional.

O Alvará de 28 de junho de 1759, anterior à expulsão dos jesuítas, que se deu em setembro, teve como medidas preliminares a extinção de todas as escolas reguladas pelos jesuítas, “[...] a nomeação de um ‘Diretor de Estudos’ ao qual todos os professores estariam subordinados [...]” (GONÇALVES et al., 1998, p. 53), a imposição do ensino da língua portuguesa aos índios e a proibição do uso de sua própria língua, como salienta Maxwell (1996, p. 104).

Na Capitania de São Paulo, a reforma do ensino só teve início em 1768, no governo do Morgado de Mateus, porta-voz da política pombalina. Até então, a Capitania encontrava-se em um estado educacional deplorável, marcado pela generalização do analfabetismo e a falta de pessoas instruídas nos cargos públicos.

Diante de tal situação, o Morgado de Mateus empreendeu uma reforma consoante às novas práticas pedagógicas que vigoravam no reino, inspiradas especialmente nas recomendações de Luís Antônio Verney.

No seu estatuto, entre outras medidas, encontram-se: a preocupação com a evasão escolar, o aprendizado da Língua Portuguesa anterior ao da Língua Latina, diferentemente do que acontecia no ensino jesuítico, e a implantação das cadeiras de Matemática e Geometria, disciplinas fundamentais para os militares, de modo que “[...] a frequência naquelas aulas e o pleno domínio daquela ciência passariam então a ser requisito fundamental para aqueles soldados que almejassem ascender na rígida hierarquia militar [...]” (GONÇALVES et al., 1998, p. 64). No entanto, apesar do esforço do Morgado de Mateus com o ensino de Matemática e Geometria em São Paulo, o que demonstrava sua preocupação em ter um funcionalismo qualificado e capacitado, na passagem do século XVIII para o XIX, conforme Gonçalves (et al., 1998, p. 73-74), “[...] observa-se a total ausência das ditas ciências na capitania.”

Embora a reforma do ensino, implementada pelo Morgado de Mateus, pretendesse estar de acordo com as diretrizes “esclarecidas” presentes na reforma empreendida por Pombal, alguns pontos do seu estatuto não se encaixavam nessas propostas, como a manutenção dos castigos aplicados pelos mestres e a utilização de um método de ensino cujas ideias tinham mais proximidade com as práticas jesuítas: a obra *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, escrita em 1718 por Manuel de Andrade Figueiredo, conhecida como “Livro do Andrade”, como observa Gonçalves (et al., 1998, p. 61).

Segundo Bruno (1991, p. 394; 396), no século XVIII havia algumas poucas bibliotecas particulares, nas quais figuravam obras da literatura religiosa, pouca literatura profana e alguns livros didáticos. As “livrarias” dos conventos, ao longo do século, formaram-se e enriqueceram-se um pouco graças às doações feitas por particulares. Entretanto, a primeira biblioteca pública só surgiu no primeiro quartel do século XIX.

São Paulo ainda não tinha condições, no século XVIII, de desenvolver uma cultura intelectual e uma literatura considerável, como aconteceu em Minas Gerais, na Bahia e no Rio de Janeiro, devido, conforme observa Bruno (1991, p. 397), à preocupação com as atividades bandeirantes exercidas por seus habitantes. O que se pode considerar como relevante naquele período são as obras de alguns historiadores como Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus, “[...] os dois únicos picos proeminentes na depressão profunda da vida intelectual de São Paulo” (TAUNAY, 1925, p. 155 apud BRUNO, 1991, p. 412).

Alguns paulistas, que estudaram em Coimbra ou em outros centros europeus de cultura, escreveram obras consideráveis, como José Arouche de Toledo Rendon, autor de “[...] ‘memórias’ sobre as aldeias de índios, a cultura do chá e o estado da agricultura na capitania de São Paulo [...]”; seu irmão Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, “[...] autor de memória sobre a ornitologia brasileira, de que existem apenas restos mutilados [...]”, como salienta Bruno (1991, p. 413); além de José Bonifácio Andrada e Silva, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Francisco José de Lacerda e Almeida, e Antônio Rodrigues Vellozo de Oliveira. São relevantes também, segundo Bruno (1991, p. 413-414), as obras de Teotônio José Juzarte, autor do manuscrito *Diário de navegação do rio Tietê, rio Grande, Paraná e Guatemi*, Manuel Cardoso de Abreu, autor de *Divertimento Admirável*, e Frei Miguel Arcanjo da Anunciação, irmão de Frei Gaspar.

A história da administração do Marquês de Pombal em Portugal e nas colônias portuguesas, em especial no Brasil, teve influência direta das ideias iluministas que surgiram na Europa no século XVIII. Por isso, fazer uma incursão, ainda que breve, pelos preceitos do Iluminismo e pela política de Pombal foi essencial para se entender com clareza o contexto histórico e os motivos que levaram o autor de *Memória Histórica*, um brasileiro nascido em São Paulo, a escrever a obra e o modo como a escreveu.

Influenciado, provavelmente, pelos ideais racionalistas, escreve uma obra que se baseia na busca por fatos históricos por meio da investigação e da explicação racional para as questões que envolviam o passado de sua pátria, de onde saíram importantes desbravadores do sertão inóspito e os pioneiros da descoberta das minas de metais preciosos, mas que, naquele momento, sofria com as opiniões de alguns autores, como Charlevoix e Vaissete, que, segundo o autor da *Memória Histórica*, manchavam o passado dos paulistas com falsas verdades ou misturavam informações errôneas, dizendo que os habitantes de São Paulo, todos de origem mameluca, viviam um sistema de república ou que já não mostravam a mesma bravura e valentia dos seus antepassados.

Essa dúvida racional baseada na recusa a acreditar, na necessidade de evidências e na preocupação em só aceitar os acontecimentos passados após grande número de fatos é própria do século XVIII e constitui-se na principal característica da obra. Segundo Fortes (1981, p. 20), é justamente no século XVIII, com a ideia de *progresso e civilidade* trazida pelo Iluminismo, que “[...] uma nova ‘ciência’ começa a se impor: a História [...]”, pois é por meio do estudo de seu passado que os homens percebem “[...] que a massa de conhecimentos adquiridos pode ser utilizada e posta a serviço do seu próprio bem-estar.”



2.1 Informações Biográficas

Manuel Cardoso de Abreu nasceu em 1750, na freguesia de Ararituaba, atual Porto Feliz (SP), povoação então pertencente a Itu, conhecida como a vila das monções, pois de lá partiam as expedições fluviais que desciam o rio Tietê em direção a Cuiabá, no Mato Grosso. Primogênito dos dez filhos do português Domingos da Rocha de Abreu – natural de São Martinho do Outeiro, em Braga, que veio para São Paulo na primeira metade do século XVIII, estabelecendo-se posteriormente em Ararituaba, onde era considerado um dos cinco homens mais abastados – e da paulista Francisca Cardoso de Siqueira, Manuel Cardoso, auxiliando o pai nos negócios para Cuiabá, tomou parte nas monções desde muito jovem, o que fez de 1765 a 1773, como relata em sua crônica “Divertimento Admirável”, de 1783.

Conforme as informações contidas em Leme (1904, p. 517-518), foi possível construir a seguinte árvore genealógica de Manuel Cardoso:

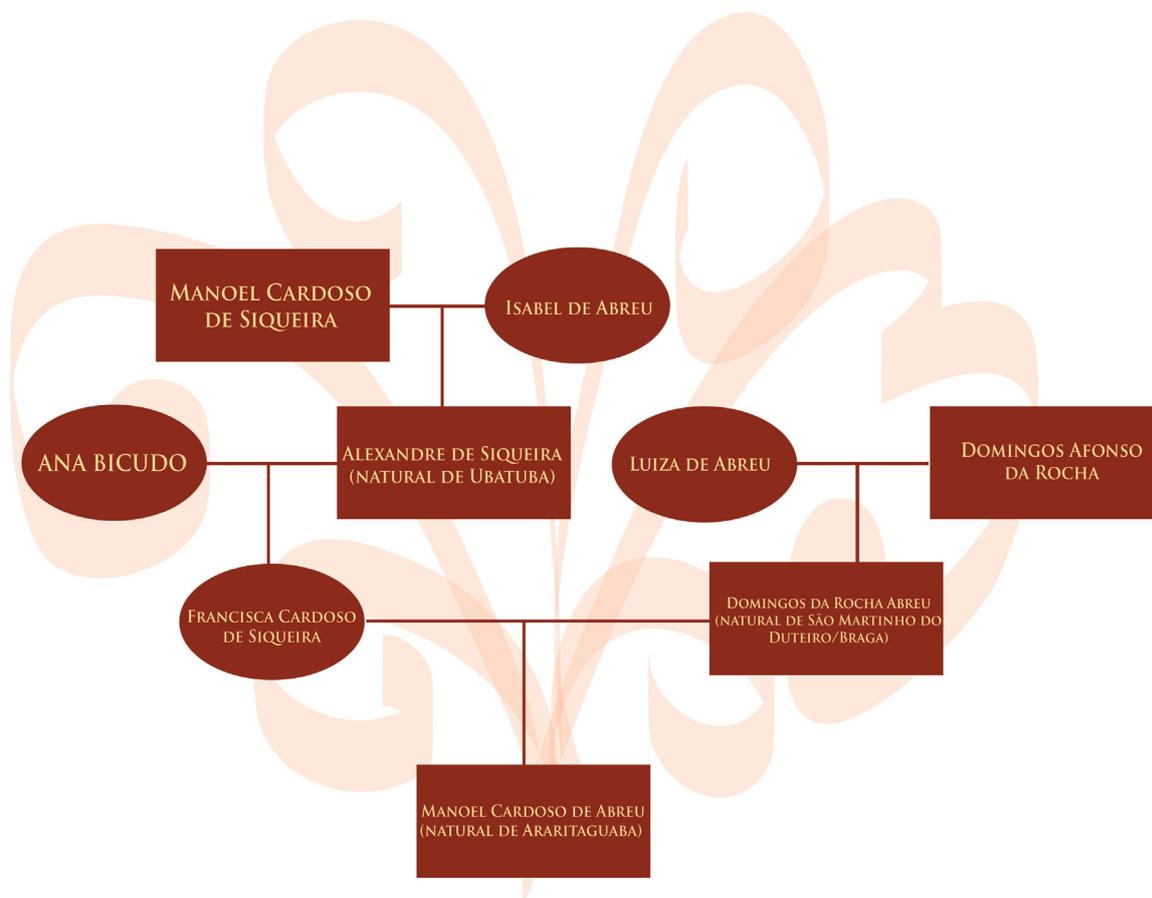


Figura 1: Árvore genealógica de Manuel Cardoso de Abreu construída a partir das informações contidas em *Genealogia Paulistana*, de Luiz Gonzaga da Silva Leme.

Seus estudos foram feitos em São Paulo, onde recebeu instrução limitada, já que, segundo ele próprio confessa, não havia, como em Portugal, educação secundária de boa qualidade “[...] nem na freguesia de Ararituaba, de onde sou natural, nem nos sertões que pisei, que a minha obra refere, haviam escolas em que me pudesse instruir na ciência e melhor letra; [...]” (ABREU, 1977, p. 59-60).

Depois de trabalhar nas monções por oito anos, passou a dedicar-se, conforme salienta Bruno (1977, p. 57), ao comércio de tropas de muares, que eram trazidas dos Campos de Curitiba para serem vendidas na Feira de Sorocaba. Em 1773, foi nomeado guarda-mor das jazidas de minérios da vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Itapetininga (SP) pelo então governador de São Paulo, o general Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão. Três anos depois, em 1776, devido a sua prática de longas viagens pelo sertão, foi nomeado comandante de uma expedição encarregada de abastecer com mantimentos, munições e pagamento as tropas da guarnição do presídio de Iguatemi:

A distância que tem da barra do Rio Pardo para baixo até a barra do rio Iguatemi é de cinco dias de viagem, que tanto gastei no ano de 1776, quando fui ao mesmo presídio levar socorro e pagamento às tropas da sua guarnição, de mandado do Exmo. Martim Lopes Lobo e Saldanha, que então era general em São Paulo. (ABREU, 1977, p. 79).

A 4 de abril de 1777, devido ao bom resultado de sua missão no Iguatemi e por ocasião da marcha dos 6 mil homens, foi investido no cargo de feitor comissário do provimento das tropas que se organizaram em São Paulo para a defesa do Rio Grande do Sul, ameaçado de invasão pelas tropas castelhanas comandadas por D. Pedro Ceballos, em virtude da guerra entre Portugal e Espanha:

Das particularidades das povoações da capitania também muito conto porque tenho verdadeiro conhecimento delas, como nacional do país, e com especialidade das que se compreendem na estrada de Viamão, porque no ano de 1777 fui por elas, mandado do Exmo. Martim Lopes Lobo de Saldanha, aprontar e pagar mantimentos, gado e cavalgaduras para o transporte de 6.000 homens que foram de Minas Gerais para a Capitania de São Paulo em socorro do exército do Sul, na ocasião em que tomaram os espanhóis a ilha de Santa Catarina; [...] (ABREU, 1977, p. 87).

Desempenhada com êxito a missão com o armistício no sul do Brasil, Manuel Cardoso de Abreu voltou a exercer a função de tropeiro, comercializando rebanhos de gado e tropas de muares que trazia do sul para vender no Rio de Janeiro, em São Paulo e Minas Gerais.

Sob a acusação de contrabandista de diamantes, foi preso em 1779 na cadeia de São Paulo, conseguindo, por meio da revisão do processo na Relação do Rio de Janeiro, provar erro judiciário e, em 1785, sua inocência, além de lograr do seu delator, Lourenço dos Reis Galvão, uma indenização por perdas e danos. Essa informação constitui, para Taunay (1925, p. 168), uma das provas do caráter inescrupuloso de Manuel Cardoso:

Homem muito inteligente, mas consummado velhaco, estivera quatro annos preso sob a inculpação de contrabandista de diamantes, havendo no entanto conseguido que a Relação do Rio de Janeiro o innocentasse. Devorado de ambição, havendo obtido mediocre cargo burocratico, vivia a importunar os ministros portuguezes com multiplos pedidos de promoção.

Em princípios de 1784, regressando a São Paulo, sem recursos financeiros depois de sua prisão, aceitou o cargo de enfermeiro do Hospital Militar. Em março do mesmo ano, moveu um processo por injúria e calúnia contra o capitão-mor de Sorocaba, Cláudio de Madureira Calheiros, mas perdeu a demanda.

Manteve-se solteiro até os 35 anos de idade, quando se casou, a 2 de dezembro de 1786, com Escolástica Maria Joaquina de Oliveira, com quem teve duas filhas, Maria e Francisca³.

Em 1789, passou a escriturário da Secretaria do Governo de São Paulo. Em 1792, foi promovido à oficial-maior, cargo que desempenhou até o seu falecimento em São Paulo, a 14 de julho de 1804, com 54 anos de idade, vítima de congestão cerebral, havendo registro de seu óbito nesse ano na Sé de São Paulo⁴.

2.2 Informações Bibliográficas

Escreveu a crônica “Divertimento Admirável: para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das Minas de Cuiabá e Mato Grosso”, em 1783, enquanto esteve preso no Rio de Janeiro, e dedicou-a a Martinho de Mello Castro, então secretário de Estado da Marinha e dos Domínios Ultramarinos, como forma de angariar sua poderosa proteção, como salienta Taunay (1925, p. 211). Eduardo Prado, encontrando em Lisboa o manuscrito original do “Divertimento Admirável”, mandou-o copiar e ofereceu tal cópia ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1899⁵. Sua primeira publicação saiu em 1902, no volume 6 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, páginas 253 a 293. Mais tarde, em 1914, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, volume 77 (parte segunda), páginas 125 a 156, sem declaração de procedência, e, em 1977, na coletânea de artigos sobre São Paulo colonial – *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial: 1751-1804*, com introdução e notas de Ernani Silva Bruno, páginas 53 a 87. Esse artigo, considerado documento geográfico de vulto, relativo às viagens fluviais no século XVIII, é um registro das observações feitas por Manuel Cardoso de Abreu em suas viagens como sertanista às minas de Cuiabá e Mato Grosso, em que descreve a exuberância da fauna e da flora às margens do Tietê, as populações ribeirinhas, além dos perigos encontrados durante o percurso. O motivo que o levou a escrever tal crônica foi

[...] satisfazer o desejo destes curiosos com as notícias de um dilatado sertão, como é o da navegação das minas do Cuiabá e Mato Grosso, declarando todas as diversidades dos efeitos que nele encontraram, como são a produção das frutas, a criação das aves, animais quadrúpedes, os nomes dos rios da navegação, as nações dos gentios que habitam na sua extensão e, finalmente, tudo o mais que pode compreender a curiosidade das suas notícias, [...] (ABREU, 1977, p. 61).

3 Cf. o livro de *Registros de Casamentos de Brancos e Livres (1782-1794) da Sé de São Paulo*, cota 01-02-16, página 108 verso, presente no Arquivo Metropolitano de São Paulo.

4 Cf. o livro de *Registros de Óbitos (1802-1810) da Sé de São Paulo*, cota 02-02-25, página 78 retro, presente no Arquivo Metropolitano de São Paulo.

5 Não se sabe, até o momento, em que arquivo de Lisboa se encontra o manuscrito original do “Divertimento Admirável”, mas há dois apógrafos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Lata 50, doc. 2 e Lata 50, doc. 3.

DIVERTIMENTO ADMIRÁVEL

PARA OS HISTORIADORES OBSERVAREM AS MÁQUINAS DO MUNDO
RECONHECIDAS NOS SERTÕES DA NAVEGAÇÃO DAS MINAS DE CUIABÁ
E MATO GROSSO

Extraído pela curiosidade incansável de um sertanista paulistense, que os
calculou sucessivos nuns poucos anos.

Oferecido ao Ilmo. e Exmo. Senhor Martinho de Melo e Castro, do Conselho
de Sua Majestade e Secretário de Estado da Repartição da Marinha e
Domínios Ultramarinos, por

MANOEL CARDOSO DE ABREU

Ano de 1783

Ilmo. e Exmo. Sr.

Ainda que a mordacidade dos Zoilos e antigo costume de Aristarcos me deviam desanimar e fazer suspender o presente impulso, contudo razão mais prudente excita a minha resolução.

Eles, sim, julgarão que as dedicatórias que se fazem aos Mecenas não são mais do que uns estímulos que os persuadem a favorecer e amparar a aqueles que as mesmas dedicatórias lhes oferecem; porém é porque não advertem ou não entendem que umas vezes são precisa satisfações do muito que devem e outras vezes são precisos empenhos com que o afeto quer fazer públicas as suas venerações.

Quando nenhuma destas circunstâncias e qualidades me movesse e os vencesse, a mesma razão, que eles condenam, me absolviria da sua errada acusação, porque quem, como eu, ignorando a geografia e por consequência os seus termos, teve animosidade de escrever os treze capítulos do Divertimento, que ofereço a V. Exa., necessariamente devera procurar proteção respeitosa, pois conheço que a dedução do meu papel não se compadece com os preceitos de Monsieur de Fer e Monsieur Touvin de Rochefort.

Eu bem quisera, na certa notícia que exponho dos sertões das minas de Cuiabá e Mato Grosso, não faltar a aqueles preceitos que a retórica, verdadeira arte de persuadir, ensina; porém seria necessário para bem satisfazer a essas regras assistir-me o Altíssimo com aquela especial graça comunicada a Adão, aos Apóstolos e outros escolhidos, visto que nem na freguesia de Araritaguaba, * de onde sou natural, nem nos sertões que pisei, que a minha

* Atualmente, Porto Feliz.

Figura 2: Fac-símile da primeira página de “Divertimento Admirável”, 1783, de Manuel Cardoso de Abreu, publicado em *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial*.

Segundo Taunay (1924, p. 73), o “Divertimento Admirável” representa um dos primeiros relatos cronológicos da cidade paulistana, e Manuel Cardoso de Abreu, com essa obra, o precursor dos guias da cidade de São Paulo no século XVIII, “[...] o repórter e o fotógrafo de uma vasta região, preocupado com o registro daquilo que observara em suas andanças, sem se descuidar das minúcias significativas [...]” (BRUNO, 1977, p. 9).

Manuel Cardoso de Abreu teria escrito também o texto “Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus”, publicado em 1861 na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, no volume 24, páginas 539 a 616. Esse texto gerou grande polêmica porque havia muito tempo que se cogitava encon-

trar o terceiro livro das *Memórias* de Frei Gaspar, prometido no final do segundo livro e reputado perdido. Entretanto, verificou-se que o texto, oferecido ao Instituto pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, não era da lavra de Frei Gaspar e constituía-se da reunião de trechos da *História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques, e da “[...] transcrição de diversos documentos do arquivo da Camara de S. Paulo e uma lista de ouvidores de São Paulo, varios dos quaes posteriores ao fallecimento de frei Gaspar [...]” (TAUNAY, 1925, p. 173), fato que não foi levado em conta pela redação da *Revista*.

Alfredo de Toledo, no dia 25 de maio de 1916, publica um artigo no jornal *Diário Popular*, intitulado “Um problema bibliográfico”, no qual declara que tal “Continuação das Memórias” não passava de uma cópia das 44 últimas folhas da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu, com a diferença de que a *Memória* apresenta uma lista dos 19 primeiros ouvidores de São Paulo, enquanto a “Continuação” refere os nomes de 24. Esse acréscimo de ouvidores à lista, que vai até os anos da Independência, certamente foi feito por pessoa anônima, porque, segundo Toledo, é bem posterior ao falecimento de Manuel Cardoso, “[...] tanto que à [lista] dos primeiros ouvidores se acrescentou, entre outros, o nome de João de Medeiros Gomes, cuja posse data de 1823.” Terminada a lista de ouvidores, o texto traz o subtítulo “Notícias sobre a vinda dos primeiros governadores até o presente capitão general”, que na *Memória Histórica* intitula-se “Mostra-se a vinda do primeiro governo e os mais subseqüentes thê o prezente capitão general da capitania”, em que o autor declara ser oficial maior da secretaria do governo: “Não descrevi nada a respeito dos tres generaes primeiros antes do referido Rodrigo Cesar porque nesta secretaria de S. Paulo (onde sirvo de official-maior della) não existem os livros de seus governos [...]”⁶, fato que levantou em Taunay a suspeita de que o texto era falso.

Rodrigues (1979, p. 155) salienta que Sílvio Romero já havia denunciado que a “Continuação das Memórias” não era obra de Frei Gaspar, mas tinha por certo que o texto verdadeiro estivesse na Biblioteca Nacional (BN) do Rio de Janeiro, devido à indicação, no “Catálogo da Exposição de História do Brasil” presente nos *Anais da Biblioteca Nacional*, de 1881, volume 9, à página 471, de que haveria no arquivo da BN um manuscrito de 134 fôlios com letra do século XVIII,

[...] a esta indicação levou Sylvio Romero a declarar que encontrada fôra a ‘continuação’ authentica, ardentemente procurada, o terceiro livro das *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*.

[...] sem que, comtudo, haja cotejado o manuscripto com algum exemplar impresso da obra do chronista vicentino.

[...]

O manuscripto da Bibliotheca Nacional pertenceu á collecção dos marquezes de Castello Melhor, em cujo catalogo está mencionado sob o n. 162 como *inedito e authographo*. (TAUNAY, 1925, p. 185-186).

Assim, a “Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus” representaria mais um plágio de Manuel Cardoso de Abreu, que, conforme Taunay (1925, p. 169), seria também o responsável pelo desaparecimento do livro terceiro da obra de Frei Gaspar.

Taunay credita ainda a Manuel Cardoso um outro provável plágio da *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques: um volumoso códice intitulado “Genealogia das famílias paulistas”, que foi localizado em Londres por Eduardo Prado,

6 Cf. CONTINUAÇÃO das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus. *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, 1861, tomo 24, p. 582. Há na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN) um manuscrito que traz o título “Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus”, anexo ao livro das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, cota 09, 03, 008, mas a matéria é diferente da que foi publicada na Revista do Instituto. O manuscrito que realmente traz a matéria da “Continuação” encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cota DL 167.4.

[...] que leu um anúncio da venda [...] de um manuscrito sobre esta matéria, obra de Manuel Cardoso de Abreu, e, procurando comunicar-se com a capital inglesa para efetuar a compra daquela preciosidade histórica, teve o desprazer de verificar que já tinha ela sido adquirida por pessoa desconhecida. (PISA, 1902, p. 292).

Somando-se aos seus outros dois plágios a informação de que, ao casar-se com Escolástica de Oliveira, declarou ao vigário que desconhecia os apelidos de seus avós maternos⁷, Taunay conclui que é plausível suspeitar de um novo caso de plágio.

2.3 *Memória Histórica da Capitania de São Paulo: tema e divisão temática*

É de 1796 a obra manuscrita intitulada *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796*. Essa obra – dedicada a Luiz Pinto de Souza Coutinho, capitão-general em Mato Grosso entre 1769 e 1772, e elevado a visconde de Balsemão em 1801, que Manuel Cardoso de Abreu conheceu em Cuiabá e a quem desejava lisonjear, almejando, conforme Taunay, um cargo elevado – narra a história da Capitania de São Paulo, antes Capitania de São Vicente, com o objetivo de reabilitar o valor dos paulistas e defender a honra de São Paulo, segundo declara o autor no preâmbulo da obra.

O autor serve-se da escrita como arma de defesa de sua pátria, porque só assim seria possível “[...] abordar os problemas do tempo e da história [...]” (LE GOFF, 1996, p. 426). Empreende uma busca por testemunhos fiéis da história da Capitania de São Paulo e, só então, começa a escrever sua obra, tingida com certa tintura épica, pois sua matéria é justamente a lembrança e exaltação do passado. É interessante notar que o gênero épico e o gênero memorialístico, por serem artes narrativas por excelência, estão intimamente ligados. Essa ligação, conforme Aguiar (1998, p. 25-26), provém do fato de que,

[...] semelhante ao gênero clássico, o memorialismo exige a presença de um narrador apresentando os acontecimentos e os personagens neles envolvidos e pressupõe sempre dois tempos: o presente em que se narra e o passado em que ocorrem os eventos narrados.

A obra salienta que a Capitania de São Paulo, com tantas histórias fantásticas e grandiosas, é resultado do enorme esforço de homens corajosos, que, embrenhando-se pelas incultas matas de um mundo até então desconhecido, a construíram e a moldaram segundo seu valor, constituído a partir de uma visão de superioridade em relação aos outros povos e à própria Natureza, porque tem como força motriz, além dos atos de bravura, seus sentimentos, suas emoções e suas paixões.

Por intermédio da escrita, Manuel Cardoso faz toda uma época ressurgir e seus mortos reviverem. No entanto, há que se considerar que a busca do passado nunca o reencontra de modo inteiro, pois o que retorna não é o passado propriamente dito, mas suas imagens gravadas na memória individual ou coletiva. Nesse sentido, Manuel Cardoso de Abreu, na tentativa de reconstituir o tempo perdido, nada mais é do que um memorialista.

“Memória histórica” e “história” são dois temas que perpassam toda a obra, mas que constituem gêneros diferentes, ainda que tenham pontos de contato.

⁷ Cf. o livro de *Registros de Casamentos de Brancos e Livres (1782-1794) da Sé de São Paulo*, cota 01-02-16, página 108 verso, presente no Arquivo Metropolitano de São Paulo.

“Memória histórica” é, segundo Silva (1986, p. 29), uma forma de escritura historiográfica que serve como matéria-prima para a elaboração da história, havendo nela “[...] lugar para a controvérsia, para a disputa, para a argumentação crítica [...]”, característica que a diferencia do gênero “história”, marcado “[...] por uma total ausência de polêmica [...]”. Dessa maneira, o autor de *Memória Histórica* pode ser considerado um memorialista e não um historiador, pois, enquanto tal propõe-se a contestar de modo crítico e racional, como recomendavam os iluministas, algumas notícias sobre a Capitania de São Paulo até então tidas como verdadeiras, ao mesmo tempo em que trata com parcialidade alguns assuntos e passagens do texto. Por isso, o memorialista tem um pé na história e outro na ficção, porque, além de verificar a verdade do acontecimento, reivindicando a objetividade da qual o memorialista está dispensado, traduz direta ou indiretamente suas opiniões sobre os fatos, o que é desprezível para o historiador.

O autor da obra não foi testemunha pessoal dos fatos comunicados, ele se serviu de fontes diretas e indiretas, como documentos de arquivo, cartas, alvarás, além de obras históricas de autores conhecidos, como Pedro Taques, Charlevoix, Rocha Pita, Vaissete, Jaboatão, entre outros.

Memória Histórica pode ser dividida, grosso modo, em quatro partes: intitulação, preâmbulo, desenvolvimento e conclusão.

A *intitulação* compreende o conteúdo da folha de rosto do códice, constituído do título da obra, da dedicatória e do nome do autor. O título traz o gênero a que pertence a obra: gênero “memória histórica”; o assunto tratado: a história da Capitania de São Paulo e todos os seus notáveis sucessos; sua delimitação cronológica: de 1531 a 1796, e a data do manuscrito: 1796. A obra é dedicada a Luiz Pinto de Souza Coutinho, visconde de Balsemão. O nome do autor aparece ao pé da página.

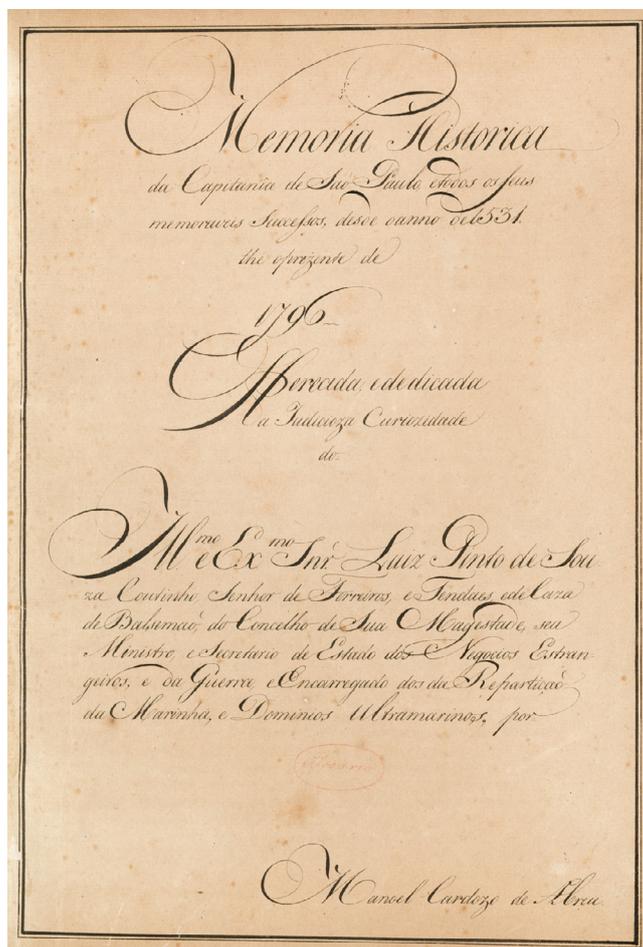


Figura 3: Folha de rosto de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*.

No *preâmbulo*, o autor apresenta o assunto da obra, informando os motivos que o levaram a escrevê-la:

Eu Paulista, não podia certamente tolerar as opiniões de tantos homens doutos, canonizadas por verdades, na história do Descobrimento, e Fundação desta dita Capitania. E por isso, como natural de lá, apaixonado contra a informação de alguns Estrangeiros, particularmente Espanhóis, que ainda doidos, em agonia dos valores dos primeiros Paulistas, procurarão denegrir, escurecer, e aviltar acções dignas de melhor fortuna:

(Fólio 2r, linhas 20-24)

os métodos utilizados:

Andei, *Excelentíssimo Senhor*, como de porta em porta, mendigando memórias as mais firmes, e revolvendo os Arquivos das Camaras, Provedoria Real, e outros de segurança perpetua de mesma Capitania, para afiançar as minhas provas, e o testemunho da verdade, que tão lealmente exponho em tudo quanto escrevo nesta informação.

(Fólio 2r, linhas 24-28)

e a sua finalidade:

Confesso que foi de veloz de minha aplicação, para Socorro de memória, e saber de defender mais seguidamente a minha Patria em algum casual encontro, que se tratasse de matéria, e ainda para não trair os meus mesmos naturais.

(Fólio 2r, linhas 28-31)

Além de declarar-se um dos mais antigos navegantes do rio Paraguai em direção a Cuiabá e Mato Grosso, encarecendo, assim, a importância da obra:

Ecreya-me *Vossa Excelencia* que sendo eu hum dos antigos Navegantes daquela Carreira, igualmente indo á nova Colonia do Yguatemy em Serviço de Sua Magestade a levar, como levei, Socorro de viveres, e pagamento á Tropa da sua Guarnição, onde aprendi, com meus olhos, a direcção daquelles Rios vizinhos, e a que se podia continuar por outros, e para guay até o Mato Grosso:

(Fólio 2v, linhas 48-53)

para depois, ao confirmar a oferta da obra ao visconde de Balsemão, colocar-se na posição de “rendido cativo e diligente orador”, com palavras de falsa modéstia:

Agora vejo que a minha experiência foi menor, que o examinado discurso de *Vossa Excelencia*. Por isto, que eu mais aprendi, beijo as mãos a *Vossa Excelencia*, pedindo operado me deu arrojo em tão pequena oferta, e ainda da mais pequena pela pouquidade do talento do seu Autor. *Vossa Excelencia* pode melhorar-lhe a fortuna, que lhe falta, se a felecidade, que a eleva a constituir-la inseparavel dospez de *Vossa Excelencia*, tiver o privilegio, de que algum dia a passe pelos olhos.

(Fólio 2v, linhas 53-58)

No *desenvolvimento*, discriminam-se as seguintes divisões temáticas:

Capitania de São Vicente: aspectos geográficos e históricos. Do descobrimento da América em 1492 até chegar a Martim Afonso de Souza, fundador de São Vicente;

Fundação da Vila do Porto de Santos;

Fundação de São Paulo;

Fundação da Vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém;

Fundação da Capitania de Santo Amaro: seus limitados progressos enquanto foi governada por Pedro Lopes de Souza e seus descendentes; contendas que houve sobre os seus limites e título; motivo pelo qual passou para a Coroa;

Cidades e vilas que existem dentro das 55 léguas ao norte de Cabo Frio e acabam no rio Curupacê da doação do primeiro donatário Martim Afonso de Souza;

Vilas que existem dentro das 45 léguas de costa que começam no rio de São Vicente, braço do norte, e acabam 12 léguas ao sul da Ilha de Cananeia, com que se ajustam as 100 léguas concedidas a Martim Afonso de Souza, seu primeiro donatário;

Cidade de São Paulo e vilas de sua comarca, as da costa da marinha como as do centro da mesma cidade, todas dentro das 45 léguas do rio de São Vicente até 12 léguas ao sul de Cananeia;

Vinda do primeiro governo: dos mais “subsequentes” governadores até o “atual” Capitão General da Capitania.

A obra termina com a descrição do governo de Francisco da Cunha e Menezes, décimo General da Capitania de São Paulo, e com a notícia da posse do então Capitão-general da Capitania, o décimo primeiro, Bernardo José de Lorena, que já tinha sido despachado para governar a Capitania de Minas Gerais.

2.4 Autoria

Depois da escolha, no Arquivo do Estado de São Paulo, de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo* como *corpus* para este trabalho, empreendeu-se a recolha e posterior leitura de obras que contribuísem para o seu embasamento teórico. Dentre essas obras, destacou-se *Memórias para a História da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo*, cujo título é muito semelhante ao do *corpus* e a sua leitura trouxe uma informação curiosa, objeto de importante contribuição para este trabalho e para uma futura edição crítica da obra: a suspeita de que Manuel Cardoso de Abreu seria um usurpador da obra de Frei Gaspar da Madre de Deus, conhecido historiador da Capitania de São Paulo. Essa notícia é dada por Afonso d'Escragnolle Taunay, historiador especialista no bandeirantismo paulista, na introdução das *Memórias*, de Frei Gaspar.

Capistrano de Abreu foi o primeiro a dar a notícia de que a *Memória Histórica* seria um plágio das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus e de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, em carta a Pandiá Calógeras, datada de 25 de outubro de 1916 (RODRIGUES, 1954, p. 400). Mas foi Afonso Taunay que empreendeu uma investigação apurada da biografia de Manuel Cardoso, levando a cabo uma “campanha” em favor da honra intelectual de Frei Gaspar e de Pedro Taques.

Cotejando a *Memória Histórica* de Manuel Cardoso com as obras de Frei Gaspar e de Pedro Taques, Taunay chegou à conclusão de que a obra se trata realmente de um plágio das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, do frei beneditino, e de trechos da *História da Capitania de São Paulo*, da *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas do Colégio de São Paulo* e da *Nobiliarquia Paulistana e Genealógica*, de Pedro Taques. Conforme Taunay (1925, p. 223), o único parágrafo original seria uma reprodução de vários tópicos de sua crônica “Divertimento Admirável”, quando enumera as igrejas e capelas de São Paulo. No

entanto, Rodrigues (1979, p. 154) diz que também são originais os tópicos referentes “[...] à paz de Holanda, à fundação da Colônia do Sacramento, aos descobrimentos das minas e à fundação da ouvidoria de São Paulo.” Além disso, ter-se-ia valido da obra de Marcelino Pereira Cleto quando tratou do governo de Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, destacando principalmente a figura de Luís Pinto de Sousa Coutinho.

Segundo Taunay (1920, p. 64), Manuel Cardoso, de maneira inescrupulosa, teria usurpado os manuscritos das *Memórias* do monge beneditino, copiando-os quase integralmente:

Subindo ao poder o visconde de Balsemão, a quem conhecera em Cuyabá, renovou insistente, os pedidos de promoção e melhoria de emprego. Foi então que lhe ocorreu a idéia de pedir a frei Gaspar, emprestado para o ler, o manuscrito das suas *Memorias*, copia-lo e offerece-lo ao ministro, como obra de sua lavra.

Assim o fez; deu-lhe outro titulo: *Historia da Capitania de São Paulo*, annexou-lhe pomposa dedicatória em que se jacta do immenso trabalho causado pela obra e enviou-o a Balsemão, certo de que jamais se lhe descobriria o furto.

As *Memórias* de Frei Gaspar, cuja edição *princeps* data de 1797, na Academia Real de Ciências de Lisboa, não foram impressas integralmente, faltando a terceira parte, prometida pelo monge no fim do seu livro:

Em virtude deste contracto se reunirão, como era justo, á Corôa as 50 legoas de Pedro Lopes, constitutivas da Capitania de *Santo Amaro*: ellas motivárao grandes discordias, e fôrao cauza de nada possuirem os herdeiros de Martim Affonso, até que a Rainha nossa Senhora foi servida concederlhes hum equivalente pela Capitania de 100 legoas de Costa, chamada de S. *Vicente*, como se verá em outro Livro, que destinamos ainda publicar sobre estas materias. (MADRE DE DEUS, 1797, p. 242, grifo nosso).

Taunay (1953, p. 20-23) salienta ainda que essa continuação das *Memórias* pode não ter sido redigida ou os seus manuscritos podem ter se perdido. Outra hipótese é a de que Manuel Cardoso tivesse copiado e desaparecido com os manuscritos originais. No tomo XXIV da *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* (1861, p. 539-616), informação dada por Taunay (1920, p. 84) e confirmada pela leitura da dita revista, foi publicado um texto chamado “Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus”, que foi reputado, segundo Taunay (1920, p. 84), inteiramente falso, já que, do seu exame, verificou-se que era uma

[...] indigesta serzidura de trechos, copiados, interpolados e deturpados, da *Historia da Capitania de S. Vicente* de Pedro Taques e do resumo, muito mal feito e annotado, de outros pedaços da mesma obra. Como annexos se addicionam diversos documentos do archivo da Câmara de S. Paulo e uma lista de ouvidores, em que se mencionam magistrados muito posteriores à morte do beneditino! Rematando este acervo de apocryphos surgem as *Noticias sobre a vinda dos primeiros governadores até o presente Capitão-General*, obra de Manuel Cardoso de Abreu, official maior da Secretaria da Capitania de S. Paulo em 1797, como elle proprio declara e facto que, inexplicavelmente, escapou à vigilancia da commissão de redacção da *Revista*.

REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO
DO
BRASIL.

4.º TRIMESTRE DE 1861.

CONTINUAÇÃO DAS MEMÓRIAS

DE

Fr. Gaspar da Madre de Deus

OFFERECIDA PELO BRIGADEIRO

RAPHAEL TOBIAS DE AGUIAR.

90. Mandando Sua Magestade ao governador, e capitão general Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho, para tomar posse das 50 leguas, achava-se o dito governador ausente de S. Paulo em Minas-Geraes, e os officiaes da camara, sem precederem a demarcação das referidas 50 leguas, para verdadeiro conhecimento das villas, e povoações, que dentro d'ellas se incluíam, que ficavam sendo do real padroado, e corôa: formaram auto de posse a fls. 214 v. do livro das vereanças a 25 de Fevereiro de 1714: destas 50 leguas, da mesma fôrma que o marquez de Cascaes estava possuindo desde o tempo da injusta introduccão, e posse, que tomara o conde de Monsanto em 1624, como fica mostrado. E ficou de posse a corôa das villas de S. Vicente, Santos, S. Paulo e de todas as mais do centro desta comarca, assim as que existem ao norte, como as que se acham ao sul, sem que algumas d'ellas seja da corôa pela compra das 50 leguas ao marquez de Cascaes; excepto a

69

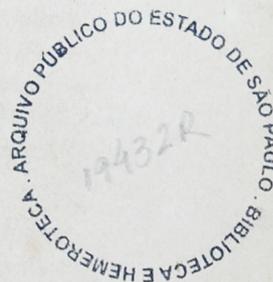


Figura 4: Fac-símile da 1ª página de “Continuação das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus”, na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, tomo XXIV.

Mais tarde, quando da leitura de *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, obra que serviria de orientação para a compreensão histórica de São Paulo no século XVIII, uma informação preciosa é dada na introdução intitulada “O Historiador das Bandeiras: Pedro Taques e a sua Obra”, feita por Afonso Taunay: Manuel Cardoso de Abreu, além de plagiário das *Memórias* de Frei Gaspar, também teria plagiado trechos da *Nobiliarquia e da História da Capitania de São Vicente*, de Pedro Taques:

Levou este fato ao cotejo de sua obra inédita pertencente ao Arquivo do Estado de São Paulo, com as *Memórias* do beneditino, verificando então que Abreu não passava do mais imprudente plagiário, acaso nascido no Brasil. Notou-se também que se apropriara de trechos inteiros de Pedro Taques. (TAUNAY, 1980, p. 47-48).

A façanha de Manuel Cardoso de usurpar os manuscritos de Pedro Taques é explicada por Taunay (1980, p. 48) da seguinte maneira:

[...] como era íntimo amigo do genro deste, Manuel Alves Alvim, com certeza pôde, com a maior liberdade, utilizar-se do espólio manuscrito do infeliz linhagista; daí os furtos que realizou.

Na introdução de “Divertimento Admirável”, Bruno (1977, p. 57) diz que a Manuel Cardoso também é atribuído um trabalho intitulado “Genealogia das famílias paulistas”, que Taunay (1980, p. 48) supõe ser também um plágio da *Nobiliarquia* de Pedro Taques:

Soube certa vez Eduardo Prado que em Londres se vendera volumoso códice da autoria de Cardoso de Abreu e referente à genealogia paulista. Quando quis adquiri-lo, perdeu-lhe a pista. Este códice não é certamente senão uma nova ladroice literária do velhaco Oficial-Maior da Secretaria da Capitania de São Paulo. Em matéria de genealogia era Cardoso de Abreu tão versado que, ao casar-se, quase aos 40 anos, declarava ao vigário de São Paulo ignorar quais eram os apelidos de seus avós maternos! Assim haja, porém, o refinado tratante plagiado mais uma vez a Pedro Taques!

Todas as acusações de plágio feitas a Manuel Cardoso de Abreu têm apenas um ponto de partida: Afonso d’Escagnole Taunay, referência de quem voltou ao assunto, como Bruno. Taunay, de maneira totalmente parcial, coloca-se em todos os momentos como um defensor das qualidades morais e intelectuais de Frei Gaspar da Madre de Deus e de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, ou como um veraz inimigo de Manuel Cardoso, disposto a desmascará-lo de qualquer maneira, o que pode ser observado nestas suas palavras:

[...] resta-nos a esperança de que um dia ou outro possa surgir-nos uma nova cópia da *Nobiliarquia Paulistana* e esta aplicação paulistana do *sic vos non vobis* voltar-se contra o plagiário de Araritaguba. (TAUNAY, 1980, p. 48).

Da leitura das obras de Frei Gaspar da Madre de Deus e de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, assim como do breve cotejo de algumas passagens dessas obras com *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, de Manuel Cardoso de Abreu, verificou-se que existem realmente muitos parágrafos e trechos copiados integralmente, mas o provável plágio não pode ser considerado um decalque, já que muitas palavras e expressões foram substituídas por sinônimos e algumas informações não foram encontradas em nenhuma das obras consideradas plagiadas.

O objetivo deste trabalho, no entanto, não é comprovar o plágio de Manuel Cardoso de Abreu ou provar o contrário, mas trazer à tona essas informações de extrema importância para a construção da biografia e bibliografia do autor, assim como para futuros estudos de crítica textual que, por meio do levantamento de argumentos plausíveis e do cotejo da obra de Manuel Cardoso e dos testemunhos das obras de Frei Gaspar e Pedro Taques, será possível chegar a resultados mais precisos.



3.1 Identificação

O códice E11571 do Arquivo do Estado de São Paulo é um manuscrito autógrafo intitulado *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796*, de autoria de Manuel Cardoso de Abreu.

Datado de 1796, fim do século XVIII, o manuscrito traz um levantamento da história da Capitania de São Paulo, antes chamada Capitania de São Vicente, desde sua fundação até o ano de 1796.

Sobre a história do códice, sabe-se que foi dado de presente por Manuel Cardoso de Abreu ao visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho, que o anexou à sua biblioteca em Lisboa. Alguns anos depois, foi comprado pelo barão de Rosário, em Portugal, “[...] ao se dispersar a antiga biblioteca do Visconde de Balsemão [...]” (TAUNAY, 1943, p. 52) devido à sua morte em 1804, e, sendo incorporado à biblioteca do barão, voltou ao Brasil com uma bonita encadernação e em ótimo estado de conservação. Segundo Taunay (1925, p. 229), depois da morte do barão de Rosário, o manuscrito foi adquirido, em 1915, por ordem de Altino Arantes, então secretário do Interior, para o Arquivo do Estado de São Paulo, onde se encontra até hoje sob a cota E11571. A obra permaneceu inédita até o ano de 2007, quando apresentei uma edição semi-diplomática publicada em minha dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo.

3.2 Aspectos Codicológicos⁸

Os livros não são somente o suporte de ideias, culturas e conhecimentos, eles existem também em sua materialidade, em sua concretude. Dessa forma, pode-se afirmar que os escritores não escrevem livros, eles escrevem textos que devem ser objetos escritos (manuscritos, impressos, informatizados), pois, enquanto objeto material, o uso do livro está associado a gestos, atitudes e comportamentos.

A partir do século XVI, época em que o livro deixa de ser privilégio de poucos e começa a estender-se a um público laico, há um aumento rápido da publicação de obras. Essa difusão do livro mobilizou toda uma sociedade. Se considerarmos os aspectos materiais, o livro favoreceu, segundo Martin (2000, p. 61), o desenvolvimento de fábricas de móveis específicos para a arrumação e a consulta fácil e para a leitura. Além disso, transformou profundamente numerosos domínios da vida pública e privada, da existência espiritual e material. Martin (2000, p. 61) salienta que o exemplo mais importante dessas transformações é o nascimento, durante a Idade Média e, sobretudo depois do século XV, da leitura silenciosa “pelos olhos e individualmente”, que rompeu com a leitura oral “pelos ouvidos e coletivamente”. A leitura tornou-se um ato individual e os livros, em razão de sua maior acessibilidade, objetos banais.

Com a banalização do livro, surgiu uma preocupação com sua conservação e seu transporte; dessa forma, foram confeccionadas encadernações que protegiam o texto contido no livro ao mesmo tempo em

⁸ Este estudo foi realizado tomando-se como modelo a descrição codicológica atualizada do *Livro de Isaac* feita por Cambraia (2000, p. 64-76).

que lhe davam beleza. Além disso, o formato do livro também sofreu transformações ao longo do tempo, até chegar atualmente às chamadas edições de bolso, que o tornaram um objeto ordinário consultável em qualquer lugar.

Antes do aparecimento da imprensa no século XV, o antepassado do livro impresso era o códice, do latim *codex*, placas de madeira ou tabuinhas cobertas de cera para que pudessem receber a escrita, e articuladas por dobradiças, constituindo uma espécie de livro, e, mais tarde, o livro feito de pergaminho ou papel. Atualmente, códice é um livro escrito à mão, por isso conhecido como “manuscrito”, da designação latina *manu scriptus*, de pergaminho ou papel, cuja importância está ligada à facilidade de manuseio e à comodidade de leitura.

A ciência que estuda os aspectos materiais dos livros manuscritos, uma ramificação da Paleografia, é a Codicologia, ciência auxiliar da Filologia que tem como objetivo situar os códices no tempo e no espaço. Esse estudo abrange, segundo Spina (1994, p. 28),

[...] a qualidade e a preparação do pergaminho, a natureza e a origem do papel, a composição das tintas e das cores utilizadas na decoração, os mínimos detalhes da encadernação (dimensão, composição dos cadernos), modos de numeração, entrelinhamento, colunas, margens, reclamos, dimensões das letras, motivos iconográficos, a própria escritura.

Podemos, pois, tomar a Codicologia como a ciência que busca entender a história do códice em toda a sua amplitude material: quais foram as técnicas utilizadas para a sua confecção, como era a integração do livro no universo bibliográfico de então, como era levado de um lugar a outro, qual a sua origem e a intencionalidade de consumo-leitura. Além disso, se o códice não traz indicações explícitas quanto a datas, escribas e local de elaboração, só por intermédio de um estudo codicológico aprofundado torna-se possível levantar algumas hipóteses ou conclusões.

3.2.1 Suporte material

Antes da criação do papel os materiais mais utilizados para a escrita eram o papiro e o pergaminho. Os antigos egípcios inventaram o papiro, confeccionado com o talo do vegetal de mesmo nome, “[...] planta ciperácea semelhante ao junco de cujo caule se tiravam lâminas de sua largura, que justapostas e sobrepostas perpendicularmente, depois comprimidas e alisadas, formavam a folha [...]” (SPINA, 1994, p. 29), que depois eram coladas sucessivamente. Com a escassez do papiro pela dificuldade de importação, propagou-se o uso do pergaminho, surgido em Pérgamo, cuja matéria-prima é a pele curtida de animais como a ovelha, a cabra e o bezerro.

A invenção do papel, atribuída a TS’AI LUN, deu-se na China, na província de Hunan, mas sua data, fixada por alguns teóricos no ano de 105 d.C., ainda continua controversa. Contudo, sabe-se que por volta do século V o uso do papel já estava generalizado na China. Levado à Europa pelos árabes em meados do século VIII, o papel logo ganhou um terreno propício ao seu desenvolvimento. Segundo Motta e Salgado (1971, p. 20), na Espanha, nas cidades de Toledo e Valença, foram instauradas, por volta de 1150, as primeiras manufaturas de papel. Provavelmente em 1270, como salienta Mcmurtrie (1969, p. 69), foi construído o primeiro moinho de papel do mundo cristão em Fabriano, cidade italiana onde, também, deu-se início a identificar o papel por meio da marca d’água, já em 1293.

No Brasil, a primeira fábrica de papel só foi construída entre 1809 e 1810 no Rio de Janeiro, e teve sua produção iniciada entre 1810 e 1811. Dessa forma, todo o papel usado na Colônia até essa data era importado da Europa e só é possível reconhecer sua origem por meio do exame de seus pontusais, vergaturas e marcas d'água.

Devido à sua aparente fragilidade, o papel foi recebido inicialmente com desconfiança. Desse modo, era usado ordinariamente, enquanto o pergaminho era o suporte preferido para a escrita de documentos importantes. Entretanto, com a invenção da imprensa por Gutenberg, por volta de 1450, multiplicou-se a demanda de papel, fato que definiu completamente sua importância enquanto “instrumento de difusão e vulgarização” (MELO, 1926, p. 10).

Os chineses fabricavam o papel manualmente com restos de redes, fibras de cânhamo, de algodão ou cascas de árvores, principalmente a amoreira. Na Europa, primitivamente, o papel continuava a ter fabrico manual, mas, até o século XVII, era feito de tecidos velhos, daí, conforme salienta Motta e Salgado (1971, p. 37), a designação de “papel de trapo”, um papel bastante duradouro, de excelente textura e vivacidade de cor, porque é feito de fibras longas e não contém substâncias nocivas como os papéis atuais, feitos de pasta de madeira. No entanto, a ótima qualidade do papel não é garantia de que não será vítima da ação de agentes internos e externos a ele, como os elementos usados em sua fabricação, o tempo, o ambiente e os insetos. Segundo Motta e Salgado (1971, p. 61), o papel é frequentemente destruído por elementos como a resina usada em seu fabrico, a umidade contida na atmosfera, que, combinados com o calor, constituem um ambiente favorável ao desenvolvimento de insetos e fungos, os chamados papirófagos ou bibliófagos. Os insetos podem deixar o papel com um rendilhado que torna difícil seu manuseio e leitura. A presença dos fungos é identificada quando se encontram no papel manchas escuras de caráter esponjoso.

O códice E11571 compõe-se de 163 fólios escritos em frente e verso, com exceção da folha de rosto e do fólio final. Embora escritas nos dois lados, as folhas são numeradas apenas no recto, no canto superior da margem direita, apesar de essa ser uma prática que já no fim da Idade Média estava suplantada pela noção de página (MARTINS, 2001, p. 68). Sua dimensão é de 30 cm x 21 cm. O suporte parece ser composto de papel de trapo, de coloração amarelada, quase castanha, característica adquirida com o passar do tempo devido à não utilização de corante azul na sua fabricação, como salienta Silveira (2004, p. 51). É um papel de textura fina e de ótima qualidade. As folhas de guarda, mais escuras que as folhas internas e de menor qualidade, são pouco maleáveis e quebradiças, devido provavelmente aos produtos químicos utilizados em sua restauração, fato que ocasionou a soltura da primeira guarda.

É possível encontrar nos fólios 158 e 159 defeitos no papel. Parecem marcas de pequenas sementes de algodão que, ao serem retiradas de onde estavam, em data posterior à da escritura do livro, foram substituídas por pedaços de papel de seda da mesma cor da folha e com o mesmo formato das ditas sementes, a que se seguiu a reconstituição das palavras anteriormente escritas, à tinta preta, o que contrasta com a tinta castanha do texto.

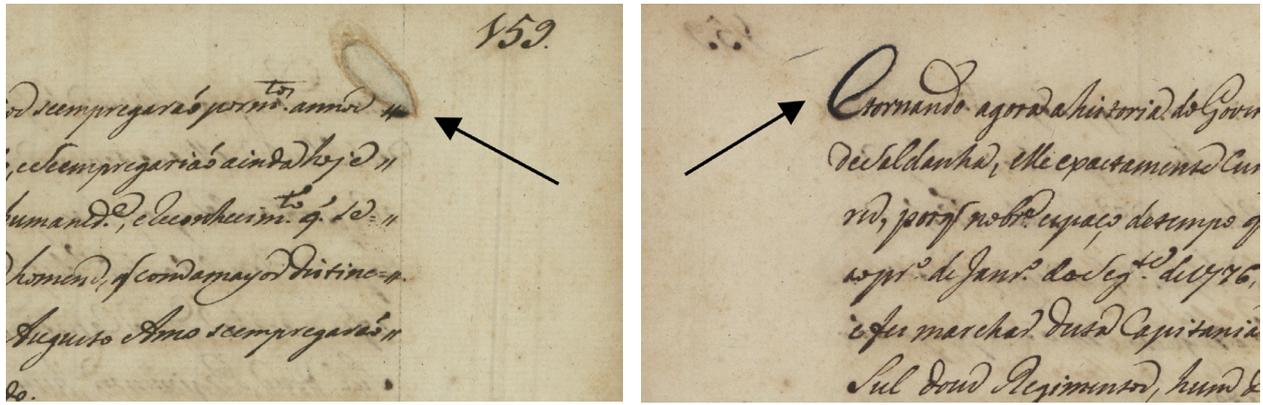


Figura 5: Defeitos no papel nos fólhos 159 recto e verso.

O primeiro fólho escrito, que contém o título da obra, a dedicatória e o nome do autor, é um papel de coloração mais escura que os demais, colado próximo à lombada por uma fina tira de papel, além de ser escrito à tinta preta por outro punho. Além disso, apresenta um carimbo oval de cor avermelhada, medindo 1,4 cm x 2,7 cm, com a inscrição “Rosário”, que identifica ter pertencido à biblioteca particular do barão de Rosário, que deu à obra uma nova encadernação e que colou essa folha de rosto com punho diferente do original. Outro códice do Arquivo do Estado de São Paulo, intitulado *Memória sobre o Plano de Guerra Ofensiva e Defensiva da Capitania de Mato Grosso, pelo Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra*, cota E11578, também datado de fins do século XVIII, possui carimbo similar, também na folha de rosto.

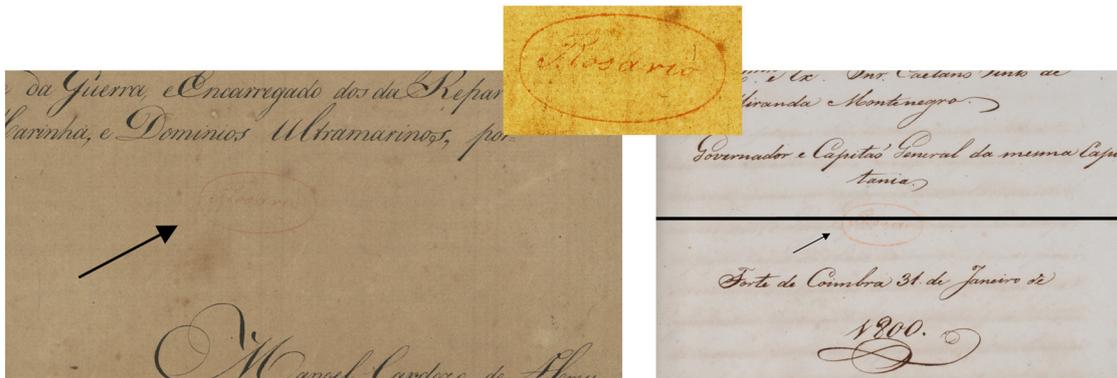


Figura 6: Carimbos com a inscrição “Rosário” nos códices E11571 e E11578, respectivamente. No centro, detalhe do carimbo no códice E11571.

O códice em si está em ótimo estado de conservação, apresentando somente pequenas marcas de corrosão causadas por papirófagos, que se iniciam pequenas no fólho 102, no miolo do livro, quase ao pé, vão aumentando a partir do fólho 104, voltam a diminuir no fólho 115, até desaparecer no fólho 122, além de uma corrosão isolada, em formato arredondado, no fólho 20. Percebe-se que o códice, ao longo de todos esses anos, não foi muito manuseado, já que não apresenta marcas de deterioração características desse processo.

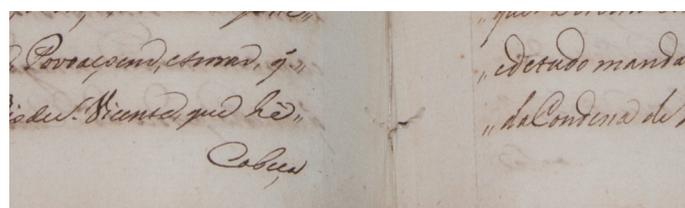


Figura 7: Marcas de papirófago.

As margens direita e esquerda são marcadas a lápis sempre nos fólhos rectos, e não há delimitação a lápis das margens superior e inferior. A mancha ou caixa de texto tem dimensão variável entre 29 cm e 29,5 cm x 13,2 cm e 15,5 cm, ocupadas, em média, por 26 linhas, com exceção do primeiro e do último fólho, com 15 e 20 linhas, respectivamente. Próximo ao traçado das margens esquerda e direita, há, em alguns fólhos, minúsculos piques equidistantes a fim de guiar os traços de justificação. Conforme Santos (1994, p. 41), o objeto utilizado para fazer esses piques era chamado de *punctorium*, que podia ser um compasso ou um estilete.

A finalidade de formatação da mancha da folha é proporcionar ao leitor uma melhor visualização do texto e uma fluência da leitura. Até os primeiros anos da imprensa, segundo Dias (2005), a mancha era feita de modo que “[...] a margem superior fosse menor do que a margem inferior, pois na última linha havia o reclame, que ocupava um pequeno espaço do canto direito desta linha, acarretando um maior espaço em branco na margem inferior.” No entanto, as folhas do códice apresentam um formato de mancha mais atual, apesar de possuir reclames, já que as margens superiores e inferiores possuem o mesmo tamanho.

Memória Histórica da Capitania de São Paulo é uma obra manuscrita em tinta ferrogálica. Esse tipo de tinta, por ser indelével, foi muito usada até o início do século XX; no entanto, com o decorrer do tempo, danifica o papel, provocando manchas e lacunas onde sua concentração é maior, devido ao excesso de sulfato de ferro utilizado em sua composição. Segundo Silveira (2004, p. 52), quanto maior a concentração de sulfato de ferro na composição da tinta, mais escura fica sua tonalidade. Porém, inicialmente preta, a tinta torna-se, com o tempo, castanho-escuro, como no códice, onde encontramos esses sinais de coloração e de corrosão.



Figura 8: Marcas de manchas provocadas pelo excesso de tinta.

3.2.2 Marcas d'água

Os primeiros moldes europeus para a fabricação de papel eram construídos com arames que, “[...] colocados juntos uns dos outros e mantidos na sua posição por arames um tanto mais pesados que os atravessam perpendicularmente, em intervalos de cerca de uma polegada [...]” (MCMURTRIE, 1969, p. 72), deixavam na textura do papel um conjunto de linhas e um desenho representando os mais variados objetos. As linhas claras e horizontais com intervalos muito pequenos são chamadas de “vergaturas” que, segundo Melo (1926, p. 15), “[...] deve ter sido empregada para, semelhantemente a um regrado, facilitar a escrita, o que se torna mais evidente pela sua exclusão nas margens da folha.” Essas são atravessadas perpendicularmente por linhas verticais com espaços maiores entre si, os “pontusais”, destinadas a oferecer união e resistência

às vergaturas. Os desenhos colocados sobre a tela antes da colocação da pasta sobre a forma e facilmente visualizados no papel, quando colocado contra a luz, são chamados de marcas d'água ou filigranas, que nos permitem determinar de uma maneira mais ou menos precisa e pontual a idade e a origem da folha de papel.



Figura 9: Pontusais (linhas horizontais) e vergaturas (linhas verticais) de um fólio de guarda.

A marca d'água foi uma inovação dos fabricantes de papel de Fabriano por volta de 1270, uma espécie de assinatura particular usada como medida para garantir e reivindicar seus direitos no crescente e lucrativo mercado papelero de então.

Há uma grande variedade de marcas d'água. Algumas identificavam o moinho de onde provinha o papel, outras eram empregadas pelos moinhos para indicar sua qualidade e tamanho. Dentre estas, a mais frequente é a inscrição AL MASSO, representativa da padronização do formato do papel. Para designar a sua qualidade, entre outras, havia “[...] a ‘torre’, que designava papel de qualidade; a ‘cabeça de boi sem olhos com haste em cruz’, papel de média qualidade; a ‘buzina de caçador’, o ordinário.” Em relação àquelas, é possível encontrar as iniciais ou o nome do papelero, símbolos individuais, “[...] além de marcas de proveniência nacional ou provinciana, normalmente acompanhando os brasões de cidades ou de estados.” (HITNER, 2003).

No códice, os fólhos de guarda possuem, em sua maioria, dez pontusais dispostos horizontalmente na folha, medindo 3,2 cm entre si, vergaturas verticais com 1 mm, e as marcas d'água de dois tipos: um brasão

acompanhado da sigla “JGL” (cf. figura 10) e uma marca de difícil identificação, dispostas horizontalmente no centro do fólio, na dobradura, sendo que uma metade está em um fólio e a outra, em outro⁹.

Os fólios escritos têm uma constituição diferente: seus pontusais verticais, em média oito, possuem entre si a distância de 2,8 cm, suas vergaturas horizontais, 1 mm, e a marca d’água está disposta por inteiro no centro do fólio. Nesses fólios há dois tipos de marcas d’água: um brasão com uma águia de asas levantadas, acompanhado da inscrição “Gior Magnani” (cf. figura 11) e a inscrição “Al Masso” (cf. figura 12), que podem aparecer em nove posições diferentes, caso o papel seja colocado contra a luz a partir de seu lado recto.

É importante observar que a distância dos pontusais dos fólios de guarda é maior que a distância dos pontusais dos fólios internos do códice. Esse fato é um sinal de que as folhas de guarda podem ser mais antigas que as folhas internas, já que, segundo Hitner (2003), “[...] a reaproximação dos pontusais parece ser um sinal de progresso e melhora. Por exemplo, no caso de se encontrar a mesma filigrana em dois papéis diferentes, deve-se ter por mais antigo aquele em que os pontusais são mais espaçados.”

Relação das marcas d’água presentes no códice:

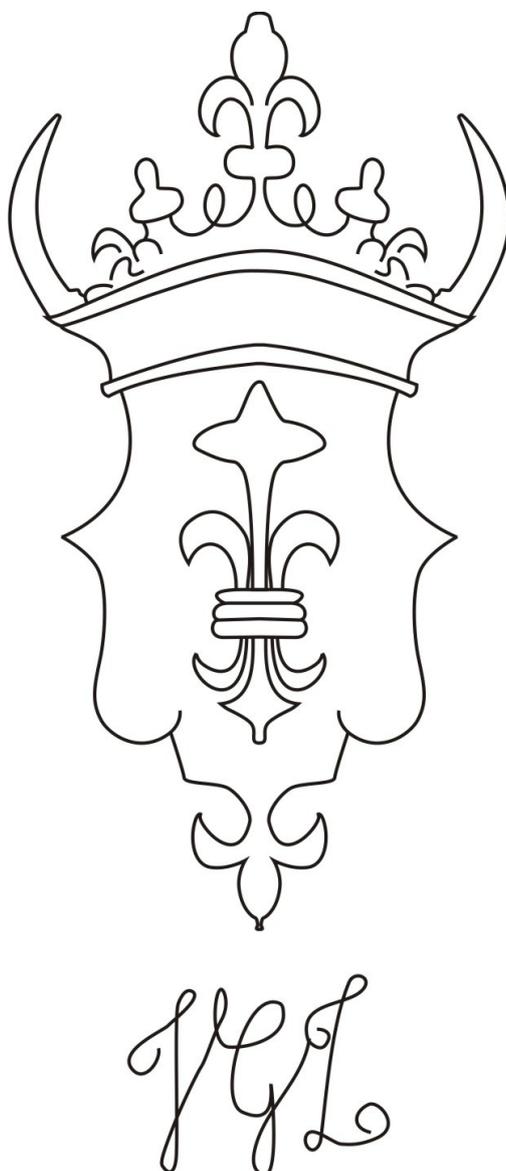
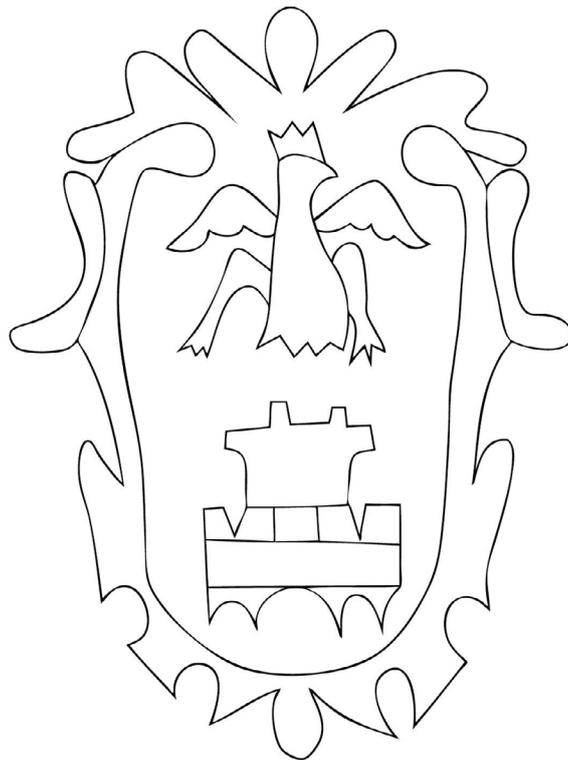


Figura 10: Marca d’água presente nos fólios de guarda.

⁹ Uma das marcas d’água das guardas, que está no festo dos bifólios, traz dificuldade de identificação justamente por seu truncamento quando as metades equivalentes não foram solidárias.



GIORMAGNANI

Figura 11: Marca d'água presente nos fólhos internos.

ALMASSO

Figura 12: Marca d'água presente nos fólhos internos.

3.2.3 Cadernos

Em relação aos formatos do papel, chama-se *fólio* ou *in-plano* aquele que resulta da folha não dobrada, compreendendo, em consequência, apenas duas páginas, recto e verso; *in-fólio* ou *bifólio*, resultante da folha dobrada uma vez, com quatro páginas; *in-quarto*, resultante da folha dobrada duas vezes, com oito páginas; *in-octavo*, quando a folha é dobrada três vezes e contém 16 páginas, etc. O bifólio pode assumir diversos padrões, entre eles o caderno, proveniente do latim *quaternus*, “[...] um conjunto de quatro fólhos dobrados ao meio e colados um dentro do outro.” (HOUAISS, 2001). Chama-se caderno porque sua dimensão mais corrente começou por ser a de oito fólhos de pergaminho (*quaternion*), generalizando-se depois essa designação a qualquer fascículo de uma encadernação, independentemente da sua estrutura. Os livros cujos cadernos compõem-se de dois, três, quatro ou cinco bifólhos, recebem a designação de bínios, ternos, quaternos ou quínios, respectivamente.

A composição dos cadernos do códice é de difícil precisão, já que estão extremamente unidos entre si e à lombada. Entretanto, pela disposição dos pontusais e das marcas d'água na folha é possível descobrir o formato do papel e supor a composição dos cadernos. De acordo com Melo (1926, p. 17),

[...] se os pontusais são verticais na folha e se a marca de água está ao centro da página, o livro é um infólio [...]. Se os pontusais vão da esquerda para a direita sobre a página do livro e a marca de água se encontra ao meio do livro na dobradura, é um inquarto [...]. Se os pontusais vão do alto a baixo e se a marca de água se encontra ao cimo da página, estamos em presença dum oitavo.

A partir desse ponto de vista proposto por Melo é possível conjecturar que as folhas de guarda do códice, apresentando pontusais horizontais e marcas d'água centralizadas na dobradura, constituem um in-quarto, e as folhas internas do códice, apresentando pontusais verticais e marcas d'água centralizadas na folha, constituem in-fólios ou bifólios

Para garantir uma sucessão ordenada dos cadernos já escritos, que aguardavam o momento da encadernação, desenvolveu-se um sistema baseado na “assinatura”, que constitui uma sigla alfanumérica escrita na margem superior ou inferior da primeira página de cada caderno sucessivo; na numeração, como conhecemos atualmente, e nos reclames.

Reclame, reclamo, chamadeira ou palavra-guia é “[...] a palavra, parte de palavra ou grupo de palavras que, no final de uma página, de um fólio, ou de um caderno, duplica o início do texto da página, fólio ou caderno seguintes.” (DIAS, 2006, p. 1). A maior importância dos reclames, segundo Dias (2005), encontra-se no fato de indicar a sequência dos fólios e adiantar sua leitura, já que, possuindo um tamanho muito maior do que os que temos hoje, “[...] os livros não eram projetados para serem objetos portáteis e, portanto, tomavam um certo tempo do leitor para virar a página e dirigir os olhos até o início do fólio seguinte, causando uma interrupção da leitura [...]”. Os reclames podiam estar dispostos de forma horizontal, vertical ou oblíqua.

No códice, a maioria dos fólios apresenta reclames, todos horizontais, com exceção dos fólios 38v, 50v, 121v, 128v, 130v, 132v, 137v, 138v, 144v, 153v, 158v e 160v. Além do sistema de reclames, há o sistema de numeração que, como dito anteriormente (cf. 3.2.1.), era escrito no canto superior da margem direita, sempre no fólio recto.

3.2.4 Encadernação

Proteger e conservar o livro sempre foram cuidados constantes desde o início de sua história. Destarte, era essencial uma forma de cobertura que permitisse o resguardo de seu conteúdo e que lhe proporcionasse, ao mesmo tempo, beleza e facilidade de manuseio. Daí a preocupação com a qualidade das matérias-primas utilizadas na confecção das encadernações, que deveriam dar solidez ao conjunto, assegurando a preservação do manuscrito e mesmo de seu sucessor, o livro impresso, mercadorias raras e caras.

Encadernar, operação que consiste em unir as folhas de um livro, costurando os cadernos para que constituam um só volume, cobrindo-o com uma capa resistente, é uma prática muito antiga que surgiu na Idade Média, quando o livro passou de *volumen* (rolo) a *codex* (em cadernos), formato que favorecia aos fins da encadernação. Conforme salienta Martins (2001, p. 108-109), na Idade Média eram constantes dois tipos de encadernação, que dão uma ideia do esplendor dos livros daquela época:

[...] a “encadernação de ourivesaria” [...] que consistia “em placas de madeira ornadas de marfim esculpido, de prata ou de ouro trabalhado e incrustado, ao mesmo tempo, de pedras preciosas, de pérolas e de esmalte pintado” [...], e a encadernação em couro, esta última subdividida em três espécies principais: o couro liso, o couro gravado e o couro estampado a frio.

A ornamentação do livro chegou a excessos de luxo que o transformaram em um objeto de valor inestimável, símbolo de prestígio e ostentação social de seu possuidor. No entanto, devido à vulgarização da leitura e à produção em larga escala, a encadernação deveria atender a outros objetivos, como a facilidade de transporte do livro e o seu barateamento. Por isso, já no século XVIII, as antigas capas de madeira são substituídas pelas de papelão, menos caras e menos pesadas; os pregos e fechos de metal foram desaparecendo; as decorações deixam de ser feitas nas capas e aparecem somente nas lombadas com motivos a ferro e “[...] com uma peça de couro sobre a qual está inscrito o título da obra [...]” (FEBVRE; MARTIN, 1992, p. 170), pois a prática de guardar os livros deitados nas prateleiras ou mesas, que vai até o Renascimento, é substituída pela sua conservação em pé, apertados uns contra os outros para ocuparem menos espaço.

A análise da encadernação de um livro, somada a outros aspectos codicológicos, lança sobre a história da obra elementos importantíssimos na reconstituição de elencos bibliográficos, além de fornecer uma amplitude maior do próprio conteúdo do livro, da sua importância e do universo que lhe rodeia.

A capa do códice, feita em cartão – uma prancha constituída de todo tipo de velhos papéis colados uns sobre os outros – coberto por um papel marrom que imita o couro, mede 31 cm x 21,5 cm e é decorada apenas com um enquadramento de filetes marrons. A lombada, que mede 31 cm x 4 cm, é arredondada e composta por cinco nervos falsos e por seis entrenervuras emolduradas com filetes marrons. Conforme Martins (2001, p. 285), os livros sem nervuras, encadernados “à grega”, às vezes apareciam com nervos falsos, como os do códice, porque “[...] certos encadernadores lhes aplicam no dorso, antes de colar o couro, pequenos pedaços de cartão, fingindo nervuras [...]”. Na segunda entrenervura, há o sobrenome do autor e o título da obra estampado em letras capitais douradas. Na última entrenervura, há uma etiqueta adesiva branca, com 3,6 cm x 4 cm, impressa com a cota do códice: “11571”.



Figura 13: Lombada e entrenervuras do códice E11571.

Apesar de não existirem elementos concretos que indiquem que a encadernação atual não é original, alguns indícios levantam essa hipótese. Um deles é o ótimo estado de conservação em que se encontra a própria encadernação, se considerarmos que o códice data de fins do século XVIII. Além disso, e o que mais pesa nessa hipótese, é o fato de haver um outro códice no Arquivo do Estado de São Paulo, também de fins do século XVIII, cota E11578, intitulado *Memória sobre o Plano de Guerra Ofensiva e Defensiva da Capitania de Mato Grosso, pelo Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra*, cuja encadernação é similar a do códice E11571, possuindo, inclusive, um carimbo, também similar, identificador da biblioteca do barão de Rosário, que, muito provavelmente, teria mandado fazer encadernações padronizadas (cf. 3.2.1). Como os festos e as aparas dos cadernos não apresentam indícios de desgaste, como se poderia esperar caso fossem utilizados sem encadernação durante muitos anos, a hipótese é a de que havia uma primeira encadernação contemporânea da elaboração do manuscrito, que foi substituída pela atual.

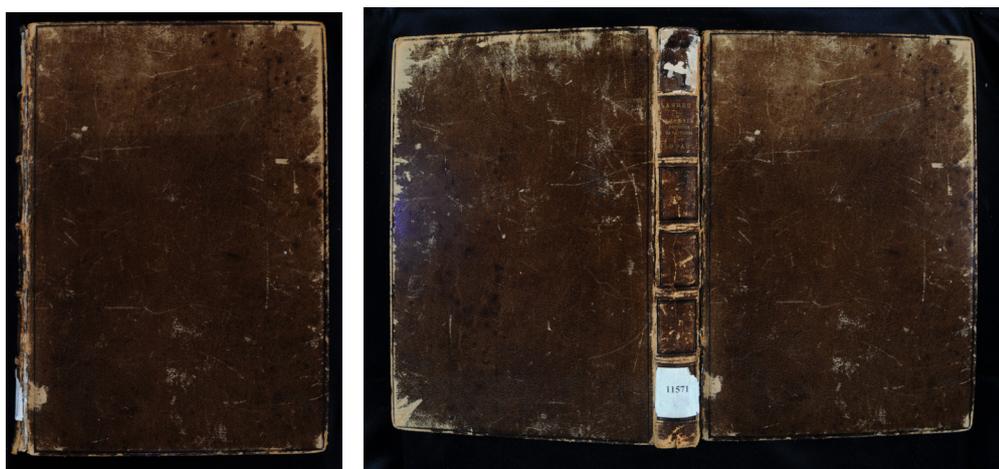


Figura 14: Capa do códice E11571.

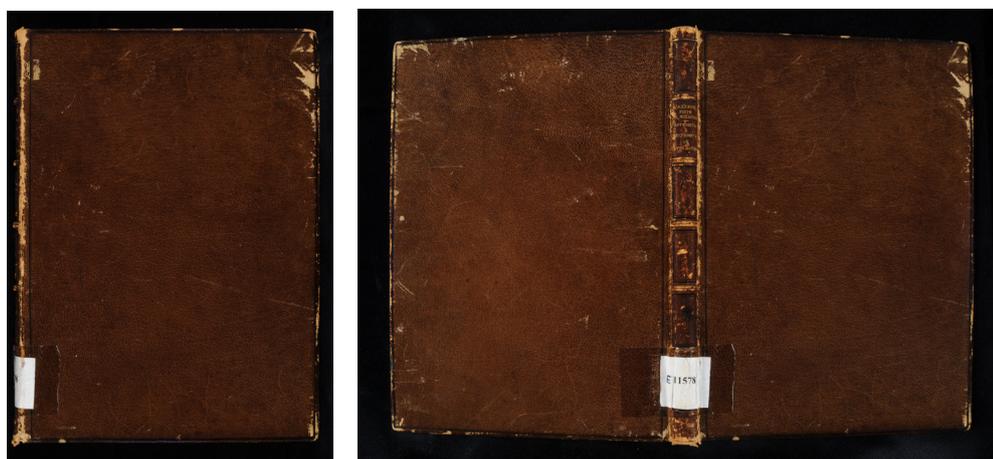


Figura 15: Capa do códice E11578.

É possível observar, nas três aparas do códice, desenhos espiralados em azul, que podem ter sido feitos depois da encadernação. São cinco espirais no corte de cabeça e de pé e sete espirais no corte de dianteira. Há indícios de que as folhas, pelo menos no corte de dianteira, foram cortadas para sua adequação à encadernação, o que pode ser observado no fato de que as notas marginais que se encontram próximas a esse local trazem letras ou palavras cortadas.

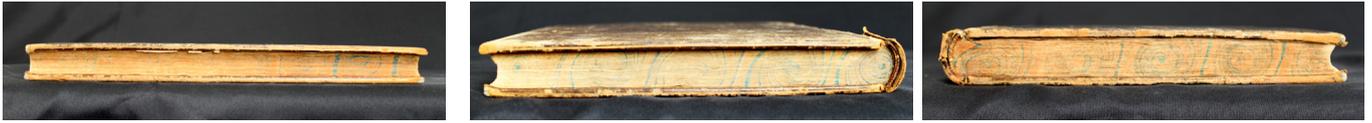


Figura 16: Aparas (goteira, cabeça e pé).

No cabeçado ou tranchefila, que tem o objetivo de prender os cadernos e dar maior consistência à capa, encontra-se, à cabeça e ao pé do códice, em meia lua, um requife ou bordadura formada com fios nas cores vermelha e branca.



Figura 17: Lugar da tranchefila onde se encontra o requife.

O interior das pastas é recoberto com as extremidades do papel que cobre a capa e é adornado com motivos florais dourados. Os cantos são cortados e colados em viés. O interior é recoberto também por fólios de guarda, três folhas, uma de papel caracol, variedade de papel em que as cores se desenvolvem em espiral, e outras duas de papel do mesmo tom amarelado do suporte do manuscrito. Essas folhas encontram-se no início e no fim do códice. No caso das guardas iniciais, a primeira folha é dobrada em dois e colada por um lado no interior da capa e pelo outro ao papel amarelado da guarda seguinte. Nas guardas finais, as folhas amareladas vêm antes das folhas de papel caracol, de maneira que a folha lisa é colada a uma parte na de caracol que, dobrada em dois, fica com a outra parte colada no interior da capa.

Na segunda folha de guarda, no canto inferior da margem esquerda do verso, há uma pequena etiqueta adesiva, de 1,5 cm x 2,3 cm, com a seguinte inscrição à tinta preta clara: “a – 10/ D. nº 15/ Inv. 7 pg 12”.



Figura 18: Detalhe da etiqueta adesiva.

A cosedura, os nervos e as pastas de um livro ficam completamente tapados, entretanto, devido a uma pequena deterioração das guardas iniciais e finais em papel caracol, é possível observar três nervos entre as pastas e os fólhos.

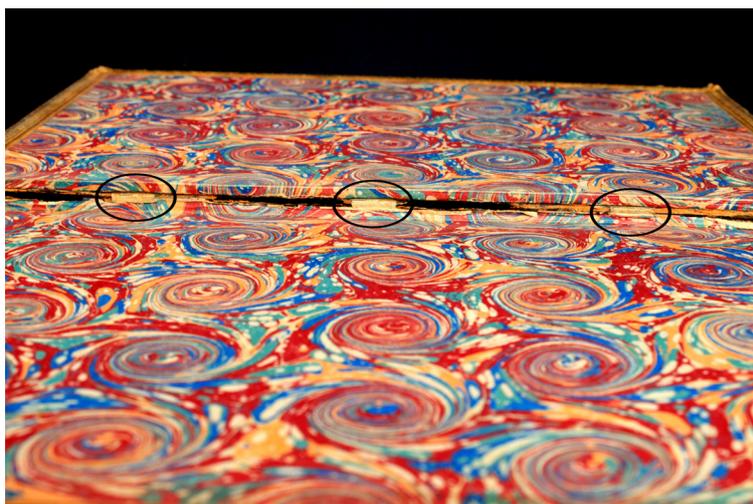


Figura 19: Nervos da encadernação.

Assim apresenta-se a encadernação do códice E11571, uma encadernação comum, sem detalhes ostensivos, de datação posterior à escritura do códice, provavelmente do início do século XIX, produzida para proteção e melhor manuseio do texto.

3.3 Aspectos Paleográficos

A língua escrita, instrumento fundamental de acumulação, preservação e transmissão de informações e conhecimentos, sempre esteve relacionada, nas sociedades letradas, aos grupos sociais dominantes, à conservação do seu poder sobre os dominados. Um exemplo bastante ilustrativo é o de que até aproximadamente fins do século XVI uma parcela ínfima da população europeia sabia ler e escrever, já que a liberdade de estudo e de ensino era monopólio da Igreja. Os mosteiros cristãos constituíam verdadeiras fortalezas obscuras, onde o conhecimento era preservado a todo custo e com grandes dificuldades.

Um dos obstáculos à livre circulação do conhecimento na Idade Média era o fato de que, dada a inexistência da imprensa, todo o processo de escrita e composição dos livros estava concentrado nas mãos do clero. Segundo Santos (1994, p. 4), o local destinado ao labor desses artesãos era chamado *scriptorium*, que, num sentido lato, “[...] era qualquer local onde o monge com pergaminho, pena e tinta podia escrever [...]”, onde os manuscritos eram copiados, decorados e encadernados. Todos os textos eram escritos ou copiados à mão pelo *scriptor*, cujo trabalho era difícil, lento e exigente, só interrompido nos momentos de oração. Ademais, a escrita tinha como suporte um material raro e caro, o pergaminho; em consequência disso, o produto final era bastante raro e de difícil acesso. Além disso, um outro fator que contribuía como obstáculo à liberdade do saber era o dogmatismo religioso, em que o conhecimento era considerado como potencialmente perigoso. O que se pode dizer, em verdade, é que a escrita não era negada aos leigos, mas usada segundo os interesses gerais de salvação, porque o que estava em jogo não era o conhecimento da escrita, mas do escrito.

A escrita parece ser não só um instrumento, mas também uma matéria poderosa e enigmática capaz de refazer o mundo e transformar as pessoas. Dessa maneira, a escrita revela-se como a imagem de uma

identidade nacional, o que justifica, no decorrer da história, a ação dos colonizadores de destituir os povos submetidos de sua língua e de sua escrita, impondo a dos vencedores. Um exemplo emblemático dessa ação no Brasil colonial encontra-se inicialmente na figura do jesuíta, cuja atividade missionária objetivava primordialmente o esvaziamento da identidade indígena, e, no século XVIII, na figura do Marquês de Pombal, que empreendeu uma política linguística que impunha aos índios o aprendizado da língua portuguesa e a proibição de seu próprio idioma.

A partir do século XVIII, com a reforma educacional empreendida pelo Marquês de Pombal e o crescimento da alfabetização, verificou-se, conforme salienta Conceição (2005, p. 127), “[...] uma ampliação das práticas de escrita e leitura [...]. Dessa forma, presenciou-se o crescimento de uma escrita pessoal, a representação de si transformada em objeto escrito, ligados à idéia de concepção do individualismo moderno.”

O espaço e o tempo são, dessa maneira, elementos que marcam a linguagem escrita, de modo que ela seja, então, construção socialmente coletiva e histórica nas suas variações linguísticas. Assim, a importância da escrita vem do fato de que permite a preservação e a divulgação de informações não só entre indivíduos, mas também por gerações.

A ciência que tem como objetivo o estudo das escritas é chamada de Paleografia. Etimologicamente, provém do grego *Palaios* + *Graphain*, “escrita antiga”. Entretanto, a definição etimológica da Paleografia enquanto ciência das escritas antigas abarca apenas aquelas traçadas sobre objetos de matérias suaves, como papel, papiro e pergaminho; enquanto que as traçadas sobre matérias duras, como madeira, pedra e metal, correspondem à disciplina chamada Epigrafia (SPINA, 1994, p. 24).

O significado etimológico da palavra, que traz no seu bojo a noção de antiguidade, já não é mais utilizado, pois o estudo paleográfico abarca a escrita em toda a sua amplitude externa, sem restrições de nenhum gênero, seja da idade ou da qualidade dos objetos escritos. Assim, Paleografia, segundo Acioli (1994, p. 5),

[...] é a ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e o lugar em que foi redigido o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento.

Paleografia consiste, portanto, em um instrumento de leitura e decifração dos signos gráficos, com a finalidade de leitura e transcrição do manuscrito, além de fazer um exame sistemático dos documentos históricos para situá-los no tempo e no espaço, a fim de estabelecer sua origem, procedência e autenticidade.

Segundo Lima (2006, p. 3), a matéria e os materiais da escrita (tipologia da letra, abreviaturas, suporte da escrita, tinta, datação etc.) começam a ser trabalhados em conjunto apenas no final do século XVI, e a Paleografia passa a ser consagrada como disciplina científica somente em 1681 com a publicação de *De re diplomática libri sex*, do beneditino francês Jean Mabillon (1642-1707).

O paleógrafo francês Jean Mallon, conforme Santos (1994, p. 86), foi o primeiro a apontar os elementos fundamentais da escrita para a análise paleográfica. São cinco elementos que formam a chamada “teoria de Mallon”:

1. forma (*forme*), aspecto exterior das letras;
2. ângulo (*angle*), formado pela posição do instrumento da escrita relativamente ao suporte;
3. “*ductus*”, ordem de sucessão dos traços da letra;
4. módulo (*module*), a dimensão formal: a altura e a largura da letra;

5. peso (*poids*), a espessura do traço, o maior ou menor peso do instrumento da escrita em relação ao traçado gráfico.

A importância do estudo da grafia ou grafias de um manuscrito encontra-se no fato de serem indícios “[...] de la intencionalidad de la copia. También son importantes para la pura historia de la escritura.” (SÁNCHEZ MARIANA, 1995, p. 122).

3.3.1 Classificação da escrita do códice

A escrita do códice é classificada como humanística cursiva, cuja principal característica está na rapidez da escrita e no traçado corrente da mão. Tal escrita apresenta traços sensivelmente da mesma espessura e, quando a mão adquire um movimento bastante ligeiro, a letra encadeia-se de maneira que uma ou mais palavras são escritas juntas. A letra é delgada, ligeiramente inclinada para a direita e bastante encadeada.

No final do manuscrito, a escrita começa a ficar mais relaxada, as letras menos encadeadas, mais alongadas, e em alguns momentos mais inclinada para a direita.

3.3.2 Alfabeto

Com a finalidade de facilitar a identificação dos grafemas para um posterior estudo grafemático, empreendeu-se a elaboração do alfabeto utilizado no códice E11571. Tal sistematização alfabética apresenta os grafemas¹⁰ maiúsculos e minúsculos, nessa ordem, em quatro contextos distintos, a saber: inicial, medial, final e letra isolada. A forma moderna de cada grafema em tipo redondo apresenta-se ao lado de sua forma manuscrita presente no códice. Os espaços sombreados apontam a ausência de grafema em determinada seção.

10 Os grafemas aqui reproduzidos dizem respeito ao punho responsável pela cópia do texto da *Memória Histórica da Capitania de São Paulo* (ou seja, texto em tinta castanha), não se referem àquele em tinta preta (folha de rosto).

Quadro 1: Alfabeto

Quadro 1: Alfabeto

	INICIAL	MEDIAL	FINAL	ISOLADA
A				
a				
B				
b				
C				
c				
D				
d				
E				
e				
F				

f	f f f f f	f f		f f
G	G G G G G G G G			
g	g g g	g g g	g g	g
H	H H H H			
h	h h h h	h h h		h
I	I I I I I			
i	i i	i i i i	i i i	i i
J	J J J J			
j	j	j		
L	L L L L	L L		L L L
l	l l l l	l l l l l	l	
M	M M M M			
m	m m	m m	m	m m m

N	<i>N N N N</i>			
n	<i>n n n</i>	<i>n n</i>	<i>n n n</i>	<i>n n</i>
O	<i>O O O O</i> <i>O O O</i>			
o	<i>o o</i>	<i>o o o o</i>	<i>o o o o</i>	<i>o o o o</i>
P	<i>P P P</i> <i>P P P</i>			
p	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>	<i>p</i>
Q	<i>Q Q Q Q</i>			
q	<i>q q</i>	<i>q</i>		<i>q q</i>
R	<i>R R R R</i> <i>R R R R</i>			<i>R R</i>
r	<i>r r r</i>	<i>r r r r</i>	<i>r r r</i>	<i>r</i>
S	<i>S S S S</i> <i>S S S S</i>	<i>s</i>		<i>S S S</i>
s	<i>s s s</i>	<i>s s s s</i> <i>s s s s</i>	<i>s s s s s s</i> <i>s s s s s s</i>	<i>s</i>

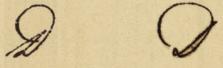
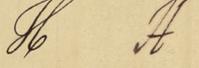
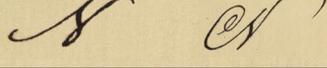
T				
t				
U				
u				
V				
v				
X				
x				
Y				
y				
Z				
z				

3.3.3 Punhos

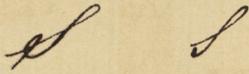
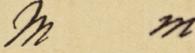
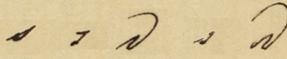
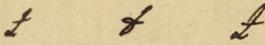
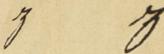
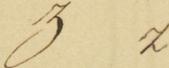
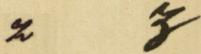
Uma hipótese levantada durante a leitura e transcrição do manuscrito foi a de que havia dois punhos distintos presentes no *corpus*: o punho mais usual (punho 1), em tinta castanho-escuro, que escreve todo o códice, e o punho que aparece logo que o livro é aberto (punho 2), presente na folha de rosto, à tinta preta,

uma letra mais trabalhada, mais adornada e com traços um pouco mais espessos do que a letra do interior do manuscrito. Além disso, chama a atenção o traçado de alguns grafemas que, em comparação com as letras do resto do manuscrito, são muito diferentes (cf. quadro abaixo):

Quadro 2: Cotejo dos grafemas de punho 1 e punho 2¹¹

<i>Quadro 2: Cotejo dos grafemas de punho 1 e punho 2</i>		
MAIÚSCULAS	PUNHO 1	PUNHO 2
A		
B		
D		
E		
F		
G		
H		
I		
L		
M		
N		
P		
R		

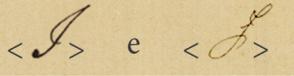
¹¹ Os grafemas seleccionados são os que mais apresentam diferenças entre si. São comparadas as maiúsculas iniciais e as minúsculas em contextos determinados (no início, meio ou fim de palavra).

S		
T		
minúsculas	PUNHO 1	PUNHO 2
m (inicial)		
m (medial)		
s (final)		
t (inicial)		
t (medial)		
v (medial)		
z (medial)		
z (final)		

3.3.4 Grafemas e seus alógrafos

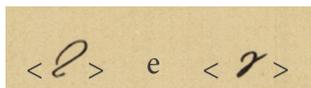
Entende-se por grafema a unidade formal mínima de um sistema de escrita, correspondendo, na escrita alfabética, “[...] às letras (e também a outros sinais distintivos, como o hífen, o til, sinais de pontuação, os números etc.) [...]” (HOUAISS, 2001). É uma unidade formal porque é abstrato, não pode ser visto. Mínima porque não pode ser desmembrado.

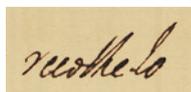
O alógrafo é uma classe de grafia que representa uma das diversas manifestações de um grafema, sendo determinado pelo tipo de escrita utilizada e/ou pelo fonema que representa e o contexto gráfico em que se encontra.

- a)  : alógrafos do grafema <j> quando seguidos de uma vogal, em começo de palavra: cf. <Janeiro>, <Julho>, <Juizes>, <Joaão>. Segundo Feijó (1734, p. 73), quando consoante, o <j> minúsculo é escrito “[...] rasgado para baixo, e com ponto em cima, deste modo: janella, jarro, jurar etc.”, nos nomes comuns. Isso quer dizer que, nos nomes próprios, o <j> seria representado como <i> maiúscu-

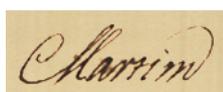
lo, pronunciado como a consoante <j>, como pode ser observado nestes exemplos do *corpus*: <Iaboataõ>, <Iacome>, <Ieronimo>, <Ioaõ>, <Iezus>, que ocorrem com mais frequência do que <j> maiúsculo, como <Jeronima> e <João> (únicos casos com nomes próprios).

- b)  : dentre esses alógrafos de <i>, os dois primeiros ocorrem em contexto de início de palavra seguido de consoante, sendo o primeiro o mais frequente: cf. <Igreja>, <informação>, <importante>, <Illustrissimo>. Do alógrafo <j>, só há um caso: <Jndios>. Em relação ao alógrafo <y>, ocorre em palavras como <tyrannias> e <ahy>, na terminação verbal de primeira pessoa do singular do pretérito perfeito e do futuro do presente do modo indicativo: cf. <achey>, <escrevy>, <farey>, <levarey>, <receberey>; em ditongos: cf. <ley>, <meyo>, <meya>, <peyor>, <praya>, <mayor>, <muy>, <pay>, <ribeyro> e em ditongos de nomes próprios: cf. <Almeyda>, <Teyxeira>, <Pereyra>, <Silveyra>. O <y>, que corresponde a uma variação do grafema <i>, como exposto, também pode representar uma herança grega: cf. <systema>, <labyrintho>, <martyr>; ou um grafema de origem Tupi: cf. <Yapó>, <Iperoýg>, <Yguaçu>, <Yrirytyba>, <Anhenbý>, <Goyas>, <Cuyaba>.

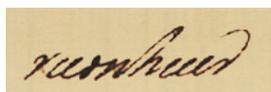
- c)  : esses alógrafos de <r>, conhecidos como redondo e dois de conta, respectivamente, quando em início de palavra, assumem realização fonética de vibrante múltipla. Entretanto, enquanto o primeiro pode ocorrer em posição inicial,

cf.:  <recolhe-lo>;

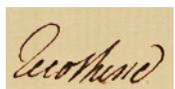
medial,

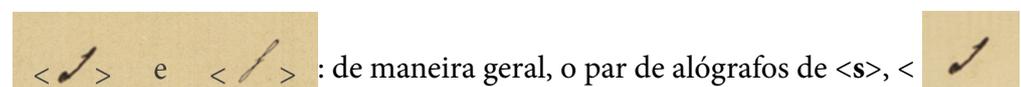
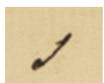
cf.:  <Martim>;

ou final,

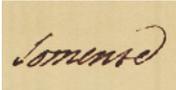
cf.:  <reconhecer>;

o segundo aparece apenas em posição inicial,

cf.:  <recolhesse>.

- d)  : de maneira geral, o par de alógrafos de <s>, <

que pode assumir diversas formas (cf. quadro 1), e <  > longo ou caudado, apresenta a seguinte distribuição: o primeiro ocorre em posição inicial,

cf.:  <samente>;

medial,

cf.:  <Francisco>;

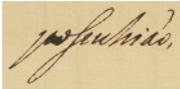
ou final,

cf.:  <Rios>;

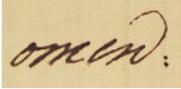
enquanto o segundo ocorre em posição medial seguido de vogal,

cf.:  <Manso>;

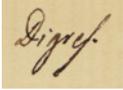
ou medial seguido de <  > redondo,

cf.:  <Assores> e  <possuiação>.

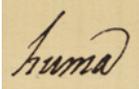
Também pode aparecer em início de sílaba, quando da translineação,

cf.: :  <omen= sionado>;

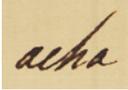
e em final de palavra abreviada,

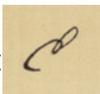
cf.:  <Digressão>.

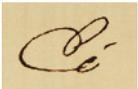
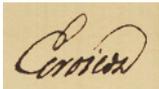
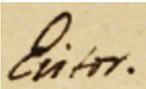
e) <  > e <  > ou <  > : o primeiro alógrafo aparece no início,

cf.:  <huma>,

ou meio de palavra,

cf.:  <acha>.

No entanto, <  > e <  >, alógrafos que por vezes trouxeram dúvidas na transcrição, já que, dependendo do contexto, confundiam-se com o grafema <e> maiúsculo, aparecem apenas em início de palavra,

cf.:  <hé>,  <heroicos>,  <historia>.

3.3.5 Emprego de maiúsculas

O emprego de maiúsculas no códice é bastante regular se levarmos em conta os critérios assinalados pelos gramáticos e ortógrafos da época ou de época anterior, como Leão (1576, p. 59-60), Figueiredo (1722, p. 59-60), Feijó (1734, p. 27-29) e Monte Carmelo (1767, p. 435-442), segundo os quais, escrevem-se com maiúscula:

Quadro 3: Critérios de uso das maiúsculas

CRITÉRIOS	OCORRÊNCIAS
Prenomes e sobrenomes	Lutero Alexandre Catrascani
Apelidos e alcunhas	oGraõ Capitaõ Ioaõ dos Ouros
O nome de Deus, Jesus Cristo e dos Santos	Deos Nosso <i>Senhor</i> Iezus Christo Santa Efigenia
Países, cidades, vilas, ilhas e continentes	Brazil naCidade doRio de Ianeiro naVilla deCrato Ilha deSaõ Sebastiaõ Azia
Nomes próprios de rios e montes	oRio daPrata aoOuteirinho deSanta Catharina
Meses do ano	Dezembro Novembro
Nomes determinados	doDescobrimento
Cargos, dignidades e títulos	Governador Fidalgo CondedeAtouguia Dom Henrique
Palavras que iniciam capítulo, cláusula ou período	8. A Villa deNossa Senhora daConceição [...] Tributo aVossaExcellencia esta pequena offerta [...] Conformaraõ-se ambos com avontade dosPadres [...]

12 Somente quando os dois pontos fecham período, quando a eles se segue uma sentença, resposta ou dito de alguém.

Palavras que vêm depois de ponto final	foro deVilla. Ponderavaõ, que esta, porficar vezinha [...]
Palavras que vêm depois de dois pontos ¹²	para otrabalho das Fabricas, eAgriculturas: Nas mesmas terras seachaõ tambem muito bons Campos, [...]
Palavras que vêm depois de ponto interrogativo	ainda não haviaõ negros naCapitania deSaõ Vicente? Sealgum cá chegou nesse tempo, seria taõ raro, como osCorvos brancos.
Palavras que vêm depois de ponto exclamativo	eSó desta aCurupacê hé <i>que</i> vaõ dêz legoas; forte lastima! / Conforme adita Sentença daRelação, eDoação dodito Conde [...]
Adjetivos pátrios	Paulista Francezes Espanhoes
Pronomes de tratamento quando dirigidos à pessoa com quem se fala	<i>VossaExcellencia</i> <i>VossaMagestade</i>
Graus de parentesco direto	Pay May Irmão
Letras iniciais correspondentes a abreviaturas	<i>Reverendos</i> <i>Padres</i> <i>Fiel</i>
Nomes correspondentes a assembleias ou tribunais	Dezembargo doPaço Conselho Ultramarino
Nomes de obras escritas notáveis	Castrioto <i>Luzitano</i> America Portuguesa
Nome das partes em que se dividem as obras escritas	Tomos
Nomes próprios de conventos, igrejas e seus títulos	Convento doCarmo Igreja deSaõ Bento

Entretanto, há alguns casos em que há emprego de maiúsculas em meio de palavra, como: <aSegurar>, <aSignado>, <enSayos>, <VasConcellos>, <OCcupou>, <OLivença>, <OLiveira>.

Em alguns casos, parece haver a preocupação do escritor em destacar a palavra, chamando a atenção do leitor para a sua importância dentro do período. Já em outros, o uso da maiúscula no início da palavra que forma fronteira com a palavra anterior, seria uma maneira de evitar ambiguidade na leitura da própria palavra, como salienta Echeverria (2006, p. 99).

3.3.6 Abreviaturas¹³

Abreviatura é uma forma reduzida de escrever uma palavra. O que se abrevia são sílabas, palavras ou frases de um conjunto escrito, das quais se reduz alguma ou algumas de suas letras. Segundo Marín Martínez (2002, p. 136), toda abreviatura possui dois elementos: aquele que abrevia e o que é abreviado. “Al primero se le llama signo abreviativo; al segundo, palabra o frase abreviada o, simplemente, abreviatura.”

O uso das abreviaturas, embora existisse desde a época romana, torna-se mais frequente no período medieval, época em que, como salienta Silva Neto (1956, p. 31), um dos erros mais frequentes na leitura dos manuscritos se dá justamente devido à ignorância de siglas e abreviaturas.

Se por um lado esse sistema abreviativo baseava-se na tradição latina, por outro possuía características próprias de textos em língua portuguesa, o que tornou, de certa forma, a interpretação da escrita mais complexa para os leitores e para os profissionais do texto, como paleógrafos, filólogos e historiadores.

A origem do sistema abreviativo encontra-se em um tipo de escrita muito praticado na Roma antiga, a taquigrafia. Do grego *tachys* (= rápido) e *graphein* (= escrever), é um tipo de escrita desenvolvido para ser tão rápido quanto a fala, já que o costume era transcrever os discursos proferidos ao vivo.

Apesar de as notas tironianas (*notae tironianae*) – criadas por Marco Túlio Tiro, escravo liberto de Cícero, o grande orador romano, donde a designação de *tironianas* – constituírem o primeiro sistema taquigráfico, alguns estudiosos atribuem a invenção da taquigrafia aos hebreus, e outros, aos gregos. Estes dizem que o filósofo e general ateniense Xenofonte já usava um sistema de abreviaturas; aqueles alegam que a escrita de Davi faz menção à pena de um escritor veloz.

Segundo Millares Carlo (1929, p. 46), a partir das notas tironianas desenvolveu-se, desde o século II d.C., na escrita comum, um sistema abreviativo completo e complexo, as *notae iuris* ou notas jurídicas, chamadas assim por encontrarem-se em códices de conteúdo jurídico

[...] y formado por un conjunto de abreviaturas por suspensión, contracción, signos especiales derivados de notas tironianas o verdaderas notas taquigráficas, signos abreviativos con valor general y signos con valor relativo o determinado.

Lima (2006, p. 11) salienta que esse tipo de abreviatura, as notas jurídicas, não teve a mesma popularidade das notas tironianas, mas algumas persistem, como v.g. (= *verbi gratia*) e s.m.j. (= salvo melhor juízo).

A proliferação das abreviaturas explica-se, conforme Flexor (1990, p. XI), por dois fatores: ocupar menos espaço, necessidade devida à raridade e conseqüente custo elevado do material de escrita, e economizar tempo escrevendo mais depressa. Esse uso excessivo suscitou, em fins da República romana, como salienta Spina (1994, p. 49-50), a criação de medidas que condicionavam seu emprego, embora não surtisse efeito. O abuso diminuiu com a utilização da letra cursiva, mas, durante o Renascimento, “[...] o hábito das abreviaturas continuou, a ponto de, para as obras jurídicas, serem até publicadas tábuas especiais para a leitura das siglas.”

Além das notas tironianas ou taquigráficas e das notas jurídicas, havia um outro tipo de abreviatura, a dos nomes sagrados (*nomina sacra*), tipo de abreviatura por contração, de caráter sagrado, usado na escrita

13 Este estudo foi publicado por Renata Ferreira Costa na revista eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo, *Revista Histórica*, nº 15, ano 2, outubro de 2006, com o título “Abreviaturas: simplificação ou complexidade da escrita?”. No entanto, o texto aqui apresentado traz algumas poucas modificações em relação ao artigo.

do Novo Testamento. Seu uso estava ligado não à economia de tempo ou espaço, mas à reverência a Deus. Segundo Lima (2006, p. 12), na tradução da Bíblia para o latim houve a conservação da escrita grega e latina no que concerne a algumas abreviaturas, como XPTO (= Cristo) e IHU (= Iesu).

As abreviaturas, embora não apresentem regularidade ou sistematização nos documentos luso-brasileiros, podem ser classificadas¹⁴, segundo a natureza do sinal abreviativo:

1 Por sinal geral: composta por um signo abreviativo – ponto (.), apóstrofo (’), linha sobreposta à letra (–) ou traço envolvente (@), que indica na palavra afetada a falta de uma ou mais letras, mas sem dizer quais. Pode ser subdividida em:

1.1 *Abreviatura por suspensão ou apócope*: supressão de elementos finais da palavra: an. (= *anno*); Fr. (= *Frei*); pag. (= *pagina*). De acordo com Spina (1994, p. 51), o desenvolvimento desse sistema se dá a partir da escrita carolíngia na Europa. O ponto, segundo Millares Carlo (1929, p. 51), é o signo próprio da abreviatura por suspensão.

<i>F.</i>	Frei	<i>Preamb.</i>	Preambulo
<i>Subst.</i>	Iaboatão	<i>f. 91</i>	folha <u>91</u>
<i>pag.</i>	pagina	<i>Ibi.</i>	Ibidem

Figura 20: Exemplos de abreviaturas por suspensão ou apócope presentes no códice.

1.2 *Sigla*: derivada da palavra *singula* (*letterae singulae*), foi, conforme Spina (1994, p. 50), “[...] o processo mais antigo de abreviação por suspensão ou apócope, e seu uso se manteve durante toda a Idade Média.” Consiste na representação da palavra pela letra inicial maiúscula, seguida de ponto. Segundo Flexor (1990, p. XII), podem ser:

1.2.1 *Siglas simples*: quando indicadas apenas por uma letra: D. (= *Dom* ou = *Dona*); F. (= *Fiel*).

<i>D.</i>	Dom ou Dona	<i>F.</i>	Fiel
-----------	-------------	-----------	------

Figura 21: Siglas simples presentes no códice.

1.2.2 *Siglas reduplicadas*: quando a letra é repetida para significar o plural das palavras representadas: D.D. (= *Desembargadores*); P.P. (= *Padres*); R.R. (= *Reverendos*), ou o seu grau superlativo.

14 A classificação apresentada a seguir está baseada nas informações contidas em Millares Carlo (1929), Flexor (1990), Spina (1994), e Megale & Toledo Neto (2006).

	Desembargadores		Padres
	Reverendos		

Figura 22: Siglas reduplicadas presentes no códice.

1.3 *Abreviatura por contração ou síncope*: representa a supressão de letras do meio do vocábulo: Roiz (= Rodriguez); Frz (= Fernandez); Snr (= Senhor). Spina (1994, p. 51) destaca que esse tipo de abreviatura, quando fixa apenas as letras inicial e final, pode tornar difícil a identificação da palavra. Por isso, para amenizar a dificuldade, conservam-se letras intermediárias, chamadas *características*, como nos exemplos citados.

	Senhor		Fernandez
	Alvarez		Gonçalvez
	Rodriguez		Martinz

Figura 23: Abreviaturas por contração ou síncope presentes no códice.

1.4 *Abreviatura por letras sobrescritas*: sobreposição da última ou das últimas letras da palavra: Ill^{mo} (= Illustrissimo); p^a (= para); Fevr^o (= Fevereiro). Seu uso, segundo Spina (1994, p. 51), muito raro entre os romanos, generalizou-se a partir do século XII com a escritura visigótica.

	Illustrissimo		para
	Excellentissimo		Villa
	Fevereiro		numero
	Livro		muito

Figura 24: Exemplos de abreviaturas por letras sobrescritas presentes no códice.

1.5 *Abreviatura mista*: quando em uma mesma palavra se encontram abreviaturas por suspensão (apócope) e por contração (síncope), ou quando, numa sequência de palavras, nenhuma delas apresenta-se isoladamente abreviada: V.Ex^a (= VossaExcellentia); S. Mag^e (= Sua Magestade); S. Paulo (= São Paulo).

<i>V. Ex.</i>	Vossa Excellencia	<i>S. Vicente</i>	São Vicente
<i>Sua Magestade</i>	Sua Magestade	<i>S. Paulo</i>	São Paulo
<i>S. Thome</i>	São Thome	<i>S. Paulo</i>	São Paulo

Figura 25: Exemplos de abreviaturas mistas presentes no códice.

2 Por sinal especial: presença de um símbolo ou de um sinal colocado no início, meio ou fim da palavra abreviada indicando os elementos ausentes.

<i>et</i>	etcoetera	<i>Lisboa</i>	Lisboa
<i>§</i>	paragrafo	<i>mil</i> ¹⁵	mil ¹⁵

Figura 26: Abreviaturas por sinais especiais presentes no códice.

3 Notas tironianas ou taquigráficas: de acordo com Spina (1994, p. 51) e Flexor (1990, p. XI), é a mais antiga forma de taquigrafia europeia. Os sinais utilizados, que se baseiam nas letras do alfabeto maiúsculo romano, são utilizados em várias posições, tendo significados diferentes em cada uma delas. De acordo com Lima (2006, p. 11), as notas tironianas “[...] se mantêm na escrita moderna, como .S. (= scilicet = a saber), e as várias formas usadas para o et (= e).”

<i>que</i>	que	<i>e</i>	e
------------	-----	----------	---

Figura 27: Notas tironianas encontradas no códice.

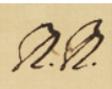
4 Abreviaturas numéricas: constituem as abreviaturas de numerações, designativas de ordem, divisão e meses do ano. Usa-se a sobreposição das letras *o* e *a* minúsculas aos numerais ou à terminação -br: 1º (= primeiro); 10º (= decimo); 7brº (= setembro); 8brº (= outubro).

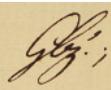
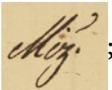
<i>1º</i>	primeiro	<i>8brº</i>	outubro
<i>2º</i>	segundo	<i>9brº</i>	novembro
<i>7brº</i>	setembro	<i>8º</i>	oitavas

Figura 28: Exemplos de abreviaturas numéricas presentes no códice.

15 O cifrão (\$) só é considerado abreviatura e, portanto, desenvolvido como “mil”, nos casos em que não estiver relacionado a unidades monetárias, como no seguinte exemplo presente no corpus: “A dita Villa de São Se=| bastião tem hoje em si onumero de 5 mil 238 almas [...]”. (f. 95v, linha 3885).

5 Signos Abreviativos: Os signos que compõem as abreviaturas do códice, colocados acima, abaixo ou ao lado da abreviatura, são os seguintes: ponto (),

cf.:  ,  ,  e  ; til (),

cf.:  ; e  ; til duplo (),

cf.:  ,

e traço envolvente (),

cf.:  .

Mesmo para investigadores acostumados com a leitura de documentos manuscritos setecentistas, muitas vezes torna-se difícil interpretar as abreviaturas correntes. No *corpus* em questão, há cerca de 440 ocorrências de abreviaturas, das quais a maioria, quase 70%, corresponde às abreviaturas por letras sobrecritas, e há apenas dois tipos de notas tironianas. Essas abreviaturas são variadas e, algumas vezes, inconsistentes, já que não havia uma normatização gráfica na época. As principais dificuldades foram em como desenvolver uma abreviatura como V^a: *Villa*: como aparece por extenso, ou *Vila*, como nos dias atuais? Ou, como expandir a abreviatura de um nome próprio como Miz', que poderia ser interpretado como Muniz ou Martinz? Para esse processo de expansão ou desenvolvimento das abreviaturas, tomou-se como base o dicionário de autoria de Maria Helena Ochi Flexor (1990), que reúne material colhido em documentos do século XVI ao XIX, e que serviu muito bem aos objetivos pretendidos. Entretanto, a expansão das abreviaturas que não foram encontradas nessa obra deu-se a partir de pesquisas em dicionários, na internet e em textos da mesma época.

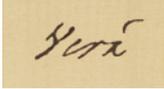
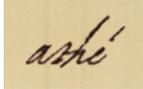
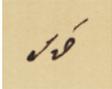
Em relação às questões propostas acima, seguiram-se as “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil”, propostas por Cambraia (et al., 2001, p. 23-26). Segundo essas Normas, o desenvolvimento das abreviaturas deve obedecer aos seguintes critérios: “[...] respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba [...]”, evitando-se, dessa maneira, projeções anacrônicas da língua do editor sobre a língua do texto, e “[...] no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual [...]” (MEGALE; TOLEDO NETO, 2006, p. 147). Dessa forma, a abreviatura “V^a” foi desenvolvida sempre como *Villa*, respeitando-se a grafia do manuscrito. Para os nomes “Fernando Miz’ Mascarenhas”, “Paula Miz” e “Pedro Miz’ Namorado” empreendeu-se uma pesquisa na internet, onde se encontrou o sobrenome Martins para todos os casos, por isso foi desenvolvido como *Martinz*.

O estudo das abreviaturas, um tema bastante relevante, principalmente para os estudiosos de textos manuscritos antigos, uma vez que é um recurso muito utilizado na escrita, é necessário e importantíssimo, já que uma boa leitura paleográfica faz-se mediante um conhecimento preciso do sistema abreviativo.

3.3.7 Sinais diacríticos

Existem seis tipos de sinais diacríticos na *Memória Histórica*: o acento agudo () ou () ou () o acento circunflexo () ou () o til () ou () a cedilha () o apóstrofo () e o hífen () ou ().

O acento agudo é usado sobre as vogais *a, e, i, o, u* e *y* para marcar a sílaba tônica,

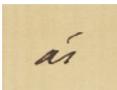
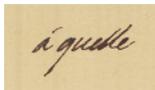
cf.:  <verá>,  <athé>,  <Purís>,  <só>,  <Ytú> e  <Paratý>.

São acentuados os monossílabos tônicos, como *cá, já, lá, má, fé, pé, Sé, ré, mór, nós, vós, sý, gráo, máo, náo, páo, práz, athé, thé*, assim como recomenda Lima (1736, p. 178-179), quando escreve que o “[...] acento agudo na última sílaba tem lugar nos monossílabos que se formam com vogal pura aberta [...]” e naqueles que poderiam suscitar algum equívoco, “[...] como entre *Cór* memória e *Cor* color [...]”; palavras oxítonas, como “[...] alvará, Goyás, Guairá, Paraná, Paranaguá, francéz, Guiné, mercé, Taubaté, Thomé, carijós, ferós, Yapó, Ytú [...]”, também recomendação de Lima (1736, p. 179) para nomes que acabam em vogal ou em consoante. É interessante destacar que a palavra “francês”, que aparece no *corpus* escrita ora com acento agudo, “francéz”, ora com acento circunflexo, “francêz”, deveria ser escrita, segundo Monte Carmelo (1767, p. 86), com o circunflexo, pois faz parte dos nomes terminados em *-ez*, os quais têm acento circunflexo na última sílaba, em palavras como “Albanêz, Francêz, Inglêz, Marquêz”, com algumas exceções; a paroxítona “contheúdo”, e as proparoxítonas “pacífica” e “príncipe”.

O *y* é acentuado com maior frequência nas palavras de origem indígena, como em *Aguarahý, Anhanduhý, Anhangaboý, Anhangarivayá, Uvayá, Anhenbý, Caybuý, Iacarehý, Iacuhý, Iperoýg, Itatý, Iundiahý, Nithe-roý, Paratý, Sapucahý, Tamanduatiý, Taquarý* e *Yguatemý*. As únicas palavras que se escrevem com acento agudo no *y* e que não são de origem indígena são: *ahý, dahý, sý, Rubý* e *escrevý*.

Os ortógrafos da época, como Lima, Feijó e Monte Carmelo, não tratam especificamente da acentuação gráfica no *y*. Lima (1736, p. 151) escreve a respeito das vogais *i* e *u*, que eram acentuadas com o agudo para dar maior força à sílaba, a fim de saber se é longa ou ainda para mostrar que não há ditongo no dito vocábulo. Como nos exemplos citados do *corpus* o *y* tem valor da vogal *i*, talvez possamos nos valer dessa recomendação de Lima para justificar o uso da acentuação em alguns desses casos.

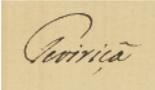
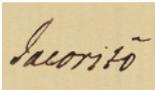
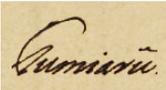
Nas situações em que há ocorrência de crase, a vogal *a* recebe o acento agudo e não o grave, como ocorre atualmente,

cf.:  <á>,  <ás> e  <àquella>.

O uso do acento grave realmente não era frequente na língua portuguesa na época, conforme afirma Feijó (1734, p. 13). Quem dele se utilizava eram os gregos e os latinos na última vogal de certos vocábulos. Na língua portuguesa, o acento grave, que dava à sílaba um som fechado, deveria ser usado, segundo Lima

(1736, p. 184), “[...] em monossílabos que levam vogal fechada e naqueles que acabam em consoante [...]”, como “sè tu, crè tu, vè tu, dè elle”. Também poderia ser usado nos futuros em –ão, como “amarão, lerão, ouvirão, porão”, para diferenciá-los dos pretéritos (p. 186).

O acento circunflexo é usado sobre as vogais *a*, *e*, *o* e *u*, para indicar a sílaba tônica,

cf.:  <Teviriçã>,  <idêaz>,  <Cêo>,  <Iacoritô> e  <Tumiarû>.

São acentuados os monossílabos tônicos: *jâ*, *prâz*, *atê*, *thê*, *cêo*, *dêz*, *pê*, *rê*, *pô*, *sô*, *nûa*. Conforme Monte Carmelo (1767, p. 86), que escreve em seu *Compêndio de Ortografia* uma lista de regras para o uso do acento circunflexo e suas exceções, “[...] os nomes terminados em *eo*, que muitos escrevem *eu* [...]”, devem ser escritos com acento circunflexo, com exceção para os vocábulos pronunciados com vogal aberta, como é o caso de “cêo, chapéo, fogaréo”. Portanto, a palavra *cêo* do *corpus* está em desacordo com a regra ditada pelo ortógrafo, assim como a palavra *dêz*, que seria uma exceção à regra que diz que “os nomes terminados em *ez* tem acento circunflexo na sílaba *ez*” (MONTE CARMELO, 1767, p. 87). Também são acentuados os oxítonos: “Acaraguâ, Guaitacâ, Guayanâ, Guatinguetâ, Iaraguâ, Itámaracâ, Paranâ, Payaguâ, Tamanduâ, Teviriçã, almotacêz, alvêo, Cananêa, Curupacê, Embarê, francêz, Gouvêa, Guarê, Guinê, idêa, Iuqueriquerê, Macaê, marê, Taubatê, Tyetê, viuvês, trizavô, Ytû”. Em relação aos nomes terminados em *-ea*, Monte Carmelo (1767, p. 83) recomenda o uso do acento circunflexo na letra *e* para os casos em que a pronúncia é fechada, como em “aldêa, avêa, balêa, candêa”, mas seriam exceção as palavras cuja pronúncia fosse aberta, como em “assemblêa, bolêa, Corêa, gelêa, idêa, platêa” e nos nomes próprios femininos, como “Analthêa, Dorothea, Medêa”. Dessa forma, a única palavra do *corpus* escrita de acordo com essa regra é “Gouvêa”, pois “idêa” e “Cananêa”, que fazem parte da exceção à regra, deveriam ter sido acentuadas com acento agudo. As paroxítonas “Cabrêra” e “contheúdo” também são acentuadas no *corpus*.

As vogais *a* e *u* são acentuadas com mais frequência em palavras de origem indígena, as quais podem apresentar na mesma palavra os acentos agudo e circunflexo, de maneira que fica bem marcada a composição da palavra: “Cahaguaçû, caneû, Carámurû, Iaurû, Mandû, Paráguaçû, Tumiarû, Yguaçû, Boýguaçûcanga, Guaitacáguacû, Paráguaçû, Sabarábuçû, Gurápuáva”.

Em relação aos tempos verbais, encontramos acentuados, no *corpus*, com acento agudo na última sílaba, as formas de futuro, como “bustará, chamará, dará, haverá, hirá, meterá, mostrará, passará, será, verá”, à diferença das formas de terceira pessoa do pretérito mais que perfeito, que são acentuadas na penúltima sílaba, como em “povoára” e “mandára”, que, segundo Feijó (1734, p. 15), poderiam ser acentuadas com o agudo, como nos exemplos citados, ou com o circunflexo, em palavras como “lêra, morrêra, amanhecêra, socorrêra”.

As terceiras pessoas do plural do presente, dos pretéritos e dos futuros do indicativo são representadas, no *corpus*, sempre pela terminação –ão ou –aõ, e, algumas vezes, a única forma de distinguir os tempos é através do contexto em que as palavras se encontram: “apontão, bastão, declaraõ, demonstraõ, encontraõ”, presente; “procurarão, enganarão, ficavão, conquistavão, equivocaraõ, entraraõ, anteciparaõ”, pretéritos; “poderião, cumpriraõ, registraõ, faraõ”, futuros. Para que justamente não houvesse nenhum tipo de equívoco em relação aos tempos verbais, os ortógrafos recomendavam o uso dos acentos, principalmente na distinção dos tempos pretéritos e dos futuros, “[...] porque nas [linguagens] do pretérito diremos: elles Amáram, Ensináram, Rogáram, Puxáram, Lêrao, Morrerão, etc. [...] Mas no futuro diremos: Elles Amarám, Lerám, Ouviráram, Rogaráram, Morrerám [...]” (FEIJÓ, 1734, p. 15). Segundo Lima (1736, p. 159), o acento agudo era

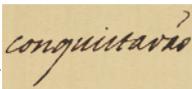
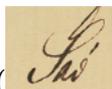
necessário também para marcar a distinção entre os pretéritos da primeira conjugação, como “amámos, fallámos, levámos”, e os presentes, como “amamos, fallamos, levamos”, distinção que não é realizada no *corpus*.

O acento gráfico também é usado para distinguir as formas verbais de outros termos gramaticais, como *dé* ou *dê* (verbo dar) e *de* (preposição); *está* ou *estâ* (verbo estar) e *esta* (pronome). Ainda encontramos acentuadas as formas de presente do indicativo dos verbos *ler*, *ver* e *ser*: *lé*, *vé* ou *vê*, *hé* ou *hê*.

A terceira pessoa do singular do verbo *pôr*, e seus derivados, é acentuada com agudo, na maioria das vezes, e com circunflexo: *pós*, *propós*, *supós*, *repôs*. O verbo *prover* encontra-se escrito com acento agudo ou circunflexo: “provêr” ou “provér”.

É interessante notar que os acentos agudo e circunflexo, no códice, não têm a função primordial de marcar graficamente a abertura ou o fechamento da vogal, ou seja, o seu timbre, como fazemos hoje, uma vez que encontramos esses acentos assumindo o mesmo valor fônico nas mesmas palavras, nos mesmos contextos: já/ jâ; pé/ pê; thé/ thê; francéz/ francêz; mercé/ mercê; Ytú/ Ytû; Taubatê/ Taubatê; contheúdo/ contheúdo; Guratinguetá/ Guratinguetâ; Itámaracá/ Itámaracâ.

A necessidade do uso dos acentos gráficos parece estar ligada muito mais a uma preocupação com a possível equivocação entre vocábulos que se escrevem da mesma maneira, mas que têm significados diferentes, do que em marcar se a vogal é aberta ou fechada. Isso pode ser facilmente comprovado nos exemplos do manuscrito estudado e nos manuais de ortografia do século XVIII. João Madureira Feijó (1734, p. 14), por exemplo, diz que o uso dos acentos na língua portuguesa “[...] só é freqüente e precisamente necessário naquelas palavras que se equivocam umas com outras, e só pelos acentos se pode conhecer a sua diversidade; principalmente naquelas que se escrevem com as mesmas letras, e tem diversa significação [...]”; para Luís Caetano de Lima (1736, p. 150), “[...] o uso dos acentos na nossa língua é principalmente nas palavras equívocas, a quem a diferença ou falta de acento faz mudar de significação [...]”; e, conforme Luis de Monte Carmelo (1767, p. 81), o uso do acento está ligado, principalmente, à necessidade de “[...] distinguir os *nomes* dos *verbos* que se equivocam na escritura e se pronunciam com tenores diversos [...]”.

O til, marcador de nasalização, é usado sobre as vogais *a*, *o* e *u* e sobre os grafemas consonânticos *m* e *n*. Graficamente, pode assumir duas formas, () ou (), e, quando sobre a terminação *-ão*, encontra-se em três posições distintas: sobre a vogal *a* (), sobre a vogal *o* () ou entre as duas vogais (), cuja posição na edição encontra-se na letra *o*.

Segundo Feijó (1734, p. 114-115) e Monte Carmelo (1767, p. 443-444), a função do til é suprir a letra *m* nas palavras em que essa letra aparece dobrada, como em “cômungar, cômunicar e cômunicaçãõ”, que, etimologicamente, seriam escritas como “commungar, communicar e communicaçãõ”, ou nas palavras que terminam por essa letras, como “bê, vê, convê; irmão, christaõ, Joaõ”. No caso destes três últimos exemplos, “irmão, christaõ e Joaõ”, em verdade, “irmam, christam e Joam”, em que não há apenas a substituição da letra *m*, mas também o acréscimo da vogal *o*, Feijó salienta que se escrevem com *o* final porque é como se na sua pronunciação soasse essa letra, daí “fazemos o ditongo *aõ* ligado com o til por cima”. O til também supre o *m* em todos os casos de plural de *ão*, como em “paês, irmãos e sermoês”, porque na pronunciação, segundo Monte Carmelo, não se diz “paens, irmaons e sermoens”. No *corpus*, encontramos palavras que

etimologicamente têm *m* dobrado e são escritas com til suprimindo um deles. Contudo, o til não é escrito sobre a vogal precedente, como nos exemplos dados por Feijó e Monte Carmelo, mas sobre a vogal posterior, como em “comũa” e “comũm”, ou sobre a letra *m*, como em “comñendador, comñunicadas, comñandantes, comñandar, comñercio e comñum”. Nem sempre, no *corpus*, o til substitui a letra *m* em uma palavra em que essa letra aparece dobrada. Existem muitas palavras em que essa substituição não se operou, como nos seguintes vocábulos: “acommetera, commandada, commemoração, commercio, commodidades, somma”.

As terminações nasais são representadas no *corpus* por *m* final, como em “capitam, escrivam, dispoem, supoem, opoem”, e pelos ditongos *-ão* ou *-aõ*¹⁶, como em “mão, informação, Saõ, naõ, taõ, perdaõ, Ioaõ, paixaõ”. O plural dessas palavras pode ser representado pelas terminações *-aens*, *-aons*, *-aõns*, *-oens*, *-ins*, *-iõns* ou *-oins*: “capitaens, escrivaens, irmaons, maons, christaons, christaõns, maoõns, aççoens, fundaçoens, regioens, motins, fins, confins, confiõns, opinioins”.

Em relação aos nomes femininos, os dois ortógrafos dizem que não é o *m* final que é suprimido, mas o intermediário. Assim, palavras como “maçam-a” e “irman-a”, devem ser escritas como “maçaã” e “irmaã”¹⁷. No *corpus*, no entanto, encontramos as formas seguintes: “irmam, irman, irmã, irmañs, comarcans, comarcaãs”.

A letra *m* também podia ser substituída pelo til em palavras como “algũa, hũa, hũm e nenhũa”, também presentes no *corpus*, com til ora sobre as vogais *a* ou *u*, ora sobre a consoante *n*: “hũ, algũ, huã, huñs, alguñs”.

Nos vocábulos que se escreviam com dois *n*, o til também podia suprir o primeiro: “Mariãna, Joãna, Perêne”, em lugar de “Mariãna, Joãna, Perênne”, conforme Monte Carmelo. No *corpus* não há nenhum caso em que palavras que etimologicamente têm *n* dobrado são escritas com um til suprimindo uma dessas letras. Nesse contexto as palavras permanecem com o *n* dobrado, como em “anno, innovar, annual, tyrannias, innocente”. No entanto, mesmo que não haja uma razão etimológica, o til pode aparecer sobre o *n*, marcando um reforço na nasalidade, em palavras como “beñs, ordeñs, iñstruir, iñstancia, iñstituir, circuñspecção, iñstrumentos, demoñstra, trañsferissem, iñstrucção, coñstando, trañsversal, iñspirou, coñstituhinte”.

No *corpus*, o til também pode ser encontrado sobre vogais hoje não nasaladas e sobre consoantes,

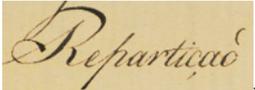
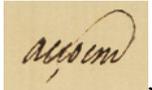
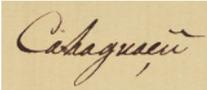
como em  (Senhor, Fernandez, Alvarez, Gon-

çalvez, Rodriguez, Martinz) ou  (que), casos em que o til é usado para indicar a abreviatura. Nesse caso, há que se considerar o fato de que o til, originalmente, era usado justamente como sinal de abreviatura das letras *m* ou *n* em posição de travamento silábico, passando a designar, mais tarde, um sinal de nasalização em línguas como o português. É interessante notar que, em relação ao uso do til como sinal de abreviatura, Feijó (1734, p. 116) destaca a importância de se considerar que ele é apenas um sinal indicativo de abreviatura e não tem a função de suprir nenhum elemento do vocábulo, por isso diz que “[...] quando se escreve sobre o *q*, não supre o U e o E, mas é sinal de abreviatura.”

A cedilha é usada sob a letra *c*, antes de *a*, *o* e *u* na representação do fonema /s/, como na ortografia moderna da língua portuguesa,

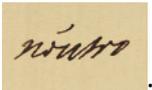
16 Feijó e Monte Carmelo sempre representam o ditongo *-aõ* escrevendo o til sobre a última vogal.

17 É interessante notar aqui que, se o til faz a substituição da letra *m*, neste caso intermediária, então a vogal precedente deveria receber o acento. No entanto, Feijó acentua graficamente a vogal posterior, enquanto Monte Carmelo, a precedente, em casos como “Alemãa, irmãa e vãa”.

cf.: , , .

Proveniente do castelhano *cedilla*, “pequeno z”, era pronunciada originalmente como /ts/, depois convertida em [s]. No século XVIII o castelhano abandonou o seu uso e ela foi substituída por *z* ou *c* antes de *e* e *i*, mas outros idiomas próximos, como o catalão, o francês e o português a conservaram.

Segundo Lima (1736, p. 75), essa letra deve ser usada apenas antes das vogais *a*, *o* e *u*, no princípio ou no meio das palavras, como “çafra, çarça, moço, poço, çujo, açulo”. No *corpus*, no entanto, encontramos a cedilha apenas em contexto medial e nunca em início de palavra. Para o bom uso da cedilha, já que havia uma grande dificuldade em saber quando usar essa letra, os dois *ss* ou ainda um *s* só, o ortógrafo recomenda que se atente à etimologia das palavras. Se forem derivadas do latim, devem levar *ç* no português quando se escrevem com *CP*, *CT*, *Q* e, algumas vezes, *T* em latim. Dessa forma, palavras latinas como *conceptio*, *adoptionis*, *perceptio*, *consectio*, *laqueus* e *gratia*, deveriam ser escritas em português como “conceyção, adopção, percepção, conseyção, laço e graça” (LIMA, 1736, p. 77-78).

O apóstrofo é usado na indicação da supressão da vogal *e* da preposição *de* em palavras compostas ligadas por essa preposição quando antecede palavra iniciada por vogal, como em , ou da supressão do artigo *o* da contração *no* (preposição + artigo), quando se segue a ela palavra iniciada pela vogal *o*, como .

Esse diacrítico, também conhecido como “viracento”, porque, conforme Feijó (1734, p. 17), “[...] não é acento; mas uma nota ou sinal dele virado para cima [...]”, era usado para suprir uma vogal [...] “quando depois das preposições, que acabam em vogal, principia algum nome também por vogal; e como duas vogais assim juntas, não fazem boa consonância na pronúncia, tira-le a vogal da preposição, e em seu lugar se põe o Viracento [...]” (FEIJÓ, 1734, p. 17) ou ainda para substituir a letra *m* da preposição *com*, “[...] quando antecede vocábulos, que principiam vogal [...]” (MONTE CARMELO, 1767, p. 446).

O apóstrofo não deveria ser usado, segundo Monte Carmelo (1767, p. 446), em palavras como “daquella, délla, déssa”, porque não eram ditas ou escritas separadamente, como “de aquélla, de élla ou de éssa”.

O uso do apóstrofo no *corpus* segue exatamente as recomendações de Feijó e Monte Carmelo, principalmente na substituição da vogal das preposições por esse sinal.

O hífen, no *corpus*, é usado para dividir a palavra na passagem de uma linha para a outra, para ligar os pronomes átonos ao verbo ou ao pronome *vos*: “recomendo-vos”; para separar a palavra composta “Loco-Tenente”; para separar a terminação de segunda pessoa do plural do futuro do subjuntivo *-des*, dos verbos *achar*, *mandar* e *ter*: “achar-des”, “mandar-des”, “tiver-des”; para unir a terceira pessoa do plural do verbo *haver* à preposição *de*: “haõ-de”, ou a preposição *para* ao pronome átono *os*: “para-os”, e para separar palavras como “alicer-ses” e “Vai-sete”.

Também chamado de *conjunção* ou *união*, quando une elementos de palavras compostas ou pronomes átonos a verbos, e *divisão*, *nota de divisão* ou *final*, quando separa uma palavra em duas partes na translineação, o hífen, do grego *hyphen*, era originalmente representado, na união de vocábulos, conforme

Feijó (1734, p. 130), “[...] como um v consoante com uma risquinha antes e outra depois direitas, deste modo -v-.” Mais tarde, para facilitar a escrita, passou-se a usar somente uma risquinha no meio das palavras. Assim, palavras compostas como “passa-v-tempo” e “guarda-v-porta”, passaram a ser escritas como “passa-tempo” e “guarda-porta”.

Feijó e Monte Carmelo não ditam regras de uso do hífen como *conjunção* ou *união*, apenas mostram suas funções. No caso do hífen como sinal de divisão de vocábulos, Feijó (1734, p. 124) diz que pode ser representado com uma ou duas risquinhas (- ou =), como encontramos no *corpus*, e estabelece uma série de regras de translineação.

3.3.8 Translineação

No códice, a translineação, isto é, o ato de separar as palavras no final da linha, de modo a ficar parte da palavra na linha superior e outra parte na de baixo, é marcada por um traço horizontal (-) ou dois traços horizontais (=)¹⁸, estes com maior frequência. Em geral, a translineação respeita os limites das sílabas ou segue determinadas regras como:

- a) Quando a palavra possui duas consoantes iguais, elas são divididas: <Soccor= ro>, <pos= suhio>, <Suc= cessos>, <an= nos>;
- b) Todas as palavras que se iniciam em *ex-* e *in-* são separadas de modo que essas partículas separem-se do resto da palavra: <ex= istem>, <ex= orbitantes>, <in= habilitado>;
- c) Os conjuntos MN, GM, GN e SÇ ficam separados: <dam= nos>, <dom= nos>, <aug= mento>, <aSig= nou>, <Nas= çoens>.

3.3.9 Separação Intervocabular

Uma característica marcante da escrita do códice E11571, própria da época e que pode trazer alguma dificuldade de leitura, é a união de palavras diversas em uma só. Essas ligações acontecem, conforme salienta Houaiss (1967, p. 8), graças à extensão do traçado final da palavra anterior para o traçado inicial da palavra seguinte.

É possível perceber que, no códice, a tendência é escrever numa única sequência gráfica artigos, preposições, conjunções, pronomes e as palavras que lhes estão contíguas: <asCanas>, <doTyranno>, <eIndios>, <mevi>.

Essa ligação de palavras pode ser categórica ou pode ser causada pelo próprio caráter cursivo da escrita, em que a mão do escriba só levantaria a pena para recarregá-la com tinta. No entanto, essas considerações são meras hipóteses, uma vez que não há subsídios relevantes para afirmar qual ou quais seriam as motivações dessa prática. Há que se considerar, no entanto, pela verificação da obra *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar* (1722), de Manuel de Andrade de Figueiredo, especificamente no capítulo “Exercício de louvor das letras”, que essa ligadura entre as palavras pertencia ao próprio aprendizado da escrita.

18 Algumas vezes, os dois traços horizontais são tão pequenos que parecem dois pontos, mas, apesar disso, são marcados com (=).

3.3.10 Sinais de pontuação

Desde o Renascimento até fins do século XIX, a pontuação é condicionada, segundo Houaiss (1967, p. 92), por duas coordenadas: “[...] a do débito rítmico-melódico-respiratório e à da sistemática lógico-gramatical.” Na primeira, é possível observar, por exemplo, o sujeito separado por vírgula do predicado; na segunda, o uso da vírgula sistemática antes da conjunção *e* ou do pronome ou conjunção *que*. Os sinais de pontuação usados na *Memória Histórica*: ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula, ponto-e-vírgula, dois pontos, barras duplas inclinadas, barras simples inclinadas, parênteses e traço horizontal duplo, parecem conjugar, na medida do possível, essas duas coordenadas.

- **Ponto** (.), usado:
 - a) ao final de frases declarativas ou imperativas;
 - b) em final de título;
 - c) depois de numerações;
 - d) depois de números cardinais;
 - e) para separar itens de uma numeração;
 - f) depois da abreviatura *etcoetera*.
- **Ponto de interrogação** (?), usado:
 - a) ao final de pergunta direta.
- **Ponto de exclamação** (!), usado:
 - a) ao final de frase exclamativa.
- **Vírgula** (,), usada:
 - a) para separar o vocativo;
 - b) para separar o aposto;
 - c) antes da conjunção *que*;
 - d) para separar palavras e expressões explicativas como *pois, porque, isto é, etc.*;
 - e) para separar orações adjetivas explicativas;
 - f) antes de conjunções adversativas;
 - g) para separar termos de uma mesma função sintática.
- **Ponto-e-vírgula** (;), usado:
 - a) para separar orações de mesma natureza;
 - b) para alongar a pausa antes de conjunções adversativas;
 - c) para separar itens de uma numeração.

- **Dois pontos** (:), usados:
 - a) para anunciar um esclarecimento ou explicação;
 - b) para anunciar uma enumeração;
 - c) para anunciar uma citação;
 - d) para separar orações de mesma natureza, substituindo, assim, o ponto-e-vírgula ou o ponto.
- **Pontos sucessivos** (. . .), usados:
 - a) para marcar uma suspensão da frase.
- **Barras duplas inclinadas** (//) usadas:
 - a) nas citações ou transcrições, assumindo a função das aspas.
- **Barras simples inclinadas** (/ /) , assumindo a função dos parênteses, são usadas:
 - a) para separar qualquer indicação de ordem explicativa;
 - b) para separar um comentário ou reflexão.
- **Parênteses** (()), usados:
 - a) para “individualizar” o número¹⁹ ou as letras correspondentes às notas de rodapé ou marginais, respectivamente.
- **Traço horizontal duplo** (=) ou (≈) , assumindo a função de travessão, é usado:
 - a) para indicar a fala de uma personagem ou a mudança de interlocutor;
 - b) para pôr em evidência palavras, expressões e frases.

3.3.11 Paragrafação

Um aspecto interessante relacionado à paragrafação do manuscrito é o uso da palavra *Item*, que, segundo Cambraia (2005, p. 125), era usada em textos medievais portugueses para marcar os limites “[...] entre o período e o capítulo, ou seja, os parágrafos [...]”. Em Houaiss (2001) encontramos o advérbio *Item* significando “igualmente; além disso; também” e usado para introduzir um novo fato ou informe em uma numeração. No manuscrito, tal marcação com *Item* aparece treze vezes, cf. linhas: 238 (n. 16), 3236, 3254, 3259, 3266, 3280, 3290, 3295, 3333, 3339, 3353, 3358, 5261.

19 Há somente um caso de nota numérica, correspondente ao número (1), à linha 186, em nota de rodapé.

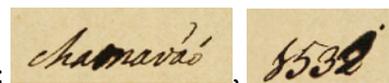
3.3.12 Notas marginais

A inserção de referências bibliográficas e comentários, também de cunho bibliográfico, é feita em nota marginal, que segue a ordem alfabética de A a Z, não sendo inserida nessa ordem a letra J. Quando o alfabeto termina, o sistema de notas continua com o reinício do alfabeto. Esse processo é repetido nove vezes até terminar na nota (d) do fólho 161 recto. Todas as letras, no corpo do texto e nas margens esquerda ou direita, são colocadas entre parênteses. Na edição, essas notas encontram-se em notas de rodapé.

A única nota numérica e no rodapé existente, nota (1) à linha 186, não traz informações de cunho bibliográfico, mas sim informações a respeito da vinda de Martim Afonso de Sousa objetivando colonizar o sul do Brasil, que complementam o texto dado anteriormente.

3.3.13 Sinais de correção, de emenda e anotações do escriba

Quando o escriba percebe que escreveu ou está escrevendo uma palavra errada, volta, a partir de onde começou o erro, e escreve a letra ou palavra correta por cima da anterior, processo conhecido como “arrependimento” seguido de “sobrescrição”²⁰, que ocorre, por exemplo, em:



Para a inserção de elementos no texto, emprega-se entrelinhado superior, cujo lugar de inserção não é marcado por nenhum sinal: cf. <de>, <legoas> e <ve>.

Para destacar partes do texto, sublinha-se o fragmento selecionado, cf.: <Goncallo Coelho>, <deAmerico Vespuccio>, <deCunhanbeba>, <Cunhanbeba>, <Buriquioca>, <deMacacos>, <oPorto dasNaos>, <abarra>.

3.3.14 Sinais de escrita posterior

Encontram-se no códice alguns sinais de correção e intervenção posterior, a lápis ou a giz de cera azul, feitos, por certo, por alguém que, lendo o texto ou pesquisando determinado assunto, encontrou excertos interessantes e, para recorrer a eles posteriormente, destacou-os no próprio texto, ou ainda, encontrando informações não condizentes com a verdade, corrigiu-as. Os sinais são estes:

a) sublinhado a giz de cera azul:

- Fólho 49v.: Amador Bueno;
- Fólho 50r.: Amador Bueno;
- Fólho 50r.: Amador Bueno;
- Fólho 50r.: Amador Bueno para aVilla | deSantos;

20 Cf.: OSTOS; PARDO; RODRÍGUEZ, 1997, p. 116-117.

- Fólio 50v.: deAmador;
- Fólio 50v.: Ama=| dor Bueno.

b) “X” a giz de cera azul:

- Fólio 49v.: margem esquerda;
- Fólio 50r.: margem direita;
- Fólio 50r.: depois da palavra Bueno;
- Fólio 50v.: margem esquerda.

c) sinais a lápis:

- Fólio 13v., margem esquerda: x;
- Fólio 13v., margem esquerda: =;
- Fólio 26r., margem esquerda: x;
- Fólio 26v., margem esquerda: x;
- Fólio 26v., margem esquerda: –;
- Fólio 27r., margem esquerda: x;
- Fólio 27r., margem esquerda: |;
- Fólio 27v., margem esquerda: |;
- Fólio 28r., margem direita: x;
- Fólio 37r., margem direita: x;
- Fólio 37v., margem esquerda: \;
- Fólio 38r., margem esquerda: |;
- Fólio 38v., margem esquerda: |;
- Fólio 38v., margem esquerda: –;
- Fólio 40v., margem esquerda: x;
- Fólio 40v., modificação de 1544 para 1554;
- Fólio 45v., margem esquerda: |;
- Fólio 60r., margem direita: –;
- Fólio 60v., margem esquerda: –;
- Fólio 71v., margem esquerda: x;
- Fólio 90v., margem esquerda: –;
- Fólio 91v., margem esquerda: ?;
- Fólio 91v., margem esquerda: \;
- Fólio 92r., margem direita: x;
- Fólio 92v., margem esquerda: –;

- Fólio 93r., margem direita: –;
- Fólio 94r., margem direita: x;
- Fólio 94v., margem esquerda: –;
- Fólio 97r., margem direita: –;
- Fólio 97r., margem direita: · ;
- Fólio 97r., margem direita: _/_;
- Fólio 97v., margem esquerda: –;
- Fólio 103r., margem direita: |;
- Fólio 103r., margem direita: –;
- Fólio 106r., margem direita: –;
- Fólio 124r., sublinhado: Cidade noannode1712;
- Fólio 125v., margem esquerda: ||;
- Fólio 131v., tachado: 1622;
- Fólio 132v., margem esquerda: ||;
- Fólio 143v., margem esquerda: x;
- Fólio 152v., escrito na entrelinha: De nada.

3.4 Aspectos Linguísticos

A escrita utilizada no códice E11571 frequentemente se assemelha à utilizada na atualidade, porém, em alguns aspectos possui características próprias. A principal delas, que se torna um dos grandes desafios para quem começa a estudar os textos manuscritos e a evolução da língua, é justamente aprender a lidar com a sua realidade heterogênea. Isso, no mais das vezes, exige um rompimento radical com a imagem da língua cultivada pela escola, imagem que homogeneiza a realidade linguística.

Considerando-se que o século XVIII demarca os primeiros indícios de traços específicos que caracterizam o português brasileiro, como salienta Teyssier (1997, p. 95), e que o códice objeto deste trabalho, além de situar-se justamente em fins desse século, é composto de um volume bastante significativo de importantes dados referentes à nossa realidade linguística, faz-se necessário e imprescindível apresentar um panorama linguístico do códice que trará contributos importantes à linguística histórica no que concerne ao estado da língua portuguesa no século XVIII em sua variante brasileira.

O panorama linguístico brasileiro até o século XVIII engloba o português europeu, falado, sobretudo, pelos colonos brancos e seus descendentes; um crioulo ou semicrioulo (adaptação do português) no uso das populações de origem indígena, africana e mestiça; a “língua geral”, de origem tupi, língua de comunicação usada pelos mamelucos e pelos brancos em suas relações com o gentio, além de alguns falares africanos em uso nos quilombos ou entre negros novos, mas ainda não devidamente aporтуguesados.

Nos princípios do século XVIII, procurava-se imitar, na língua escrita, os modelos lusitanos. Havia, como observa Silva Neto (1963, p. 48), uma certa vergonha da linguagem brasileira, “[...] uma tendência para considerar ‘erros’ todas as suas particularidades ou divergência do falar português.” Esse prestígio atribuído ao idioma lusitano deve-se, provavelmente, conforme salienta Vitral (2001, p. 312), à “[...] dominação política daqueles que não falavam a língua da terra [...]”, considerando-se, dessa maneira, que “[...] as línguas gerais eram associadas à barbárie enquanto que a língua portuguesa era vista como a língua da civilização.” Só após a Independência é que surge uma geração sem preconceitos e temores, que aos poucos perde o complexo de colônia e cria uma consciência nacional, através da qual passa a ver na língua não só um instrumento de comunicação entre os homens, mas também “a expressão da sua diferença”, já que “[...] mais do que um patrimônio, a língua é uma realidade onde o sentimento e a consciência nacional se fazem ‘pátria’” (LOURENÇO, 1992, p. 12).

Em meados do século XVIII, o Marquês de Pombal empreendeu uma série de reformas no ensino, com medidas que objetivavam extinguir toda a influência oposta ao modelo linguístico metropolitano, inclusive o uso da “língua geral”²¹, que foi pouco a pouco caindo em desuso, até limitar-se às povoações do interior. Além disso, a expulsão dos jesuítas, em 1759, e a chegada de sucessivas levas de imigrantes portugueses à colônia, segundo Coutinho (1962, p. 380), veio consolidar a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa.

Na Capitania de São Paulo, diferentemente do que aconteceu nas colônias nordestinas, houve um isolamento social e econômico. Os paulistas praticavam a caça aos índios para vendê-los no mercado interno, o que contribuía para a expansão das fronteiras, mas restringia seus contatos ao território brasileiro. Dessa maneira, ficavam afastados da influência da metrópole no que concerne à língua e aos costumes. Tal situação contribuiu para a menor presença dos africanos e a maior quantidade do escravo indígena. Além disso, como boa parte da população masculina da Capitania estava constantemente e por muito tempo no sertão, a educação das crianças era feita pelas mães, de modo que “[...] na rigorosa reclusão caseira, entre mulheres e serviçais, uns e outros igualmente ignorantes do idioma adventício, era o da terra que teria de constituir para elas o meio natural e mais ordinário de comunicação [...]” (HOLANDA, 1976, p. 89).

Ainda que o tupi fosse a língua dominante na Capitania de São Paulo, não se pode excluir a importante presença da língua portuguesa, que, segundo Villalta (2005, p. 339), estava restrita ao espaço público, pois era aprendida na escola e usada nos documentos escritos. Esse fato é confirmado por Vieira (1856, p. 249 apud NAVARRO, 1998, p. 174) quando escreve:

É certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas hoje umas às outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola [...]

Do contato do tupi com a língua portuguesa, em especial na Capitania de São Paulo, constituída por uma sociedade altamente miscigenada, nasceu uma língua de comunicação, também chamada **Língua Geral do Sul** ou **Língua Geral Paulista**. É, como salienta Rodrigues (1986, p. 102),

[...] a língua que no século XVII falavam os bandeirantes que, de São Paulo, saíram a explorar Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e o Sul do Brasil. Por ser a língua desses pioneiros e aventureiros, pe-

21 A expressão “língua geral” foi inicialmente usada por portugueses e espanhóis, segundo Rodrigues (1986, p. 99), para designar as línguas indígenas que eram faladas sobre uma grande extensão territorial. Mais tarde, a mesma expressão passou a ser usada para qualificar uma língua popular, de comunicação, “geral a índios missionados e aculturados e a não-índios” (RODRIGUES, 1986, p. 101).

netrou essa Língua Geral em diversas áreas aonde nunca tinham chegado índios Tupi-Guarani e aí deixou sua marca no vocabulário popular e na toponímia.

Essa língua franca, não aprendida na escola e transmitida pela oralidade, “[...] em situações de aquisição imperfeita [...]”, como observa Mattos & Silva (2001, p. 286-287), seria, talvez, “[...] um português simplificado, com interferências de línguas indígenas [...]”. Essa questão também é levantada por Monteiro (2005, p. 164), que considera o português colonial uma língua corrompida “[...] pela presença de barbarismos africanos e indígenas [...]”.

A Língua Geral do Sul ganhou vida e difundiu-se por todas as camadas sociais, irradiando-se do privado para o público, conforme salienta Villalta (2005, p. 336), formando o que hoje é a variante paulista da língua portuguesa.

▪ A Ortografia

A ortografia portuguesa, segundo Coutinho (1962, p. 80), nunca foi uniforme, havendo nos primeiros tempos uma grande tendência fonética que começou a receber complicações com a exigência de um maior conhecimento do latim para a leitura de escritores clássicos, o que abriu espaço para a influência etimológica.

Com a ampliação do uso da escrita, houve a necessidade de se estabelecer uma periodização da ortografia, que se trata, em verdade, de um problema um tanto complexo, pois talvez não se possa falar em períodos que permitam esclarecer satisfatoriamente a evolução ortográfica.

A partir da ideia da existência de uma série de mudanças históricas, caracterizadas pelo predomínio de um estilo de vida, de pensamento e de cultura, os estudiosos rotularam a ortografia portuguesa conforme a perspectiva e a base ideológica em que se apoiavam. Essa rotulação, um tanto arbitrária, atende ao objetivo didático de situar as diversas formas ortográficas em épocas históricas, *critério cultural*, que, segundo Moisés (2001, p. 15), “[...] enfatizando a interdependência das mudanças culturais, se apóia em datas de valor mais amplo para assinalar o início de épocas histórico-literárias [...]”, como Idade Média, Renascimento, Tempos Modernos; e em tendências, *critério formal* ou *literário*, que isola um período ortográfico pelas principais características que o diferenciam dos outros períodos ou pelo aparecimento duma obra ou dum escritor marcante.

É importante ressaltar ainda que não só a periodização da ortografia portuguesa, mas toda periodização, seja histórica, literária ou linguística, empregada para delimitar grandes períodos e, assim, facilitar o seu estudo, constitui, conforme Moisés (2001, p. 15),

[...] somente pontos de referência, pois nunca se sabe com precisão quando começa ou termina um “processo” histórico: funcionam, na verdade, como indício de que alguma coisa de novo está acontecendo, sem caracterizar a morte definitiva do padrão velho até aí em voga.

Para a ortografia portuguesa foram estabelecidos três períodos, explicitados abaixo segundo as informações contidas em Coutinho (1962, p. 80) e Williams (1975, p. 33):

- 1. Período Fonético:** coincidente com o período do português arcaico, que vai dos primeiros registros escritos em português até o século XVI. O objetivo era dar ao leitor a impressão mais próxima possível da língua falada.

2. Período Etimológico ou Pseudoetimológico: inicia-se no século XVI e vai até o ano de 1904, com a publicação da *Ortografia Nacional*, de Gonçalves Viana.

3. Período Reformado ou Simplificado: Tem início com a publicação da obra de Gonçalves Viana e se estende até os nossos dias. Caracteriza-se pela tentativa de dar à língua uma uniformidade gráfica de que nunca gozou.

O Período Pseudoetimológico, período que compreende o códice objeto deste trabalho, nasce em pleno Renascimento humanista, cuja principal característica foi a admiração pelos tempos clássicos e, em particular, pelo grego e pelo latim. Isso consolidou, por assim dizer, e levou ao extremo a influência predominante da língua latina na escrita do português, o que resultou no “[...] emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonantais impropriamente chamados gregos, de letras como o *y*, *k* e *w*, sempre que ocorriam nas palavras originárias.” (COUTINHO, 1962, p. 81). Ademais, “[...] inscreve-se a troca de *s* final por *z*, em *mez*, *portuguez*, *paz*, etc., que brotou da imitação de palavras como *simplez*, *vez*, *fez*, etc.” (WILLIAMS, 1975, p. 40).

O século XVIII também foi marcado por contradições ortográficas, já que, diante dessa retomada dos estudos clássicos e das concepções gráficas do passado, o escriba via-se “[...] dividido entre a tradição ou o costume ortográfico, a etimologia [...] e as realidades fonéticas da língua que presenciava e que procurava não ignorar.” (BUESCU, 1984, p. 152 apud PINTO, 1988, p. 15). Essa tensão era intensificada pelas prescrições ortográficas dos estudiosos da época, como João Madureira Feijó (1734), Luís Caetano de Lima (1736) e Luís de Monte Carmelo (1767), que “[...] se limitavam a ditar regras de grafia, mas sempre repetindo as falhas decorrentes da variedade de critérios adotados [...]” (PINTO, 1988, p. 17).

3.4.1 Consoantes duplicadas

A duplicação de consoantes, característica marcante no período pseudoetimológico, é abundante no manuscrito e atinge consoantes intervocálicas labiais (bb, ff, pp), palatais (cc), dentais (tt), líquidas (ll) e nasais (mm, nn).

Essa duplicação não tem a função de diferenciar palavras, como ocorre com -rr- e -ss-, cujo uso, segundo Ali (1964, p. 43), “[...] funda-se na necessidade de representar pela escrita sons que, sem essa precaução, se confundiriam com outros [...]”, como *carro* e *caro*, *cassa* e *casa*. O uso das consoantes duplicadas é, na verdade, um reflexo da língua latina ou uma forma de tornar a escrita das palavras mais próxima do latim, fator que só fornecia informação no campo visual, conferindo prestígio à língua portuguesa.

As ocorrências de consoantes duplicadas que não possuem traço distintivo são as seguintes:

• **bb:** *abbade*

• ff: <i>affectada</i>	<i>difficultoza</i>	<i>offerece</i>
<i>affectaõ</i>	<i>diffiriraõ</i>	<i>offereceo</i>
<i>affecto</i>	<i>edifficar</i>	<i>offerecida</i>
<i>affirmado</i>	<i>edifficio</i>	<i>offerecido</i>
<i>deffender</i>	<i>edifficios</i>	<i>offerecidos</i>

deffensa	effectua	offerta
deffensão	efeito	officiaes
deffensavel	efeitos	officina
differença	efficas	officio
differenças	efficaz	officios
differente	efficazes	sufficiencia
differentes	indifferença	sufficiente
differio	indifferente	sufficientes
difficil	offensa	suffocado
difficuldade	offensas	
difficuldades	offereça	

• **pp:** **appelação**

• cc: accederaõ	occazionar	soccorrer
acclamação	occidente	soccorrerem
acclamada	occorreio	soccorro
acclamado	occultamente	soccorros
acclamar	occupa	succeder
accrecenta	occupação	succesivamente
accuzação	occupado	successaõ
eccleziastica	occupando	successivos
eccleziastico	occupava	successo
eccleziasticos	occupavão	successor
occaziaõ	occupou	successores
occazioens	socego	successos

• tt: admittidos	cometteo	prometteraõ
atençaõ	cometteraõ	prometto
atençaens	comettida	remettaõ
attender	comettido	remettemos
attendido	permitter	remetteo
attendivel	promettem	remettidas
attentado	promettendo	remettido

• ll: allega	bacatellas	chancellaria
allegado	bullas	collegio
allegaõ	bullas	colleitor
allegava	capella	collige
allegavaõ	capellas	daquella
allegou	caravella	daquellas
alli	caravellas	daquelle
alliciados	Castella	daquelles
anullava	castello	della
aquella	cavallar	dellas

aquelle	cavallaria	delle
aquelles	cavalleiro	delles
aquillo	cavalleiros	dollo
donzellas	illustre	parallella
ella	illustres	pillaõ
ellas	illustrissimo	pilloto
elle	illustrissimos	pillotos
elleger	illuzão	sellada
elleicão	janelas	selladas
elleição	libellos	sello
elleito	naquella	tabelliaens
elleitores	naquelle	tabelliaõ
elleitos	naquelles	valle
elles	nella	vallerá
estyllo	nellas	vassallo
excellencia	nelle	vassallos
excellentissima	nelles	vella
excellentissimo	nellez	villa
fallar	novella	villas
illegitimos	nullas	zello
illudissem	nullo	

• mm: acommetera	communidade
commandada	imediatamente
commandadas	immediato
commandados	immemorial
commemoração	immensa
commercio	immutabilidade
commodamente	somma
commodidades	summamente
commodo	summariamente
communicando	summo
communicou	

• nn: anno	innovar
annos	innumeraveis
annuaes	innundação
annual	sennado
donnatario	tyrannamente
innegavel	tyrannias
innocente	tyranno
innocentes	

3.4.2 Alterações gráficas com possível repercussão na fala²²

As modificações gráficas encontradas no manuscrito são da seguinte natureza:

1. Por *permuta*:

1.1 *Ensurdecimento*: permuta de um fonema sonoro por um surdo:

1.1.1 bacatellas por bagatelas: palavra que provém, provavelmente, segundo Houaiss (2001), do diminutivo do latim *blica*, *ae*, com troca da surda *-c-* pela sonora *-g-*, uma característica do norte da Itália, com os sufixos *-atto* ou *-ello*.

1.1.2 arecadou por arrecadou: essa palavra estaria ligada ao latim *recaptāre* (com *ar-* protético). Pode ser que o escriba tenha buscado a palavra em sua origem, mas, em vez de *ar-*, agregou um *a-* protético. Pode ser também que houve um lapso de escrita.

1.1.3 prerogativas por prerrogativas: do latim *praerogativa*, *ae*. Do mesmo modo como em “arecadou”, a escrita dessa palavra pode ser etimológica ou apenas um lapso.

1.2 *Vocalização de [l]*: conversão da consoante [l] em final de sílaba no fonema vocálico [u]:

1.2.1 desfraudo por desfraldo; **fraudo** por fraldo: O mais próximo de “fraudo” e “desfraudo” seria o termo *fralda*, que, segundo Houaiss (2001), seria uma metátese de *faldra*, que, por sua vez, seria uma epêntese de *falda*. Lima (1736, p. 115) recomenda que a palavra “desfraudo” deve ser escrita sempre com o ditongo [au].

1.3 *Assimilação*: modificação sofrida por um fonema por estar em contato com um fonema vizinho, do qual adquire traços articulatórios e ao qual se torna mais semelhante:

1.3.1 dieceze por diocese: provém do grego *dióikēsis*, que foi adaptado ao latim *dioecēsis*, *is*.

1.3.2 promutalos por permutalos: do latim *permūto*, *as*, *āvi*, *ātum*, *āre*.

1.3.3 nevegar por navegar: do latim *navīgo*, *as*, *āvi*, *ātum*, *āre*.

1.4 *Dissimilação*: diversificação de um fonema pela existência de outro fonema igual ou semelhante na mesma palavra:

1.4.1 vesporas por vésperas: provém do latim *vespēra*, *ae*.

1.4.2 dezaceis por dezesseis: uma forma histórica de *dezesseis*.

1.4.3 valerozo, valerozos, valeroza, valerozamente por valoroso, valorosos, valorosa e valorosamente, respectivamente: junção da palavra *valor*, do latim tártaro *valore*, e os sufixos *-oso* ou *-mente*.

1.4.4 vareda por vereda: do latim *verēda*, de *verēdus*, *i*.

1.4.5 reclutas por recrutas: do francês *recruter*.

1.4.6 sedomia por sodomia: provém pelo latim de *sodomia*, derivado de *Sodoma*; pelo francês, de *sodomie*.

22 O estudo apresentado neste tópico baseia-se nos vocábulos que apresentam diferenças gráficas em relação ao português padrão atual.

2. Por *aumento*:

2.1 *Prótese* ou *prótese*: acréscimo de fonema no início do vocábulo:

2.1.1 **acompadecer** por *compadecer*: junção do prefixo *com-* e de *padecer*, do latim *patescēre*, de *patior*, *ēris*, *passus sum*, *pati*, ou ainda de *patēre*.

2.1.2 **arrompimento** por *rompimento*: de *romper*, do latim *rūmpo*, *is*, *rūpi*, *rūptum*, *ēre*, + *-mento*.

2.2 *Epêntese*: inserção de fonema no interior do vocábulo:

2.2.1 **subtrair** por *subtrair*: do latim *subtrāho*, *is*, *traxi*, *tractum*, *hēre*.

2.2.2 **deterimento** por *detrimento*: provém do latim *detrimēntum*, *i*.

2.3 *Anaptixe* ou *suarabácti*: um tipo especial de epêntese que consiste em acrescentar uma vogal entre os elementos de um grupo consonantal, um deles *l* ou *r*. Esse fenômeno, segundo Williams (1975, p. 111), decorre justamente da natureza de ambas as consoantes: o *l* de natureza vocálica e o *r* de natureza fortemente vibrante:

2.3.1 **cabocolos** por *caboclos*: conforme Houaiss (2001), seria proveniente do tupi *kara'ïwa* “homem branco” e *oka* “casa”.

2.4 *Ditongação*: união, em uma mesma sílaba, de uma vogal e uma semivogal, formando um ditongo:

2.4.1 **colleitor** por *coletor*: do latim *collector*, *ōris*.

2.4.2 **direitamente** por *diretamente*: proveniente de *direto*, do latim *dirēctus*, *a*, *um*.

2.4.3 **forausteiros** por *forasteiros*: provém do espanhol *forastero*.

2.4.4 **peyor** por *pior*: do latim *pēor* ou *pējor*, *us*, genitivo *peiōris* ou *pejōris*.

3. Por *subtração*:

3.1 *Aférese*: queda de fonema no início do vocábulo. Esse é um fenômeno bastante comum, como salientam Coutinho (1962, p. 172) e Williams (1975, p. 111), mas não ocorre com regularidade:

3.1.1 **thé**, **thê** por *até*: pode ser proveniente do latim *ad tenes* > *atēes* > *atees* > *atés* > *até*, ou do árabe *hattá*.

3.1.2 **Piahy** por *Apiahy*.

3.1.3 **bordagens** por *abordagens*: provém do francês *aborder* em conjunto com o sufixo *-agem*.

3.1.4 **presentar** por *apresentar*: sufixo *a-* mais *presente*, do latim *praesens*, *ēntis*, mais o sufixo *-ar*.

3.1.5 **terminação** por *determinação*: com sentido de “determinação, resolução”, segundo Houaiss (2001), é um vocábulo antigo proveniente do latim *terminatīo*, *ōnis*.

3.2 *Síncope*: supressão de fonema no interior da palavra:

3.2.1 **colatraes** por *colateraes*: junção do prefixo *co-* e de *lateral*, do latim *laterālis*, *e*.

3.2.2 **loges** por *logeas* [lojas]: provém do francês *loge*.

- 3.2.3 prezistem, prezistiaõ, prezistiraõ**, respectivamente, por preexistem, preexistiam e preexistiram: junção do prefixo *pre-* e do verbo *existir*, do latim *exsisto, is, stīti, ěre*.
- 3.2.4 registado, registados, registada, registadas, registrar, registará, registaraõ, registarão, registavaõ, registe, registo, registros, registou**, respectivamente, por registrado, registrados, registrada, registradas, registrar, registrará, registraram, registrarão, registravam, registre, registo, registros e registou: vocábulos provenientes da palavra latina *registrum*. O Português Europeu mantém atualmente a grafia como aparece no códice.
- 3.2.5 reposta, repostas**, por resposta e respostas: do latim *reposita* ou *repõsta*.
- 3.2.6 rezitirãõ** por resistiram: do latim *resistõ, is, stīti, stitum, ěre*.
- 3.2.7 pricipio** por princípio: do latim *principium, ĩi*.
- 3.2.8 surprender** por surpreender: proveniente de *sur-* “sobre” + *prendre*, do latim *prehendĕre*; pelo francês, *surprendre*.
- 3.2.9 contituintes** por constituintes: de *constituir*, do latim *constitũo, is, ũi, ũtum, ěre, + -nte*.
- 3.2.10 iñstumento** por instrumento: do latim *instrumĕntum, i*.
- 3.2.11 pertubou** por perturbou: provém do latim *perturbo, as, āvi, ātum, āre*.
- 3.2.12 Castaheira** por Castanheira: de *castanha*, do latim *castanĕa, ae, + -eira*.
- 3.2.13 homengem** por homenagem: do provençal antigo *omenatge*, ligado ao provençal *ome*, tido como derivado do latim *hominatĭcus*.
- 3.2.14 trancrupta** por transcripta: provém do latim *transcrĭptus, a, um*.
- 3.3 Apócope**: queda de fonema no fim da palavra:
- 3.3.1 pel** por pela: contração da preposição *per* + artigo definido feminino *a*, do latim *la*.
- 3.3.2 Vic** por Vice: do latim *vice*.
- 3.4 Monotongação**: redução, a um único som vocálico, dos dois elementos de um ditongo:
- 3.4.1 baleaz** por baleias: do latim *balaena, ae*.
- 3.4.2 bejo** por beijo: do latim *basĭum, ĩi*. Como a palavra, no texto, está antecedida por palavras provenientes do castelhano, “que sus manos bejo”, há a possibilidade de identificação com a palavra castelhana *beso*, com troca de “s” por “j”.
- 3.4.3 Cananêa** por Cananeia.
- 3.4.4 medêa** por medeia: do latim *medĭo, as, āvi, ātum, āre*.
- 3.4.5 nomee** por nomeie: do latim *nomĭno, as, āvi, ātum, āre*.

4. Por transposição:

- 4.1 Metátese**: transposição de fonemas na sílaba ou entre sílabas. Muito frequentemente envolve consoantes líquidas <l> e <r>, que têm menos estabilidade, podendo também envolver semivogais postônicas que, por metátese, passam a ocorrer junto da vogal tônica. Segundo Ali (1964, p. 46), no português antigo era frequente a metátese da consoante <r>, procurando este som a contiguidade de outra consoante, principalmente *c, t, p* e *f*:

4.1.1 tressados por terçados: de *terço*, do latim clássico *tertius*, *a*, *um*, + *-ado*.

4.1.2 promutalos por permutalos: do verbo latino *permūto*, *as*, *āvi*, *ātum*, *āre*.

4.1.3 preversa por perversa: provém do latim *perversus*, *a*, *um*.

4.1.4 perspectiva por perspectiva: do latim *perspectiva*, *ae*.

4.1.5 prometido por prometido: do latim *promitto*, *is*, *mīsi*, *missum*, *tēre*.

4.1.6 improporcionados por improporcionados: do prefixo *im-* + *proporcional*, ligado a *proporção*, do latim *proportio*, *ōnis*, + *-ado*.

4.1.7 Calros por Carlos.

4.1.8 pertende, pertendem, pertendendo, pertendeo, pertenderaõ, pertendesse, pertendiaõ, pertendido, pertendia por *pretende, pretendem, pretendendo, pretendeu, pretendiram, pretendesse, pretendiam, pretendido e pretendia*, respectivamente: proveniente do latim *praetēndo*, *is*, *tēndi*, *tēntum* ou *tēnsu*m, *ēre*.

4.2 Diástole: transposição do acento tônico de uma sílaba para a posterior:

4.2.1 alvão por álveo: do latim *alvēus*, *i*.

4.2.2 dáquem por daquéem: contração da preposição *de* com o advérbio *aquēm*, do latim vulgar *accuĩnde* > arcaico *aquende*.

4.2.3 dálem por dalém: contração da preposição *de* com o advérbio *além*, do latim (*ad*) *illĩnc* ou *ecce hinc*.

4.2.4 devérão por deverão: do verbo *dever*, do latim *dēbēo*, *es*, *ūi*, *ītum*, *ēre*.

3.4.3 Sistema vocálico e suas variantes gráficas

As vogais, segundo sua posição, podem ser pretônicas, tônicas e postônicas. Dessas, conforme Coutinho (1962, p. 117), as pretônicas são as que, pela sua própria natureza, por serem bem mais frágeis, ficam expostas a alterações e quedas. É o que ocorre no códice, em que se verifica, em alguns casos, alterações vocálicas, em outros, uma oscilação na grafia de determinadas palavras, que ora se escrevem com uma vogal, ora com outra.

Segundo Maia (1986, p. 523 apud MATTOS E SILVA, 2007, p. 29), a fusão, em um único fonema, das vogais /i/ e /e/ finais, deu-se desde muito cedo:

[...] desde o século XIII algumas palavras que terminavam em *i* proveniente de /i/ passaram a ocorrer também com *e*. O fonema resultante dessa fusão dos dois fonemas admitiria diferentes realizações fonéticas, ora [e], ora [i], ora timbres intermediários.

Por volta de 1800, o sistema vocálico do Português Europeu (PE), conforme Teyssier (1997, p. 69), já havia sofrido modificações importantes “[...] no que se refere às vogais realizadas como [e] e [o] em posição átona, tanto pretônica (*meter*, *morar*) como final (*passé*, *passo*).” A vogal *e*, pronunciada como [i] na primeira metade do século XVIII, passa a ser pronunciada como [ë], “[...] uma vogal central, muito fechada e

muito breve [...]” (TEYSSIER, 1997, p. 71). Quanto à variação gráfica entre <u> e <o> no português arcaico, Mattos e Silva (2007, p. 30) afirma que “[...] a grafia <u> é mais freqüente nos documentos mais recuados e dará lugar à grafia <o>.” Entretanto, a partir do século XVIII, a vogal o passa a [u] no Português Europeu (PE) e também no Português Brasileiro (PB).

3.4.3.1 Posição Pretônica

Em posição pretônica, observa-se no PE, em início absoluto de palavra, conforme Teyssier (1997, p. 74), “[...] uma tendência a fazer passar /e/ a /i/, principalmente nos grupos *en-* + *consoante* (ex.: *entrar* pronunciado *intrar*) e *est-* (ex.: *estar* pronunciado como *istar*).” No PB, é possível observar as mesmas transformações em /e/ em contexto inicial que ocorriam no PE. Em relação às pretônicas em geral, entretanto, como salienta Teyssier (1997, p. 101), o PE opera a redução de [e] a [ë] central, que teria surgido no século XVIII, e que é ignorada pelo PB em qualquer posição, que pratica a redução de [e] a [i].

No caso da pretônica [o], tanto no PE quanto no PB ocorre a redução de [o] a [u], que, segundo Teyssier (1997, p. 75), já estava consumada por volta de 1800.

A. palavras grafadas com <i>

bixigas	dispendendo
difinitivamente	dispoticas
dimitice	disvelo
dimitiraõ	impinado
discripção	involver

B. palavras grafadas com <e>

arteficio	despozitivo	lemitaçõens
artelharia	destricto	lemitado
avezinha	dezentressada	lemite
avezinhas	dezentressadamente	letigando
certefico	empossibilite	letigio
certeficou	edioma	letigioza
circunvezinha	ensinuadas	senistra
circunvezinhos	ensinou	vezinha
deligencia	estabilidade	vezita
deligente	lecenceado	vezitador

C. variação <e>/ <i>

destinguirão/ distingue	incobrando/ encobrir
devizoria/ divizoria	inviado/ enviado
dezendõ/ dizendo	letigantes/ litigantes
discendentes/ descendentes	minino/ menino
disconfiança/ desconfiança	rizistir/ rezistir
dizistirão/ dezistirão	sintirem/ sentir

edeficaraõ/ edificarão	serviaõ/ serviaõ
empedir/ impedir	verefica/ verificou
encorporada/ incorporado	vezinhança/ vizinhança
impossem/ empossassem	

D. palavras grafadas com <u>

furquilha
Pindamunhangaba

E. palavras grafadas com <o>

molatos	sobscripta
sobscrevy	sogeição

F. variação <o>/ <u>

comulavaõ/ cumulou	podessem/ pudessem
descoberto/ descubertos	sobio/ subio
monçoens/ munçoens	sogeita/ sugeita
podesse/ pudesse	sospeitar/ suspeita

3.4.3.2 Posição Postônica

A redução de -o final átono para [u] é, já na primeira metade do século XVIII, um fato consumado no PE e também no PB. No entanto, a vogal átona final -e passa a ser pronunciada [i] na primeira metade do século XVIII, fase intermediária do que viria a ser, no PE, a vogal central [ë], “[...] que deve ter aparecido na segunda metade do século XVIII.”: [e] > [i] > [ë]. Tal fenômeno não ocorre no PB, já que a norma é transformar o -e átono final em [i], ignorando, dessa forma, a vogal central [ë] em qualquer posição (TEYSSIER, 1997, p. 71-73).

A. variação <e>/ <i>

quaze/ quazi

B. palavras grafadas com <o>

Matricula

3.4.3.3 Ditongos²³ em Posição Pretônica

23 São considerados ditongos, no século XVIII, conforme Lima (1736, p. 111), “ae, ai, ao, ay, ea, ei, eo, eu, ey, ia, ie, io, oa, oe, oi, ou, oy, ua, ue, ui, uo, uy”, por isso, essa nomenclatura será mantida aqui para esses grupos vocálicos.

A. palavras grafadas com <ea>

criação

B. variação <oi>/ <ou>

oitavas/ outavas

oiteiros/ outeiro

3.4.3.4 Ditongos em Posição Tônica

A. palavras grafadas com <ou>

couza

dous

B. palavras grafadas com <ae>

O ditongo <ae>, no códice, aparece no plural dos nomes em *-al*, como recomenda Lima (1736, p. 112), e na terminação verbal de segunda pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *andar* e *estar*.

actuaes	fundamentaez	quaesquer
andaes	leaes	quintaes
austraes	liberaes	reaes
cabedaes	mayoraes	rivaez
canaveaes	metaes	senhoreaes
cazaes	nascionaes	signaes
cristaes	neutraes	temporaes
espirituaes	pessoaes	
expiritaes	principaes	

C. palavras grafadas com <eo>

Lima (1736, p. 118-120) observa que o uso de <eo> ou <eu> é uma questão difícil, já que entre os autores da época reina uma grande variedade ortográfica. Apesar disso, o autor estabelece as seguintes regras de uso do ditongo <eo>: na “Orthographia dos Pronomes *Meo*, *Seo*, *Teo*, e os Preteritos [...] *Creo*, *Deo*, *Leo*, *Cometeo*, *Estendeo*, *Rendeo*, que muitos escrevem com o Ditongo de EU [...]”

acresceo	corrompeo	esqueceo
agradeceo	correo	estabeleceo
apareceo	cresceo	europêo
atreveo	deffendeo	europêos
attendeo	deo	europêos
ceo	Deos	excedeo
cêo	dependeo	falesceo

cometeo	desceo	iudeo
cometteo	dezapareceo	meteo
comprehendeo	elegeo	morreo
concedeo	ellegeo	moveo
concorreo	entendeo	nasceo
conheceo	escolheo	obedeceo
creo	escreveo	offereceo
padeceo	reconheceo	seo
pareceo	recorreo	seos
perdeo	regeo	substabeleo
precedeo	rendeo	sucedeo
promoveo	respondeo	temeo
proveo	reo	venceo
provêo	reos	vendeo
recebeo	requereo	
recolheo	rezolveo	

D. variação <ou>/ <oi>

Segundo Lima (1736, p. 129), o ditongo <ou> normalmente é confundido com o ditongo <oi> no discurso coloquial. Dessa forma, palavras como *dous*, *ouro* e *mouro*, que devem ser escritas e pronunciadas dessa maneira, são ditas *dois*, *oiro* e *moiro*, respectivamente.

ouro/ oiro
outo/ oito

E. palavras grafadas com <ea>

crear
remedeadas
lecenceado

F. variação <ia>/ <ea>

criado/ creado
sentenciada/ sentenceados

G. palavras grafadas com <ao>

Lima (1736, p. 114) recomenda que devem ser escritas com o ditongo <ao> as palavras “*Gráo*, *Máo*, *Náo* por *Navio*, *Páo*, *Váo* [...] e o plural de todos esses nomes [...]”, como acontece nas ocorrências abaixo.

gráo/ graos
náo
naos/ náos
pao/ páo

H. palavras grafadas com <oe>

No códice, o ditongo <oe> marca o plural dos nomes em *-ol*, quando o *-o* é aberto. Também há um caso de ditongo <oe> no final da palavra *heroe* e, em contexto medial, na palavra *sincoenta*.

espanhoes
heroe
reinoes
roes
sincoenta

I. variação <ae>/ <ai>

A confusão entre os ditongos <ae> e <ai> no século XVIII, conforme Lima (1736, p. 113), era comum. Para o plural dos nomes em *-al*, como dito anteriormente, o mais “correto” seria usar <ae> e, no presente dos verbos da segunda conjugação, como na ocorrência encontrada no códice, o ditongo <ai>.

generaes/ gerais	quaes/ quais
geraes/ gerais	taes/ tais
naturaes/ naturais	tenhaes/ tenhais

J. palavras grafadas com <io>

Todas as ocorrências com <io>, no códice, dizem respeito à terminação de terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

abolio	dirigio	posshio
abrio	dividio	prezidio
assistio	erigio	proceguio
atribuio	existio	produzio
cahio	expedio	repartio
conduzio	extinguio	rezidio
consequio	extrahio	sahio
consentio	fundio	seguio
consistio	introduzio	sentio
constituhio	ouvio	servio
construhio	partio	subio
cumprio	pedio	surgio
demolio	permitio	transferio
descobrio	permittio	vio
differio	persuadio	

K. variação <ua>/ <oa>

averiguar/ averigoar

3.4.3.5 Ditongos em Posição Postônica

A. palavras grafadas com <eo>

pateo

B. variação <ua>/ <oa>

Em relação ao ditongo <ua>, Lima (1736, p. 130-131) diz que deve entrar na composição das sílabas *gua* e *qua* no início das palavras, como “*gualde, guarda, guardar, guarnição, guarnecer; quadro, quatro, qual, qualidade, quantidade, quantia, etc.*” Entretanto, em outros contextos, alguns autores usam <ua> ou <ao> indistintamente, porque “[...] escrevem *Agoa, Lingoa*, e pello contrario *Legua, Magua* [...]”.

agua/ agoa

dezaguar/ dezagoa

leguas/ legoas

lingua/ lingoa

C. variação <ia>/ <ea>

femias/ femeas

É interessante notar que o manuscrito reflete o comportamento variável das vogais, evidente nas gramáticas e ortografias dos séculos XVI a XVIII, como pode ser observado na seguinte citação de Fernão de Oliveira (2000, p. 104 apud MATTOS E SILVA, 2007, p. 27):

Das vogais entre *u* e *o* pequeno há tanta vezinhança que quase nos confundimos dizendo huns *somir* e outros *sumir*, e *dormir* ou *durmir*, e *bolir* ou *bulir*, outro tanto entre *i* e *e* pequeno, como *memória* ou *memorea*, *glória* ou *glorea*.

Mattos e Silva (2007, p. 48) observa que é só a partir da segunda metade do século XVI que uma norma ortográfica começa a se estabelecer. No entanto, considerando-se os casos de variação gráfica explicitados acima, parece que, apesar de já no século XVIII haver uma certa “norma ortográfica”, o escriba, uma pessoa totalmente incorporada no universo da escrita, ainda se vê vacilante diante do sistema vocálico.

3.4.4 Uso de <y> por <i>

A letra <y>, propriamente grega, mas incorporada ao alfabeto latino, funciona como vogal na língua portuguesa e é usada em contextos em que, atualmente, usa-se a vogal <i>. No manuscrito, há palavras em que o <y> possui etimologia grega, latina ou árabe, como: <aldeya>, <bahya>, <comboyeiros>, <estyllo>, <labyrintho>, <martyr>, <martyrizados>, <systema>, <tyranno>, <tyrannias> e <tyrannamente>.

Conforme salienta Feijó (1734, p. 103-105), o <y> é usado na época para evitar a equivocação com palavras escritas com <i> vogal ou <j> consoante, como *Cayado, Cajado* ou *Caiado*; *Veyo, Vejo* ou *Veio*.

Além disso, seria usado em monossílabos como *Ley, Rey, Pay, Muy, Boy* etc., que não têm outra razão senão o uso perpetuado por homens eruditos, e também nas seguintes situações:

Nos compostos da preposição Grega Syn, que significa Como [...] compostos de Chryso, que significa Ouro [...] Os derivados de Pyr-, que significa Fogo [...] Os derivados de Lycos, que significa Lobo [...] Os derivados de Hydor, que significa Agua [...] Os derivados de Physis, que significa Natureza [...] Os compostos da preposição Hyper, que significa o mesmo que Super, ou Ultra [...] Os compostos de Hypo, que he o mesmo que Sub [...]

As ocorrências do código se conformam com as duas primeiras orientações de Feijó, aquelas em que o <y> deve ser usado entre vogais: cf. <mayor>, <meyos>, <creya>, <meyo>, <mayo>, <ideya>, <praya>, <cadeya>, <veyo>, <proveyo>, <baleyas>, <mayoraes>, <cheyo>, <meya>, <veyas>, <peyor>, <creyo>, <assembleya>, <Payo>, <ensayos>, <conveyo>, <receyo>, <Sampayo>, <alheyo>, <arrayal>, <mayormente>, <raya> e <seyo>, e em que é usado no final de determinadas palavras, marcando ditongo: cf. <rey>, <pay>, <Ruy>, <may>, <muy>, <ley>, <frey> e <Godoy>.

No entanto, há casos, segundo Feijó (1734, p. 104), em que o <y> não deve ser usado, mas sim o <i> vogal, por causa da etimologia, como nas terminações verbais e nas palavras que terminam em *-eira* e *-eiro*. No código, essas exceções ao uso de <y> não são respeitadas, já que as terminações verbais de primeira e terceira pessoas do singular do pretérito perfeito e do futuro do presente do modo indicativo são escritas com <y>: cf. <achey>, <escrevy>, <escrevý>, <farey>, <levarey>, <receberey>, <vay>, <citey>, <hey>, <ey>, <mandarey>, <haverey>, <procurarey>, <farey>, <achey> e <sobscrevy>. Encontram-se, também, palavras com as terminações *-eyro* e *-eyra*: cf. <ribeyro>, <Vimieyro>, <OLiveyra>, <Vieyra>, <Pereyra>, <Moreyra> e <Silveyra>.

O <y> encontrado em palavras de origem tupi, significando rio ou água, apresenta representação fonética que não existe na língua portuguesa, mas existe no russo, no romeno e no francês. É uma vogal média pronunciada como o [y] francês, “[...] com a língua na posição para u e os lábios estendidos para i.” (NAVARRO, 1998, p. XVII). No código, esse <y> aparece em posição inicial, medial ou final:

Aguarahy	Guráçoyava	Piahy
Anhanduhy	Iacarehy	Sapucahy
Anhanduhý	Iacarehý	Sapucahý
Anhanduy	Iacuhý	Tamanduatiý
Anhangaboy	Iaguary	Tamoyos
Anhangaboý	Iaguarý	Taquarý
Anhangarivaý	Igurey	Toyucas
Anhenbý	Iperoýg	Tyetê
Araraytaguaba	Itatý	Ubatyba
Atibaya	Itáyáçupeva	Uruguay
Boýguaçúcanga	Iundiahhy	Urugay
Camandoa ocaya	Iundiahý	Uvay
Cananeya	Iuquery	Uvaý
Caybuý	Marambaya	Yapó
Cuyaba	Nitheroý	Yguaçû
Geribatyba	Paraguay	Yguape
Goyas	Parahyba	Yguatemy

Goyazes	Parahybipeva	Yguatemý
Guaratyba	Paraty	Ypanê
Guarey	Paratý	Yrirytyba
Guatemy	Paraybuna	Ytú
Guayanã	Parnahyba	
Guayanazes	Payaguã	

3.4.5 Uso de <h>

A letra <h>, letra muda na língua portuguesa, é usada no início ou no meio de determinadas palavras, antes de vogal e depois de consoante, funcionando, à época do manuscrito, como diferenciadora de certos vocábulos, como “E, conjunção, e He, terceira pessoa do verbo Est, no Portuguez” (LEÃO, 1576, p. 69). Além disso, segundo Feijó (1734, p. 7), é necessária para a manutenção da tradição etimológica latina e grega. Em conjunto com as consoantes C, L e N, formando os dígrafos CH, LH e NH, “[...] o h ganha força de letra na composição [...]” (LIMA, 1736, p. 92).

No códice, o uso do <h> ilustra um pouco do que acontecia no chamado período pseudoetimológico, em que a busca pela grafia etimológica, além de incorporar novas palavras com aspecto latinizado ao léxico, revestia de caráter etimológico vocábulos que já tinham formas vulgares. Destarte, o <h> pode ser encontrado em contextos variados, denotando: apelo etimológico, marcação de hiato, marcação da sílaba tônica, palavras compostas por prefixo *in-*, formação dos grupos consonantais <nh>, <ch> e <lh>, antropônimos, topônimos indígenas e falsa regressão.

3.4.5.1 <h> etimológico

O <h> presente nos vocábulos abaixo provém de palavras originárias do latim ou do grego. Encontram-se substantivos, verbos e advérbios com <h> em posição inicial ou medial. Segundo Ali (1964, p. 44), o emprego do <h> inicial não tinha uma preocupação etimológica, por isso é possível encontrar formas variantes. Por exemplo: *hospital* (l. 1512) e *ospital* (l. 1518), *hey* (l. 1129) e *ey* (l. 6449).

c athedral	d ahy	h ereditaria
c atholico	d ahý	h erege
c oherencia	e xtrahir	h eroe
c ompre h ender	h abil	h istoria
c ontrahentes	h abitar	h istoriador
c ontrahir	h abito	h istorico
d ahi	h aver	h oje
h olandes	h ospedado	p roibição
h omem	h ospedes	p roibição
h omenagem	h ospital	p roibidos
h omicidas	h ostilidade	p roibindo
h omizios	h ostilizado	p rohibiraõ

honorifica	hostilizarem	reprehensã o
honra	humano	reprehensiv eis
honroza	humildade	thezou reiro
hora	humilde	thezou ros
horriveis	labirintho	throno
horror	prohibente	

3.4.5.2 Marcador de hiato

Em certos vocábulos, o <h> tem a função de destacar a presença do hiato. Quando acontece nos verbos, segundo Lima (1736, p. 91), sua função é mostrar que ali se forma uma outra sílaba, porque, achando-se três vogais juntas, pode surgir alguma dúvida relacionada ao tempo verbal, como no caso do verbo *cahir*, ignorando-se se “caia” é o Imperfeito do Indicativo ou a terceira pessoa do Imperativo.

ahy	constituhio	influhio	trahir
atrahir	construhio	iñstituhio	
bahya	descahio	possuhir	
cahir	includhia	preheminencia	
coñstituhinte	includhio	sahir	

3.4.5.3 Marcador de sílaba tônica

O <h> inicial manifestaria uma entonação mais forte na pronúncia de alguns vocábulos, sobresaindo, sobretudo, conforme Ali (1964, p. 44), os “monossílabos he, hũ, hi (ahi)”. Nos exemplos destacados abaixo, o <h> medial também possui essa característica de conferir tonicidade à sílaba em que se encontra.

athe	hê	humas
athé	hera	huns
author	hir	huñs
cathalogo	hũ	thé
he	huã	
hé	hum	

A respeito do uso do <h> inicial em *hél* *hê* ou *he*, provenientes do verbo ser, Williams (1975, p. 35) salienta que, provavelmente, era usado “[...] para distinguir o verbo da conjunção *e*”.

3.4.5.4 Na composição de palavras compostas

Na composição de palavras formadas pelo prefixo *in-* mais palavra iniciada pela letra <h>, verifica-se que esta permanece na composição. Esse é um traço etimológico, já que as palavras destacadas abaixo

derivam, respectivamente, das palavras latinas *inhabilis*, *inhabilito* e *inhabitabilis*, mas, atualmente na língua portuguesa, essas composições perderam o <h> original.

inhabeis
inhabilitado
inhabitavel

3.4.5.5 Nos grupos consonantais <nh>, <ch> e <lh>

Os grupos consonantais <nh>, <ch> e <lh>, conhecidos como dígrafos, aparecem, no códice, nos mesmos contextos em que aparecem atualmente, em palavras como:

NH	CH	LH
Agostinho	achar	batalha
caminho	Anchieta	Carvalho
Castanheira	chamar	castelhanos
conhecer	Charaes	cavalheiro
Coutinho	charco	Coelho
engenho	Charlevoix	Concelho
Espanha	chefe	conselheiro
espanhoes	chegar	escolheo
estranhou	cheyo	escolhido
exponho	choramos	filho
marinha	despachado	ilha
minha	despacho	julho
nenhum	fechou	lhe
raynha	Funchal	melhor
senhor	marchou	melhorar
senhora	Peniche	olhos
testemunho	tacha	semelhança
tinha	tachava	trabalhos
vezinho	trapiche	velhos
vinha	trincheira	vermelhas

No manuscrito há algumas palavras grafadas com <ch>, mas que não têm o som [ç]. Essa letra, correspondente ao X grego, é pronunciada como [k]. Segundo Gonçalves (1992, p. 87), os grupos consonantais gregos são uma herança que os latinos receberam desde o século II a.C. e que, por sua vez, transmitiram ao português. O <ch> grego presente no códice faz parte do universo cultural e linguístico do século XVIII, época em que, conforme Gonçalves (1992, p. 87), houve a valorização da erudição greco-latina e o desejo de luxo e extravagância ortográfica, sintoma de valores intelectuais e culturais da época:

ar ch ivo	ch ristão	Ch risto
Bel ch ior	ch ristaons	Ch ristovaõ
ch ristandade	ch ristaõns	Ch ristovão
ch ronica	Mel ch ior	paro ch o
ch ronista	monar ch a	Pas ch oal
ch ronologia	monar ch ia	

3.4.5.6 Em antropônimos

Conforme Lima (1736, p. 89), a letra <h> também entra na composição de nomes próprios. No códice, o <h> aparece sempre acompanhado da letra <t>, formando o grupo <th>:

A th anazio	Ma th ias
Ba th azar	Th eotonio
Bar th olomeu	Th ereza
C ath arina	Th omas
Ma th a	Th omé/ Th ome
Ma th eus	

3.4.5.7 Em topônimos indígenas

No alfabeto tupi²⁴ não há a letra <h> isolada, ela aparece sempre com o <n>, formando o conjunto <nh>, um alofone da semivogal *î*, em ambiente nasal (NAVARRO, 1998, p. XVIII). Entretanto, no códice, é possível verificar a presença de <h> isolado, ou pelo menos não formando o conjunto <nh>, em palavras de origem tupi, funcionando como um marcador de hiato, com exceção da palavra *Nitheroy*.

Aguar h y / Aguar h y	N h theroy
Anhandu h y / Anhandu h y	Par h ya
Pia h y	Par h ybipeva
Iacare h y / Iacare h y	Parn h ya
Iacu h y	Sapu h ya
Iundia h y / Iundia h y	

3.4.5.8 Falsa regressão

Há casos em que o <h> foi usado por falsa regressão, que tem a ver com a questão de “travestir” palavras comuns de uma origem que não lhes pertence. São eles:

²⁴ A língua tupi, “língua mais usada na costa do Brasil”, formulação do Padre José de Anchieta, pertencente a uma sociedade ágrafa, foi aprendida e gramaticalizada pelos jesuítas com “[...] a finalidade explícita de transformar os gentios em cristãos para a maior glória de Deus, da Companhia de Jesus e do rei de Portugal [...]”, como observa Mattos e Silva (2001, p. 280).

authoridade
autorizados
contheudo/ contheúdo/ contheúdo
theor/ theór

3.4.6 Grupos consonantais <çç>, <ct>, <gm>, <gn>, <mn> e <pt>

Segundo Teyssier (1997, p. 84-85), formas eruditas e semieruditas, reproduzidas a partir do latim, penetraram na língua desde as suas origens e, com o advento do Renascimento humanista e o prestígio dos estudos latinos, houve uma grande ampliação no uso do latinismo, que geralmente constitui a adoção de uma grafia etimológica. Esse processo pode ser observado, no códice, na recuperação ou permanência dos grafemas latinos <çç>, <ct>, <gm>, <gn>, <mn> e <pt> em palavras como:

CÇ	CT	
acção	acto	conducta
circuñspecção	actuaes	conflicto
colecção	actualmente	conjectura
construcção	adjectivo	contracto
direcção	adstrictos	delicto
erecção	affectada	desfructou
iñstrucção	affectaõ	destricto
objecçoens	affecto	directamente
producção	arctico	directo
reflecção	caracter	director
effectuar	consignou	distincto
erectas	dezignio	solemnidade
exacto	dezignou	PT
extinctos	dignasse	adoptou
facto	dignidade	apromptar
fructo	digno	aptos
indirectamente	expugnadores	baptismo
invicto	Ignacio	Baptista
jactancia	Ignes	captivar
objecto	ignominias	captiveiro
prefecturas	ignora	captivo
projecto	ignorancia	escripta
projector	ignorante	escripto
projectou	impugnaraõ	escriptores
ractificou	incognitos	escriptura
rectaguarda	indigno	excepto
respectivos	insignes	exceptuando
retractaõ	insignias	incurrupriveis
tractar	insignificante	manuscripto
tracto	magnifico	obrepticio

victimas	repugnancia	prezumptas
victoria	repugnaraõ	promptidaõ
	signal	prompto
GM	significa	proscriptos
augmentar		sceptro
augmento	MN	septentrional
fragmento	calumnias	sobreescrito
	columna	sobscripta
GN	condemnados	subrepticamente
asignado	condemnar	subrepticio
asignalar	damnado	transcripto
asignar	damno	
benignidade	damnozas	
benigno	domno	

3.4.7 Representação gráfica das terminações nasais

A nasalidade, quando ocorre em final de palavra, é representada pelo <m>: cf. <capitam>, <Conceiçam>, <escrivam>²⁵, <irmam>, <dispoem>, <supoem>, <opoem>, <compoem>, <poem>²⁶, <perdoem>; pelo <n>: cf. <irman>; ou pelo til, que pode recair sobre o <a>: cf. <irmã>, <fundação>, <informação>, <Conceição>, <aplicação>, <oposição>, <devoção>, <coleção>, <navegação>, <erudição>, <guarnição>, <direcção>, <povoação>, <extenção>, <porção>, ou sobre o <o>: cf. <Saõ>, <Balsemaõ>, <repartição>, <averiguação>, <naõ>, <taõ>, <perdaõ>, <Ioaõ>, <doação>, <paixaõ>, <razaõ>, <certaõ>, <occaziaõ>, <armação>.

No plural, encontram-se as seguintes terminações nasais: **-ãs**: cf. <comarcaãs>; **-aens**: cf. <capitaens>, <escrivaens>, <peaens>, <tabelliaens>, <guardiaens>; **-aons**: cf. <irmaons>, <maons>, <christaons>, <orfaons>; **-oens**: cf. <acçoens>, <fundaçãoens>, <regioens>, <embarçaçoens>, <reflexoens>, <tabelioens>; **-ins**: cf. <tupins>, <motins>, <fins>, <confins>; **-oins**: cf. <opinioins>.

As terminações verbais de terceira pessoa do plural, em qualquer tempo do modo indicativo, são sempre representadas pelos ditongos nasais **-ão** ou **-aõ**: cf. pres., <saõ>, <formaõ>, <apontão>, <bastão>, <relatão>, <indicão>, <acrescentão>, <contão>, <dezagoão>; pret. imperf., <eraõ>, <princiavaõ>, <denominavaõ>, <podiaõ>, <haviaõ>, <estavaõ>, <ficavaõ>, <conquistavaõ>, <passavaõ>; pret. perf., <tiveraõ>, <equivocaraõ>, <passaraõ>, <deraõ>, <extrahiraõ>, <procuraraõ>, <enganaraõ>, <chamaraõ>, <formaraõ>; fut. do pres., <cumpriraõ>, <registaraõ>, <faraõ>; fut. do pret., <poderiaõ>.

25 Estas três primeiras palavras, “capitam, Conceiçam e escrevam”, aparecem sempre como abreviaturas, com -am ou -m sobrescrito, da seguinte maneira: cap^{am} ou cap^m, Conc^{am} e escr^{am}. A transcrição procurou respeitar ao máximo a grafia do texto, por isso, nessas abreviaturas, foram conservados os elementos inicialmente sobrescritos.

26 O verbo *pôr* e seus derivados recebem a mesma terminação tanto para a terceira pessoa do singular quanto para a terceira pessoa do plural: **-em**.

3.4.8 Posição das sibilantes

No início do século XVI, segundo Teyssier (1997, p. 60), não havia dúvida quanto ao uso dos quatro tipos de sibilantes, a saber, <c>/<ç>, <s>, <ss> e <z>, porque cada uma delas era pronunciada de maneira diferente, como observa Ferreira (1992, p. 34), o que possibilitava descrições precisas, como aquela feita por Fernão de Oliveira (1536 apud TEYSSIER, 1997, p. 129):

“O *s* singelo”, diz Quintiliano, “é letra mimosa, e, quando a pronunciamos, alevantamos a ponta da língua para o céu da boca e o espírito assobia pelas ilhargas da língua. O *ss* dobrado pronuncia-se como o outro, pregando mais a língua no céu da boca. [...] A pronúncia do *z* zine entre os dentes cerrados, com a língua chegada a eles e os beiços apartados um do outro. E é nossa própria letra. Esta letra *c* com outro *c* debaixo de si virado para trás, nesta forma ç, tem a mesma pronúncia que *z*, senão que aperta mais a língua nos dentes.

Tal descrição pode ser resumida no seguinte quadro:

Quadro 4: Sibilantes pré-dorsodentais e ápico-alveolares, surdas e sonoras. In: TEYSSIER, 1997, p. 60.

	Pré-dorsodentais	Ápico-alveolares
Surdas	/s/ escrito ç, e c antes de e e i ex.: paço	/ś/ escrito s- e -ss- ex.: passo
Sonoras	/z/ escrito z ex.: cozer	/ź/ escrito -s- ex.: coser

Essa uniformização gráfica das sibilantes começa a ser quebrada por volta de 1550, gerando grandes confusões e intensas discussões entre os ortógrafos, especialmente no período pseudoetimológico da ortografia portuguesa, quando surgem, conforme Silveira (2004, p. 108), “[...] duas correntes bem acentuadas, a corrente etimológica, que defendia a grafia erudita, e a corrente fonética, que preconizava a escrita tradicional de acordo com a pronúncia.” Assim, o sistema de quatro sibilantes do galego-português reduz-se, no português comum, a um sistema com apenas dois fonemas: “Uma pré-dorsodental *surda* /s/; ex.: *paço* e *passo* confundidos. Uma pré-dorsodental *sonora* /z/; ex.: *cozer* e *coser* confundidos.” (TEYSSIER, 1997, p. 61).

As dificuldades encontradas pelos ortógrafos da época para explicar o uso das sibilantes se faziam sentir muito mais na prática, o que pode ser confirmado no códice, onde esse conflito permeia todo o texto e pode ser observado nestes casos de oscilação gráfica: <feliz> e <felis>, <felizmente> e <felismente>, <capitanias> e <capitaniaz>, <paço> e <passo>, <forças> e <forsas>.

Abaixo, encontra-se uma seleção de ocorrências que registram:

- **Uso de <c> por <ss>**

acentada	proceguiraõ
----------	-------------

acentardes	socego
acerssaõ	verocimil
proceguio	

- **Uso de <c> por <s>**

aconcelharaõ	cituada
aconcelhasse	cituar
ancia	extaciado
certão	

- **Uso de <c> por <z>**

felices
infelicez

- **Uso de <s> por <ss>**

asegurar	asoladas
asevera	asoladores
asignalar	resuscitado
asignar	sobresaltado

- **Uso de <s> por <c>**

alicerses
mencionado
sensura
sinco
sincoenta

- **Uso de <s> por <ç>**

alcansar
forsas
lansando
lansaraõ

- **Uso de <s> por <z>**

arros
fas

felis
felismente
fes
fós
infelis
iuis

- **Uso de <ss> por <ç>**

acerssaõ
Assores
assucar
passo
piassaba
asso

- **Uso de <z> por <s>**

abuzivas	autenticaz	Brazil
acuzava	authorez	brazileiros
aldeiaz	auxiliarez	brazilica
altissimaz	auzencia	camaraz
ancoraz	auzentar	capitaniaz
animozidade	auzente	caravelaz
antonomazia	avessaz	cauza
aoz	avizo	cauzou
aparatozos	avizou	caza
apozento	Azia	cazado
aprezadas	baleaz	cazal
aprezado	barraz	cazaz
aprezentou	belicozos	cazo
cazou	dezistir	heroez
cazual	dezobediencia	idêaz
cazualmente	dezobrigado	iezuita
clauzula	dezordens	illuzão
cobiçozos	dispozição	indioz
compozição	divizão	infelicez
compuzerão	divizou	inglezes
concedidaz	duvidozos	insolentez
confuzaõ	eccleziasticos	iudicioza
conquistadorez	efficaz	legoaz
continuaz	escabrozo	lembrançaz
cortezmente	escriptorez	lemitez
couzas	escripturaz	lugarez
curiozidade	escuzou	Luzitania

delicioso	espaçozo	marez
devizoria	espoza	maz
dezacerto	executorez	medianaz
dezagoa	expuzesse	memoriaz
dezalocado	fabuloza	meuz
dezampara	fadigaz	mez/ mezes
dezarmar	famozo	militarez
dezatenderão	fantazia	minhaz
dezejava	firmez	mizeravel
dezejozo	forçaz	mizericordia
dezembarcar	formozas	mizero
dezembargador	francez	moradorez
dezembarque	freguezia	mortez
dezenzano	fronteiraz	mulherez
dezentoadas	fundamentaez	naturaez
dezerção	generozo	necessariaz
dezertação	genovez	nomez
dezertando	gloriozo	numeroza
dezerto	grandez	obzequio
dezesperado	guerraz	occação
outraz	prezumptas	secularez
paiz	primeiraz	sediciozos
partez	princeza	seguintez
paulistaz	propozito	sesmariaz
perigoza	provaz	suaz
perigozissima	provinciaz	supozição
perniciozo	provizão	temerозos
pertententez	puzerao	terraz
pezadas	quaze	tigrez
poderozo	quizera	tintaz
populoza	religiozo	trez
porfiadaz	respectivoz	uza
portuguez	rezervou	uzual
prayaz	rezidir	valerозos
prezente	rezolver	vezitar
prezumir	rezultar	
prezumivel	rivaez	

- **Uso de <ç> por <s>**

expulção
extensão

- **Uso de <ç> por <ss>**

depreça
preça

- **Uso de <c> por <x>**

trouce

- **Uso de <x> por <s>**

exforso
expecial
expirito
expiritual
expoliou

- **Uso de <sc> por <c>**

Sceptro

3.4.9 Uso dos pronomes relativos “cujo” e “o qual” (e flexões)

Cujo (e flexões) é um pronome cujo emprego, atualmente, pode ser considerado problemático, na medida em que é visto como responsável por problemas de estruturação de orações quando usado de forma diferente do previsto pela Gramática Normativa (GN). É considerado pelas gramáticas do português padrão como pronome relativo com função adjetiva, que “[...] reclama, em geral, antecedente e conseqüente expressos [...]” na oração (BECHARA, 2001, p. 172). Enquanto pronome relativo, introduz uma oração subordinada adjetiva e possui traço semântico específico de posse, com valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*), como pode ser observado nas seguintes orações do manuscrito:

- (1) osfundos dequazi todas asCapitanias Brazilicas, em **cujos** Domi=| nios, depois de afugentarem innumeraveis Gentios, descobriraõ todas as=| Minas:
- (2) pelo interesse dopáo assim chamado, **decujos** troncos extra=| hiraõ os Portuguezes hum licor *muito estimado para tintaz vermelhas.*
- (3) afama doprimeiro Donatario deSaõ Vicente, **cujo** | nome ainda hoje respeita omundo.
- (4) depassar Sesmarias por hum Alvará, *deque se conservaõ tresCopias | autenticaz, ingeridas nasSesmarias dePedro deGoes, Francisco Pinto, | eRuy Pinto, cujo* Alvará foi passado naVilla deCrato aos 20 *denovembro de | 1530.*
- (5) participou | anovidade aTeveriçã, Senhor dosCampos dePirátininga, **acujo** regulo | toda aNasção dosGuayanavez dava algum genero deObediencia
- (6) hum Engenho d'agoa | chamado daMadre deDeos; **cujo** titulo aodepois semudou pelo deNeves.

No entanto, chama a atenção, no códice, um uso de *cujo* que parece indicar uma ampliação no seu campo de atuação:

- (7) As agoas, e Ilhas denominadas pelo referido Capitão ex=| istem na Costa pela mesma ordem, que no Calendario estão os dias dos=| Santos, **cujos** são os nomes postos por Martim Afonso.
- (8) e como o Religiozo Donatario costumava a Signalar os lugares mais notaveis | com os nomes dos Santos, **cujos** eram os dias, em que a elles chegava a primeira vez,

Em 7 e 8, *cujo* aparece como núcleo do sintagma nominal, com uma função substantiva, equivalendo a *de quem*, e não adjetiva como nos casos anteriores. Segundo Mattos e Silva (2001, p. 113), esse uso de *cujo*, sempre acompanhado do verbo *ser*, funcionando assim como um predicativo do sujeito, era comum no português arcaico, mas “[...] veio a desaparecer, pelo menos nas variantes padrão do português [...]”

Colocada a questão de que, além de seu funcionamento tradicional, o pronome relativo *cujo* assume outro uso que não é apresentado na GN, e que este atinge apenas duas ocorrências das quarenta e uma encontradas, pode-se levantar a hipótese de que o fim do século XVIII coincide com o desaparecimento de *cujo* com função substantiva.

No caso do pronome relativo *o qual* (*e flexões*), percebe-se, em todas as ocorrências abaixo, a repetição do nominal a que se refere:

- (1) lh'esparecer bom possa //
// fazer obem de Seu direito, e justiça em razão dos ditos //
// Reverendos Padres deste Colegio, **o qual** concerto, e renun= //
// ciação, e de zistencia do dito Procurador
- (2) Isto | consta do Auto da posse, que no dia citado deo [o] Iuis de São Vicente | Ruy Dias Machado a Braz Cubas, **no qual** Auto declara o Ta=| belião, que a posse sedera na Praya de Itánheen, termo da Villa | de São Vicente.
- (3) começaram no Rio, *que* cerca em=| redondo a Ilha de Itámaracá, **ao qual** Rio, eu ora puz | onome, Rio de Santa Cruz,
- (4) entraram pelo certão, | e terra firme adentro, tanto quanto puderem entrar, e for da minha | Conquista, **da qual** terra, e Ilhas, pelas sobreditas demarcações | lhe assim faço Doação
- (5) Outro si | lhe faço Doação, em cê de dez legoas de terra de longo da Costa <dadita> | [[dadita]] Capitania, entraram pelo certão tanto quanto puderem | entrar, e for da minha Conquista, **a qual** terra será sua livre
- (6) e mandará com elles certão dos Officiaes dadita terra de co= <mo> | [[de como]] são seus, **pela qual** certão lhe serão despachados os ditos | escravos forros

Essa repetição aparece logo após o relativo *e*, como salienta Mattos e Silva (2001, p. 113), tem a função de reforçar o caráter demonstrativo e “o ‘poder anafórico’ do relativo”.

3.4.10 Concordância nominal

É possível observar que houve certos lapsos na escrita do manuscrito. Um deles está relacionado, na elaboração da frase, à concordância entre as palavras.

Concordância, segundo Bechara (2001, p. 543), “[...] consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada [...]”, é uma espécie de exigência de harmonização entre os constituintes de uma construção gramatical. A concordância nominal, especificamente, estabelece uma relação morfológica entre os “nomes”. No entanto, no código, ao contrário do que recomenda a gramática normativa, há cinco casos em que certos determinantes (artigo ou adjetivo) não estão em concordância (de número) com a palavra determinada (substantivo) a que se referem:

- 1) [...] mas também levantou muito Padroens para aposse [...]
- 2) [...] eabriraõ os alicerse daSua nova Caza.
- 3) O seus habitantes comSocorros [...]
- 4) [...] obediencia aoDonatarios deSão Vicente [...]
- 5) [...] bastantes lavradores nosfundo della [...]

Como o número de ocorrências de “erro de concordância” no *corpus* é muito pequeno, é bem provável que a discordância de número entre os constituintes dos sintagmas nominais não seja causada por um desconhecimento das normas gramaticais, mas seja resultado de lapsos de escrita.

Observando-se os exemplos colhidos da escritura de *Memória Histórica*, percebe-se que o código apresenta aspectos grafemáticos que apontam para uma predominância da ortografia pseudoetimológica, o que revela um “padrão ortográfico” em conformidade com as normas setecentistas. No entanto, é possível observar também exemplos de variações motivadas pela interferência da oralidade, por lapsos de escrita e pela presença do tupi, que, em contato com a língua portuguesa iria formar, em São Paulo, o que se convencionou chamar “Língua Geral do Sul” ou “Língua Geral Paulista”.



4.1 O tipo de edição

A função substantiva da Filologia, que consiste em restaurar o texto, preparando-o para a publicação, tem como etapa mais importante a reprodução textual, ou seja, a edição do texto, que contribui grandemente com o trabalho de profissionais de outras áreas de estudo, além de servir como instrumento de preservação e divulgação de importantes patrimônios linguísticos, históricos e culturais.

O filólogo, além das dificuldades que surgem da leitura dos manuscritos, depara-se com algumas questões importantes, tais como: como editar o texto? Que tipo de edição é a mais adequada? Quais serão os critérios adotados? O primeiro passo é observar dois aspectos primordiais: a finalidade da edição e para quem é destinada. A partir daí é possível selecionar o tipo de edição que melhor atende os objetivos pretendidos.

Foi observando esses aspectos que se chegou à edição semidiplomática como melhor opção de reprodução do *corpus*. Esse tipo de edição, também conhecida como diplomático-interpretativa ou paleográfica, apresenta uma dose mínima de intervenções editoriais, uma delas o desenvolvimento das abreviaturas, com o propósito de apresentar um texto muito pouco afastado do que se acha no manuscrito e facilmente legível a um leitor não especialista em questões filológicas ou linguísticas, ou a um linguista interessado em aspectos linguísticos como o léxico e a sintaxe, para os quais o acesso à aparência gráfica original não é fundamental.

4.2 Normas de transcrição adotadas

O que se pretende neste trabalho, como já foi dito, é preparar uma edição semidiplomática do documento. Para tanto, tomar-se-ão como base as “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do Português do Brasil”, propostas por Cambraia (et al., 2001, p. 23-26), extraídas do livro *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, mantendo-se o mais fiel possível à tarefa de copiar com diligência e cuidado, aproximando-se, dessa forma, da lição original. Entretanto, durante a transcrição, surgiu a necessidade de adaptar alguns critérios (cf. itens 4, sobre espaço intercalar, e 12) e inserir outros (cf. itens 2, sobre o desenvolvimento de “etc.”, 5, 6 e 8).

Abaixo seguem tais normas de transcrição:

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo os seguintes critérios:
 - Respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba;

- No caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual;
 - A abreviatura de “etc.” será desenvolvida como “*etcoetera*”.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver.
 4. A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marcado também com espaço padronizado de quatro toques.
 5. A marcação de separação das partes de uma palavra no final de linha será preservada com as variações que aparecem no original: um traço horizontal (-) e dois traços horizontais (=). Às vezes, os dois traços horizontais são tão pequenos que parecem dois pontos (:); apesar disso, sua representação será pelos dois traços horizontais (=).
 6. As duas barras (//) que marcam citação, hoje representadas pelas aspas (“ ”), serão preservadas.
 7. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração.
 8. O  longo será representado como <s> e o  (dois de conta) será representado como <r>, alógrafos que recebem uma descrição sumária em seção específica: cf. item 3.3.4 do capítulo “Descrição do Códice E11571”.
 9. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
 10. Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou na margem inferior entram na edição entre os sinais < > na localização indicada.
 11. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, será indicada pelo editor entre colchetes duplos [[]].
 12. Intervenções de terceiros no documento original aparecerão em seção especial: cf. item 3.3.14 do capítulo “Descrição do Códice E11571”.
 13. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes [].
 14. A divisão das linhas do documento original será preservada ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: | entre as linhas. Em todo o documento a mudança de fólio receberá a marcação com respectivo número na sequência de duas barras verticais: || 1v. || 2r. || 2v. || 3r. ||.
 15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua.

Quadro 5 - Recursos especiais usados na transcrição²⁷

Recurso	Valor
<i>Itálico</i>	Desenvolvimento de abreviatura
[]	Intervenção do editor
< >	Palavra na entrelinha ou na margem (inserção do próprio copista)
[[]]	Repetição não suprimida pelo copista
	Mudança de linha
	Mudança de fólio

*Clique aqui para acessar a Edição Semidiplomática de
Memória Histórica da Capitania de São Paulo*

²⁷ Essa tabela é uma adaptação do quadro 15 de “recursos especiais usados na transcrição semidiplomática” do *Livro de Isaac*, feita por Cambraia (2000, p. 160).



capítulo 5 Glossário parcial e índices de Memória Histórica da Capitania de São Paulo

5.1 Critérios adotados na elaboração do glossário e dos índices²⁸

Como forma de atender aos objetivos propostos neste trabalho, que são facilitar a leitura do manuscrito e fornecer dados importantes para estudiosos de campos variados, entre eles linguistas e historiadores, verificou-se a necessidade de agregar à edição um glossário e índices de expressões latinas, de antropônimos, de topônimos e de cargos, dignidades e funções.

A ideia inicial de um glossário exaustivo, com registro de todas as palavras que ocorrem no texto, mostrou-se insatisfatória, já que demandaria muito tempo e ocuparia um espaço demasiadamente extenso. Dessa maneira, a melhor opção foi realizar um glossário parcial. Esse glossário²⁹, constituído a partir da edição semidiplomática do *corpus*, abarca vocábulos cujo significado já não é mais usual hoje ou que poderiam trazer dificuldades ao leitor.

Os verbetes são ordenados alfabeticamente, segundo as normas do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras (1981), com letra minúscula em negrito. Utiliza-se, como título dos verbetes, a forma moderna dos vocábulos; não existindo forma correspondente à moderna, utiliza-se a forma presente no manuscrito com adaptação para as normas ortográficas atuais. Caso a forma usual hoje não tenha registro no *corpus*, as entradas recebem colchetes. Nas palavras variáveis, o infinitivo apresenta-se como entrada para os verbos e o singular masculino para os nomes e os adjetivos.

Objetivando não sobrecarregar os verbetes, todos os sinais utilizados na edição para vocábulos nas entrelinhas e margens, colchetes, barras e traços de translineação, além da própria translineação, foram eliminados.

Após a entrada de cada verbete encontram-se as seguintes estruturas:

- Classificação gramatical do vocábulo marcada pelas seguintes abreviaturas:

adj.: adjetivo	m. q. perf.: mais que perfeito
adv.: advérbio	p.: particípio
+ : combinação	pas.: passado
exp.: expressão	perf.: perfeito

²⁸ O termo “glossário” está sendo utilizado aqui como reunião de palavras de sentido obscuro ou pouco conhecido, e o termo “índice”, como lista alfabética que inclui todos os itens considerados importantes dentro de uma determinada obra (no caso, expressões latinas, antropônimos, topônimos e cargos, dignidades e funções), junto aos quais se indica o lugar onde podem ser encontrados no texto (HOUAISS, 2001).

²⁹ O glossário apresentado neste trabalho toma por referências, com adaptações para glossário parcial, o artigo de Mateus (1995) e os trabalhos de Cambraia (2000) e Megale & Toledo Neto (2006), que trazem modelos de organização vocabular.

flex.: flexionado	prep.: preposição
fut.: futuro	pres.: presente
ger.: gerúndio	pret.: pretérito
imperf.: imperfeito	s.: substantivo
ind.: indicativo	subj.: subjuntivo
inf.: infinitivo	v.: verbo
loc.: locução	2g.: dois gêneros
m.: masculino	

- Número de ocorrências entre parênteses;
- Variantes ortográficas e diferentes flexões³⁰;
- Números das linhas em que ocorre³¹;
- Informação semântica³²;
- Contexto acompanhado da respectiva localização entre parênteses³³.

Para a elaboração das informações semânticas foram consultados os dicionários Bluteau (1712), Moraes Silva (1813), Houaiss (2001) e o dicionário eletrônico Infopedia (2007), além de obras de cunho histórico, como as de Porchat (1993), Groppi (2001), Holanda (2001) e Pereira Filho (2007).

O índice de expressões latinas traz as entradas em itálico, a que se seguem os números das linhas em que ocorrem.

Os índices antroponímico, toponímico e de cargos, dignidades e funções não apresentam entradas destacadas, que são acompanhadas pelo número de linhas das ocorrências e pelas variantes ortográficas que aparecem no *corpus*.

30 As variantes ou flexões de um dado vocábulo são apresentadas dentro do verbete de acordo com os seguintes critérios: (i) ordem alfabética, (ii) no caso de nomes com flexão, masculino antes do feminino, e singular antes do plural e (iii) no caso de verbos, segue-se a seguinte ordem: inf., ger., p. pas., pres. ind., pret. imperf. ind., pret. perf. ind., pret. m. q. perf. ind., fut. pres. ind., fut. pret. ind., pres. subj., pret. imperf. subj., fut. subj.

31 Ocorrendo uma mesma forma mais de uma vez em uma determinada linha, o número é repetido. O *corpus* apresenta muitas notas marginais, que foram colocadas nas notas de rodapé da edição. Os vocábulos localizados nessas notas são identificados da seguinte maneira: o número da linha onde está a nota seguido de “n.”, usado aqui como abreviatura de nota, com o número correspondente à nota na edição, entre parênteses, como “361 (n. 31)”, que remete ao topônimo “America Portuguesa”.

32 Quando um vocábulo se relaciona com outro, emprega-se, como sistema de inter-referência, “cf.” seguido do título do verbete a ele relacionado.

33 Os contextos correspondem ao número de significados que possui um mesmo vocábulo, apresentando-se na ordem em que os significados aparecem.

Glossário Parcial

A

acordar v. (2) inf., acordar (1) 6464; pret. perf. ind., acordei (1), 839. Resolver, determinar de comum acordo.
como ounico meyo deacordar em materia, onde não bastaõ osdiscursos sem olhos. (6464)

acreditar v. (2) inf., 418, 5253. Autorizar, confirmar.
bastava só para lheacreditar onome deReino (5253)

acrescentamento s.m. (5) acrescentamento (2) 911, 4664; acrescentamentos (3) 5407, 5432, 5781. Junção de parte a um todo; adição.
por que esses eraõ [...]os verdadeiros Fidalgos com acrescentamento nos Livros delRey. (911)

[adjudicar] v. (1) pret. perf. ind., adjudicou (1) 6486. Conceder, dar legalmente.
demaziada extensão, que selhe adjudicou

[adjutório] s.m. (1) adjutorio (1) 1517. Auxílio, ajuda, socorro.
O mesmo Bras Cubas com esmolas, eadjutorio dos Confrades

[adstrito] adj. (1) adstrictos (1) 6299. Unido a; ligado.
osditos Descobertos, [...] sempre estaõ adstrictos adita Cota.

aforar v. (1) inf., 3229. Conceder em juízo.
poderaõ arrendar, eaforar em fatiota, ou empessoas

[aforado] adj. (1) aforadas (1) 3230. Que se concedeu em juízo.
easditas terras não sendo aforadas

agravante s.m. (13) 4380, 4386, 4389, 4397, 4399, 4404, 4410, 4414, 4429, 4615, 5294, 5296, 5300. Diz-se de quem apresenta o recurso de uma decisão interlocutória proferida pelo juiz ou pelo tribunal.
daSentença que sedeo afavor do Agravante (4386)

agravar v. (8) inf., agravar (1) 255 (n. 18); ger., agravando (3) 4610, 4799, 4857; p. pas., agravado (2) 4380, 5294; pret. perf. ind., agravou (1) 4370; pret. m. q. perf. ind., agravara (1) 4825. Apresentar recurso de agravo, recorrer mediante agravo.
requerimento que fes Bras Cubas para agravar doCapitam Mor (255 n. 18)

agravo s.m. (27) agravo (21) 972 (n. 82), 2187, 2223, 2235, 2243, 2252, 3158, 3158, 3164, 3167, 3169, 3171, 3948, 3979, 4379, 4398, 4612, 4826, 5292, 5298, 6724; agravos (6) 1743, 2532, 3156, 3172, 3946, 5773. **1.** Recurso que se interpõe para juízo ou tribunal superior, a fim de que se modifique ou reforme decisão interlocutória proferida pelo juiz; **2.** ofensa que se faz a alguém; injúria, afronta.
1. *possa conhecer das Apelaçoens, eAgravos, que aelle houverem dehir em qualquer Villa (3172)*
2. *naõ só por mandado deSeus amos, mas tambem por leves agravos (1743)*

[agulhão] s.m. (1) agulhaõ (1) 6178. Pequena agulha de marear que fica no teto da câmara do navio, para que o comandante possa verificar o rumo sem precisar subir ao convés.
/ que tal serra não há nomundo / eo rumo que pelo Agulhaõ seachar fará vossamerce expressar notermo

[alarve] s.m. (1) alarves (1) 2365. Quem é grosseiro, ignorante, sem disciplina alguma.
comque estes ferozes alarves tratavaõ aospobres, emizeraveis Christaõs

- [**alcaidaria mor**] exp. (2) alcaydarias mores (2) 3206, 3211. Condição ou função de alcaide, oficial de justiça.
Ihe assim mesmo faço Doação, [...] por todo o sempre das Alcaydarias Mores de todas as Villas (3206)
- [**aleivosia**] s.f. (1) aleivozia (1) 2348. Deslealdade; injúria, calúnia.
acometerem tal insulto, aleivozia, etraição
- [**aljôfar**] s.m. (1) aljofar (1) 5263. Pérola muito pequena e irregular.
qualquer sorte de Pedraria, Perolas, Aljofar, Ouro, Prata, Coral, Cobre, Estanho
- [**almotacé**] s.m. (1) almotacêz (1) 2757. Inspetor de pesos e medidas, que estabelecia o preço dos alimentos.
Esta igualdade se guardará também na elleição dos Almotacêz
- [**álveo**] s.m. (1) alvêo (1) 6115. Madre ou leito do rio.
fica Servindo de baliza a Madre, ou Alvêo do dito Rio
- alvitre** s.m. (1) 2444. Tributo, imposto, contribuição.
ealem delles damos por alvitre a Vossa Magestade
- [**amotinado**] s.m. (1) amotinados (1) 2113. Que se amotinou; rebelde, revoltoso.
para prenderem tiverão Conselho aberto os amotinados
- amotinador** s.m. (1) 2827. Que amotina, provoca motins, revoltas; agitador.
eincorrer em todas as penas de amotinador do Povo
- [**amotinar**] v. (1) ger., amotinando (1) 2875. Levantar-se em motim; revoltar-se.
por cuja cauza sehia amotinando, erompendo aspazes
- [**animosidade**] s.f. (1) animozidade (1) 98. Valor, ousadia, coragem, audácia.
Pelo certoã atravessava a animozidade dos Paulistas
- [**antonomásia**] s.f. (1) antonomazia (1) 194. Figura com a qual se usa uma denominação que caracterize uma qualidade universal ou conhecida do possuidor em lugar do nome próprio.
Gonçallo Fernandez de Cordova, por antonomazia o Graõ Capitaõ
- [**apear**] v. (1) p. pas., apeado (1) 4444. Demitir de (ofício, cargo, dignidade); destituir.
occupado dador deter sido apeado do Posto de Capitam Mor Governador dadita Capitania
- [**apóstata**] s.m. (2) apostata (2) 2349, 2350. Que renunciou uma religião ou crença; abandonou a vida religiosa ou sacerdotal.
O mor herege, e Apostata, que tem hoje a Igreja (2349)
- [**apresto**] s.m. (1) aprestos (1) 5494. Preparativo.
encarregado ao Capitaõ Mayor [...] os aprestos necessarios para me poder continuar os Soccorros
- [**arear**] v. (1) pret. perf. ind., areou (1) 718. Perder a direção, o rumo; desorientar-se.
Navegando da Cidade do Porto, nesse anno, para o Rio de Janeiro hum Navio, areou o Piloto, e foi dar a Costa na Praya
- armação** s.f. (2) armação (1) 83; armação (1) 494. Base da pesca da baleia.
nolugar, onde hoje existe a Armação das Baleyas. (494)
- [**arraial**] s.m. (2) arrayal (1) 5913; arreal (1) 5546. Pequena aldeia, lugarejo; povoado.
falesceo este Conde General no Arrayal de Tocantins da Comarca de Goyas (5913)
- [**arribar**] v. (2) p. pas., arribado (1) 121; pret. m. q. perf., arribara (1) 518. Alcançar (embarcação) o porto, margem, praia, desviado do caminho, antes de chegar ao fim da carreira.
eempedida de ventos contrarios arribara a Bertioga. (518)

arroba s.f. (6) arroba (1) 1053; arrobas (5) 5875, 5876, 6278, 6284, 6291. Antiga unidade de medida de peso equivalente a 32 arráteis (cerca de 14,7 kg).

O preço ordinario de huma arroba de Assucar fino (1053)

[**arrojar**] v. (1) p. pas., arrojado (1) 724. Lançar com força.

e Salvarem as fazendas, que o mar tivesse arrojado á Praya;

arrojo s.m. (1) 55. Audácia, ousadia.

pedindo operdaõ domeu arrojo em taõ pequena offerta

arrompimento s.m. (1) 2713. Início, começo, princípio.

aquellas duas familias atomarem as Armas com numerozo Sequito de Indios, equaze arrompimento de Batalha

assentar v. (14) inf., assentar (2) 6050, 6094; ger., assentando (3) 616, 3561, 3862; pret. imperf. ind., assentavaõ (1) 3651; pret. perf. ind., assentou (2) 1386, 5153; assentaraõ (5) 1976, 3002, 4849, 5376, 6106; pret. imperf. subj., assentasse (1) 1978. **1.** Determinar, estabelecer; **2.** supor, julgar, presumir.

1. *eseduzidos por este modo, assentaraõ dar a Coroa a algum patricio seu, que os governasse sem dependencia de Portugal. (1976)*

2. *esabendo que os Indios se haviaõ unido aos expugnadores da Fortaleza, assentaraõ, que lhes era impossivel a defensa (3002)*

assento s.m. (7) 6042, 6047, 6056, 6071, 6325, 6344, 6347. Deliberação, determinação, resolução.

Assento, que setomou em Iunta nesta Cidade do Rio de Janeiro (6056)

[**asserção**] s.f. (1) acerssaõ (1) 669. Afirmação categórica.

oque implica com a primeira acerssaõ devirem na Esquadra primeira

assistir v. (17) inf., assistir (1) 963; ger., assistindo (1) 5470; p. pas., assistido (2) 4091, 5428; pres. ind., assistem (1) 2615; pret. imperf. ind., assistia (1) 1430; assistiaõ (1) 1639; pret. perf. ind., assistiraõ (1) 609; assistirão (1) 995; assistio (5) 709, 1015, 1344, 3068, 4099; pres. subj., assista (1) 2453; pret. imperf. subj., assistissem (2) 2137, 5772. **1.** Estar presente, permanecer; **2.** residir, morar. **3.** Ajudar; socorrer.

1. *foi conquistar adita sua Capitania em 1553, [...] enella assistio pacificamente dous annos (709)*

2. *depois de aqui assistir alguns annos, tornou para Portugal (963)*

3. *que nos governe, e assista sem o menor odio, nem paixãõ, e amizade (2453)*

[**assuntar**] v. (1) pret. perf. ind., assuntou (1) 3693. Descobrir; verificar; perceber.

no principio da Conquista assuntou que allha de Guaibe era de Martim Afonso

atalhar v. (4) inf., atalhar (2) 2046, 2692; pret. perf. ind., atalhou (1) 2426; pret. m. q. perf. ind., atalhara (1) 2110. Remediar; impedir que continue, que se propague.

Para se atalhar este perniciozo damno (2046)

augusto adj. (1) 6691. Que merece respeito, reverência; venerável.

utilidade do Serviço de nosso Augusto Amo

austral adj. (6) austral (5) 1388, 1562, 1805, 1813, 3514; austraes (1) 3426. Localizado no austro, no sul; meridional.

á Cidade de Buenos Ayres na margem Austral do Rio da Prata. (1388)

aviltar v. (1) inf., 24. Desonrar; tornar vil, indigno.

procurarãõ denegrir, escurecer, e aviltar acçoens dignas da melhor fortuna

B

[bagatela] s.f. (1) bacatellas (1) 1062. Objeto de pouco valor ou utilidade.

Contas de vidro, buzios, eoutras bacatellas semelhantes

[baluarte] s.m. (3) baluartes (2) 1583, 1585; baluardez (1) 3009. Local seguro; fortaleza para a defesa de um território.

edenovo mandou levantar dous Baluardez (3009)

bandeira s.f. (1) 1255. Expedição de penetração do território durante o período colonial brasileiro (séc. XVI a XVIII), cujos objetivos eram o apresamento de índios e a descoberta de metais preciosos.

apromptou huma Bandeira de Oitenta homens, epor elles mandou examinar oSitio indicado

bando s.m. (1) 5999. Anúncio público; proclamação de um decreto, uma lei.

como secolige doBando, que fes publicar, para esse fim

[batel] s.m. (2) bateis (2) 1301, 4963. Pequena embarcação que servia aos navios antigos.

Embarcase com todos os Espanhoes, eduzentos Indios em dous Bateis (1301)

bater v. (2) inf., bater (1) 4959; p. pas., batida (1) 4962. Batalhar; combater; enfrentar.

foi ganhada por assalto, tendo sido deantes emtres dias Successivamente batida danossa Artelharia (4962)

[belicoso] adj. (2) belicozo (1) 4937; belicosos (1) 332. Guerreiro; que tem comportamento agressivo.

Tamoyos, Indios belicosos, edesconfiados (332)

[benemérito] adj. (1) benemeritos (1) 6559. Que merece honra e louvor por suas boas obras.

os Iezuitas que eraõ osbenemeritos Sujeitos

[beneplácito] s.m. (1) beneplacito (1) 3722. Aprovação; concordância; consentimento.

ordenaraõ com beneplacito de ambos os Povos

[berbigão] s.m. (1) berbigoens (1) 391. Molusco marinho comestível.

pescarem, emariscarem Ostras, eBerbigoens.

[bexiga] s.f. (1) bixigas (1) 6555. Variola.

flagelo dasbixigas

bispado s.m. (5) bispado (2) 6017, 6018; bispados (3) 6082, 6146, 6150. 1. Cargo ou função de bispo; 2. território que está sob a autoridade de um bispo.

1. Ihe sobrevieraõ [...]molestias taes, que sevio napreciza necessidade derenunciar oBispado (6018)

2. manda regular osdous Bispados deSão Paulo, eMinas (6082)

boca s.f. (3) 4225, 4229, 6426. Lugar por onde deságua o rio.

outro estabelecimento naboca doRio Ypanê (6426)

[boqueirão] s.m. (2) boqueiraõ (1) 324; boqueiroens (1) 1108. Grande boca de um rio.

divizou hum boqueiraõ, por todos oslados cercado dehorriveis penhascos (324)

[bordagem] s.f. (1) bordagens (1) 6561. Abordagem; ato de chegar uma embarcação ao bordo de outra para assaltar.

deque faziaõ uzo nasbordagens comque aCometiaõ os nossos

braço s.m. (12) braço (10) 85, 3138, 3413, 3486, 3547, 3558, 4562, 4884, 5032, 6111; braços (2) 1469, 6113. Ramificação lateral de um rio.

otal Rio sedivide em dous braços (1469)

[**brasil**] adj. e s.m. (12) brazil (12) 161, 1230, 2409, 2966, 2972, 3012, 3267, 3269, 3271, 3272, 3274, 3278. Madeira vermelha, pesada e seca.

todo oBrazil, que nadita terra houver, hade ser sempre meu (3272)

[**brenha**] s.f. (1) brenhas (1) 1889. Mata brava; matagal.

efaziaõ gosto dediscorrer pelas brenhas, eterras incultas.

breu s.m. (1) 2474. Betume composto principalmente de sebo, pez e resina, usado para revestir o navio.

vindo desse Reino Enxarcia, Breu, eVelame

breve s.m. (2) 2313, 2422. Carta ou escrito papal, com selo público, que comunica alguma decisão ou concessão de benefícios.

etratarãõ depublicar odito Breve (2422)

brio s.m. (2) 208, 6716. Sentimento da própria honra, valor.

para excitar obrío dos Paulistas (6716)

[**brioso**] adj. (1) briozo (1) 6633. Digno; valoroso; zeloso da sua honra.

anobreza deexpirito deste Povo, que hé naturalmente briozo

C

cabeça s.f. (27) 2831, 3103, 3439, 3441, 3445, 3448, 3452, 3891, 4195, 4228, 4251, 4469, 4470, 4478, 4511, 4620, 4638, 4803, 4821, 4897, 5047, 5060, 5082, 5099, 5103, 5108, 5114. Centro de determinado território; capital.

Santo Amaro, deque hé hojeCabeça aVilla deNossa Senhora daConceiçam (3439)

[**cabeça de casal**] loc. (1) cabessa de cazal (1) 3974. O que tem a posse e a administração dos bens do falecido até a partilha.

eaCondessa suaMay por ficar emposse, eCabessa deCazal

[**cabeceira**] s.f. (3) cabeceiras (3) 6245, 6472, 6540. Local em que está situada a nascente de um rio.

oRio Yguatemy, eem cujas Cabeceiras tem VossaExcelencia mandado lansar osfundamentos dehuma Colonia (6472)

cabedal s.m. (2) cabedal (1) 5316; cabedaes (1) 747. Recursos financeiros; bens, riquezas.

cujas Minas rendem dequintos cada anno para oReal Erario Cabedal avultado (5316)

calaím s.m. (1) 2447. Estanho da Índia.

há muitos haveres, e riquezas, principalmente os metaes deferro, Cobre, Salitre, eCalaim

cama s.f. (1) 6122. Leito do rio.

odito Rio Sapucahy caudalozo, memoravel taõ largo, [...]ecomo tal, com cama invariavel

[**caneú**] s.m. (2) caneû (2) 1083, 1088. Lugar onde as águas reúnem-se.

embarcou-se emSão Vicente, efoi passar oCaneû, aquella Bahya sempre deagua Salgada (1088)

[**canonizar**] v. (1) p.pas., canonizadas (1) 21. Aceitar; reconhecer.

opinioenz detantos homenz doutos, canonizadas por verdades, nahistoria doDescobrimento

capelo s.m. (1) 369. Parte superior do hábito de frades ou monges, que lhes cobria a cabeça; capuz.

vista delonge parece hum Franciscano com oCapelo naCabeça

[capitação] s.f. (1) capitação (1) 6292. Imposto pago por cabeça.

Seus Moradores prometterão voluntariamente asditas cem arrobas deOuro, para lhelevantarem aCapitação

capitular adj. (1) 3004. Com voz em assembleia; acusador.

Despacharão logo hum Plenipotenciario, que fosse Capitular com PedroLopes

[carta de diligência precatória] exp. (1) carta de diligencia precatória (1) 4507. Cf. carta precatória.

passarão os mesmos Officiaes Carta deDiligencia Precatoria, executoria afavor domesmo empossado

carta patente exp. (4) carta patente (3) 4051, 5576, 5809; cartas patentes (1) 4376. Documento em que se define, para oficial das forças armadas, seu posto na hierarquia e o quadro a que pertence.

feito Capitam Mor por tres annos, [...] segundo consta daSua Carta Patente (4051)

[carta precatória] exp. (1) carta precatória (1) 4609. Carta de um juiz a outro para que se proceda aos atos jurídicos necessários para que o juiz tenha condições de julgar.

mandavaõ secumprisse aCarta Precatoria dos Officiaez daVilla Capital deSão Vicente

[caudaloso] adj. (1) caudalozo (1) 6120. Que possui intensa corrente ou fluxo.

sendo odito Rio Sapucahy caudalozo

cavalar adj. (1) 5183. Pertencente à raça do cavalo.

Este dito Iaques tinha passado deSão Paulo com Sua familia, gado Vacum, eCavalar

[cerrado] adj. (1) serradas (1) 2108. Fechado, vedado.

Portas da Igreja, ePortaria, que já seachavaõ Serradas, pretendendo deitar abaixo com iñstrumentos, que levava para este fim

chamalote s.m. (1) 5535. Tecido de pelos de camelo originário do Oriente.

hum embrulho forrado deChamalote gemado

[circunspeção] s.f. (1) circunspeção (1) 2719. Precaução; prudência.

Ordenei sevisse esta materia naRelação deste Estado com toda acircunspeção

[cisma] s.m. (1) sisma (1) 3607. Dissidência de opiniões; desacordo.

Este Capitam promoveo oSisma, teimando, que aPartilha devia ser pelo Rio deSantos

[colateral] adj. (1) colatraes (1) 3122. Que é parente, mas não em descendência direta, mas transversal, como os sobrinhos em relação aos tios.

fazer mercê [...]dejuro, eErdade [...]para [...]Descendentes, como trañsversaes, eColatraes

[coligir] v. (6) pres. ind., colige (6) 247, 512, 1530, 3038, 3609, 5999. Concluir; inferir.

foi aoRio daPrata, como notoriamente se colige daCarta Regia (3038)

comarca s.f. (12) comarca (11) 5015, 5061, 5078, 5230, 5834, 5835, 5913, 5975, 6182, 6193, 6722; comarcas (1) 6143. Espaço de terra em que se encerra a jurisdição de um corregedor; região, território.

Cidade deSão Paulo, eVillas desua Comarca (5078)

[comarcão] s.m. e adj. (2) comarcans (1) 504; comarcaãs (1) 6408. Limítrofe, fronteiroço, vizinho.

Satisfazendo-o acerca doslimites de ambas asCapitanias [...] sem averiguar osdasCapitanias Comarcaãs. (6408)

[comboieiro] s.m. (1) comboyeiros (1) 6550. Que conduz as embarcações (comboios) que acompanham as naus mercantis, para defendê-las.

os mesmos Comboyeiros conservaõ sempre aquelle temor, que desde oprincipio daquella Navegação os oCcupou.

[**comenda**] s.f. (1) comendas (1) 2702. Condecoração concedida a eclesiásticos e a cavaleiros de ordens militares.

Commendador das Comendas de Santa Maria de Olivença

cominação s.f. (1) 4158. Ameaça de castigo, de pena.

temerозos, deque Dom Luis executasse a Sua Cominação

[**comissão**] s.f. (1) comissão (1) 2812. Ordem que se dá para a execução de alguma coisa.

pessoa alguma, que para isso possa ter Comissão, ou faculdade

comportação s.f. (1) 4181. Ato ou efeito de comportar-se; comportamento.

o qual escreveo aos Camaristas, reprovando a Sua Comportação

compridamente adv. (1) 835. Completamente.

oque tudo visto, e outras couzas melhor, emais compridamente era em sua petição contheúdo

conato s.m. (1) 1938. Tentativa de crime.

*enaõ se atrevendo a manifestar seu Conato por conhecerem, que seriaõ Victimias sacrificadas aofuror da-
Plebe*

[**conaturalizado**] adj. (1) conaturalizados (1) 1947. Que se naturalizou.

fingiraõ-se penetrados do amor da Patria, onde estavão conaturalizados

[**concórdia**] s.f. (1) concórdia (1) 2716. Conciliação, paz.

Dezejando eu reduzirlo a uma universal concórdia

[**condestável**] s.m. (1) condestavel (1) 3729. Chefe dos artilheiros nas fortificações.

Paschoal Fernandez habitava nesta Ilha, por ser Condestavel da mencionada Fortaleza

conducente adj. 2g. (2) conducente (1) 1146; conducentes (1) 4186. Que é apropriado, útil para levar a um intento.

fazer alguns requerimentos conducentes a Sua pertença (4186)

confederação s.f. (1) 4951. Associação de pessoas em defesa de uma causa ou de interesses.

dominando aquelles mares na confederação dos naturaes menos barbaros

[**confederar**] v. (1) pret. perf. ind., confederaraõ (1) 1417. Unir-se; aliar-se em confederação.

confederaraõ-se com elles não só todas as Nasçoens de Indios [...] mas tambem a mayor parte dos Vassallos de Teviriçã

[**confim**] s.m. (3) confins (1) 3550; confiãs (2) 764, 5834. Fronteira, limite.

os Autos da demanda, que Bras Cubas moveo a Luis de Goes a respeito dos Confiãs da sua Data de Geribatyba (764)

confinante s.2g. e adj.2g. (4) confinante (3) 6405, 6455, 6462; confinantes (1) 6620. Que confina; fronteiro; vizinho.

eo receio que tinhaõ outros de serem constrangidos ahiem povoala, produzio muita dezerção para as Capitaniaes confinantes (6620)

[**confinar**] v. (2) pres. ind., confina (1) 5833; pret. imperf. ind., confinava (1) 76. Tocar os limites de; fazer fronteira com.

elhedetermino por lemites no Certão pela parte que confina com o Governo das Minas (5833)

confundos s.m. (1) 3488. Local de difícil acesso.

intentarão Situar-se nas duas Ilhas, ou nos Confundos na terra firme

consorte s.2g. (2) consorte (1) 192; consortes (1) 782. Cônjuge; esposo ou esposa.

Foi primogenito de Lopo de Souza, Alcayde Mor de Bragança, e Senhor do Prado, e de sua Consorte Dona Brites de Albuquerque. (192)

[contendor] adj. (2) contendores (1) 6146; contendoras (1) 1678. Adversário, rival.

que nos Pelouros da Camara entrassem sempre Officiaes das familias contendoras em igual numero (1678)

[contumácia] s.f. (1) contumacia (1) 465. Extrema obstinação; insistência.

fora necessario Valer-se de todo o seu exforço, para vencer a Contumacia, com que lhe rezi[s]tirão os ditos Guayanazes.

correger v. (1) inf., 5230. Fazer vistoria; fiscalizar.

que por Ordem Regia baixava ao Rio de Janeiro a correger aquella Comarca

correição s.f. (5) 804, 2874, 3177, 5004, 5014. Visita e fiscalização feita aos estabelecimentos submetidos à jurisdição de autoridade competente.

adita Villa fiquenaõ só encorporada no Governo do Rio de Janeiro, mas Sogeita á Correição daquella Comarca (5014)

[costear] v. (1) pret. perf. ind., costeou (1) 360. Percorrer (algo) pelas margens; margear, rodear.

Costeou a Ilha, ou restinga da Marambaya, que só tem 5 legoas de Comprido

[crenar] v. (1) inf. flex., crenarem (1) 453. Consertar, reparar algo.

dando por Sesmaria ao Velho Antonio Rodriguez as terras fronteiras a Tumiarú, rezervara hum pedaço dellas, para ahy se crenarem as Embarcaçoens.

[cuidar] v. (3) pres. ind., cuidaõ (1) 1549; pret. imperf. ind., cuidavaõ (1) 1243; pret. perf. ind., cuidaraõ (1) 2055. **1.** Achar, julgar, supor; **2.** preocupar-se com, interessar-se por.

1. e por isso Cuidaõ alguns, que a Villa foi creada no tempo del Rey Dom Pedro (1549)

2. em todo o tempo só cuidaraõ em ter o Governo expiritual, etemporal dos Indios do Estado do Brazil. (2055)

[cumpra-se] s.m. (7) cumprace (5) 4166, 4472, 4567, 4568, 4671; cumprasse (2) 4816, 5307. Despacho judicial usado para mandar executar um testamento ou cumprir as decisões de instância superior.

Aos 25 domesmo Janeiro pos ce o Cumprace na Villa de Saõ Paulo (4166)

[cumular] v. (2) pret. imperf. ind., comulavaõ (1) 2693; pret. perf. ind., cumulou (1) 2074. Atribuir, imputar.

estando innocente das Culpas, que dito Bispo lhe cumulou (2074)

[curar] v. (1) p. pas., curada (1) 5135. Prover de cura (pároco) uma freguesia, uma aldeia.

Provizaõ para a Creação da Capella Curada debaixo do titulo de Nossa Senhora da Candelaria

D

dada s.f. (2) 3804, 3805. Cf. data.

elles Suplicantes setemem adita Dada, ou parte della, naõ estar nos Lemes (3805)

[dalém] prep. de + adv. além (6) dalem (4) 434, 2899, 3105, 5007; dálem (2) 5951, 5981. De local muito distante; do lado de lá.

fazer hum Trapiche em terras do Conselho da banda dalem. (434)

dante prep. de + adv. ante (1) 3176. Diante.

Eodito Capitam e Governador poderá por Meirinho dante o seu Ouvidor, e outros quaesquer Officiaes

[**daquém**] prep. de + adv. aquém (5) daquem (4) 2899, 3105, 5007, 5951; dáquem (1) 5980. Do lado de cá; deste lado.

Dom Ioaõ por Graça deDeos Rey dePortugal, edos Algarves daquem, edalem Mar (2899)

data s.f. (19) data (14) 741, 764, 934, 3512, 3616, 3674, 3685, 3766, 3782, 3802, 3830, 3858, 3860, 4400; datas (5) 3077, 3761, 3789, 3796, 3854. Divisão das minas de ouro entre o descobridor e os mineiros; terreno retangular de 20m a 22m por 40m a 44m.

para lhe confirmarem huma Data demeya legoa noCampo. (934)

de contado loc. (1) 3273. Total; à vista.

lhe será logo pago, eentregue emdinheiro deContado pelo Feitor, eOfficiaes della

[**de danado coito**] loc. (3) de damnado coito (3) 3303, 3317, 3982. De relacionamento corrompido, perdido, arruinado física ou moralmente.

que nesta Capitania succedaõ femeas, ebastardos não sendo de damnado coito (3317)

de estampa loc. (1) 6521. De publicação, de reprodução.

epelo mais que contem aSobredita Carta sefas digna deestampa

[**defensa**] s.f. (9) deffensa (9) 492, 535, 1300, 1335, 2021, 3003, 5378, 5824, 5954. Defesa; ato ou efeito de defender.

que selevantasse huma Torre, para segurança, edeffensa dosPortuguezes (492)

deixação s.f. (1) 747. Herança, legado.

Gil deGoes, mortoforma doReino, fizera deixação della á Coroa

demanda s.f. (6) 763, 3931, 3937, 4051, 4176, 4371. Ação ou processo judicial sobre alguma coisa em que se tem direito; litígio.

moveo demanda aLopo deSouza com ofundamento deSeacharem osletigantes nomesmogrão deConsanguinidade (3931)

demandar v. (3) inf., demandar (2) 1212, 6191; pret. perf. ind., demandaraõ (1) 495. 1. Encaminhar-se para algum lugar; 2. alcançar um lugar, atingir; 3. requerer judicialmente.

1. foi demandar aestrada, que vay para Saõ Paulo, eacontinuou thé semeter noRio grande (6191)

2. Quando apparecerão asEmbarcaçoens, edemandaraõ abarra (495)

3. determinei demandar demarcar de Parnambuco athé oRio daPrata 50 legoas deCosta (1212)

[**demorar**] v. (17) p. pas., demorado (1) 592; pres. ind., demoraõ (3) 174, 3100, 3868; demora (4) 361, 399, 1563, 1805; pret. imperf. ind., demoravaõ (2) 1416, 4151; demorava (2) 3512, 3534; pret. perf. ind., demorou (4) 131, 1383, 1396, 6355; pret. m. q. perf., demorara (1) 1391. 1. Estar localizado, situar-se; 2. permanecer por um longo tempo.

1. Mares, econtinente, que demoraõ aoSul daBahya detodos osSantos athé aoRio daPrata (174)

2. Martim Afonso naera de1534 sahio deLisboa para aIndia [...]onde sedemorou alguns annos (1396)

denegar v. (1), inf., 2767. Recusar; negar; não conceder.

selhesdenegar perdão [...]sepoderaõ occazionar novos prejuizos

deputar v. (1) inf., 2571. Destinar.

selhe houver dedeputar renda

derrama s.f. (3) 6280, 6283, 6312. Imposto pago pelos mineradores.

selhes segue grande prejuizo, por que mais Sogeitos á dita derrama (6283)

[**derrogar**] v.(1) pret. perf. ind., derrogou (1) 4100. Tornar nulo; invalidar.

mostrou ser dezafecto aeste Donatario, cujos poderes derrogou, euzurpou

[**desafogo**] s.m. (1) dezafogo (1) 2051. Ato ou efeito de libertar(-se), aliviar(-se).

recebendo dos Padres Iezuitas mayores damnos, que os obrigou ahuma nova alteração, oudezafogo

[desbaratado] adj. (1) desbaratados (1) 1406. Derrotado, vencido.

infere-se do seu destino, que foraõ desbaratados no reconcavo deCananêa.

descoberto s.m. (12) descoberto (1) 6036; descobertos (10) 6221, 6233, 6279, 6287, 6292, 6295, 6298, 6300, 6315, 6627; descubertos (1) 6350. Lugar onde se descobrem minas e são instalados serviços de mineração.

edonovo Descoberto deSão Ioaõ de Iacuhý, que fica muito perto dadita Cidade deSão Paulo (6036)

[desembargo] s.m. (5) desembargo (5) 2505, 2512, 4825, 5689, 5690. Tribunal que consta de presidente, desembargadores e escrivães.

oque sehade achar noDesembargo do Paço deLisboa (2505)

[desembocadura] s.f. (1) desembocadura (1) 6741. Foz do rio; lugar onde o rio despeja suas águas.

oRio Igurey, que defacto sedescobrio com aSua desembocadura namargem Occidental doRio Paraná

[desempossar] v. (1) p.pas., desempossado (1) 4611. Tirar a posse de alguém.

pelo haverem desempossado antes deselhelevantar ahomenagem

desforço s.m. (1) 4859. Medida que visa conservar ou integrar alguém na posse de bem que se lhe tirou de forma injusta e violenta.

obtivera elle Conde Sentença dedesforço aSeu favor

[desfraldo] s.m. (1) desfraudo (1) 4327. Prejuízo, dano.

pelas insolencias, que fazem enaõ emfraudo daSua Capitania, senaõ desfraudo

[despender] v. (1) ger., dispendendo (1) 6753. Fazer despesas; gastar.

dispendendo nesta Obra bastante dinheiro

despenseiro s.m. (1) 3501. Administrador ou governante de um lugar; o que guarda os bens para os administrar.

que veyo com odito Senhor por despenseiro, dehum pedaço deterra naBarra daBertioga

[despótico] adj. (1) dispoticas (1) 1918. Em que há despotismo.

Todas as Ordeñs destes Superiores [...] notoriamente dispoticas, eabuzivas

[despotismo] s.m. (1), dispotismo (1) 6683. Manifestação de autoridade tendendo à tirania e à opressão.

continuarão apraticar odispotismo dos seus maos Costumes

deserviço s.m. (1) 2621. Prejuízo; ato de deslealdade.

risco deConsciencia Sobre aliberdade, ouCaptiveiro dos Indios, Serviço oudeServiço deDeos

[detrimento] s.m. (1) deterimento (1) 4995. Prejuízo, perda.

Esta Villa tendo deterimento os Seus Moradores, em responder perante osOuvidores daCapitania deSão Vicente, conseguirão ficar najurisdicção doRio de Ianeiro

[devassa] s.f. (4) devassas (4) 2721, 2758, 2764, 2782. **1.** Apuração minuciosa de ato criminoso mediante investigação e inquirição de testemunhas; **2.** processo jurídico em que se registram as provas desse ato.

1. *oque constou dasCertidoens, Devassas, emais documentos, emque asfundarão (2721)*

2. *ficaraõ culpados nasDevassas, que odito Ouvidor Geral tirou naquella Capitania (2764)*

[deferir] v. (2) pret. perf. ind., diferiraõ (1) 4829; inf. flex., diferirem (1) 4413. Dar despacho favorável.

diferiraõ com oDespacho atras, eemvirtude delle empossaraõ aodito Capitam Luis Lopes deCarvalho (4829)

[dignar] v. (1) pret. imperf. subj., dignasse (1) 6480. Fazer a alguém capaz e digno de alguma coisa; fazer mercê, favor.

que VossaExcelencia sedignasse deComunicarme os Seus deignios

[dilatár] v. (1) pret. imperf. ind., dilatava (1) 2959. Estender-se.

ACapitania deSanto Amaro [...] dilatavasse naCosta por espaço deSincoenta leguas

[dimanar] v. (1) pret. imperf. ind., dimanava (1) 3625. Provir; proceder.

O mesmo provão osprincipios diferentes, deonde dimanava aSua jurisdição

[diocese] s.f. (1) dieceze (1) 5133. Território de administração eclesiástica de um bispo ou arcebispo.

aAuthoridade Apostolica daDieceze doRio de Janeiro

discorrer v. (3) inf., discorrer (1) 1889; ger., discorrendo (1) 6186; pret. imperf. ind., discorria (1) 3673. **1.** Correr; **2.** expor pensamentos a respeito de algo, discutir, dissertar.

1. *efaziaõ gosto dediscorrer pelas brenhas, eterras incultas. (1889)*

2. *pois athé o mesmo Iorge Ferreira discorria nesta materia (3673)*

[discrepar] v. (1) pres. ind., discrepãõ (1) 576. Diferir; divergir; estar em discordância.

Todos os Historiadorez concordaõ emque Martim Afonso descobrio aCosta Meridional doBrazil, mas discrepãõ entre sy em algumas circunstancias.

[dispêndio] s.m. (3) dispendio (2) 2473, 5415; dispendios (1) 2310. Gasto, despesa.

Situarão Colegios, eCazas feitas comdispendios desuas fazendas (2310)

[divertir] v. (1) pret. perf. ind., divertiraõ (1) 2713. Advertir; convencer alguém a desistir de algo; dissuadir.

seos Prelados dasReligioens, que aly seachavaõ onaõ divertiraõ, evitando aultima ruina daquella Praça

[divisar] v. (2) pret. perf. ind., divizou (1) 324; divizaraõ (1) 536. Avistar, enxergar.

Estando agente deGuerra postada nos lugarez competentes, divizaraõ hum homem (536)

[díizimo] s.m. (9) dizimo (3) 3224, 3235, 3241; dizimos (6) 3263, 4997, 5253, 5270, 5282, 5319. **1.** Tributo pago à Igreja como obrigação religiosa; **2.** a décima parte de um todo.

1. *sem dellas pagar direito, foro, nem tributo algum Somente oDizimo daOrdem do Mestrado deNosso Senhor Iezus Christo. (3224)*

2. *redizima dosDizimos; dadecima parte dos quintos doOuro (5253)*

[dolo] s.m. (1) dollo (1) 3402. Engano com o objetivo de fazer mal; fraude.

Naõ há duvida, que cometeo vicio oEscrivão desta ultima Villa, e, aoque parece, com dollo, emalicia.

[dotar] v. (1) pret. perf. ind., dotaraõ (1) 886. Conceder dote; favorecer com renda permanente.

Elle, eSua mulher fundaraõ, edotaraõ, naVilla deSantos, aCapella deNossa Senhora daGraça

E

em direitura loc. (3) em direitura (1) 5840; em direitura a (1) 2096; em direitura com (1) 6477. Em direção a; diretamente.

embarcara emhum Navio emdireitura aBuenos Ayres. (2096)

oComercio, que essa Capitania fas, em direitura com asterras deste Governo. (6477)

[emolumento] s.m. (1) emolumentos (1) 3793. Aquilo que se ganha; lucro.

pediraõ novas Sesmarias aAntonio Rodriguez, que lhas concedeo gozoso, para se utilizar dos emolumentos.

[enxárcia] s.f. (1) enxarcia (1) 2474. Conjunto de cabos e degraus roliços feitos de corda, madeira ou ferro, que sustentam os mastros de embarcações à vela.

vindo desse Reino Enxarcia, Breu, eVelame

[epitáfio] s.m. (2) epitafio (2) 951, 1498. Inscrição que se põe sobre uma sepultura.

sobre aSua Cova Colocaraõ huma Campa, [...]onde sevé gravado oseu epitafio dotheor Seguinte (1498)

[erário] s.m. (2) erario (2) 1089, 5316. Conjunto dos recursos financeiros; tesouro real. Erário Régio, criado em Lisboa em 1761, era o órgão que concentrava e registrava toda a renda da Coroa.

cujas Minas rendem dequintos cada anno para oReal Erario Cabedal avultado (5316)

esbulhar v. (4) inf., esbulhar (1) 2314; p. pas., esbulhada (2) 4341, 4636; inf. flex., esbulharem (1) 4382. Desapossar; privar alguém da posse de.

estava esbulhada daCapitania deSão Vicente (4341)

[escabroso] adj. (2) escabrozo (1) 32; escabrozissima (1) 1104. **1.** Árduo, dificultoso; **2.** desigual e por onde não se pode andar facilmente.

1. *pelo escabrozo Caminho detraduzir Caracteres escurecidos dotempo (32)*

2. *Subio aescabrozissima Serra doParanápeacaba (1104)*

escambar v. (1), inf., 3320. Trocar; permutar.

nem escambar, nem em outro modo alhear,[...] nem aoutra pessoa dar

[escrivão da puridade] exp. (1) escrivaõ da puridade (1) 3383. Escrivão responsável pelos documentos particulares ou da intimidade do rei.

Bispo deVizeu, domeu Conselho, emeu Escrivaõ daPuridade.

[espoliar] v. (4) p. pas., expoliados (1) 3451; pret. perf. ind., expoliou (3) 113, 1085, 3890. Privar alguém de algo por meios ilícitos; despojar.

Depois que oMarques deCascaes expoliou aosErdeiros deMartim Afonso daSua Villa deSão Vicente (3890)

[espórtula] s.f. (1) esportulas (1) 3755. Donativo em dinheiro; auxílio, ajuda.

porem era mais amigo dedinheiro, einteresse de receber as esportulas competentes aosCapitães pelas Cartas deSesmarias

[estipêndio] s.m. (1) estipendio (1) 2424. Salário ou retribuição.

eraõ livres, eizentos sem sogeição deServidaõ por estipendio

[exarar] v. (1) p. pas., exarados (1) 5885. Registrar por escrito.

pelos motivos exarados naCarta de 8 deoutubro de1722

[excogitável] adj. (1) excogitavel (1) 414. Que se pode cogitar, imaginar.

Naõ hé excogitavel razão, que movesse aoChefe daEsquadra aantepor huma barra perigozissima aoutra excelente

[executória] s.f. (1) executoria (1) 4508. Carta por meio da qual se promove uma execução.

passaraõ os mesmos Officiaes Carta deDeligencia Precatoria, executoria afavor domesmo empossado

[expendido] p. pas. (2) expendidos (1) 6212; expendidas (1) 1881. Exposto ou explicado de maneira minuciosa.

Adita Divizaõ hé justissima não Só pelos fundamentos supra expendidos (6212)

[**expugnador**] s.m. (2) expugnadores (1) 3002; expugnadorez (1) 1973. Aquele que toma ou conquista pela força das armas.

os Indios se haviaõ unido aos expugnadores da Fortaleza (3002)

F

faculdade s.f. (8) faculdade (5) 241, 2812, 3790, 3859, 4911; faculdades (3) 1919, 3823, 6486. Poder e direito que uma pessoa tem para fazer alguma coisa.

lhe concedeo Dom Ioaõ terceiro a faculdade de passar Sesmarias por hum Alvará (241)

facultar v. (1) inf., 1579. Dar permissão; facilitar, permitir.

depois defacultar Dona Anna Pimentel a entrada dos Portuguezes no Campo, varios concorreraõ para ella

[**falda**] s.f. (1) faldas (1) 1471. Base (de colina, serra, outeiro etc.).

edificarão os Companheiros huma Cazinha [...] nas faldas do Outeiro, que agora se apelida de Monserrate.

[**fastidioso**] adj. (1) fastidiosas (1) 1653. Que causa enfado; maçante.

alguns Francezes, cujas palavras se omitem por fastidiosas.

fatiota s.m. (1) 3229. Roupa em geral; porção que cabe a cada participante de uma ação.

das quaes [...] terras poderaõ arrendar, e aforar em fatiota, ou em peçoas, ou como quizer

fautor s.m. (2) 3577, 4363. O que favorece; protetor, defensor.

se declarou Tavares fautor do rival da Condessa, unindo-se a Manoel Rodriguez (4363)

fazer a vela exp. (2) fazer a vela (1) 1251; fas-ce a vella (1) 1381. Começar a navegar; iniciar a viagem.

e entrou logo a dispor-se para se fazer a Vela namonção de 1533 (1251)

[**fazer fundamento**] exp. (1) fazião fundamento (1) 1207. Pretender.

fui informado, que de algumas partes fazião fundamento de povoar a terra do Brazil

[**fazer parelha**] exp. (1) faça parelha (1) 5317. Pôr-se em pé de igualdade; igualar-se.

ficará este com hum rendimento tal, que lhenaõ faça parelha em todo o Portugal, Titulo algum

fiar v. (2) inf., fiar (1) 2570; pres. ind., fio (1) 5427. Confiar.

que se possaõ delles fiar aquelle cuidado, que convem (2570)

filhamento s.m. (3) filhamento (1) 976; filhamentos (2) 907, 992. 1. Acréscimo no livro da nobreza; 2. registro dos nomes filhados no livro da nobreza.

1. o Alvará de Seu filhamento selavrara no Reinado de Dom Ioaõ terceiro (976)

2. El Rey Dom Sebastiaõ, dis elle, deo o Regimento dos filhamentos, de que hoje se uza annode 1572 (907)

flagelo s.m. (1) 6554. Epidemia, praga, surto.

pelo flagelo das bixigas, que consta haver destruido huma grande parte

fogo morto exp. (1) 1489. Diz-se de engenho de açúcar que não está mais em atividade.

Nesta Villa do Porto de Santos, que elle Bras Cubas povoou de fogo morto, sendo o Sitio desta Villa tudo mato

folgar v. (4) inf., folgar (2) 3117, 5779; fut. pret. ind., folgaria (2) 298, 1175. Ter prazer; alegrar-se.

Porque folgaria saber as mais novas devós, edoque lá tendes feito (298)

fomentar v. (4) inf., fomentar (3) 1056, 1149, 2466; pret. perf. ind., fomentaraõ (1) 1960. 1. Desenvolver, estimular; 2. incitar, instigar.

1. Para fomentar o Comẽrcio iñstituhio Martim Afonso huma Sociedade mercantil (1056)

2. *Fomentaraõ a Vaidade dos Ouvintes exagerando omerecimento dos Paulistas principaes* (1960)

[fomento] s.m. (1) fomentos (1) 2054. Proteção, auxílio.

Com estes fomentos sefoi gerando nosPaulistas huma dezafeição aos Iezuitas que emtodo otempo só cuidaraõ emter oGoverno expiritual, etemporal dos Indios doEstado doBrazil.

foral s.m. (15) 3204, 3208, 3210, 3243, 3256, 3278, 3280, 3294, 4199, 4217, 4262, 4491, 4493, 4723, 4725. Escritura elaborada pelo rei em que estão registrados os direitos e os tributos reais sobre as terras conquistadas.

Traslado doForal daCapitania deSaõ Vicente, deque hé Capitam Martim Afonso deSouza (4725)

força de fado loc. (1) 92. Força do destino, da sorte; decreto do destino.

os intrepidos moradores daCapitania deSaõ Vicente, [...] oupor força defado, ou pordesgraça dasua Capitania, eventura das Outraz, sempre foi predominante apaixaõ de conquistar

foro s.m. (15) foro (8) 677, 996, 1635, 3185, 3219, 3223, 3234, 3241; foros (7) 907, 1008, 1527, 1867, 2939, 3230, 3881. **1.** Tributo procedido de coisa foreira ao direito do senhorio; **2.** direitos, privilégios.

1. *ninguem teria necessidade delavrar predios alheyos, obrigando-se aSolução deforos annuaes.* (1008)

2. *ehuma dasSuas principaes acçoens foi conceder foros deVilla noPorto deSantos.* (1527)

fortuna s.f. (4) 24, 56, 1374, 4945. Sorte; ventura.

VossaExcelencia pode melhorar-lhe afortuna, que lhefalta (56)

[fragosidade] s.f. (1) fragozidade (1) 6580. Aspreza de caminho.

oRio [...]enaõ permitte pela sua fragozidade, que sepossaõ varar Canoas para seevitar aquelle tranzito

[fraldo] s.m. (1) fraudo (1) 4327. Benefício.

pelas insolencias, que fazem enaõ emfraudo daSua Capitania, senaõ desfraudo

francamente adv. (1) 6448. Livremente; livre do pagamento de quaisquer tributos, impostos.

pode VossaExcelencia estender francamente todos os estabelecimentos que puder para aquella parte

franquear v. (1) inf., 6547. Dispensar do pagamento de impostos.

Resta porem, aomeu parecer, huma difficuldade que vencer, para detodo sefranquear adita Navegaõ

[franqueza] s.f. (1) franquezas (1) 5590. Isenção do pagamento de tributos.

egozarã detodas as honras, privilegios izençoens, franquezas, preeminencias

[frívolo] adj. (1) frivolos (1) 1897. Que não tem fundamento; inconsistente.

ecomfrivolos pretextos faltavaõ aobediencia em selhes vedando aescravaidaõ daquelles homens livres

frontaria s.f. (1) 3141. Na fronteira, a parte mais avançada.

Ilhas, que houverem thé dez legoas aoMar nafrontaria, edemarcação dasditas 80 legoas

[funesto] adj. (2) funestas (2) 1153, 2046. Que causa danos; perigoso, prejudicial.

As funestas Consequencias domal conciderado Alvará deDona Anna Pimentel (1153)

futurição s.f. (1) 1343. O que está por vir; qualidade de coisa futura.

este Posto deGovernador, [...] ainda seachava no estado dafuturição quando Martim Afonso assistio em-Saõ Vicente

G

[galeão] s.m. (2) galeoens (2) 2472, 2479. Navio redondo, a vela, de alto bordo, usado no transporte de cargas de alto valor.

sepode em toda esta repartição do Sul fazer Naos de alto bordo, e Galeoens pela abundancia das madeiras (2472)

gemado adj. (1) 5535. Cujá cor é semelhante à da gema do ovo; ornado com gemas (pedras preciosas).
hum embrulho forrado de Chamalote gemado

[glosa] s.f. (1) glozas (1) 3369. Comentário.
revogo a Ley mental, equaesquer outras Leys, Ordenaçoens, Direitos, Glozas, e Costumes

[górdio] s.m. (1) gordio (1) 3411. Nó.
Para que não tivesse lugar a iñstancia acrescentou duas oEscrivaõ, cortando-o no Gordio, que não podia dezatar, e com igual facilidade mutilou a Carta de Martim Afonso

[gostoso] adv. (4) gostozo (1) 3792; gostozos (3) 1361, 2005, 5396. De maneira agradável; com prazer.
arrendidos já do Seu absurdo, foraõ gostozos acclamar ao Senhor Dom Ioaõ o quarto (2005)

[grassar] v. (1) pret. perf. ind., grassou (1) 1042. Multiplicar-se, propagar-se, espalhar-se.
grassou a plantação das Canas com tanta felicidade, que [...] se multiplicarão os Engenhos

H

[haver mister] exp. (1) há mister (1) 2441. Haver necessidade de; ser preciso.
que para hum barbaro, emuitos que não tem uzo de rezaõ, menos há mister para fazerem mil excessos

[herdade] s.f. (18) erdade (18) 3121, 3144, 3148, 3206, 3214, 3254, 3260, 3268, 3281, 3296, 3385, 3388, 3980, 3981, 4220, 4395, 5151, 5257. Herança.
lhe assim faço Doação, emercê de juro, e Erdade para todo sempre, como dito hé. (3144)

[homizio] s.m. (1) homizios (1) 2688. Crime sob pena de morte ou desterro.
por serem os ditos Padres acauza de todos os homizios como a experiencia tinha mostrado.

I

[ideado] adj. (1) ideada (1) 6193. Que foi imaginado, idealizado.
ficando por esta mal ideada Demarcação introduzida a Comarca

idear v. (1) inf., 6119. Imaginar, idealizar.
Esta Divizaõ assim feita, hé melhor, emais Segura que sepode idear

[ignomínia] s.f. (1) ignominias (1) 2335. Grande desonra; humilhação.
cessariaõ, as ignominias, Calumnias, e afrontas, que os Reverendos Padres lhe impuzeraõ

[indiviso] adj. (1) indivizo (1) 6407. Inteiro; indivisível.
Satisfazendo-o acerca dos limites de ambas as Capitánias; asquais, achando-se naquellas partes por indivizo

[indizível] adj. (1) indizeis (1) 98. Extraordinário, incomum.
Pelo certão atravessava a animozidade dos Paulistas com indizeis trabalhos

[indômito] adj. (1) indomitos (1) 4952. Bravo, indomado; arrogante.

naconfederação dos naturaes menos barbaros com oSeu tracto, posto que pelaSua natureza mais indomitos, que todos os doBrazil.

[indústria] s.f. (3) industria (3) 1941, 3902, 4939. Astúcia, artimanha.

esperando conseguir por meyo da industria, oque não haviaõ de alcansar, sefossem penetrados seus intentos. (1941)

[insigne] adj. (1) insignes (1) 965. Que é notável por suas obras ou feitos; destacado, ilustre.

numeravaõ osdenominados Iezuitas entre os Varoens insignes em virtudes

interinamente adv. (2) 2999, 6745. Provisoriamente, temporariamente.

foi mandado para Governar aIndia, epara interinamente governar aCapitania (2999)

interino adj. (3) 3613, 6748, 6755. **1.** Aquele que ocupa provisoriamente função ou cargo público, na ausência ou impossibilidade de seu titular; **2.** provisório, temporário.

1. elegeo oGovernador Geral doEstado para Ouvidor, eCapitam interino aLorge Ferreira (3613)

2. Durou este Governo interino athé 5 deJulho de1788 (6755)

[interpresa] s.f. (1) interprezas (1) 3714. Ataque inesperado.

Estes Indios [...] com furor taõ destemido, [...] que pouco faltou para adespovoarem todos osBranços temerозos dasSuas interprezas crudelissimas.

[intrépido] adj. (3) intrepido (2) 509, 1377; intrepidos (1) 91. Que não tem medo do perigo; corajoso.

Moschera, aquelle varaõ intrepido, que não temeo osSoldados (1377)

[intróito] s.m. (1) introito (1) 415. Entrada, local de entrada.

Se ointroito foi pela terceira barra, porque não desembarcou agente nomesmo lugar

Invocação s.f. (1) 1650. Santo ou pessoa a quem se rogo proteção; proteção divina.

edifficaraõ, huma com otitulo deNossa Senhora dos Pinheiros, eoutra com invocação deSaõ Miguel.

[irrefragável] adj. (1) irrefragavel (1) 1851. Que não se pode recusar, que não se pode contestar.

Com esta noticia irrefragavel seconvence de falsa ado Beditino Francez

J

[jactância] s.f. (1) jactancia (1) 19. Vaidade, orgulho, arrogância.

Tributo aVossaExcelencia esta pequena offerta, [...]sem interessar mais nada, que ajactancia domeu acerto.

[judicioso] adj. (1) iudicioza (1) 7. Crítico; que é justo em seus julgamentos.

Offerecida, e dedicada a Iudicioza Curiozidade do Illustrissimo e ExcelentissimoSenhor

[juramentado] adj. (1) ajuramentados (1) 4421. Que prestou juramento em que se obrigou a fazer uma coisa.

eos mais homens, que lheparecer, que bem o entendaõ, todos ajuramentados

L

[ladear] v. (1) ger., ladeando (1) 1821. Correr paralelamente a; estar situado próximo a.

noRibeiro chamado Tamanduatiy, [...]que ladeando o mesmo Outeiro, pela parte do Nascente

lagamar s.m. (3) 402, 1092, 1108. Lugar onde se pode ancorar com toda a segurança e em qualquer tempo.

O mar Brazilico vem formar hum espaçozo lagamar entre a terra firme, e as duas Ilhas de São Vicente, e Santo Amaro. (1108)

lavar v. (27) inf., lavar (2) 1007, 5812; p.pas., lavado (6) 956, 960, 3524, 3572, 3847, 4156; lavrada (10) 757, 785, 786, 896, 902, 920, 1112, 1486, 3698, 3822; lavradas (3) 1026, 3594, 3851; pres. ind., lavrao (1) 4242; pret. imperf. ind., lavravao (1) 1465; pret. perf. ind., lavrou (2) 286, 3473; pret. m. q. perf. ind., lavrara (2) 976, 1533. **1.** Expressar por escrito; **2.** explorar (terreno de mineração).

1. mandou Sua Magestade lavar o Alvará do theor Seguinte. (5812)

2. tem hoje tres, ou quatro homens, que lavrao no Sitio, e fora os que há pordentro dorio (4242)

legacia s.f. (1) 2185. Território submetido ao governo de um legado (representante eclesiático).

no Tribunal da Legacia se passou a Provizaõ embargada

levantamento s.m. (4) levantamento (2) 2394, 5753; levantamentos (2) 2337, 2425. Ação conjunta de insubordinação; revolta.

se hiao já fulminando Levantamentos, e incendios, mortes, e outros insultos (2425)

[libelo] s.m. (1) libellos (1) 3970. Apresentação de acusação.

Vistos estes Autos, Libellos dos Autores o Conde, e Condessa de Monsanto

[litigante] adj. 2g. e s. 2g. (2) litigantes (1) 3931; litigantes (1) 3569. Cada uma das partes em um processo litigioso.

naõ quis mostrar-se apaixonado por alguma das partes litigantes. (3569)

[litigar] v. (1) ger., litigando (1) 853. Disputar; contender.

Letigando Pedro Leme, e sua Irmã Lucrecia Leme, Netos do Iustificante

[litigio] s.m. (3) litigio (3) 4280, 4291, 4373. Conflito de interesses; contenda.

oproveraõ de Provedor da Fazenda Real, deixando ainda pendente o litigio. (4373)

[litigioso] adj. (2) litigiosas (2) 3934, 4039. Que é objeto de contestação, de disputa na justiça.

naõ requireo confirmação por Successão das duas Capitancias litigiosas (4039)

loeste s.m. (4) 3126, 3129, 3135, 4246. Oeste.

huma linha, que cortará aloeste pela terra firme adentro (3135)

M

madre s.f. (2) 6115, 6573. Largura do leito do rio.

hé navegavel por muitos mezes, edá hum facilissimo tranzito fora da Madre do Rio (6573)

marinha s.f. (12) marinha (10) 14, 1155, 1576, 4625, 5025, 5078, 5836, 5957, 6359, 6371; marinhas (2) 3215, 3218. **1.** Local onde se represa a água do mar, para extrair dela o sal pela evaporação; salina; **2.** praia; **3.** aquilo que é relativo à navegação por mar.

1. ehajaõ todas as Moendas de Agoas, Marinhas de Sal, equaes quer outros Engenhos (3215)

2. Fes povoar a Enseada de Guarátuba, na Marinha de Parnagua (6359)

3. e Encarregado dos da Repartição da Marinha, e Dominios Ultramarinos (14)

[mariscar] v. (1) inf. flex., mariscarem (1) 391. Colher mariscos.

pela unica conveniencia denellas pescarem, e mariscarem Ostras, e Berbigos

[mercar] v. (1) pret. imperf. ind., mercavao (1) 1543. Comprar.

mercavaõ nasprimeiras loges, onde achavaõ oque lhes era necessario.

mestrado s.m. (3) 826, 3224, 3360. Dignidade de mestre de qualquer ordem militar.

Administrador, que sou daOrdem eCavallaria doMestrado de NossoSenhor Iezus Christo (3360)

[meter a pique] loc. (1) metera a pique (1) 161. Fazer afundar (embarcação).

duas Naos Francezaz, [...]que as metera apique por senaõ quererem render pacificamente.

metropolitano adj. (1) 2583. Bispo responsável por determinada arquidiocese ou por uma ou mais dioceses, tendo outros bispos sob sua autoridade.

do Governador detodo aquelle Estado, nem doBispo daBahya que hé como Metropolitano detodo elle

[mingua] s.f. (1) mingua (1) 3367. Falta; diminuição.

declaraçoens nella Conteûdas, edeclaradas sem mingua, nem desfalecimento

[missão] s.f. (11) missoens (11) 1733, 1752, 1794, 1811, 2075, 2077, 2095, 2208, 6560, 6654, 6656. Casa ou estabelecimento onde vivem e trabalham os missionários e os indígenas.

seaquelles famosos Certanistas naõ houvessem dezalojado aosPadresCastelhanos, edestruido asSuas Missoens (1811)

[místico] adj. (1) misticas (1) 4412. Contíguo, anexo, próximo.

edasditas 100 legoas, que lhe naõ pertenciaõ, que estaõ todas misticas sem divizaõ

monção s.f. (5) monção (3) 594, 1251, 6529; monçoens (1) 4087; munçoens (1) 6525. **1.** Tempo do ano favorável à navegação; **2.** expedição pelos rios das capitanias de São Paulo e Mato Grosso.

1. *eMartim Afonso voltou para oReino namonção de 1533 (594)*

2. *que aprimeira Monção haja deproceguir oCaminho doParaná athé afos do Yguatemy (6529)*

montar v. (6) inf., montar (3) 2096, 3274, 5267; pret. imperf. ind., montava (3) 5278, 5278, 5288. **1.** Ultrapassar (em navegação) um acidente geográfico qualquer; **2.** atingir determinada cifra.

1. *enaõ podendo montar oCabo deSanta Maria, tomara aBarra doRio deJaneiro (2096)*

2. *foi recebendo sempre oque lhe montava da redizima dadita Capitania, como consta nosLivros damesma FazendaReal. (5288)*

morgado s.m. (8) 767, 3244, 4006, 4655, 4664, 4670, 5251, 5320. **1.** O filho primogênito, que recebe herança; **2.** certos bens que deveriam ser transmitidos ao primogênito sem que este os pudesse vender.

1. *Como filho deLuis deGoes, e deDona Catharina, eMorgado, em nome demeau Pay, eMay. (767)*

2. *tratar do acrescentamento das rendas dodito Morgado, ebeneficio das Propriedades, que aelle pertencem (4664)*

[morigerado] adj. (1) morigerados (1) 1117. Que tem bons costumes; que leva vida irrepreensível.

aqual sedaria com muita circunspecção, eunicamente aSujeitos bem morigerados.

N

[neófito] s.m. (1) neofitos (1) 1606. Recém-convertido ao cristianismo; cristão-novo.

epara mais commodamente iñstruïrem os Neofitos aconselharaõ aTeviriçã / Martim Afonso depois deChristão /

neutral adj.2g. e s.2g. (9) neutral (5) 2739, 2740, 2748, 2753, 2756; neutraes (4) 1678, 2750, 2751, 2754. Aquele que julga com imparcialidade; que não se posiciona.

que nos Pelouros daCamara entrassem sempre Officiaes dasfamilias contendoras em igual numero, eentre elles alguns Neutraes. (1678)

nimiamente adv. (1) 1340. Demasiadamente; excessivamente.

Seexpoz aSer convencido denimiamente credulo.

O

[**ob-reptício**] adj. (1) obrepticio (1) 2220. Conseguído com mentira; doloso.

edeclaravaõ por nullo, Subrrepticio, eobrepticio tudo oque emprejuizo deste Povo lheviessse

obviar v. (2) inf., obviar (1) 5867; inf. flex., obviarem (1) 2786. Evitar, remediar.

*que continuem aacuzação para este negocio não tornar aseus principios, eseobviarem todas asConsequen-
cias, que podem ser damnozas (2786)*

[**oitava**] s.f. (8) oitavas (7) 5210, 5291, 5296, 5301, 5736, 5865, 5875; outavas (1) 5831. Medida correspon-
dente à 3,586g.

remetteo aodito Senhor astaes mostras, que eraõ Sinco oitavas de ouro. (5210)

orago s.m. (1) 1623. Santo a quem se dedica um templo ou uma capela; padroeiro.

Para Orago desta edamesma Aldeya, escolheraõ oDoutor dasGentes

ouro de lavagem loc. (4) ouro de lavagem (3) 5062, 5073, 5115; ouro de lavagens (1) 2041. Aquele que se
recolhe lavando a terra.

Tem Minas deOuro delavagem, etaõ antigas (5073)

outeiro s.m. (8) outeiro (7) 753, 1472, 1480, 1814, 1816, 1820, 1821; outeirinho (1) 1539. Colina, monte.

Capelinha, que edifficarão aopé doOuteiro destaSanta. (753)

P

paço s.m. (7) paço (3) 2505, 2512, 2544; passo (4) 2701, 3944, 3977, 5690. Palácio; edifício onde se reúne o
conselho ou a câmara municipal.

oque sehade achar noDezembargo do Paço deLisboa (2505)

[**padrão**] s.m. (11) padrão (11) 169, 568, 3126, 3128, 3134, 3134, 3136, 3415, 3558, 3953, 4246. Monumento
de pedra, em lugar descoberto pelos portugueses.

*seporá hum Padrão deminhas Armas, edodito Padrão selançará huma linha, que cortará aloeste pela terra
firme adentro (3134)*

padroado s.m. (1) 4876. O território onde é exercido o direito de conceder benefícios eclesiásticos.

*verdadero conhecimento dasVillas, ePovoaçoens, que dentro dellas se incluíaõ, que ficavaõ sendo doReal
Padroado, eCoroa*

[**paisano**] s.m. (1) paizanos (1) 6400. Que não é militar.

*aparelhou oGeneralDom Luis hum pequeno Corpo deAventureiros, importante com os Paizanos em nu-
mero de 300 homens*

paragem s.f. (9) 122, 2971, 3011, 3410, 3855, 3895, 5550, 5556, 6568. Região marítima alcançável pela nave-
gação; lugar em que se pára; parada.

ter huma arribada para Lisboa / em certa paragem, aque deo onome dePortoSeguro. (122)

parca s.f. (1) 2332. A morte.

porque sem duvida não tivera aparca nelles feito oseu effeito, eVossaMagestade como seu Rey, eSenhor

natural lhestivera acudido as Calamidades, emizerias

parcialidade s.f. (3) parcialidade (1) 1702; parcialidades (2) 2716, 2723. Grupo partidário de uma mesma causa; partido, facção.

Dezejando eu reduzilo a huma universal concordia, e asduas familias, e parcialidades auniaõ comque se deve tratar dos augmentos (2716)

patranha s.f. (1) 1389. História mentirosa; falsidade.

A Chronologia deCharlevoix demoñstra com evidencia ser mera patranha tudo quanto referem deMoschera.

[**peão**] s.m. (1) peães (1) 3162. Homem do povo; plebeu.

ealçadademorte natural incluzive em escravos, eGentios, eassim mesmo em Peaens Christaons, homens livres

[**pedâneo**] adj. (2) pedaneo (2) 1524, 2935. Que, nas vilas e aldeias, julgava de pé (diz-se de juiz).

ellegeraõ os Vereadores deSaõ Vicente aChristovaõ Gonçalvez para Iuis Pedaneo datal Povoação. (2935)

pelourinho s.m. (13) 1545, 1549, 1588, 1634, 1644, 1868, 2939, 2941, 3873, 4485, 4834, 5219, 5234. Coluna de pedra colocada em lugar central, onde eram exibidos e castigados os criminosos, defronte à Casa do Concelho, quando um povoado era elevado a categoria de vila.

foi creada notempo del Rey Dom Pedro, eSeuPelourinho levantado aprimeira vez noanno de 1697 (1549)

pelouro s.m. (5) pelouro (3) 2752, 2755, 5234; pelouros (2) 1677, 2749. Bola de cera em que se colocava o voto de cada eleitor.

setripularão naPauta demaneira que fique em cada Pelouro hum Vereador Pires, hum Camargo (2752)

pena capital exp. (3) 2766, 2782, 2788. Pena de morte.

estaõ Sentenceados compena Capital (2766)

penetrar v. (9) inf., penetrar (1) 5190; ger., penetrando (3) 5071, 5216, 5733; p.pas., penetrados (2) 1941, 1946; pret. perf. ind., penetrou (1) 1148; penetrarão (1) 4963; penetraraõ (1) 2083. **1.** Deixar-se possuir, deixar-se convencer; **2.** alcançar; conseguir; **3.** entrar, embrenhar-se.

1. Elle penetrou os verdadeiros interesses doEstado melhor doque alguns modernos (1148)

2. esperando conseguir por meyo da industria, oque não haviaõ de alcansar, sefossem penetrados seus intentos. (1941)

3. nasSuas Canoas sesalvarão, epenetrarão oContinente daquelle Certão. (4963)

perpetuidade s.f. (1) 26. Perenidade; longa duração.

revolvendo os Archivos dasCamaraz, Provedoria Real, eoutros desegura perpetuidade damesmaCapitania

[**perseverar**] v. (2) pres. ind., persevera (1) 972; pret. perf. inf., perseverou (1) 3797. **1.** Permanecer, continuar, ficar; **2.** persistir.

1. Teve huma filha natural, dequem persevera descendencia muito distincta (972)

2. Muito tempo perseverou adisconfiança (3797)

[**pertença**] s.f. (1) pertenças (1) 5853. Domínio exclusivo sobre alguma coisa; propriedade.

conste daEreccão do Governo deSaõ Paulo, Suas pertenças, eanexos declarados

pertenção s.m. (2) 3906, 4186. Cf. pertença.

Gabriel deLara, aliciando o, por este modo, para que defendesse aSua pertenção (3906)

[**pio**] adj. (1) pia (1) 1514. Que revela piedade; piedoso.

eaprovando todos elles huma Obra taõ pia, erigiraõ naPovoação aprimeira Confraria daMizericordia

pleito s.m. (4) pleito (3) 3935, 3942, 4038; pleitos (1) 3782. **1.** Questão, discussão; **2.** eleição.

1. Tendo-se movido tantos pleitos arespeito doslemite dasduas Capitancias (3782)

2. *Comtudo venceo oConde deMonsanto opleito, já depois demorto oExcelentissimo Vimieyro (3942)*

[plenipotenciário] s.m. (1) plenipotenciario (1) 3003. Agente diplomático investido de plenos poderes, em relação a uma missão especial.

Despacharaõ logo hum Plenipotenciario, que fosse Capitular com PedroLopes

poente s.m. (3) 6099, 6105, 6215. Oeste.

asterras, que estaõ aoPoente doRio Sapucahy, sempre foraõ tidas, havidas (6215)

porfia s.f. (1) 4978. Persistência; perseverança; obstinação.

fazia taõ difficil oseu rendimento,como constante anossa porfia.

[porfiado] adj. (4) porfiada (3) 710, 3714, 4942; porfiadaz (1) 463. Em que há muita porfia, combate, luta; obstinado; disputado.

Pita, mais doque todos, exagerou asporfiadaz Guerraz deMartim Afonso com os Naturaes daterra (463)

potentado s.m. (1) 6366. Indivíduo poderoso, influente.

creou Villa aFreguezia deSaõ Ioaõ da Atibaya, aqual foi estabelecimento dopotentado Paulista Ieronimo-deCamargo

[praz-me] s.m. (5) me praz (5) 1129, 3119, 3213, 3296, 5937. Manifestação de consentimento; despacho favorável a um requerimento.

Outro si me praz fazer mercê aodito Pedro Lopes, [...]dejuuro, eErdade para sempre (3213)

[precatório] s.m.(1) precatorio (1) 4613. Documento de solicitação de algo.

davaõ cumprimento aoPrecatorio, eProvizaõ nelle incorporado

predicamento s.m. (3) 1528, 1538, 2936. Categoria.

Este Capitaõ certamente foi quem a elevou aodito predicamento em nome deMartim Afonso (1528)

preito s.m. (1) 4599. Sujeição a um senhor; vassalagem.

Alem deque tinha feito preito ehomenagem aSua Magestade pelaCapitania deSaõ Vicente

prelado s.m. (10) prelado (6) 1996, 2159, 2163, 2189, 2555, 2559; prelados (4) 2596, 2713, 2773, 5132. Título honorífico de alguns dignatários eclesiásticos.

offerecida pelo dito Padre FranciscoDias Tanho aoReverendo Prelado, eAdministrador desta repartição, oReverendo Padre Pedro Homem Albernáz (2159)

[preexistir] v. (3) pres. ind., prezistem (1) 5414; pret. imperf. ind., prezistiaõ (1) 5523; pret. perf. ind., prezistiraõ (1) 2609. Existir antes de alguma outra coisa.

deque naVilla deParnaguá naõ prezistiaõ asMinas dePrata, eOuro (5523)

prol s.m. (1) 3701. Proveito, vantagem.

Por nisso Sentir fazer serviço aDeos, ebem, eprol daCapitania

[propínquo] s.m. (2) propinquo (2) 3300, 3314. Próximo, vizinho.

enaõ sendo emtão propinquo gráo ao ultimo possuidor, como afemea (3300)

[proscrito] s.m.(1) proscriptos (1) 1830. Exilado, degredado, banido.

oColegio dos extinctos, eproscriptos Iezuitas

Q

[**quina**] s.f. (1) quinas (1) 568. Grupo de cinco escudetes das armas de Portugal.

acentou hum Padraõ com asquinas dePortugal

[**quinhão**] s.m. (1) quinhaõ (1) 1039. Parte que cabe a cada pessoa na divisão de uma propriedade, herança etc.

osfilhos deste domno compraraõ tambem oquinhão de Ioaõ veniste

quinto s.m. (15) quinto (3) 5266, 5266, 5268; quintos (12) 5068, 5254, 5290, 5315, 5316, 5632, 5866, 5867, 5875, 6279, 6284, 6313. Imposto cobrado pelo erário português, correspondente à quinta parte do ouro, prata ou diamantes extraídos do solo brasileiro.

redizima dosDizimos; dadedcima parte dos quintos doOuro (5254)

R

[**redizima**] s.f. (20) redizima (16) 3260, 5253, 5258, 5266, 5270, 5275, 5277, 5280, 5283, 5285, 5286, 5288, 5290, 5328, 5343, 5346; redizimas (4) 4773, 5254, 5332, 5337. Recobrança da dízima; nova dízima.

bastava só para lheacreditar onome deReino, o rendimento, que lhe pertence da redizima dosDizimos (5253)

[**redução**] s.f. (1) redução (1) 2086. Povoado de índios convertidos ao Cristianismo.

contra os Índios Christaons da redução dosPadres daCompanhia.

reduzir v. (10) inf., reduzir (6) 1778, 1970, 2716, 2775, 2798, 6695; p.pas., reduzidos (1) 5763; reduzida (2) 6005, 6035; pret. perf. ind., reduziraõ (1) 1676. Subjugar, submeter.

estado emque hoje seachaõ esses moradorez reduzidos atoda aobediencia (5763)

regimento s.m. (11) regimento (7) 906, 992, 1075, 4199, 4719, 6372, 6712; regimentos (4) 3201, 5479, 5928, 6712. Conjunto de normas; regulamento.

ElRey Dom Sebastiaõ, dis elle, deo oRegimento dosfilhamentos (906)

regular adj.2g. e s.m. (2) regular (1) 126; (2) regulares (1) 1995. Diz-se do religioso que vive em comunidade.

Como os Paulistas antigos veneravaõ summamente aosSacerdotes, principalmente aos Regulares (1995)

[**régulo**] s.m. (6) regulo (6) 503, 528, 1272, 1422, 1424, 3582. Chefe de povo indígena; cacique.

aculpa dos Índios dePiratininga, que abandonarão seu regulo Martim Afonso Guayanã. (1424)

[**reinol**] s.m. (2) reinoes (2) 1890, 1950. Indivíduo natural do reino (Portugal).

Naõ fallavaõ desta sorte osReinoes, nem osBrazileiros naturaes deOutras Capitancias (1890)

rematação s.f. (1) 5058. Ato ou efeito de recolher, juntar; arrematação.

Donativo, que pagão em rematação trienal

[**remontar**] v. (2) ger., remontando (2) 6471, 6530. Ir em direção à nascente de um curso de água.

desegurar oprojecto daNavegação daquelle Rio [...] e segurão remontando oRio Yguatemy (6471)

[**repugnância**] s.f. (3) repugnancia (3) 1985, 3004, 4360. Forte relutância.

ea repugnancia doElleito augmenta aobstinação doPovo ignorante (1985)

[**repugnar**] v. (1) pret. perf. ind., repugnaraõ (1) 4823. Não aceitar; recusar.

Officiaes daCamara repugnaraõ dar adita posse

resgatar v. (4) inf., resgatar (2) 1115, 1131; ger., resgatando (1) 161; fut. subj., resgatarem (1) 3282. **1.** Conseguir; **2.** buscar, apanhar alguma coisa.

- 1. fazer mercê [...] que todos os escravos, que elles resgatarem, ehouverem nadita terra doBrazil (3282)*
- 2. duas Naos Francezaz, onde estavaõ resgatando Páo Brazil com oGentio daterra (161)*

resgate s.m. (3) resgate (1) 1062; resgates (2) 1064, 1079. Objeto de troca (ornatos, contas, espelhos) entre índios e brancos.

compravão aos Indios pagavaõ comferramentas, Contas de vidro, buzios, eoutras bacatellas semelhantes, aque chamavaõ resgate (1062)

rezar v. (2) inf., rezar (1) 379; pres. ind., reza (1) 1625. Discorrer sobre; tratar.

nodia 25 de Janeiro de 1544, emque aIgreja reza daConversaõ deSão Paulo. (1625)

rocio s.m. (1) 5194. Sítio urbano; área de uso comum da população urbana.

huma legoa deterra para rocio daVilla eaos moradores, que viessem acudindo aestabelecerem-se naPovoação

[**ronca**] s.f. (1) roncadas (1) 1332. Intimidação, ameaça.

Hé verocimil, que este mizero Vagabundo despachasse Comduas roncadas os Inviados doGovernador Geral doBrazil.

S

[**saboaria**] adj. (1) saboarias (1) 3292. Fábrica de fazer sabão; a venda de sabão.

naõ possa emtempo algum haver direito deCizas, nem impozicoens Saboarias, tributos deSal

[**sagitário**] s.m. (1) sagitarios (1) 529. Aquele que está armado de arco e flexa.

rezolveo finalmente amparar aos hospedes, enafrente de 500 Sagitarios marchou para aBertioga.

sagrar v. (2) p.pas., sagrado (2) 6016, 6019. Dedicar ao serviço de Deus; consagrar.

Dom Frei Miguel, depois deSagrado, eprompto aSeguir odestino para oSeu Bispado (6019)

secular adj.2g. e s.2g. (6) secular (1) 4668; seculares (4) 2211, 2566, 2576, 2606; secularez (1) 649. Aquele que não está sujeito a ordens monásticas.

setrata de novo de seencarregarem á Clerigos, ou Seculares (2566)

[**sedição**] s.f. (1) sediçoens (1) 2709. Revolta, motim, rebelião.

ostumultos eSediçoens que haviaõ rezultado daElleição daCamara

[**sedicioso**] adj. (1) sediciozos (1) 1632. Revoltoso; indisciplinado.

lansando toda aculpa aosfilhos de Ioaõ Ramalho, eporisso os reputa Sediciozos, ou rebeldes aoEstado

[**séquito**] s.m. (1) sequito (1) 2712. Conjunto de pessoas que acompanham outras; comitiva.

chegarem aquellas duas familias atomarem asArmas com numerozoSequito de Indios

[**ser servido**] exp. (17) for servido (2) 2655, 4331; sou servido (1) 5931; foi servido (5) 107, 2491, 5004, 5669, 5948; fui servido (9) 5011, 5016, 5409, 5455, 5643, 5684, 5792, 5957, 5985. Querer ou determinar; ordenar.

eu fui servido encarregar aGarcia Rodriguez Paes dosCargos deCapitam Mor daEntrada, eDescobrimentos, eAdministrador das Minas deEsmeraldas (5643)

[**setentrional**] adj. (8) septentrional (8) 79, 173, 411, 489, 3091, 3724, 3848, 6658. Localizado no Norte.

naparte Septentrional doRio daPrata (6658)

[**sinistro**] adj. (1) sinistra (1) 2496. Que causa dano; que é pernicioso.

ainformação, que sedeo aVossaMagestade, foi Sinistra, efalça

[**sis**a] s.f. (1) cizas (1) 3292. Imposto sobre transações de compra e venda; imposto de transmissão entre vivos.

nella não possa emtempo algum haver direito deCizas

[**sub-repticiamente**] adv. (2) subrepticiamente (2) 2312, 5091. Ilicitamente; feito clandestinamente, por meios ilícitos.

emque seintentou Subrepticiamente privarem (5091)

[**sub-reptício**] adj. (1) subrepticio (1) 2220. Obtido por meios ilícitos; conseguido por furto.

edeclaravaõ por nullo, Subrrepticio, eobrepticio tudo oque emprejuizo deste Povo lheviesse

[**subscrever**] v. (2) pret. perf. ind., sobscrevy (2) 4141, 4582. Escrever por baixo, assinar.

afis escrever, eSobscrevy (4141)

[**substabelecer**] v. (1) pret. perf. ind., substabeleceo (1) 3838. Substituir, colocar em lugar de; transferir.

Depois depassar esta Ordem, Substabeleceo Lourenço daVeiga aProcuração em Salvador Correa

substabelecido s.m. (1) 3841. Indivíduo a quem se substituiu, transferiu.

eoSubstabelecido unicamente passou varias Sesmarias

[**sumaríssimo**] adj. (1) sumarissimos (1) 6723. Em que há apenas dois articuladores, o libelo (acusação) e a contrariedade.

emprocessos verbais, eSumarissimos

[**surto**] adj. (1) surta (1) 696. Ancorado.

dehuma Armada, que estava Surta noPorto deSantos

T

talhado adj. (1) 1825. Íngreme; de forte declive.

oimpinado doterreno, etalhado domonte

tenção s.f. (3) tenção (2) 605, 3323; tenção (1) 1233. Propósito, intento, intenção.

porque aminha tenção, evontade hé (3323)

[**tendente**] adj. (2) tendentes (2) 655, 5785. Relacionado a.

As memorias antigas tendentes aoBrazil (655)

tentear v. (1) inf., (1) 6434. Averiguar cuidadosamente; examinar.

descer pelo Paraguay abaixo, etentear osRios navegaveis

[**ter/ haver por bem**] exp. (35) haver por bem (2) 5792, 5959; há por bem (1) 4749; teve por bem (1) 2804; hey por bem (29) 1129, 1143, 2023, 2729, 2787, 2849, 2882, 3119, 3160, 3203, 3217, 3288, 3296, 3314, 3344, 3356, 3365, 3386, 3394, 4126, 4526, 4662, 5098, 5462, 5587, 5625, 5648, 5828, 5924; houve por bem (1) 3113; houver por bem (1) 5685. Tomar a decisão de; resolver.

Hey por bem, emepraz delhe: fazer mercê (3119)

terminação s.f. (1) 3748. Determinação, resolução.

com terminação, Deos querendo, denadita terra fazer Fazenda, eEngenho.

[**terço de ordenanças**] exp. (1) tersos de ordenança (1) 5744. Companhia militar composta de quatro outras companhias, o equivalente a um efetivo de 1000 soldados, que equivalia exatamente a um terço (1/3) do efetivo da unidade superior, o Regimento de Ordenanças, que tinha 3000 soldados.

osprimeiros Tersos de Ordenança

[**timorato**] adj. (1) timoratos (1) 2736. Que tem escrúpulos, caprichoso.

naõ sendo asCabeças dosBandos, antes os mais Zelozos, etimoratos

tiro de arco loc. (2) 455, 458. Medida de distância que substituiu o “tiro de arcabuz”, fórmula corrente nos textos portugueses da época.

Para varadouro deOutras Embarçaõens menorez hé que Martim Afonso rezervou otiro dearco em roda. (458)

tocar v. (20) inf., tocar (3) 2261, 2847, 2885; ger., tocando (1) 36; pres. ind., toca (6) 2178, 2223, 5428, 5474, 5847, 6410; tocação (1) 2557; pret. imperf. ind., tocava (7) 2236, 4954, 5275, 5277, 5280, 5282, 5284; tocavaõ (1) 5332; inf. flex., tocarem (1) 5629. **1.** Caber por sorte, pertencer; **2.** dizer respeito; **3.** fazer referência a.

1. PedroLopes deSouza, recebeo aredzima, que lhe tocava athé oanno de1581 (5277)

2. setrata deCouzas, que tocaõ aoforo daConsciencia, como hé (2557)

3. Superiores, aquem tocava esta aCcuzação (2236)

tolher v. (1) inf., 1140. Privar de; pôr obstáculo a; opor-se.

lho naõ poderá tolher, naõ sendo notempo que sedis emcima

transversal s.m. (5) transversal (1) 3313; trañsversaes (2) 3122, 3317; transversaes (2) 3310, 3981. Que é parente, mas não em descendência direta.

para elle, eSeus descendentes, Ascendentes, eTransversaes (3981)

[**trasladar**] v. (3) p.pas., trasladado (1) 4198; pret. perf. ind., trasladou (2) 1339, 3406. Copiar, transcrever.

Iuntamente mandamos aVossaSenhoria oAuto daposse trasladado (4198)

traslado s.m. (13) 944, 2270, 2676, 4128, 4256, 4615, 4719, 4721, 4725, 4730, 4736, 4743, 4749. Apógrafo; cópia.

Este traslado seacha naCamara deSaõ Vicente (2270)

[**tressado**] s.m. (1) tressados (1) 6561. Espada curta e larga; terçado.

lanças, dardos, etressados deque faziaõ uzo nasbordagens

[**tripular**] v. (1) pret. perf. ind., tripulação (1) 2752. Substituir pessoa ou coisa por outra.

tres Pires, etresCamargos setripulação naPauta demaneira que fique em cada Pelouro hum Vereador

V

vacum adj. (3) 743, 3741, 5183. Composto de vacas, bois, touros e novilhos.

Povoadores daquellasCampinas, onde introduzirão Gado vacuum, eCavallar (743)

valido s.m. (1) 225. Que se coloca sob proteção de alguém mais poderoso; protegido.

Primo deMartim Afonso, evalido doRey

vara s.f. (4) vara (3) 3537, 4479, 4482; varas (1) 2579. **1.** Medida equivalente a 1,10m; **2.** poder e autoridade conferidos a alguém; **3.** cetro.

1. saõ pagos com quatro varas depano dealgodaõ (2579)

2. repartio ajurisdição, conferindo aGonçallo Afonso aVara deOuvidor (3537)

3. lhemeteo o Luis PedroVieyra Tinoco avara namaõ (4479)

varação s.f. (1) 6517. Ato de trazer a embarcação ao seco, encalhando-a deliberadamente em terra firme.

ebrevissima varação, pelos Rios Aguarahý

varadouro s.m. (3) 456, 458, 6435. Lugar de pouco fundo junto ao litoral, onde se encalham embarcações.

Para varadouro de Outras Embarcações menores (458)

varar v. (3) inf., varar (1) 6580; ger., varando (1) 6531; pret. imperf. ind., varavaõ (1) 457. Encalhar a embarcação em terra firme.

que sepossão varar Canoas para seevitar aquelle tranzito (6580)

veador s.m. (1) 825. Fiscal, inspetor.

ede Nuno Fernandez Veador do Mestrado de Santiago

velame s.m. (1) 2474. Conjunto de velas de uma embarcação ou de um de seus mastros.

vindo desse Reino Enxarcia, Breu, e Velame

vereação s.f. (13) vereação (9) 644, 956, 1057 (n. 91), 1060 (n. 92), 1080 (n. 95), 1123 (n. 99), 3473, 3476, 4805; vereação (1) 3476 (n. 208); vereações (3) 642, 956, 3572. Legislação.

Pela mesma razão seacento na Vereação do primeiro de Julho (644)

vereança s.f. (19) vereança (18) 280 (n. 22), 430 (n. 37), 643 (n. 51), 1048 (n. 88), 1051 (n. 89), 1065 (n. 94), 1123 (n. 99), 1525 (n. 120), 2048, 2048 (n. 151), 2935 (n. 184), 3515 (n. 211), 3523 (n. 212), 3572 (n. 214), 3576 (n. 215), 3726 (n. 220), 3923 (n. 234), 5674 (n. 310); vereanças (1) 4877. Cf. vereação.

afolha 214 Verso do Livro das Vereanças (4877)

[**vexação**] s.f. (2) vexações (2) 2591, 2604. Sujeição pela força ou autoridade; perseguição, opressão.

evexações, que os ditos moradores lhes fazem contra toda aração, e justiça (2591)

[**viandante**] s.m. (2) viandantes (2) 1705, 6749. Viajante, peregrino; caminhante.

hũ seo escravo tinha roubado ahũ destes Viandantes (1705)

vocação s.f. (2) 4891, 5043. Cf. invocação.

A Cidade de Cabo Frio, com vocação de Nossa Senhora da Assumpção (4891)

vogal s.m. (1) 6164. Aquele que tem o direito de votar.

he vogal nesta Iunta

volteado adj. (2) volteado (1) 6751; volteados (1) 6207. Com voltas; arredondado.

hum exquizado, evolteado Caminho (6751)

voto de qualidade loc. (1) 6721. Voto decisivo de desempate; voto de Minerva.

era Prezidente com voto de qualidade

5.2 Índice de Expressões Latinas

directe, 2181, 2214, 2253

etcoetera, 169, 665, 768, 789, 807, 850, 850, 868, 986, 1128, 1284, 1284, 1489, 1706, 2023, 2269, 2269, 2704, 2860, 2860, 2900, 3106, 3470, 3504, 3623, 3667, 3779, 3811, 3878, 4112, 4338, 4520, 4606, 4691, 4717, 4727, 4793, 4924, 5007, 5259, 5287, 5318, 5492, 5519, 5575, 5608, 5608, 5636, 5636, 5662, 5796, 5951, 5981, 6596, 6601, 6609, 6609

ibidem, 144 (n. 7), 474 (n. 41), 879 (n. 70), 1437 (n. 111), 2416, 2687, 4687, 5256, 5260

idem, 1437 (n. 111), 1625 (n. 130), 1632 (n. 132)

in fine, 238 (n. 16), 660 (n. 53)

in totum pro bono pacis, 2238

indirecte, 2181, 2214, 2253

item, 238 (n. 16), 3236, 3254, 3259, 3266, 3280, 3290, 3295, 3333, 3339, 3353, 3358, 5261

mihi, 906 (n. 75)

motu proprio, 6080, 6145; *proprio motu*, 3118
nota bene, 1654, 5888, 5900
per si, 3362, 4224
precipue, 1560
retro, 4760 (n. 266), 4801 (n. 268), 5527 (n. 301)
sequentibus, 4439 (n. 251), 4867 (n. 270), 4924, 6702 (n. 343)
sisne, 1612 (n. 128)
supra, 713 (n. 58), 861 (n. 67), 1051 (n. 89), 1052 (n. 90), 1057 (n. 91), 1060 (n. 92), 1080 (n. 95), 1493 (n. 117), 2053 (n. 152), 2680 (n. 171), 2935 (n. 184), 3576 (n. 215), 4712 (n. 264), 6212
usque, 4439 (n. 251)
verbo ad verbum, 3371
vide, 70 (n. 3), 408 (n. 36)

5.3 Índice Antroponímico

A

Adornos, 1877, 1878
 Afonso Botelho de Sampayo, 3953
 Afonso de Faro, 4651, 4654, 4680, 4683, 4687, 4695
 Afonso Sardinha, 2040, 5116
 Agostinho da Guerra, 4806
 Agostinho de Santa Maria, 650, 3033
 Alberto de Abreu, 4549
 Aleixo Garcia, 266
 Aleixo Leme, 816, 842
 Aleixo Manoel, 2135, 2268
 Alexandre Catrascani, 2142
 Alexandre de Souza Freire, 2683
 Almeydas, 968
 Alvaro da Silveyra de Albuquerque, 5747
 Alvaro de Faro, 4669
 Alvaro Luis do Valle, 4374, 4454, 4461, 4474, 4497, 4502, 4514, 4522, 4454, 4564, 4565, 4587, 4614
 Alvaro Nunes de Andrade, 2983
 Alvaro Pires, 4056; Alvaro Pires de Castro, 3910, 3972, 4024, 4380, 4430; Alvaro Pires de Castro de Souza, 4066, 4116, 4131; Alvaro Pires de Castro e Souza, 3938
 Amador Bueno, 1911, 1979, 1981, 1990, 1998, 2008, 2017, 2028, 2029, 2487; Bueno, 2001
 Americo, 142, 149; Americo Vespucio, 137, 147, 175; Vespucio, 140
 Andre Botelho, 1479
 Andre de Aguiar, 820, 845
 Andre de Albuquerque, 3814, 3819
 Andre de Almeyda, 964
 Andre de Zuniga, 5145
 Andre Fernandez, 5121
 Andre Lopes da Lavre, 2889, 2920, 5607, 5638, 5663; Andre Lopes de Lavre, 5021, 5856
 Anna Pimentel, 117, 971, 1059, 1122, 1124, 1153, 1475, 1481, 1529, 1579, 3521, 3553
 Anna Pires Micel, 563, 919

Antaõ Leme, 797, 800, 803, 814, 815, 841
Antonia Leme, 819
Antonio, 5178; Antonio Afonso, 5177
Antonio Adorno, 893
Antonio Alvarez Lanhas, 5909
Antonio Bahya, 5690
Antonio Barboza de Aguiar, 5198
Antonio Caetano de Souza, 1162
Antonio Caetano Pinto Coelho, 5341
Antonio Coelho Pinto, 5325
Antonio da Madre de Deos Galraõ, 6012
Antonio da Silva Caldeira Pimentel, 5897; Pimentel, 382
Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, 108, 4872, 5750, 5760, 5787
Antonio de Atayde, 224
Antonio de Castro, 3994
Antonio de Lima, 3813, 3986
Antonio de Macedo, 3587
Antonio de Marins Loureiro, 5134
Antonio de OLiveyra, 938, 946, 952, 1477, 1586, 4734, 4737
Antonio de Proença, 988
Antonio de Saõ Payo, 2269
Antonio de Siqueira, 929, 930, 932; Siqueira, 933, 934
Antonio de Souza, 4338
Antonio de Villas Boas e Sampaio, 905
Antonio do Lago Prego, 2268
Antonio Fernandez do Valle, 6720
Antonio Gonçalvez Castellaõ, 3830
Antonio Gonçalvez de Carvalho, 6334, 6341
Antonio Luis de Tavora, 5904
Antonio Luis Peleja, 5677, 5682, 5695
Antonio Madureira Salvadores, 4842
Antonio Paes de Sande, 5740
Antonio Pedrozo, 3920, 4900
Antonio Pinto, 564, 913, 924, 928, 933, 935
Antonio Rodriguez, 278, 452, 482, 1575, 3784, 3792, 3795, 3817
Antonio Rodriguez da Costa, 5018, 5022
Antonio Rodriguez de Almeйда, 850, 881, 959, 968, 3677, 3684, 3697, 3704, 3730, 3753, 3761, 3803
Antonio Rolim de Moura, 6003
Antonio Telles da Silva, 5375
Antonio Tinoco, 4740, 4743
Antonio Vaz, 4338
Antonio Velozo, 2832
Artur de Sá, 2010
Artur de Sá e Menezes, 5740
Athanzio da Mota, 896, 1487

B

Balthazar Borgez, 901

Balthazar de Moraes Dantas, 2064
Bartholomeu Afonso, 5178
Bartholomeu Bueno da Silva, 6334, 6341
Bartholomeu Bueno de Siqueira, 5205
Bartholomeu Bueno, 5881
Bartholomeu de Siqueira, 5735
Bartholomeu de Zuniga, 5145
Bartholomeu Fernandez, 5144
Belchior da Costa, 2291
Belchior Rodriguez, 4140
Benedito XIV, 6081, 6145
Bento Pereyra de Sá, 6333, 6340
Bernardo Felis da Silva, 5020
Bernardo Ioze de Lorena, 6756
Bernardo Rodriguez Nogueira, 6008
Bernardo Vieyra Ravasco, 2833
Bras Annes, 2936
Bras Balthazar da Silveyra, 5336, 5818; Braz Balthazar da Silveyra, 5801
Bras Cardozo, 5310; Braz Cardozo, 5172
Bras Esteves Leme, 806 (n. 64)
Bras Fragozo, 804, 856; Braz Fragozo, 852
Bras Rodriguez de Arzaõ, 5569
Bras, 563; Bras Cubas, 255 (n. 18), 560, 763, 970, 971, 972 (n. 82), 974, 983, 1488, 1490, 1495, 1517, 1532, 1587, 1612 (n. 128), 3612, 4745, 4750, 4779, 5038; Braz Cubas, 766, 1511, 1526, 1545, 2931, 4231; Braz Cubaz, 1480, 1481, 1483, 1499; Cubas, 973; Cubaz, 1484
Braz Esteves, 871
Brites de Albuquerque, 192
Buenos, 1876

C

Caetano Luis de Barros Monteiro, 5712
Caetano Ricardo da Silva, 5993
Camargo, 2738, 2740, 2745, 2747, 2753, 2755
Camargos, 1673, 1876, 2698, 2707, 2735, 2746, 2751, 2767, 2782, 2789, 2840, 2867
Carlos Pedrozo da Silveyra, 5205, 5734
Carlos quinto, 2145
Castanhos, 968
Catrioto Luzitano, 2352
Catharina, 219, 558, 767, 770, 774, 4968
Catharina de Andrade de Aguilar, 751
Catharina Monteiro, 880
Caybuý, 1607
Cecilia, 785; Cecilia de Goes, 780, 789, 898
Christo, 918, 2026, 2703
Christovão Colombo, 116
Christovão de Aguiar, 1060, 3460, 3566
Christovão de Aguiar de Altero, 955, 3431, 3519, 3537, 3606
Christovão Dinis, 919, 5132

Christovaõ Gonçalvez, 2934
Christovão Iaques, 3423; Christovaõ Iaques, 167, 171, 3018, 3133; Christovaõ Iaquez, 157, 158, 163
Christovão Monteiro, 3736; Christovaõ Monteiro, 880, 881, 3582, 3587
Clemente Alvarez, 5116
Conde da Cunha, 6054, 6063, 6395; Conde de Cunha, 6022, 6030
Conde da Ilha, 4700, 4801, 4852, 5223; Conde da Ilha do Principe, 3902, 4709 (n. 263), 4810, 5147, 5323, 5343, 5346
Conde de Assumar, 5330, 5804, 5820, 5860
Conde de Atouguia, 1680, 2697, 2700, 2833, 2842, 2850, 2865
Conde de Bobadela, 6074, 6159, 6218
Conde de Castanheira, 224, 1211
Conde de Castello Novo, 2507
Conde de Miranda, 5356
Conde de Monsanto, 112, 3332, 3447, 3910, 3926, 3937, 3941, 3949, 3954, 3961, 3965, 3970, 3995, 4022, 4043, 4046, 4055, 4066, 4116, 4121, 4127, 4149, 4178, 4190, 4374, 4380, 4406, 4430, 4445, 4454, 4461, 4506, 4515, 4522, 4542, 4555, 4589, 4619, 4844, 4856, 4879, 5122, 5127, 5172, 5243, 5247, 5287, 5290, 5297, 5303; Condes de Monsanto, 3783; Monsanto, 3406, 4642, 4642, 4701, 4848, 4853
Conde de Nazão, 2391
Conde de Sarzedas, 5904, 5923
Conde de Val dos Reys, 5444, 5664; Conde Val dos Reys, 5608, 5639
Conde de Vimieyro, 3937, 4070, 4119, 5250; Condes de Vimieyro, 3408, 3413, 3450
Condessa de Monsanto, 3970
Condessa de Vimieyro, 3925, 3936, 3975, 3989, 3996, 4037, 4044, 4367, 4415, 4447, 4495, 4500, 4525, 4539, 4570, 4617, 4627, 4629, 4650, 4656, 4897, 4925, 4929, 4994, 5028, 5047, 5171, 5182, 5246, 5281
Cosme da Silva, 5310
Costodia Pinto de Magalhaens, 680
Cubas, 973
Cunhanbeba, 374

D

Deos, 123, 511, 807, 1679, 1759, 2330, 2350, 2399, 2462, 2552, 2622, 2898, 3105, 3107, 3232, 3235, 3241, 3343, 3621, 3636, 3701, 3748, 4120, 4219, 4319, 4447, 4768, 4812, 5006, 5534, 5545, 5950, 5980, 6052, 6420, 6451, 6510, 6609
Diego Cabrêra, 824
Diego de Faro e Souza, 4693; Diogo de Faro, 4686, 4696; Diogo de Faro e Souza, 3900, 4688, 5176, 5221
Dinis de Almeyda, 823
Diogo Alvarez Carámurû, 877
Diogo Arcâs de Aguirre, 5723
Diogo de Almeida, 823
Diogo de Avila, 2135
Diogo de Mendonça, 4352; Diogo de Mendonça Furtado, 4348, 4464, 4517, 4518, 4550, 4602
Diogo de Mendonça Corte Real, 5946
Diogo Dias, 1492
Diogo Garcia, 573
Diogo Gonçalvez Ferreira, 562
Diogo Luis de Oliveira, 5299
Diogo Marchaõ Temudo, 2531
Diogo Pinto do Rego, 5487, 5493

Diogo Rodrigues, 899; Diogo Rodriguez, 783, 3798, 3800
Diogo Teixeira de Carvalho, 4899
Diogo Vas de Escobar, 3898
Diogo Vieyra Tinoco, 4337
Dionizio da Costa, 408, 4683, 4691, 5220
Domingos da Fonseca Pinto, 2484, 2501
Domingos da Silva Monteiro, 5868
Domingos de Brito, 2263
Domingos de Brito Peixoto, 95
Domingos de Souza de Brito, 4805
Domingos Fernandez, 5131
Domingos Ioaõ Viegaz, 5706
Domingos Leitaõ, 560, 787; Domingos Leitão, 780, 783, 792, 895, 898
Domingos Leme, 5221
Domingos Luis da Rocha, 5703
Domingos Nunes Vieyra, 6330, 6340
Domingos Pires, 1466, 1473, 1478
Domingos Rodriguez do Prado, 5862
Duarte Coelho Pereyra, 3024
Duarte Correa, 740
Duarte Correa Vasques Annes, 5217
Duarte da Costa, 3623, 3638
Duarte Perez, 1351; Peres, 1292, 1354
Duarte Pires, 1285, 1287
Duque de Bragança, 212, 1933, 1959
Duqueza de Mantua, 2095

E

Eleodoro Ebano Pereyra, 4958, 5065; Ebano Pereyra, 5070
Erasmus Scheter, 1038
Estacio de Sá, 4917, 4971
Estevão, 5178
Estevaõ da Costa, 441, 3763, 3765
Estevaõ Gomes, 4910, 4911
Estevaõ Gomes Teyxeira, 5709
Estevaõ Leitão Meireles, 4679
Estevaõ Ribeiro, 933
Estevaõ Ribeyro Bayaõ Parente, 2686

F

Felipe de Campos, 2263
Fernando de Camargo, 2839
Fernando Dias Falcão, 5861
Fernando Dias Paes Leme, 5668
Fernando Martinz Mascarenhaz, 5748
Fernaõ Ayres de Almeйда, 3944

Fernaõ Dias Paes, 2668, 5577, 5614
Fernaõ Vieyra, 4044, 4371, 4451; Fernaõ Vieyra Tavares, 4043, 4350, 4355, 4361, 4443, 4553, 4854; Tavares, 4044
Francisca Cubas, 561, 973
Francisco, 878, 5178
Francisco Adorno, 875, 888
Francisco Barreto, 5353, 5355
Francisco Barreto de Lima, 3815, 3845, 4069
Francisco Callaça, 4806
Francisco Cordovil de Siqueira e Mello, 6328, 6338
Francisco Correa de Lacerda, 5485
Francisco da Cunha e Menezes, 6731
Francisco da Cunha Lobo, 5699
Francisco da Rocha, 4925, 5189
Francisco de Almeyda Figueiredo, 6335
Francisco de Brito de Menezes, 3946
Francisco de Faro, 3937
Francisco de Godoy Moreira, 5566
Francisco de Moraes, 2937, 2948
Francisco de Santa Maria, 228, 289; Santa Maria, 225 (n. 11), 329 (n. 25), 340, 2703
Francisco de Souza, 659, 2044, 2461, 2595, 4097, 5148, 5723
Francisco de Torres, 865
Francisco Dias Tanho, 2075, 2130, 2140, 2158, 2168, 2171, 2179, 2266; Tanho, 2076, 2093, 2099, 2112, 2113, 2117
Francisco Galvão, 5688; Francisco Galvão, 5691; Francisco Galvão da Fonseca, 5700
Francisco Ioaõ da Cunha, 5528, 5533
Francisco Lobo, 1028, 1032, 1038
Francisco Lopes Pinto, 5156
Francisco Luis Carneiro, 4700; Francisco Luis Carneiro de Souza, 5146; Francisco Luis Carneiro e Souza, 4810
Francisco Nunes de Siqueira, 2706
Francisco Pinto, 243, 352, 564, 565, 913, 913, 919
Francisco Sordido, 1534
Francisco Xarque de Andela, 2071, 2093; Xarque, 2105
Francisco Xavier Charlevoix, 1275 (n. 105); Charlevoix, 274, 570, 570 (n. 46), 1275, 1331, 1336, 1341, 1363, 1389, 1403, 1410, 1444, 1664, 1718, 1769, 1798, 1857, 1882, 1885, 1903, 1929, 1967
Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 6029, 6053, 6611
Fulano Lustoza, 6224

G

Gabriel Antunes Maciel, 5911
Gabriel de Goes, 559, 772, 773
Gabriel de Lara, 3899, 3905, 5060
Garcia Rodriguez, 5549, 5609; Garcia Rodriguez Paes, 5526, 5570, 5576, 5586, 5613, 5624, 5631, 5643, 5651, 5665; Garcia Rodriguez Paez, 5641
Gaspar Conquero, 4899, 5279
Gaspar da Cunha de Abreu, 5567
Gaspar de Lemos, 132

Gaspar de Medeiros, 4501, 4580
Gaspar de Souza, 2594
Gaspar Frutuoso, 2373 (n. 161)
Gaspar Pereira, 3945
Genebra Leitoa de Vasconcellos, 948
Gil de Goes, 746; Gil de Goes da Silveira, 737
Goes, 775
Gomes Freyre de Andrade, 5916, 5926, 5931, 5935, 5936, 5970
Gonçallo Afonço, 3543; Goncallo Afonço, 3575; Gonçallo Afonso, 3464, 3466, 3474, 3478, 3490, 3496, 3505, 3512, 3527, 3531, 3537, 3570, 3607; Goncallo Afonso, 3550, 3558; Gonçalo Afonso, 3431
Gonçallo Coelho, 143, 151; Goncallo Coelho, 146; Coelho, 156
Gonçallo Correa de Sá, 739
Gonçallo Fernandez, 196, 210; Gonçallo Fernandez de Cordova, 194
Gonçallo Monteiro, 440, 623, 1476, 3491, 3493, 3773; Gonçalo Monteiro, 3769, 3779
Gonçallo Ribeyro, 2940, 4460, 4503, 4583
Gracia Rodriguez de Moura, 863
Gregorio Dias da Silva, 5701
Guilhermo, 2414; Guilhermo Macelo, 2410

H

Henrique, 2003
Henrique de Coimbra, 126
Henrique de Souza, 824

I

Iaboatão, 134 (n. 5), 158 (n. 9), 225 (n. 11), 235, 266, 466, 466 (n. 39), 660 (n. 53), 899, 2963 (n. 187), 3424, 3428; Iaboataõ, 339, 578, 713 (n. 58)
Iacinto Moreira Cabral, 5158
Iacome da Mota, 758
Iaques, 5183, 5193; Iaques Felis, 5181, 5189, 5197; Iaques Felix, 5214
Ieronima de Albuquerque, 3985; Ieronima de Albuquerque e Souza, 3812, 3818; Jeronima, 3816
Ieronimo de Atayde, 1680, 2696, 2700
Ieronimo de Camargo, 6366
Ieronimo Leitão, 277, 428, 433, 451, 895, 897, 901, 3798, 4908, 5274; Ieronimo Leitaõ, 1263, 3809, 3857
Ieronimo Rodriguez, 3501
Ieronimo Teixeira de Carvalho, 4900
Iezus, 2126, 2307, 2515, 5053; Iezus Christo, 2124, 3224, 3360, 3384, 3643, 3663, 3875, 4456, 4802, 5606; Iezus Chrizto, 5112
Ignes Pimentel, 3929, 3994
Innocencio Preto Moreira, 5568
Ioanna Ramalha, 3581
Ioaõ, 1608, 2898, 3105, 4219, 4733, 5006, 5950, 5980
Ioaõ Adorno, 875
Ioaõ Alberto de Castel Branco, 6327, 6338
Ioaõ Alvarez Ferreira, 6740
Ioaõ Antonio Correa, 2265

Ioão Antunes Maciel, 5862
Ioão Correa de Carvalho, 4660
Ioão da Costa, 4459, 4504, 4582
Ioão da Rocha Pita, 4859, 5436, 5541; Pita, 158 (n. 9), 235 (n. 15), 361, 462, 3437 (n. 205), 3444
Ioão Dantas, 2134
Ioão de Almeyda, 734 (n. 60), 967
Ioão de Avalos e Benavides, 2110
Ioão de Moura, 4366; Ioão de Moura Fogaça, 4042, 4345, 4446, 4453, 4538, 4569, 4571, 4574, 4585, 4607, 4908, 4912, 5281; Fogaça, 4346, 4353, 4356, 4364, 4586, 4588, 4610, 4913
Ioão de Oliva, 4906
Ioão de Souza, 296, 300, 303, 555, 586, 593, 596, 684, 1160, 1164, 1177, 1252, 1437, 3063, 3100, 3497, 3509, 3545
Ioão de Souza de Cardines, 2533, 2537
Ioão de Souza Filgueira, 5705
Ioão Dias da Costa, 4714, 4757
Ioão dos Ouros, 2135
Ioão Gomes Leitão, 898; Ioão Gomes Leitaõ, 737
Ioão Gonçalves, 2979; Ioão Gonçalvez, 671, 2976, 2986
Ioão Martinz Barros, 6401
Ioão o quarto, 1933, 1992, 2006, 2020, 2279, 2506, 2678; Ioão quarto, 5063
Ioão Paes, 5309
Ioão Pereira Castel Branco, 4676
Ioão Pires, 2668
Ioão quinto, 107, 1708, 2024, 2892, 4866, 5004, 5137, 5326, 6151, 6155; João quinto, 6073
Ioão Ramalho, 482; Ioão Ramalho, 507, 1082, 1118, 1574, 1628, 1631, 1691, 3581, 3586, 3588, 5720; Ramalho, 513, 514, 523, 530, 544, 547, 1579, 1584, 1588, 1590, 1712
Ioão Rapozo Bocarro, 5309
Ioão Rodriguez Campello, 5702
Ioão Saraiva de Carvalho, 5228, 5695; Saraiva, 5233
Ioão Tavares, 5854
Ioão Telles da Silva, 2916, 2921
Ioão terceiro, 64, 155, 164, 181, 199, 216, 235, 241, 293, 598, 940, 977, 988, 1046, 1073, 1150, 1161, 1347, 1503, 1515, 2961, 3042, 3063, 3070, 3096, 3550, 3980, 4403, 4724, 4745, 4767, 4796, 4814; João terceiro, 5716
Ioão Teyxeira de Carvalho, 921
Ioão Velho de Azevedo, 2710, 2759, 2806
Ioão Veniste, 1028, 1032, 1039
Iordão Homem da Costa, 5026
Iorge Correa, 4163, 4164
Iorge da Fonseca, 4694, 4697
Iorge Ferreira, 984, 3577, 3587, 3597, 3605, 3613, 3615, 3619, 3629, 3634, 3650, 3658, 3669, 3673, 3678, 3685, 3687, 3697, 3725, 3754; Ferreira, 3588, 3631
Iorge Mascarenhas, 1934, 2657
Iorge Pires, 560, 926, 976, 978, 3461, 4920
Iorge Soares de Macedo, 5412, 5523
Ioze, 879; Ioze Adorno, 879, 889, 3583, 3587, 3798, 3800
Ioze da Costa, 2099, 2129, 2267
Ioze de Anchieta, 375, 1103, 1655; Anchieta, 377 (n. 32), 879 (n. 70), 3751
Ioze de Goes e Moraes, 4864
Ioze Gomes de Azevedo, 2916, 2921, 5018, 5023
Ioze Gomes Pinto de Morais, 5708
Ioze Ignacio de Arouche, 5963, 5968

Ioze Luis de Brito e Mello, 5704
Ioze Ortiz de Camargo, 2707
Ioze Pereyra Cardozo, 4756
Ioze Pereyra Leão, 6342
Ioze Raymundo Chichorro da Gama Lobo, 6746
Ioze Vaicete, 1560; Ioze Vai-sete, 1658; Vaisete, 1665, 1682, 1779, 1856, 1862, 1903, 1909
Izabel, 512, 1691
Izabel, 3529, 3531, 3536, 3577, 3687, 3691, 3698, 3706; Izabel de Gamboa, 960, 3430, 3434, 3460, 3465, 3468, 3479, 3517, 3604, 3614, 3676, 3757, 3803, 3806, 3817; Izabel Gamboa de Lima, 4221
Izabel de Lima, 3908, 3986, 3989, 3999, 4003, 4034, 4068, 4071; Izabel, 4001, 4015, 4021, 4025, 4265; Izabel de Lima de Souza e Miranda, 3814, 3819, 3941
Izabel Leitoa, 783, 791
Izabel Pinto, 563, 914
Izabel Rodriguez, 1534
Izidoro Tinoco da Silva, 5567

L

Leitoens, 794
Leme, 854; Lemes, 822, 827, 871
Leonardo Carneiro, 4498, 4505
Leonardo Nunes, 475, 1594
Leonor Leme, 820, 844, 863, 870
Lopo de Souza, 191, 195, 3915, 3918, 3922, 3925, 3931, 3933, 3935, 3940, 3975, 3988, 4001, 4016, 4023, 4040, 4041, 4098, 4156, 4221, 4259, 4644, 4798, 4898, 4901, 5277, 5280
Lourenço de Almeyda, 5808
Lourenço Galaão, 4337
Lourenço Leme, 5862
Lourenço da Veiga, 3820, 3825, 3833, 3838
Lucrecia, 855; Lucrecia Leme, 853
Luis, 988
Luis, 6399; Luis Antonio, 6405, 6456, 6511, 6615, 6624; Luis Antonio de Souza, 41, 5161, 5893, 6038, 6348, 6353, 6391, 6453; Antonio de Souza, 6512
Luis, 4143, 4158; Luis de Souza, 3959, 3967, 4065, 4107, 4109, 4142, 4180, 4254, 4347
Luis Carneiro, 3902, 5223; Luis Carneiro de Souza, 5344
Luis da Costa, 1535, 2291
Luis de Castro, 3926, 3972, 3988
Luis de Goes, 558, 698, 749, 760, 762, 764, 767, 769, 772, 780, 781; Luiz de Goes, 560
Luis Dias Leme, 1932
Luis Lopes, 4710; Luis Lopes de Carvalho, 4702, 4794, 4809, 4830
Luis Machado de Gouvêa, 3944
Luis Mascarenhas, 5974, 6006, 6219, 6225
Luis Pinto, 6513; Luis Pinto de Souza, 6455; Luis Pinto de Souza Coutinho, 6405, 6452, 6512, 6612; Luiz Pinto de Souza Coutinho, 9
Luis Salema de Carvalho, 5064
Lutero, 2351
Luzia Fernandez, 862

M

Maceta, 1754
Manilha, 1754
Manoel, 135, 154, 213
Manoel Caetano Lopés da Lavre, 5994; Manoel Caetano Lopes de Lavre, 5967
Manoel Cardozo de Abreu, 15; Manuel Cardozo de Abreu, 61
Manoel Correa, 739
Manoel da Costa, 3383, 3396
Manoel da Costa Duarte, 2280, 2509
Manoel da Fonseca, 1701, 2014, 2029; Manoel da Fonseca Bueno, 2013, 2027
Manoel da Luz, 980
Manoel da Nobrega, 1593; Nobrega, 1599, 1643, 3751
Manoel da Ressurreição, 6014
Manoel da Silva Reys, 6729
Manoel de Aguiar, 4807
Manoel de Camargo, 2873
Manoel de Moraes, 2346
Manoel de Oliveyra Gago, 949, 951
Manoel de Paiva, 1621
Manoel de Sampaio Barreto, 2859
Manoel Felipe da Silva, 5604
Manoel Fernandez do Porto, 4498; Manoel Fernandez Porto, 4505
Manoel Fogaça, 4415
Manoel Godinho, 3823
Manoel Gomes da Silva, 2918
Manoel Lobo, 5447, 5455, 5487, 5491, 5521, 5672
Manoel Lopes, 4338
Manoel Pedro de Macedo Ribeiro, 5965
Manoel Pinheiro da Fonseca, 2888
Manoel Pires, 5310
Manoel Rodrigues, 4144; Manoel Rodriguez, 3958, 4064, 4092, 4152, 4168, 4182, 4296, 4363, 4364, 4370;
Manoel Rodriguez de Moraes, 3954, 3962, 3964, 4055, 4063, 4069, 4127, 4212, 4251, 4257, 4296, 4311, 4361;
Manoel Rodriguez de Moraes, 4117, 4193, 4277, 4292, 4302, 4316, 4384; Rodriguez, 4145, 4173, 4185
Manoel Rodriguez de Amorim, 5483
Manoel Rodriguez de Azevedo, 4807
Manuel de Mello Godinho Manso, 5698
Marcos de Noronha, 6004
Margarida Fernandez, 3661
Maria Castanha, 964
Maria Leme, 843
Mariana de Souza da Guerra, 3925, 4367, 4416, 5048; Marianna de Souza da Guerra, 3936
Marques de Angeja, 5816
Marques de Cascaes, 3414, 3890, 3901, 4878, 4882, 5083, 5085, 5248, 5342; Marquez de Cascaes, 1709, 4866
Marques de Montealvão, 2508; Marques do Montealvão, 1935; Marquez de Montealvão, 2656
Marques do Lavradio, 6667; Marquez do Lavradio, 6348
Martha Teyxeira, 914
Martim Afonso de Souza o moço, 3770
Martim Afonso o velho, 3645, 3648, 3651
Martim Afonso Teviricã, 1272, 1622, 3581; Martim Afonso, 1422, 1424; Teviricã Martim Afonso, 1607

Martim Correa Vasques Annes, 5000

Martim de Sá, 735, 742, 4048, 4146, 4174, 4180, 4182, 4184, 4278, 4290, 4293, 4299, 4349, 4353; Sá, 4351

Martim Lopes, 6644, 6702 (n. 343); Martim Lopes Lobo de Saldanha, 5164, 6636, 6709; Martim Lopez Lobo de Saldanha, 1087

Martim, 250; Martim Afonso, 110, 112, 179, 185, 203, 204, 209, 220, 225, 227, 233, 236, 245, 261, 266, 276, 278, 289, 294, 305, 313, 316, 328, 331, 342, 346, 404, 409, 419, 452, 455, 458, 460, 463, 480, 492, 508, 513, 547, 554, 570, 575, 580, 591, 594, 603, 614, 645, 663, 671, 675, 687, 690, 704, 798, 923, 925, 945, 962, 970, 996, 1016, 1027, 1031, 1037, 1056, 1081, 1096, 1111, 1145, 1154, 1161, 1249, 1267, 1327, 1341, 1344, 1352, 1378, 1385, 1395, 1406, 1422, 1423, 1452, 1528, 1575, 1587, 1607, 1612, 1710, 3039, 3051, 3052, 3055, 3058, 3066, 3071, 3076, 3092, 3412, 3433, 3446, 3450, 3487, 3489, 3492, 3506, 3521, 3540, 3547, 3557, 3566, 3568, 3585, 3608, 3646, 3656, 3669, 3670, 3671, 3675, 3693, 3720, 3757, 3759, 3776, 3778, 3790, 3799, 3852, 3857, 3862, 3864, 3890, 3900, 4058, 4061, 4101, 4150, 4231, 4623, 4637, 4643, 4702, 4707, 4741, 4770, 4795, 4797, 4902, 4989; Martim Afonso de Souza, 72, 183, 251, 258, 271, 653, 1124, 1163, 1274, 1368, 1467, 1551, 1559, 1652, 2925, 2949, 2961, 3021, 3028, 3605, 3620, 3635, 3641, 3666, 3769, 3770, 3808, 3812, 3926, 3991, 4004, 4218, 4227, 4236, 4388, 4403, 4631, 4722, 4726, 4732, 4735, 4738, 4747, 4774, 4778, 4788, 4814, 4822, 4828, 4831, 4837, 4870, 4890, 4893, 4921, 4932, 4999, 5035, 5040, 5242, 5312

Martinho, 682; Martinho Afonso de Souza, 679

Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, 5991, 5996

Martinho de Oliveira Leitão, 793

Matheus da Costa Amorim, 5133

Matheus de Abreu Pereyra, 6019

Matheus Dias, 2132, 2268

Mathias Ioze Ferreira Abreu, 6719

Melchior Dias Preto, 3945

Mem de Sá, 809, 1100, 1642, 1868, 2034, 3752, 4917, 4935, 4952, 4970; Sa, 4966; Sá, 4982

Miguel, 6016

Miguel Ayres Maldonado, 740

Miguel da Silva, 3382

Miguel de Azevedo, 4675

Miguel Marcelino Velozo e Gama, 5711

Miguel Ribeiro da Cruz, 6330, 6339

Mucio Viteleschy, 2078

N

Nicolao de Azevedo, 564; Nicoláo de Azevedo, 914

Nicolao de Vilagaylhon, 4936

Nossa Senhora, 2398

Nossa Senhora da Assumpção, 4891

Nossa Senhora da Candelaria, 5135

Nuno Fernandez, 825

O

Ozorio, 141, 143, 146

P

Panfilio, 2080
Pantaleão Duarte, 2415
Paschoal de Azevedo, 2858
Paschoal Fernandez, 1466, 1473, 1478, 1494, 1532, 3661, 3682, 3728
Paschoal Moreyra Cabral, 5159, 5862
Paula Martinz, 681
Paulo Dias Adorno, 875, 876
Paulo Rodriguez de Lara, 4791
Paulo terceiro, 2143
Pedro, 1548, 1549, 2835, 2861, 5345, 5399, 5445, 5575
Pedro, 772; Pedro de Goes, 243, 248, 558, 689, 707, 744, 749, 759, 1112, 1260, 1269, 1468, 3015, 3016, 3049, 3054; Pedro de Goez, 80, 351
Pedro, 854; Pedro Leme, 803, 812, 853, 862, 866 (n. 68), 867, 870
Pedro Alvarez Cabral, 117, 3060; Cabral, 128
Pedro Borges, 1077
Pedro Colaço, 980
Pedro Correa, 1432, 1437
Pedro Cubas, 561, 4052, 4168, 4184, 5039
Pedro da Silva, 5117
Pedro de Almeyda, 5330, 5820; Pedro de Almeyda Portugal, 5804
Pedro de Figueiredo, 989
Pedro de Moraes Madureira, 2061; Madureira, 2068
Pedro de Moura, 2098, 2128, 2267
Pedro de Souza, 5152, 5157
Pedro de Souza Pinto, 680
Pedro Dias Paes Leme, 6162, 6332, 6340
Pedro Fernandez, 1532, 3856
Pedro Ferras Barreto, 4922, 4992
Pedro Ferraz, 255 (n. 18)
Pedro Gomes, 5542
Pedro Gonçalves, 253
Pedro Gonçalves Meira, 4458, 4504, 4582
Pedro Homem Albernáz, 2159
Pedro Ioze, 1535
Pedro Leitaõ, 4974
Pedro Lopes, 165, 312, 1033, 1215, 2974, 2976, 2991, 2996, 2998, 3004, 3034, 3036, 3047, 3053, 3062, 3074, 3079, 3096, 3102, 3136, 3137, 3145, 3150, 3213, 3320, 3340, 3353, 3361, 3374, 3385, 3408, 3409, 3417, 3421, 3424, 3432, 3434, 3438, 3440, 3443, 3455, 3460, 3466, 3472, 3483, 3507, 3510, 3518, 3524, 3528, 3543, 3545, 3559, 3568, 3590, 3600, 3603, 3614, 3627, 3652, 3655, 3659, 3674, 3684, 3694, 3707, 3725, 3727, 3758, 3780, 3796, 3835, 3842, 3849, 3857, 3864, 3870, 3892, 3911, 3914, 4033, 4057, 4094, 4101, 4104, 4645, 4798, 4847, 4863, 4869; Lopes, 4799
Pedro Lopes de Moura, 4499, 4504
Pedro Lopes de Souza, 961, 1027, 2952, 2955, 2961, 2967, 3019, 3057, 3116, 3469, 3604, 3621, 3636, 3807, 3909, 3929, 3933, 3938, 3943, 3980, 3984, 3990, 3992, 4002, 4007, 4031, 4072, 4122, 4218, 4220, 4388, 4396, 4401, 4422, 4561, 5275
Pedro Martinz Namorado, 1524
Pedro segundo, 745

Pedro Taques, 772, 781; Pedro Taquez de Almeyda, 648; Taques, 968, 1876; Taquez, 984
Pedro Vas de Barros, 3920
Pedro Vieyra, 4458; Pedro Vieyra Tinoco, 4479, 4503, 4582
Pero Afonso de Aguiar, 819, 843
Pero Capico, 1112
Pero Henriques, 1247
Pero Leme, 816, 843
Pimentel, 360 (n. 30), 382, 382 (n. 33), 1460 (n. 113)
Pires, 1673, 2698, 2707, 2735, 2738, 2740, 2744, 2746, 2747, 2751, 2752, 2755, 2840, 2867
Platão, 1657
Pompeos, 1877
Pontes, 1702 (n. 138), 2030 (n. 149)

R

Rafael Pires Pardino, 5697
Rodrigo, 3681, 3686; Rodrigo Alvarez, 3616, 3659
Rodrigo, 5524, 5527, 5530, 5549; Rodrigo de Castel Branco, 5411, 5522, 5548, 5555, 5671
Rodrigo Cezar, 5889; Rodrigo Cezar de Menezes, 2895, 2900, 5339, 5858, 5898; Rodrigo Cezar de Menezes, 5008
Roque Barreto, 5276
Ruy Dias Machado, 2930
Ruy Moschera, 274, 1274, 1277, 1290, 1400; Moschera, 1292, 1313, 1320, 1321, 1330, 1337, 1368, 1369, 1377, 1386, 1390, 1402, 1404, 1415, 1426, 1434, 1438, 1444
Ruy Pinto, 243, 256, 562, 913, 917, 918, 1096, 1260, 1269

S

Salvador Correa, 2455, 3839, 3849, 3859, 5028; Salvador Correa de Sá, 2110, 4986; Salvador Correa de Sá e Benavides, 736, 2089, 4049, 4930
Salvador do Valle, 4459, 4502, 4583
Salvador Iorge Velho, 5074
Salvador Pereyra da Silva, 5707
Sancho de Faro, 4650, 4657, 4681, 4687; Sancho de Faro e Souza, 5250
Santa Catharina, 751
Santa Maria de Adaufe, 2703
Santa Maria de Olivença, 2702
Santo Amaro, 3599
Santo Antoninho, 1831
Santo Ignacio, 1783
São Bento, 2702
São Gonçallo Garcia dos Homens Pardos, 1830
São Ioaõ Baptista, 734
São Iorge, 1022
São Miguel, 1650
São Paulo, 1626
São Sebastião, 347
São Vicente, 347

Sebastião, 807, 906, 992, 3994, 4969
Sebastião Cezar de Menezes, 4677
Sebastião de Castro e Caldas, 5208, 5736
Sebastião de Moraes, 4787
Sebastião Fernandez, 3685
Sebastião Fernandez Correa, 2493, 2497, 2501
Sebastião Fernandez de Avilo, 2984
Sebastião Gaboto, 572
Sebastião Galvão Rasquinho, 5696
Sebastião Ioze Ferreira Barroco, 5710
Sebastião Paes de Brito, 4441
Sebastião Pereira de Brito, 5306
Sebastião Ribeiro, 4759
Sebastião Vieyra de Souza, 4808
Senhor de Azurara, 117
Senhor de Ferreiros e Tendaes, 10
Senhor do Prado, 191
Simaõ Alvarez de La Penha, 856
Simaõ de Oliveira, 4731
Simaõ Dias de Moura, 5223
Simaõ Machado, 3858, 4921
Simão de Tolledo de Almeyda, 805
Simão Maceta, 2075
Sipião de Goes, 762, 766
Siqueiras, 928, 930
Souza, 3356; Souzas, 189, 3355

T

Teveriçã, 503; Teveriça, 1610; Teveriçã, 507, 510, 515, 548, 553, 1418, 1420, 1570, 1613, 1711
Theotonio da Silva Gusmão, 5139
Thomas Ruby, 6202, 6227; Thomas Rubý, 6172; Thomas Ruby de Barros Barreto, 6077
Thome de Almeyda, 2874
Thome de Souza, 701, 706, 1074, 1581, 1584, 1593, 1867, 5718
Thome Gomes Moreyra, 5963, 5968, 5991, 5995
Thome Pinheiro da Veiga, 2544
Tristão Gomes da Mina, 825

U

Urbano oitavo, 2079, 2120, 2273, 2628

V

Valemont, 264
Valerio, 4682; Valerio de Carvalho, 4681

Vasco da Mota, 4928, 5192; Mota, 5196
Vasco Fernandez Coutinho, 713
Vasco Pires da Mota, 3639
Vasconcelos, 661, 878, 967; Vasconcellos, 158 (n. 9), 328 (n. 24), 331 (n. 26), 377 (n. 32), 469, 471 (n. 40), 569 (n. 45), 576, 576 (n. 47), 605, 734 (n. 60), 890, 891 (n. 73), 1025 (n. 86), 1102 (n. 97), 1433 (n. 110), 1598 (n. 126), 1610 (n. 127), 1621 (n. 129), 1645 (n. 133), 1654, 1713, 3032
Vicente da Fonseca, 4989
Vicente do Salvador, 658
Vicente Gonçalves, 1028
Vicente Leite Ripado, 5137
Victoria Pinto, 928, 931, 932
Vimieyro, 3942, 4648
Visconde de Asseca, 81, 745; Viscondes da Asseca, 736

5.4 Índice Toponímico

A

Acaraguá, 3504
Africa, 1840, 2899, 3106, 3993, 5007, 5951, 5981
Aguarahy, 6532; Aguarahy, 6517
Alcoentre, 970, 4655, 4670, 4788, 5251, 5320
Aldeya de Cabo Frio, 721
Aldeya de Pirátininga, 1596; Aldeya de Piratininga, 1604
Aldeya de São Paulo, 1419, 1634
Aldeya dos Pinheiros, 2397
Algarves, 2899, 3105, 5006, 5450, 5950, 5980; Algarvez, 2837
Almeirim, 1515, 4775
America, 73, 116, 139, 186, 396, 704, 1293, 6497, 6680; Americaz, 5715
America Luzitania, 1344
America Portuguesa, 158 (n. 9), 233, 235 (n. 15), 361 (n. 31), 3436, 3437 (n. 205)
Andaluzia, 1227
Angola, 4201
Angra dos Reys, 348, 365, 367, 372, 3710, 3750
Anhanduhý, 6518; Anhanduhy, 6533
Anhangaboý, 1605, 1819; Anhangaboy, 6753
Anhangarivaý, 1819
Anhenbý, 1565
Antartico, 344
Araçáriguama, 5124
Araraytaguaba, 5141, 6525
Arrayal de Tocantins, 5913
Arreal de São Pedro, 5546
Assores, 667, 1000
Assumpção, 6591
Azia, 117, 186, 236, 240, 1396, 3555

B

Bahya, 159, 986, 1839, 2582, 2631, 4347, 4438, 4548, 4756, 4936, 4956, 4973, 4985, 5064, 5306, 5721, 5727, 6306; Bahya de Todos os Santos, 174, 1350, 2832, 4138, 4716
Bahya da Traição, 3131
Balsemao, 11
Barra da Bertioga, 399, 411, 489, 1107, 1469, 3463, 3486, 3502, 3506, 3510, 3562, 4240, 4562
Barra das Toyucas, 357
Barra de Guaratyba, 358
Barra de Parnagoa, 3953
Barra de Santos, 3513, 3688, 3786; Barra Grande de Santos, 1470, 3505, 3511, 3526
Barra de São Vicente, 403, 405
Barra do Rio de Janeiro, 2097
Barra Grande, 402, 619, 625
Bertioga, 387, 408, 417, 419, 519, 529, 532, 608, 618, 621, 3410, 3662, 3666, 3682, 3685, 3689, 3690, 3719, 3845, 3848, 3853, 3858, 4771, 4783, 4884
Borda do Campo, 1118, 1156
Boýguaçúcanga, 3881
Bragança, 191
Brazil, 128, 142, 158 (n. 9), 232, 238, 239, 252, 259, 262, 272, 276, 286, 294, 297, 303, 341, 360 (n. 30), 382 (n. 33), 576, 591, 655, 661, 662, 700, 703, 805, 808, 811, 1006, 1023, 1126, 1166, 1202, 1208, 1253, 1289, 1333, 1341, 1343, 1360, 1514, 1592, 1595, 1630, 1774, 1807, 1854, 1908, 1935, 1968, 2103, 2149, 2150, 2534, 2538, 2842, 3040, 3057, 3109, 3123, 3267, 3269, 3271, 3272, 3274, 3278, 3282, 3520, 3540, 3557, 3573, 3821, 3825, 3833, 3983, 4048, 4064, 4346, 4742, 4747, 4779, 4952, 5037, 6703
Buenos Ayres, 572, 1323, 1392, 2096, 2115
Buriquioca, 386

C

Cabo de Santa Maria, 2096
Cabo de Santo Agostinho, 90
Cabo de São Thome, 738, 3863
Cabo Frio, 82, 2412, 4216, 4630, 4632, 4888, 4900, 4902, 4903, 4906, 4909, 4913, 4934, 4939
Cahaguaçû, 5118
Cairuçû, 372
Camandoa ocaya, 6223
Camapoam, 6536
Caminho de Santos, 6726
Caminho do Padre Ioze, 1102
Campanhas de Gurápuáva, 6376
Campo de Pirátininga, 351, 475, 1099, 1111; Campos Pirátininga, 1617; Campos de Pirátininga, 503, 1571
Campo Grande, 6247
Campos de Guaitacazez, 81
Campos de Guarê, 1618
Campos de Marcella, 6247
Campos Geraes de Curitiba, 6374
Cananea, 1404, 5081; Cananêa, 275, 1417, 3094; Cananeya, 1254, 3404, 3887, 4625, 6371
Capela de Santo Amaro, 888

Capella da Luz, 6737
Capella de Nossa Senhora da Graça, 886, 1485
Capella de Nossa Senhora dos Remedios, 1831
Capella de Santa Efigenia, 1832
Capella de São Bernardo, 1119
Capella de São Christovão, 795
Capitania da Conceição de Itánheen, 111; Capitania de Itanheen, 3445, 4647, 4650, 4680, 4684, 5324; Capitania de Itánheen, 4633, 4684, 4686, 4694, 5199, 5282, 5341; Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itánheen, 4689; Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanheen, 3894
Capitania da Villa de Santos, 4470
Capitania de Goyás, 5314
Capitania de Itamaracá, 3073, 3103, 3916, 3919, 3930, 3978, 3983, 4073, 4124, 4377; Capitania de Itamaracá, 3425, 3923, 3955
Capitania de Minas, 6241; Capitania de Minas Gerais, 6757
Capitania de Porto Seguro, 2369
Capitania de Santo Amaro, 79, 314, 2958, 3066, 3072, 3080, 3090, 3440, 3446, 3601, 3620, 3640, 3699, 3824, 3897, 3921, 4222, 4224, 4237, 4378, 4869; Capitánias de Santo Amaro, 3916, 3930
Capitania de São Paulo, 2, 18, 36, 109, 930, 2669, 2902, 3885, 5315, 5339, 5680, 5749, 5807, 5857, 5924, 5952, 5970, 5982, 6004, 6022, 6035, 6217, 6249, 6255, 6261, 6488, 6503, 6600, 6613, 6626, 6662, 6673, 6688; Capitánias de São Paulo, 5819, 5823, 5828, 5921
Capitania de São Thomé, 80; Capitania de São Thome, 694, 713, 737
Capitania de São Vicente, 62, 91, 103, 265, 469, 651, 658, 750, 775, 813, 939, 1125, 1130, 1413, 1707, 1779, 1807, 1863, 1894, 1925, 1943, 2706, 2816, 3562, 3595, 3611, 3622, 3637, 3642, 3645, 3688, 3713, 3768, 3809, 3828, 3872, 3878, 3879, 3883, 3913, 3916, 3921, 3927, 3957, 3963, 4058, 4078, 4082, 4088, 4091, 4112, 4129, 4148, 4154, 4235, 4255, 4271, 4342, 4368, 4375, 4418, 4443, 4506, 4600, 4643, 4646, 4704, 4725, 4737, 4744, 4746, 4750, 4760, 4762, 4769, 4779, 4796, 4800, 4893, 4895, 4918, 4942, 4947, 4956, 4991, 4996, 4997, 5123, 5241, 5249, 5270, 5287, 5488, 5494, 5728; Capitánias de São Vicente, 3035, 3075, 3739, 3884, 3922, 4123, 4377
Capitania de Villa Rica, 5313
Capitania do Expirito Santo, 712
Capitania do Mato Grosso, 5313
Capitania do Rio de Ianeiro, 721, 2114, 2884, 5347, 5453, 5491, 5926, 5932, 5989
Capitánias do Brazil, 2149
Carmo, 6735
Castella, 222, 1792, 1804, 1938, 4661, 6416
Castello Bom, 786
Castello de São Iorge, 5110
Catagazes, 5739; Cataguazes, 5206
Cidade da Bahya, 872, 876, 1347, 1681, 1753, 2384, 3839, 3958, 4064, 4159, 4371, 4704, 4710, 5717
Cidade de Beja, 4110
Cidade de Buenos Ayres, 1387
Cidade de Cabo Frio, 4891, 4895
Cidade de Charaes, 1905
Cidade de Evora, 3097
Cidade de Lisboa, 1838, 2281, 3271, 3284, 5603
Cidade de São Paulo, 985, 1440, 1614, 1780, 2058, 5077, 5082, 5916, 6037, 6189, 6240
Cidade de São Sebastião do Rio de Ianeiro, 2125, 2520; Cidade do Rio de Ianeiro, 740, 2011, 2070, 2087, 2116, 4351, 4916, 6056, 6062; Cidades do Rio de Janeiro, 1839
Cidade de São Sebastião, 5933
Cidade do Funchal, 815, 841
Cidade do Porto, 718, 974

Cidade do Salvador, 810, 1349, 2832, 4138, 4716
Ciudad Real, 1905
Colônia do Sacramento, 5445, 5955
Colônia do Yguatemy, 50, 6616
Comarca de Goyas, 5913, 5975
Conceição, 4105
Conceição dos Guarulhos, 1828
Correntes, 6533
Crato, 281
Cubataõ, 6748
Curitiba, 1808, 6372
Curupacê, 3092, 4562
Cutia, 1828
Cuxiim, 6536
Cuyaba, 43, 1699, 1809, 5313, 6003, 6397, 6520, 6704

E

Embarê, 636
Engenho da Madre de Deos, 248, 760, 784, 896, 3056; Madre de Deos, 691
Engenho de Saõ Iorge, 1058; Engenho Saõ Iorge dos Erasmos, 1040; Saõ Iorge dos Erasmos, 1037
Engenho do Senhor Governador, 1036
Engenho dos Armadores, 1037
Enguaguaçû, 690, 1461, 1478, 1482, 1506
Enseada de Guarátuba, 6359
Enseada dos Maramomis, 479; Enseada dos Maramomis ou Guarámomis, 377
Espanha, 76, 1011, 1295, 1763, 1791, 1876, 1883, 1944, 1959, 2094, 2960
Estacada, 636; Estacada do Crasto, 438
Estado do Brazil, 2055, 2100, 2508, 2515, 2704, 2853, 2865, 3956, 3959, 4111, 4520, 4714, 4720, 4918, 5086, 5293, 5350, 5452, 5717, 5722, 5845
Estrada de Goyas, 6373, 6386
Estrada de Paranapeacaba, 1971
Estrada do Cubataõ Geral, 1102
Europa, 186, 508, 1005, 1249, 1249, 1659, 3427, 4944, 6675
Evora, 2302, 3383, 3396
Expirito Santo, 67, 695, 722

F

Fanado, 6305, 6309
Fazenda de Santa Anna, 864
Fecho dos Morros, 6458, 6468, 6567, 6574
Flandres, 4651, 4658
França, 1561, 2965, 2974, 4943, 4960
Freguezia das Campinas, 5129
Freguezia de Mogi guaçû, 6386
Freguezia de Nossa Senhora da Guia de Xiririca, 5054
Freguezia de Paranampanema, 6379

Freguezia de Santo Amaro, 978
Freguezia de Santo Antonio de Apiahy, 6380
Freguezia de São Ioaõ da Atibaya, 6365
Freguezia de São Ioze de Mogi mirim, 6385
Freguezia do Facao, 6742
Freguezia do Pillar, 5068
Freguezias de Ararapira, 6371
Freguezias de Nazaret, 6369
Freguezias de São Roque, 5124
Funchal, 803, 862, 870

G

Genova, 876
Geribatyba, 764, 1482, 1607
Goyas, 1699, 5880, 6000, 6004, 6048, 6088, 6183; Goyaz, 6044; Goyazes, 1809
Guaibe, 491, 622, 3472, 3474, 3475, 3480, 3487, 3532, 3535, 3571, 3575, 3586, 3590, 3593, 3595, 3595, 3597
Guaitacã Iacoritô, 715
Guaitacã Mopi, 715
Guaitacáguaçû, 715
Guatemy, 6410
Guine, 2900, 5007, 5981; Guinë, 3106; Guiné, 5951
Guráçoyava, 5725
Guratinguetã, 5170; Guratinguetã, 4626, 5185, 5328; Guratingueta, 6729

I

Iaguaquára, 1491
Iaguary, 6369
Iaragoa, 5118; Iaraguã, 2042
Iaurû, 6570
Ilha da Cananea, 1298; Ilha de Cananea, 3124, 3952, 5033; Ilha de Cananêa, 87; Ilhas de Cananeya, 1338
Ilha da Contenda, 3579
Ilha da Madeira, 776, 815, 842, 1020; Ilhas da Madeira, 1000
Ilha de Guaibe, 443, 445, 513, 888, 3515, 3523, 3567, 3655, 3668, 3682, 3693
Ilha de Itámaracã, 2989, 3101, 3130, 3138, 4023, 4077
Ilha de Maldonado, 567
Ilha de Santa Catharina, 94, 1382, 1391, 5949, 5961
Ilha de Santo Amaro, 631, 1463, 1507, 3471, 3511, 3527, 3635, 3646, 3653, 3659, 3674, 3689, 3690, 3694, 3695, 3707, 3717, 3758, 3781, 3843, 3864, 4102, 4556; Ilha de Santo Amaro de Guaibe, 3616, 3774; Ilha e Capitania de Santo Amaro, 4224; Ilhas de Santo Amaro, 472, 3451
Ilha de São Gabriel, 5446, 5457
Ilha de São Sebastião, 3802, 3871, 4557, 4846, 4882, 5838
Ilha de São Vicente, 444, 621, 623, 1049, 1460, 1461, 3609, 3627, 3631, 3651, 4104, 5036; Ilhas de São Vicente, 389, 1109, 3487, 4844, 4862
Ilha do Principe, 3450, 4648
Ilha do Santo Abade, 3458
Ilha do Vilagaylhon, 4959

Ilha dos Porcos, 373, 377
Ilha Grande, 362, 367, 4630; Ilha Grande Angra dos Reys, 4987
Ilha ou Restinga da Marambaya, 360
India, 127, 219, 227, 232, 235, 239, 582, 600, 1346, 1395, 1398, 1457, 1474, 3029, 3522, 3553, 6745; Indias, 1944
Inglaterra, 5404, 5418, 5499
Ipacarê, 5216
Iperoóy, 376
Itamaracá, 3425, 3923; Itámaracá, 164, 171, 2974, 3014, 3021, 3025, 3048, 3399, 3404, 3916, 3930, 3939, 4124, 4377; Itámaracá, 2965, 2968
Itanheen, 2926, 3902, 3907 (n. 233); Itánheen, 1454, 2934, 2942, 3454, 3902, 5176, 5182, 5188, 5284; Nossa Senhora da Conceição de Itanheen, 3894
Itapeva, 6365
Itararê, 629
Itatý, 1802
Itáyáçupeva, 5118
Iundiahy, 4620
Iuqueriquerê, 83, 3092, 3867, 5026
Iuquery, 1828

L

Larangeiras, 377, 3710, 3750
Lavapes, 1818
Limoeiro, 222
Lisboa, 72, 121, 140, 149, 206, 229, 262, 281, 289, 340, 595, 785, 919, 945, 960, 1026, 1143, 1247, 1395, 1958, 2094, 2505, 2600, 2664, 2858, 2889, 3040, 3069, 3517, 3529, 3676, 3698, 3958, 4028, 4034, 4064, 4343, 4651, 4675, 4696, 5110, 5388, 5443, 5484, 5529, 5571, 5637, 5663, 5665, 5691, 5781, 5796, 5994, 6017; Lisboa Ocidental, 2919, 5020, 5855, 5945, 5966
Luz, 1834
Luzitania, 1952

M

Madeira, 666, 797, 799
Maldonado, 90, 96
Marcelha, 1231
Mato Grosso, 37, 43, 53, 1699, 6002, 6397, 6406, 6460, 6520, 6705
Mezão Frio, 5173
Millaõ, 1883
Minas, 104, 104, 872, 5218, 5819, 5824, 5825, 5832, 5834, 6082, 6087, 6163, 6194, 6220, 6242, 6270, 6285, 6289, 6316, 6332, 6345
Minas do Ouro, 107
Minas do Cuyaba, 5160, 5861, 5908
Minas do Geraldo, 5118
Minas do Mato Grosso, 5140
Minas Geraes, 987, 1700, 4876, 5213, 5315, 5747, 5760, 5859, 5861, 5873, 5893, 6044, 6067, 6086, 6112, 6116, 6260, 6307; Minas Gerais, 5331, 5752, 5806, 6048, 6058, 6214, 6248

Minas Novas do Fanado, 6305
Mogi das Cruzes, 4618
Monforte, 2701
Monserrate, 1472
Morro da Marambaya, 363
Morro de Guaráçoyava, 5152; Morro de Guráçoyáva, 5148
Morro do Lopo, 6188, 6238

N

Napoles, 1883
Neves, 692
Nitheroó, 328
Nossa Senhora da Praya, 642
Nossa Senhora dos Pinheiros, 1649
Nova Luzitania, 64, 231, 670, 1804, 2969, 3058
Novo Mundo, 138

O

Olanda, 5349, 5372, 5404, 5418, 5500
Olivença, 929
Oriente, 133, 229, 240, 518, 583, 601, 1398, 1806, 1815, 3427
Ouro Fino, 6223
Outuba, 5838

P

Paço de Lisboa, 2505
Paizes Baixos, 1883, 5358; Paizez Baixos, 1877
Palmelar, 2408
Pamplona, 2077
Paõ de Assucar, 330
Paragem Sumidouro, 5550
Paraguay, 52, 770, 1275, 1275 (n. 105), 1336, 1399, 1666, 1666 (n. 137), 1775, 1904, 1946, 1968, 2073, 2078, 2083, 2095, 2130, 6393, 6417, 6428, 6434, 6489, 6518, 6534, 6543, 6568, 6588, 6655
Parahybipeva, 5526, 5545
Paraná, 2083, 6422; Paranâ, 6530
Paranampanema, 1808
Paraty, 1704; Paratý, 4630
Paraybuna, 6245
Parnagoa, 3889, 3904, 4625, 5070, 5410; Parnagoá, 5420; Parnaguá, 1805; Parnagua, 6359
Parnambuco, 67, 1211, 1213, 1231, 2603, 3023, 3037, 3041, 3101, 3416; Pernambuco, 2352
Passo Sarnache, 2701
Pateo da Mizericordia, 1823
Pateo de Saõ Bento, 6737

Penaguiaõ, 915
Peniche, 2701
Perù, 2144, 2168, 2172, 2470
Piahy, 1808
Pindamunhangaba, 4626, 5230, 5236, 5328
Pirácicaba, 5141
Pirátininga, 1020, 1567, 1569, 1575, 1614, 1616, 1647, 1783; Piratininga, 1424
Polo Arctico, 343
Porto, 759, 1838
Porto da Villa de Santos, 1837
Porto das Armadias, 1995
Porto de Cananêa, 1384
Porto de Guaibe, 448
Porto de Iaurû, 6526
Porto de Itamaracá, 2990
Porto de Martim Afonso, 331
Porto de Piassaguera, 1097
Porto de Santa Cruz, 1095
Porto de Santos, 86, 1454, 1520, 1521, 1527, 1536, 5836, 5839
Porto de Tumiari, 423, 449, 634
Porto do Cubatão, 1543; Porto do Cubataõ, 5071
Porto do Rio de Janeiro, 5953
Porto Seguro, 122
Portugal, 218, 222, 567, 568, 654, 660, 948, 963, 1011, 1150, 1292, 1294, 1763, 1786, 1793, 1809, 1876, 1883, 1906, 1910, 1912, 1945, 1952, 1977, 2063, 2898, 3105, 3515, 3565, 3570, 4123, 4764, 5006, 5317, 5349, 5575, 5950, 5980, 6416
Povoação de Guaibe, 3479
Povoação de Itanheen, 2938; Povoação de Itánheen, 2947
Povoação de Pirátininga, 2036
Povoação de Santo Andre na Borda do Campo, 5718
Povoação de São Sebastião, 3876
Povoação de São Vicente, 514
Praça de Santos, 6712
Praça de Yguatemy, 6392; Praça do Yguatemý, 6459
Praças de Parnambuco, 2341
Praya de Embarê, 628
Praya de Itánheen, 2931
Praya de Itáráre, 633, 635
Provincia de Paraguay, 2075
Provincia de Santo Antonio do Brazil, 662
Provincia de Tucuman, 2131
Provincia do Brazil, 966, 1600, 2308
Provincias de Guairá, 1802
Provincias do Prata, 1946

Q

Quinta do Ramaçal, 915

R

Reconcavo da Bahya, 2684
Reconcavo de Cananêa, 1407
Reino, 131, 310, 318, 339, 351, 353, 517, 554, 590, 594, 612, 617, 665, 666, 693, 700, 747, 782, 798, 935, 1090, 1146, 1269, 1456, 1516, 1923, 1983, 2001, 2044, 2215, 2295, 2406, 2474, 2927, 2974, 3011, 3016, 3029, 3048, 3069, 4006, 4007, 4011, 4374, 4666, 4969, 5049, 5419, 5519, 5579, 5616, 5841, 5843, 6007, 6143, 6408; Reyno, 6266
Reino de Castella, 2144; Reinos de Castella, 2131
Reino de França, 4936
Reino de Portugal, 1090, 2215; Reinos de Portugal, 829, 2837, 5449
Reino de Vimieyro, 5251, 5321
Ribeirão do Carmo, 5753
Ribeyraõ Anhangaboy, 6752
Ribeyro do Carmo, 1539
Rio Bertioga, 3869; Rios Bertioga, 3866
Rio Sapucahy, 6154, 6158, 6166, 6167, 6197, 6205, 6210, 6216, 6241, 6253, 6265, 6280; Rio Sapucahy, 6120, 6235, 6276, 6288; Sapucahy, 6096
Rio Curûpacê, 5026; Rio Curupacê, 3400, 3951, 4244, 4469, 4559, 4561, 4632, 4883, 4889, 4934; Rio de Curûpacê, 3401; Rio de Curupacê, 83, 3127, 3128
Rio da Bertioga, 86, 1506, 3409
Rio da Cananeya, 1257
Rio da Prata, 174, 178, 182, 298, 471, 556, 567, 577, 579, 587, 597, 606, 611, 614, 1166, 1183, 1194, 1213, 1385, 1388, 1429, 3015, 3038, 3050, 3053, 3071, 3863, 5457, 5495, 6658
Rio das Mortes, 5835, 6076
Rio de Janeiro, 104, 233, 290, 308, 328, 337, 342, 348, 350, 355, 400, 410, 718, 741 (n. 61), 794, 986, 2408, 2416, 2548, 2554, 2576, 2627, 2673, 2710, 2759, 2847, 2851, 2854, 2870, 2880, 3751, 4052, 4146, 4293, 4631, 4905, 4914, 4915, 4919, 4924, 4927, 4930, 4932, 4941, 4945, 4955, 4970, 4986, 4996, 5002, 5004, 5014, 5027, 5160, 5209, 5218, 5229, 5345, 5447, 5529, 5540, 5597, 5630, 5672, 5736, 5740, 5746, 5748, 5750, 5839, 5842, 5844, 5892, 5917, 5922, 5949, 5953, 5960, 6007, 6352, 6354, 6666, 6729, 6746; Rio de Janeiro, 3712, 3839, 5029, 5133; Rio du Janeiro, 5236
Rio de Ipacarê, 5185
Rio de Itámaracâ, 3422
Rio de Itánheen, 478
Rio de Iuqueriquerê, 3853
Rio de Macaê, 82; Rios Macaê, 739
Rio de Mandû, 6236
Rio de Santa Cruz, 3131
Rio de Santo Amaro de Guaiibe, 437
Rio de Santos, 3548, 3608, 4238; Rios de Santos, 3868
Rio de Saõ Francisco, 6246
Rio de Saõ Pedro do Sul, 5955
Rio de Saõ Pedro, 5961
Rio de Saõ Vicente, 85, 282, 384, 460, 607, 1105, 1468, 3127, 3400, 3401, 3486, 3546, 3558, 3559, 3563, 3952, 4106, 4244, 4469, 4559, 4561, 4883, 5032, 5080; Rios Saõ Vicente, 3091
Rio do Paraguay, 5010
Rio Doce, 6246
Rio Grande, 1565, 5730, 5733, 5868, 6114, 6147, 6149, 6153, 6182, 6192, 6197, 6234
Rio Grande de Saõ Pedro, 105, 6382
Rio Grande do Sul, 5885
Rio Guarey, 6423

Rio Guatemy, 6421
Rio Iaguarý, 6238
Rio Igurey, 6741
Rio Paráguaçû, 160
Rio Paraguay, 43, 6458, 6469
Rio Parahyba, 5216
Rio Paraná, 6742; Rios Parana, 6516
Rio Paranampanema, 1807
Rio Pardo, 6535
Rio Santa Cruz, 3138, 3139
Rio Sapucahy, 6120, 6235, 6276, 6288; Rio Sapucahý, 6154, 6158, 6166, 6167, 6197, 6205, 6210, 6216, 6241, 6253, 6265, 6280
Rio Terceiro, 572
Rio Tietê, 6739; Rio Tyetê, 1617
Rio Uruguay, 6656
Rio Uvaý, 2083
Rio Verde, 6333
Rio Yguatemý, 6471
Rio Ypanê, 6426
Rios Aguarahý, 6517
Rios de Sapucahý mirim, 6321
Rios Tamanduatiý, 1604
Roma, 2078, 2094, 2215
Rozario dos Pretos, 1831
Rua de Martim Afonso, 1611

S

Salamanca, 217
Santa Anna, 864, 871, 4216, 5086
Santa Anna de Parnahyba, 4619
Santa Anna de Sapucahy, 6222
Santa Anna do Yapó, 6374
Santa Catharina, 105, 1324, 1539
Santa Cruz, 128, 136, 2370
Santa Fé, 5118
Santa Thereza, 1836
Santiago, 826, 3725
Santo Amaro, 84, 94, 110, 390, 400, 440, 625, 881, 888, 962, 1109, 1828, 3027, 3036, 3075, 3090, 3419, 3439, 3455, 3474, 3480, 3482, 3487, 3668, 3680, 3727, 3739, 3753, 3791, 3812, 3825, 3880, 3884, 3895, 3904, 3911, 3913, 3919, 4106, 4154, 4241, 4265, 4368, 4428, 4641, 4645, 4845, 4862, 5119; Santo Amaro de Guaibe, 3704
Santo Andre, 1634, 1867
Santo Antonio da Lapa, 6371
Santo Antonio de Piracicaba, 6372
Santo Antonio do Brazil, 141, 2962
Santos, 402, 437, 752, 763, 769, 887 (n. 72), 921, 927, 942, 949, 964, 972 (n. 82), 1041, 1092, 1107, 1157, 1262, 1442, 1482, 1486, 1487 (n. 116), 1490, 1509, 1516 (n. 118), 1519, 1530, 1533 (n. 121), 1612 (n. 128), 2520, 2560, 2646, 3084, 3617, 3830 (n. 226), 3881, 3882, 4105, 4145, 4247, 4428, 4449, 4618, 4637, 4792, 4880, 4942, 5245, 5529, 6357, 6726

São Christovão, 795
São Felipe, 3719, 3726, 3729, 3732
São Francisco, 1833
São Ieronimo, 1471, 1491
São Ioaão de Iacuhý, 6036
São Ioze, 6750
São Ioze da Parahyba, 6362
São Mauro, 1561
São Paulo, 104, 107, 244 (n. 17), 259 (n. 19), 652, 680, 857, 864, 866 (n. 68), 931, 1013, 1084, 1157, 1262, 1269 (n. 104), 1419, 1454, 1557, 1589 (n. 124), 1591, 1626, 1646, 1648, 1651, 1654, 1655, 1657, 1666, 1672, 1683, 1714, 1718, 1725, 1808, 1812, 1850, 1862, 1870, 1885, 1904, 1907, 1909, 1917, 1932, 1966, 1972, 2013, 2029 (n. 148), 2031, 2043, 2048 (n. 151), 2057, 2067, 2070, 2092, 2271, 2275, 2278, 2281, 2284, 2287 (n. 186), 2504, 2559, 2659, 2660 (n. 168), 2664, 2664 (n. 169), 2676, 2676 (n. 170), 2677, 2680, 2682, 2690, 2694 (n. 173), 2890 (n. 180), 2892, 2921 (n. 182), 3923 (n. 234), 3924, 3963, 3964 (n. 236), 4098, 4248, 4428, 4439 (n. 251), 4449, 4450, 4455 (n. 252), 4470, 4513, 4584, 4618, 4638, 4864, 4867 (n. 270), 4874, 4880, 4900 (n. 272), 4942, 4972, 4997, 5003, 5023 (n. 277), 5061, 5086, 5112 (n. 281), 5149, 5169, 5173, 5183, 5190, 5216, 5229, 5239 (n. 287), 5241, 5245, 5249, 5308, 5311 (n. 290), 5390 (n. 294), 5391, 5444 (n. 296), 5486 (n. 298), 5528, 5551, 5608 (n. 305), 5673, 5674 (n. 310), 5693 (n. 311), 5723, 5724, 5728, 5742, 5744, 5755, 5782 (n. 314), 5797 (n. 316), 5824, 5835, 5853, 5856 (n. 318), 5889, 5908, 5925, 5929, 5947 (n. 321), 5948, 5960, 5969 (n. 323), 5997 (n. 324), 6000 (n. 326), 6001, 6059, 6067, 6082, 6110, 6117, 6147, 6154, 6168, 6183, 6191, 6194, 6199, 6218, 6231, 6268, 6246, 6343 (n. 333), 6347, 6353, 6356, 6451, 6519, 6523, 6603, 6702 (n. 343), 6756; São Paulo de Pirátininga, 1672, 1812, 2034
São Pedro, 1830
São Sebastião, 379
São Sebastião do Rio de Janeiro, 4982
São Vicente, 70, 88, 95, 101, 106, 109, 187, 226, 234, 238, 247, 263, 275, 278, 280 (n. 22), 282, 292, 306, 318, 339, 347, 349, 375, 421, 430 (n. 37), 446, 449, 472, 556, 586, 596, 598, 635, 643 (n. 51), 645, 678, 695, 781, 801, 803, 863, 865, 905, 926, 942, 956, 981, 981, 996, 1024, 1042, 1048 (n. 88), 1063, 1079, 1083, 1106, 1114, 1123 (n. 99), 1157, 1159, 1263, 1344, 1359, 1365, 1367, 1370, 1390, 1393, 1397, 1399, 1414, 1418, 1423, 1442, 1454, 1455, 1491, 1507, 1525 (n. 120), 1594, 1598, 1642, 1779, 1913, 2015 (n. 147), 2035, 2270, 2520, 2559, 2645, 2675, 2831, 2927, 2930, 2934, 2937, 2941, 3021, 3026, 3038, 3055, 3064, 3084, 3100, 3332, 3398, 3400, 3415, 3451, 3462, 3476, 3476 (n. 208), 3491, 3493, 3514, 3515 (n. 211), 3522, 3523 (n. 212), 3548, 3549, 3554, 3556, 3570, 3572 (n. 214), 3580, 3647, 3681, 3683, 3690, 3705, 3722, 3726 (n. 220), 3831, 3904, 4039, 4048, 4054, 4062, 4062 (n. 240), 4074, 4098, 4143, 4153, 4156, 4192 (n. 245), 4226, 4272, 4272, 4349, 4352, 4356, 4610, 4615, 4636, 4709 (n. 263), 4721, 4794, 4848, 4854, 4894, 4899, 4901, 4908, 4922, 4957, 4971, 4984, 5039, 5047, 5048, 5742
Sapucahý, 6096
Sapucahy guaçu, 6101; Sapucahý guaçu, 6111, 6322, 6323
Sapucahý mirim, 6099, 6111
Serra Acima, 496, 1088, 1092, 1541, 1895, 1937, 1945, 4626, 5070
Serra da Mantiquira, 6174, 6186; Serra Mantiquira, 6109; Mantiquira, 6098
Serra de Iaguamimbaba, 5117; Serras de Iaguamimbaba, 2041
Serra de Iaraguá, 5725
Serra de Mogi guaçu, 6177, 6179
Serra de Paranapéacaba, 1562; Serra do Paranapéacaba, 1104
Serra de Sabarábuçu, 5420; Serro do Sabará buçu, 5525
Sete Quedas, 6742
Sorocaba, 4620, 6378
Sumidouro, 5556

T

Tamanduatiy, 1568, 1820
Tamaracá, 4253
Tape, 1802
Tapera de Cunhanbeba, 373
Taquary, 6536
Taubate, 5185, 6388; Taubaté, 5327; Taubatê, 4626, 5191, 5227, 5342 (n. 292)
Tibagi, 2083
Tietê, 1822; Tyetê, 1566
Torre de Gaboto, 1276
Toyucz, 357
Tumiarû, 279, 453, 638, 1576

U

Ubatuba, 4630, 5025; Ubatyba, 376, 3710, 3750
Urugay, 2083
Uvay, 6540

V

Vergalhaõ, 4949
Vilagaylhon, 4949
Villa Bella do Mato Grosso, 5999
Villa Bella, 6510, 6610
Villa Capital de São Vicente, 1079, 4609
Villa da Alaguna, 95
Villa da Cananêa, 5056; Villa de Cananêa, 3892
Villa da Conceição, 2929, 3441, 3447
Villa da Faxina, 6365
Villa da Ilha de São Sebastião, 4882
Villa da Ilha Grande Angra dos Reys, 4988
Villa da Laguna, 5978, 5983, 5988
Villa da Parnahyba, 5120
Villa das Lages, 6382
Villa de Beringel, 4110
Villa de Castello Bom, 782, 787
Villa de Castro, 6375
Villa de Correição, 804
Villa de Crato, 243
Villa de Cunha, 6743
Villa de Curitiba, 4625, 5069, 5070
Villa de Guayanâ, 3103
Villa de Guratingueta, 5213; Villa de Guratinguetá, 5214, 5219
Villa de Iacarehy, 5175, 5176; Villas de Iacarehy, 4626
Villa de Iguaçu, 3022

Villa de Itánheen, 3453, 3898, 4167, 4233, 4621, 4638, 4899, 5045, 5143, 5196; Villa de Itanheen, 3445, 3891, 4624; Villa de Nossa Senhora da Conceiçam, 3439; Villa de Nossa Senhora da Conceição de Itanheen, 5046; Villa de Nossa Senhora da Conceiçã de Itanheen, 2923
 Villa de Itápetininga, 6378
 Villa de Iundiahý, 5126, 6374; Villa de Iundiahý, 5127
 Villa de Mogi das Cruzes, 5168; Villa de Santa Anna de Mogi, 4556; Villa de Santa Anna de Mogi das Cruzes, 5169
 Villa de Paraty, 4999; Villa de Paratý, 4998, 5010; Villas de Paratý, 367; Villas do Paratý, 5838
 Villa de Parnagoa, 3895, 3899, 3904, 5059, 5060; Villa de Parnaguá, 87, 5523
 Villa de Pindamunhangaba, 5225; Villa de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamunhangaba, 5226
 Villa de Santa Anna de Parnahyba, 5121
 Villa de Santo Andre, 1156, 1589, 1589 (n. 124), 1644, 1689; Villa de Santo André da Borda do Campo, 2033
 Villa de Santos, 255 (n. 18), 650, 651, 753, 757, 886, 896, 902, 917, 943, 1088, 1458, 1494, 1495, 1496, 1500, 1837, 2008, 2057, 2275, 3494, 3872, 3878, 4162, 4229, 4243, 4470, 4556, 5036, 5435, 5520, 5539, 6352; Villas de Santos, 3721, 3963, 4097, 4972
 Villa de São Ioaõ de Cananêa, 1409, 5057; Villa de São Ioaõ de Cananeya, 3888
 Villa de São Luis de Praitinga, 6388
 Villa de São Paulo, 1541, 1558, 1765, 1771, 1803, 1920, 1967, 2049, 2288, 2395, 2429, 2641, 2705, 2839, 2867, 2874, 4166, 4232, 4509, 4556, 5087, 5098, 5104, 5107, 5113, 5295, 5401, 5531, 5675, 5783, 5789, 5792; Villas de São Paulo, 2519, 2831
 Villa de São Sebastiaõ, 3885
 Villa de São Vicente, 352, 440, 578, 614, 1016, 1446, 1492, 1521, 1932, 2672, 2932, 2950, 3890, 3960, 4045, 4194, 4247, 4336, 4381, 4408, 4448, 4457, 4511, 4555, 4579, 4581, 4622, 4731, 4803, 4851, 4911, 4965, 5041, 5042, 5100; Villas de São Vicente, 4428, 4617, 4880, 5244
 Villa de Setuval, 3822
 Villa de Sorocaba, 5142, 5912; Villa de Sorocaba de Nossa Senhora da Ponte, 5143
 Villa de Taubate, 5180, 5181, 5212; Villa de Taubatê, 5204, 5215
 Villa de Ubatuba, 5024, 6389
 Villa de Vinhaes, 2063; Villas de Vinhaes, 2701
 Villa de Yguape, 5051, 5052; Villas de Yguape, 4625
 Villa de Ytú, 5130, 6401; Villa de Ytû, 5131, 6373
 Villa do Casal, 4519
 Villa do Cuyaba, 38, 5874, 6526
 Villa do Expirito Santo, 4203
 Villa do Porto de Santos, 1458, 1488, 1551, 3630, 3638, 3763
 Villa e Ilha de São Sebastiaõ, 4846
 Villa Rica, 1906
 Villa Velha de Rodaõ, 2703
 Villas da Capitania de São Paulo, 5339
 Villas da Capitania de São Vicente, 4235
 Vizeu, 3382
 Vuturuna, 2042

Y

Yguaçû, 739
 Yguatemý, 6517; Yguatemy, 6530, 6541, 6584

Yrirytyba, 722
Ytû, 4620

5.5 Índice de Cargos, Dignidades e Funções

A

Abade, 264, 3458, 3475; Abbade, 1997
Administrador, 2159, 2554, 3359, 4688, 4696, 5218, 5611, 5626, 5644; Administradora, 4034
Administrador Eccleziastico, 2629
Administrador Geral, 5410, 5522, 5555, 5671
Ajudante, 5528, 5532
Alcaydarias Mores, 3206, 3211
Alcayde, 2938
Alcayde Mor, 191, 214, 872, 1589, 4052, 4110, 4519, 5158, 5199; Alcaydes Mores, 4633, 5101
Alferes, 6650
Almotacêz, 2757
Almoxarife, 4737; Almoxarifes, 5500
Armadores do Tracto, 1057
Armador Mor, 824
Auxiliares, 6358

B

Bispo, 2073, 2074, 2582, 2631, 3382, 4974, 5791, 6008

C

Cacique, 374, 500, 505
Camaristas, 642, 1078, 1522, 1663, 2278, 2504, 2941, 3332, 3570, 3721, 3901, 3963, 3965, 3967, 4143, 4153, 4162, 4181, 4190, 4354, 4360, 4370
Capelaens, 6010
Capitaens da Guerra, 1260
Capitão, 152, 344, 464, 573, 599, 821, 1139, 2068, 2943, 2975, 3030; Capitaõ, 195, 365, 628, 766, 810, 921, 1138, 1431, 1501, 1527, 2011, 2061, 2873, 2995, 3080, 3470, 3497, 4175, 4285, 4292, 5265, 5426; Capitam, 433, 607, 609, 620, 946, 1476, 2135, 2135, 3154, 3160, 3175, 3178, 3181, 3192, 3204, 3209, 3211, 3218, 3225, 3228, 3233, 3237, 3248, 3258, 3265, 3266, 3276, 3277, 3280, 3290, 3297, 3324, 3334, 3348, 3349, 3427, 3430, 3529, 3533, 3606, 3607, 3611, 3613, 3619, 3621, 3629, 3631, 3634, 3636, 3642, 3645, 3666, 3677, 3681, 3683, 3684, 3689, 3695, 3796, 3803, 3816, 3824, 3905, 3920, 4087, 4223, 4236, 4273, 4284, 4302, 4309, 4326, 4346, 4375, 4395, 4432, 4566, 4714, 4721, 4722, 4726, 4738, 4748, 4770, 4778, 4791, 4805, 4806, 4806, 4807, 4808, 4809, 4830, 5065, 5218, 5220, 5220, 5868; Capitaens, 1116, 1260, 1328, 1348, 2987, 3083, 3147, 3756, 6649
Capitão de Infantaria, 2111
Capitão General, 2010, 2842, 2895, 5896; Capitaõ General, 2704, 2865, 2901, 5339, 5714, 5801, 5904, 5974;

Capitam General, 4872, 5008, 5330, 5755, 5804, 5817, 5819, 5845, 5858, 5952, 5982, 6003, 6039, 6063, 6352, 6756; Capitaens Gerais, 6047
Capitão Geral, 1341; Capitaõ Geral, 1343, 4111; Capitam Geral, 4520, 5085; Capitaens Geraes, 1349
Capitaõ Mayor, 5493, 5502, 5512
Capitão Mór, 117; Capitaõ Mór, 601, 1263; Capitão Mor, 131, 230, 237, 535, 544, 559, 582, 881, 1396, 1526, 2982, 3461, 4349, 4992; Capitaõ Mor, 269, 586, 707, 2937, 2967, 2978, 3008, 3491, 4112, 4147, 4170, 4178, 4353, 4893, 4899, 4900, 5573, 5588, 5594; Capitam Mór, 182, 309, 323, 635, 1060, 3898, 4048; Capitam Mor, 240, 246, 254, 255 (n. 18), 696, 759, 944, 955, 972 (n. 82), 1077, 1125, 2705, 2773, 2815, 2822, 3053, 3521, 3725, 3799, 3965, 4042, 4050, 4182, 4445, 4534, 4589, 4680, 4683, 4690, 4694, 4697, 4907, 4908, 4909, 4912, 4925, 4928, 5092, 5146, 5172, 5181, 5188, 5192, 5199, 5220, 5324, 5327, 5340, 5644, 6729; Capitaens Mores, 1913, 4627, 4628, 4633, 4894, 4902, 4911, 4918, 4991, 5452, 5649, 5721
Capitão Mor de Armada, 559
Capitão Mor Regente, 5723; Capitaõ Mor Regente, 6332; Capitam Mor Regente, 6401; Capitaens Mores Regentes, 5721, 5728
Cardeal, 2003, 2080
Cavalleiro, 946, 1284; Cavalleiros, 6542
Cavalleiro da Ordem de Christo, 2026; Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, 918
Cavalleiro do Habito, 4937
Cavalleiro Fidalgo, 560, 561, 913, 920, 957, 959, 972, 976, 980, 1499, 3704; Cavalleiros Fidalgos, 903, 910, 985, 991
Cavalleiros Escudeiros, 5679
Chanceler, 2724; Chancellor, 6327, 6338
Colleitor, 2142
Comandante, 590, 685, 701, 5911, 6740; Commandante, 2977, 2984
Conde, 1217, 1224, 1225, 1235, 3044, 3913, 3927, 3933, 3970, 3971, 3988, 3995, 4024, 4030, 4057, 4093, 4103, 4124, 4130, 4151, 4191, 4339, 4359, 4365, 4371, 4378, 4464, 4474, 4476, 4481, 4481, 4487, 4492, 4528, 4533, 4536, 4543, 4553, 4559, 4563, 4566, 4591, 4637, 4646, 4706, 4813, 4815, 4827, 4858, 5305, 5329, 5332, 5333, 5335, 5912, 5916, 6165, 6171, 6185, 6201, 6224, 6319, 6337, 6337, 6344; Condessa, 3973, 4008, 4041, 4045, 4339, 4359, 4362, 4363, 4448, 4451, 4636, 4931, 5191, 5195, 5200, 5283, 5285, 5286
Condestavel, 3729
Conigos, 6010
Conselheiro, 183, 3539, 3670; Conselheiros, 2917, 5018, 5964, 5992
Contador, 4746
Contador Mor, 823
Coronel, 5158, 6334, 6717; Coroneis, 6714
Corregedor, 3346, 5229

D

Depozitarios, 5499
Deputado, 3945, 6719; Deputados, 2136, 2248
Dezembargador, 905, 2532, 2544, 3946, 5228, 5233, 5695, 5697, 5711, 6329, 6330; Dezembargadores, 2725, 3944, 3977, 4817; Desembargadores, 2531
Dezembargador Sindicante, 4859
Duque, 212, 213, 214, 1933, 1959; Duqueza, 2095

E

Embaixador, 5357

Escrivão, 1113, 3402, 3473; Escrivão, 851, 2733, 3383, 3406, 3412, 3476, 3571, 3639, 3641, 3647, 4140, 4307, 4711, 4842, 5057, 5689; Escrivam, 4502, 4581, 4714, 4759, 6719; Escrivaens, 3081, 3649

Escudeiros Fidalgos, 910

F

Feitor, 939, 941, 1059, 3273, 4737

Fidalgo, 157, 562, 562, 564, 683, 689, 703, 749, 780, 787, 792, 797, 832, 867, 878, 895, 915, 952, 995, 2452, 2962, 2983, 3055, 3116, 3583, 4147, 5325, 6629, 6732, 6744; Fidalgos, 686, 817, 821, 829, 859, 911, 1003, 1260, 1269, 1958, 5679, 5716

Fidalgos Cavalleiros, 908

Fidalgos Escudeiros, 908

Frade, 368, 370, 371

Frei, 5152, 5157, 6012, 6014, 6016, 6746

G

General, 41, 107, 735, 1087, 1372, 2015, 4049, 4958, 5161, 5164, 5164, 5451, 5473, 5783, 5799, 5808, 5863, 5870, 5873, 5879, 5880, 5900, 5912, 5916, 5917, 5999, 6023, 6348, 6391, 6394, 6399, 6406, 6515, 6615, 6635, 6636, 6642, 6644, 6666, 6702 (n. 343), 6717, 6732; Gerais, 5888, 6622

Geralistas, 6023, 6349

Governador, 246, 252, 255, 259, 1036, 1076, 1125, 1268, 1319, 1333, 1343, 1344, 1367, 1403, 2073, 2089, 2110, 2200, 2455, 2548, 2582, 2703, 2728, 2837, 2842, 2865, 2884, 2895, 2901, 3154, 3161, 3175, 3178, 3181, 3193, 3204, 3209, 3212, 3218, 3225, 3228, 3233, 3237, 3248, 3258, 3265, 3267, 3297, 3324, 3334, 3359, 3434, 3535, 3567, 3642, 3645, 3666, 3839, 3965, 4042, 4111, 4141, 4174, 4260, 4272, 4274, 4284, 4286, 4289, 4293, 4297, 4362, 4377, 4395, 4432, 4445, 4463, 4466, 4520, 4534, 4550, 4566, 4568, 4694, 4697, 4738, 4779, 4872, 4873, 4901, 4907, 4913, 4925, 4928, 4930, 4966, 4982, 4986, 4992, 5008, 5029, 5188, 5192, 5199, 5299, 5330, 5339, 5345, 5356, 5449, 5455, 5488, 5491, 5494, 5542, 5597, 5630, 5672, 5740, 5755, 5755, 5819, 5827, 5829, 5832, 5858, 5952, 5982, 6003, 6039, 6086, 6219, 6237, 6268, 6417, 6460, 6523, 6537, 6603; Governadores, 1349, 1744, 1854, 1866, 1915, 1919, 2594, 2853, 3147, 4902, 4911, 4918, 5827, 5846, 5891, 6047, 6220, 6233, 6345, 6496

Govenador Geral, 276, 701, 810, 1074, 1100, 1333, 1345, 1360, 1584, 1642, 1680, 1753, 1921, 2044, 2630, 2683, 2686, 2696, 3612, 3623, 3626, 3628, 3632, 3637, 3752, 3821, 3833, 3959, 3968, 4065, 4095, 4153, 4173, 4177, 4190, 4322, 4516, 4567, 4571, 4601, 4614, 4817, 4917, 4952, 4967, 5304, 5354, 5389, 5391, 5717; Governadores Geraes, 1865, 1870, 1871, 1899, 4160, 4357, 5721, 5727

Grão Capitaõ, 211; Graõ Capitaõ, 194

Guarda Mor, 5719, 6168, 6195, 6223; Guarda Mór, 1590

Guarda Mor Geral, 872, 5667, 6163, 6331

I

Iuis, 2133, 2288, 2744, 2745, 2745, 2746, 2747, 2747, 2755, 2755, 2930, 4444, 4479, 5305; Iuiz, 4482; Iuizes,

2012, 2704, 2739, 2799, 3152, 3153, 3156, 4613, 5201, 5679

Iuis de Fora, 5137, 5139

Iuis Ordinario, 800, 5294; Iuiz Ordinario, 4458; Iuizes Ordinarios, 1922, 2743, 4805

Iuis Pedaneo, 1523, 2935

Iuis Relator, 6722

L

Loco Tenente, 925, 938, 946, 1475, 2948, 3080, 3430, 3519, 3538, 3566, 3606, 3619, 3627, 3634, 3687, 3768, 3809, 3857, 3905, 3965, 4043, 4178, 4375, 4566, 4694, 4921, 4925, 4928, 5146, 5324; Loco-Tenente, 944, 1116, 1362, 1529, 1587; Loco Tenentes, 3760; Loco-Tenentes, 1117; Locos Tenentes, 3489, 3586, 3790

M

Magistrados, 113, 1744, 1922, 1950

Marechal de Campo, 6746

Marques, 2510, 5112; Marquez, 5151

Meirinho, 672, 2939, 3175, 3176

Mestre de Campo, 5451, 5473, 5542

Ministro, 12, 1077, 2822, 5137, 5675, 6080; Ministros, 2814, 2885, 4114, 5453

Missionarios, 127, 1266, 1437, 1686

Moço da Camara, 988; Moço da Camara Real, 989; Moço da Camera, 561

Monge, 1560; Monges, 4913

O

Officiaes Camaristas, 2504

Officiaes da Camara, 432, 2091, 2118, 2242, 2247, 2285, 2679, 2815, 3960, 4088, 4113, 4157, 4169, 4381, 4408, 4508, 4511, 4512, 4584, 4610, 4612, 4794, 4811, 4820, 4823, 4826, 4857, 4874, 5202, 5234, 5236, 5295, 5391, 5397, 5401, 5531, 5551, 5784, 5789; Officiaes das Camaras, 4527, 5452

Officiaes da Fazenda, 5507

Officiaes de Iustiça, 3824, 5516

Official, 2811; Officiaes, 1051, 1678, 2225, 2684, 2730, 2741, 2743, 2906, 3152, 3152, 3176, 3273, 3285, 4356, 4399, 4458, 4471, 4484, 4499, 4507, 4607, 4608, 4822, 4840, 5101, 5204, 5268, 5329, 5435, 5476; Officiaez, 4609

Official da Secretaria, 6342

Official de Guerra, 5932; Officiaes de Guerra, 2012

Officiaes do Conselho, 4391

Official Mayor, 5890

Ouvidor, 946, 972 (n. 82), 1078, 1140, 2706, 2732, 2742, 2774, 2816, 2822, 2878, 3081, 3151, 3154, 3157, 3161, 3172, 3176, 3180, 3431, 3465, 3474, 3474, 3478, 3518, 3529, 3533, 3537, 3571, 3575, 3607, 3611, 3613, 3619, 3622, 3630, 3634, 3636, 3677, 3680, 3681, 3695, 3816, 3824, 3828, 3831, 3836, 3836, 3905, 3920, 4113, 4199, 4223, 4309, 4326, 4346, 4375, 4542, 4567, 4589, 4690, 4694, 4697, 5199, 5220, 5223, 5677, 5693, 5909, 6077, 6172, 6184, 6227, 6722; Ouvidores, 1913, 1919, 3083, 3420, 4628, 4633, 4995

Ouvidor Geral, 804, 808, 813, 839, 1077, 2710, 2759, 2765, 2805, 2873, 2876, 2880, 2885, 2912, 4705, 4858, 5140, 5229, 5682; Ouvidores Geraes, 1915, 2870, 2847, 2851, 2853

P

Padre, 231, 235, 266, 375, 377 (n. 32), 466, 475, 584, 605, 613, 699, 734 (n. 60), 878, 879 (n. 70), 964, 967, 967, 1102, 1103, 1161, 1390, 1593, 1594, 1599, 1620, 1643, 1655, 1658, 1701, 1702, 1702 (n. 138), 1713, 1769, 1799, 1858, 2030 (n. 149), 2076, 2077, 2078, 2079, 2093, 2098, 2099, 2099, 2112, 2113, 2117, 2119, 2128, 2129, 2130, 2131, 2140, 2143, 2158, 2159, 2168, 2171, 2172, 2173, 2179, 2193, 2273, 2346, 2964, 3032, 3424, 6080, 6145, 6333, 6341; Padres, 1592, 1602, 1610, 1633, 1641, 1754, 1781, 1783, 1788, 1792, 1810, 2035, 2036, 2050, 2059, 2067, 2068, 2074, 2086, 2090, 2092, 2101, 2119, 2139, 2167, 2170, 2179, 2188, 2193, 2206, 2232, 2236, 2246, 2255, 2272, 2307, 2329, 2336, 2384, 2393, 2400, 2403, 2410, 2421, 2425, 2427, 2428, 2434, 2442, 2455, 2457, 2515, 2518, 2543, 2550, 2564, 2572, 2587, 2593, 2599, 2610, 2639, 2640, 2645, 2649, 2652, 2671, 2673, 2677, 2687, 2688, 3751, 4905; Padrez, 2522

Padre Frei, 126, 650, 658; Padre Frey, 3033

Padre Mestre, 228, 289

Padre Reitor, 2173, 4906

Pagem, 215

Papa, 2628

Parocho, 1639, 1675; Parochos, 6230

Piloto, 719, 733; Pilotos, 120, 323, 412, 1372; Pillotos, 4247, 4419

Piloto Mor, 1028, 1032; Pilloto Mor, 1038

Plenipotenciario, 3003

Pontifice, 2107

Prelado, 1996, 2159, 2163, 2189, 2555, 2559; Prelados, 2596, 2713, 2773, 5132

Prezidente, 6721

Principe, 215, 223, 548, 1613, 1883, 1956, 2837, 2859, 5088, 5399, 5401, 5444, 5445, 5449, 5486, 5496; Principes, 1398

Procurador, 737, 897, 916, 2077, 2130, 2132, 2133, 2173, 2194, 2247, 2288, 2544, 2704, 2707, 2745, 2746, 2748, 2756, 2882, 2940, 2945, 3677, 3691, 3703, 3828, 3841, 3849, 3954, 3958, 3962, 3964, 4041, 4067, 4076, 4107, 4117, 4148, 4275, 4280, 4284, 4287, 4378, 4384, 4394, 4399, 4414, 4415, 4431, 4452, 4454, 4460, 4461, 4474, 4481, 4483, 4487, 4494, 4500, 4515, 4522, 4529, 4555, 4661, 4702, 4808, 4809, 4824, 4832, 4857, 4931, 5182, 5274, 5276, 5279, 5281, 5283, 5292, 6329, 6331; Procuradora, 1122, 1475, 1477, 1529, 3522; Procuradores, 2290, 2535, 2740, 2753, 2841, 3083, 4171, 5679

Procurador Geral, 3820, 4344

Promotor, 2186; Promotor da Iustiça Eccleziastica, 2183

Provedor, 940, 1587, 1612 (n. 128), 2484, 4465, 4476, 4559, 4745, 4750, 5205, 5867; Provedores, 2494, 4719, 5498

Provedor da Fazenda, 2492, 4418, 4443, 4530, 4553, 4560, 4741, 4743, 5295; Provedor da Fazenda Real, 4373, 4790, 6328; Provedores da Fazenda Real, 873

Provedor Mor, 4440; Provedor Mor da Fazenda Real, 4754; Provedores Mores, 1050, 1920

Provincial, 1599, 2515

Q

Quartel Mestre, 6650

R

Raynha, 219, 4968, 5349, 5355, 5389

Reclutas, 1965
Regente, 2837, 5449, 5719
Regulares, 1995
Reitor, 2098, 2129, 2194
Rey, 64, 106, 135, 143, 150, 154, 173, 201, 204, 212, 214, 225, 230, 251, 258, 270, 295, 304, 319, 510, 555, 574, 580, 591, 788, 868, 906, 911, 939, 947, 1113, 1160, 1163, 1248, 1292, 1318, 1362, 1503, 1549, 1919, 1921, 1932, 1980, 1991, 1992, 1996, 2003, 2018, 2020, 2020, 2278, 2289, 2296, 2303, 2306, 2326, 2333, 2360, 2401, 2428, 2678, 2861, 2863, 2890, 2898, 2915, 2964, 3011, 3017, 3068, 3098, 3105, 3359, 3405, 3410, 3545, 3554, 3665, 3705, 3947, 3980, 3993, 4031, 4175, 4200, 4219, 4281, 4295, 4304, 4315, 4403, 4653, 4677, 4701, 4724, 4730, 4733, 4744, 4764, 4765, 4767, 4768, 4778, 4782, 4787, 4796, 4814, 4969, 4981, 5004, 5006, 5017, 5063, 5137, 5326, 5344, 5360, 5396, 5575, 5608, 5612, 5638, 5642, 5664, 5680, 5692, 5716, 5754, 5761, 5782, 5787, 5797, 5813, 5856, 5920, 5946, 5950, 5962, 5980, 5990, 6073, 6151, 6155, 6502, 6633, 6676; Reys, 1294, 1786, 1912, 2564, 4123

S

Sacerdotes, 1637, 1639, 1994
Sargento Mor, 648, 2134
Secretario, 2859, 2889, 2920, 5021, 5606, 5637, 5663, 5855, 5967, 5994
Secretario d'Estado, 6647; Secretario de Estado, 12, 6029; Secretario do Estado, 6336
Sindicante, 5541
Soldado, 1431, 2976; Soldados, 1328, 1378, 1733, 1965, 2824, 4966, 4972, 6645
Superior, 127, 1593; Superiores, 1380, 1916, 2075
Superiores Eccleziasticos, 1745

T

Tabelião, 1487, 1535; Tabelaio, 247, 758, 773, 786, 805, 865, 868, 897, 901, 919, 980, 1532, 2259, 2264, 2266, 2931, 3670; Tabelliaio, 2126, 3823, 4501, 4580, 5057; Tabelaiaens, 3198, 3655; Tabelliaens, 3194, 3203, 3595; Tabelioens, 5102
Tenente Coronel, 6740
Tenente General, 5411, 5426, 5522
Tenentes, 6649
Thezoureiro Geral, 6720
Thezoureiro Mor, 4667
Thezoureiros, 5499

V

Veador, 825
Vereador, 2288, 2745, 2746, 2747, 2747, 2748, 2752, 2755, 2755, 2756, 4163, 4164, 4458, 4459, 4459; Vereadores, 2012, 2133, 2704, 2744, 2746, 2750, 2934, 2943, 3573, 4172, 4391, 4479, 4799, 4806, 4850, 4856, 5679
Vezitador Geral, 2098, 2112, 2128, 2173, 2193
Vicerey, 237, 1935, 2508, 5817, 5844, 6022, 6063, 6065, 6070, 6085, 6091, 6319, 6337, 6338, 6344, 6349, 6396, 6399, 6402, 6666, 6670
Vigario, 4731



O advento da escrita trouxe à humanidade a possibilidade de registrar sua história, permitindo o armazenamento e a propagação de informações entre os indivíduos e por gerações. Antes da invenção da imprensa, a escrita era realizada somente à mão, sobre diversos suportes, entre eles o papiro, o pergaminho e o papel, constituindo documentos que não são apenas veículos de transmissão de um texto, mas também testemunhos arqueológicos de uma determinada sociedade. No entanto, tratando-se do Brasil, muitos de seus documentos manuscritos se perderam, outros estão em bibliotecas, museus e arquivos no exterior, o que dificulta o seu acesso, e alguns estão entregues aos insetos e à ação do tempo. Diante dessa situação, torna-se patente a importância da recuperação, preservação e difusão de manuscritos como chave para a construção ou o esclarecimento de uma determinada identidade nacional. Pensando nisso, este trabalho, com o intuito de facilitar a leitura de um documento setecentista a partir do trabalho filológico de edição semidiplomática, possibilitará o acesso de pesquisadores de outras áreas a esse documento, o que permitirá a ampliação da pesquisa em documentação brasileira do século XVIII.

O trabalho filológico, segundo Bassetto (2005, p. 43), “tem por objetivo a reconstituição de um texto, total ou parcial, ou a determinação e o esclarecimento de algum aspecto relevante a ele relacionado”. Por isso, além da edição semidiplomática de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, percebeu-se a importância de agregar a este trabalho: 1. Uma contextualização histórica do século XVIII, situando a obra em seu contexto histórico, cultural, social e político, com o objetivo de facilitar a compreensão de sua mensagem e esclarecer certas passagens do texto; 2. A biografia do autor, suas obras e a questão da autenticidade do texto, questões importantes para facilitar o conhecimento e a compreensão do conteúdo textual; 3. Uma descrição da obra em seus pormenores codicológicos, paleográficos e linguísticos, interessante para futuros estudos relacionados às técnicas de confecção de livros, à evolução da escrita e suas particularidades, e à linguística histórica, particularmente no que concerne ao Português Brasileiro; 4. Um glossário com palavras selecionadas de acordo com a importância dos esclarecimentos em relação à compreensão do texto; 5. Índices de antropônimos, com a relação dos nomes de pessoas ocorrentes no texto, de topônimos, com a relação dos nomes próprios de lugares, e de cargos, dignidades e funções, que trarão grande contributo para estudos onomásticos e estudos sobre a hierarquia social e administrativa colonial.

Referências bibliográficas

- ABREU, Manuel Cardoso de. Divertimento Admirável. In: CLETO, Marcelino Pereira et al. *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial: 1751-1804*. São Paulo: Governo do Estado, 1977. p. 59-87. (Coleção Paulística, v. 1).
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.
- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A Escrita no Brasil Colônia*. Recife: FUNDAJ; Massangana; UFPE; Universitária, 1994.
- AGUIAR, Joaquim Alves de. Introdução. *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Edusp; FAPESP, 1998. p. 13-50.
- ALI, Manuel Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.
- BOXER, C. R. *A Idade do Ouro do Brasil*. Tradução Nair de Lacerda. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- BRUNO, Ernani Silva. Introdução e Notas. In: CLETO, Marcelino Pereira et al. *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial: 1751-1804*. São Paulo: Governo do Estado, 1977. p. 5-9 e 56. (Coleção Paulística, v. 1).
- _____. O Colégio e as Letras. *História e Tradições da Cidade de São Paulo: Arraial de Sertanistas (1554-1828)*. v. 1, 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1991. p. 393-417.
- BURNS, Edward McNall. A Revolução Intelectual dos Séculos XVII e XVIII. *História da Civilização Ocidental*. Tradução Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro. v. 1, 23. ed. rev. atual. Porto Alegre: Globo, 1979. p. 545-581.
- CAMBRAIA, César Nardelli et al. Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil. In: _____. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. 2. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP, 2001. p. 23-26. (Série Diachronica, v. 1).
- _____. *Livro de Isaac: Edição e Glossário (Cód. ALC 461)*. v. 1. Tese (Doutorado)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- _____. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. Lidas novamente: a escrita de cartas como prática do governo colonial (século XVIII). *Revisa Esboços (UFSC)*, Florianópolis, v. 1, p. 127-139, 2005.
- CONTINUAÇÃO das Memórias de Frei Gaspar da Madre de Deus. *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 24, p. 539-616, 1861.

- COSTA, Renata Ferreira. Abreviaturas: Simplificação ou Complexidade da Escrita? *Histórica* – Revista on-line do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n. 15, out. 2006. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao15/materia01>>. Acesso em: 12 fev. 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 5. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- DEL PRIORE, Mary. O Papel Branco, a Infância e os Jesuítas na Colônia. In: _____ (Org.). *História da Criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 10-27.
- DIAS, Elizangela Nivardo. A História, a Codicologia e os Reclames. *Histórica* – Revista on-line do Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, n. 4, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao04/materia01>>. Acesso em: 10 jan. 2010.
- _____. *Subsídios para um estudo do reclame a partir de manuscritos e impressos em português* (séculos XVI a XIX). Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. 99 p.
- DICIONÁRIO eletrônico Infopedia. Disponível em: <www.infopedia.pt>. Acesso em: 31 maio de 2007.
- ECHEVERRIA, Susana. *Ahenhato, merim que quer dizer couza piquena no idioma dos paulistas*: edição do diário de navegação de Iozê Alves de Lima. v. 1. Tese (Doutorado)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. A Apresentação do Livro. In: _____. *O Aparecimento do Livro*. Tradução Fulvia M. L. Moretto e Guacira M. Machado. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1992. p. 163-171.
- FEIJÓ, João de Moraes Madureira. *Ortografia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa*. Lisboa: Miguel Rodrigues, 1734.
- FERREIRA, Manuela Barros. Dialectologia da Área Galego-Portuguesa. In: FERRONHA, António Luís (Coord.). *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1992. p. 30-37.
- FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de. *Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar*. Lisboa: Bernardo da Costa de Carvalho, 1722.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: Manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 2. ed. aum. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GONÇALVES, Maria Filomena. *Madureira Feijó: ortografista do século XVIII*. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- GONÇALVES, Rosana Andréa et al. *Luzes e Sombras sobre a Colônia: Educação e Casamento na São Paulo do século XVIII*. São Paulo: Humanitas; Departamento de História – FFLCH-USP, 1998. (Série Iniciação, v. 3).
- GROPPI, Mirta. Problemas e perspectivas para um estudo da situação lingüística de São Paulo no século XVIII. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 2: primeiros estudos, tomo II. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP; FAPESP, 2001. p. 371-389.

- HITNER, Sandra D. A. C. As Gravuras do Renascentista Alemão Albrecht Dürer do Acervo Brasileiro. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 1, n. 1, jul. 2003. Disponível em: <http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=10>. Acesso em: 30 jan. 2010.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. A Língua-Geral em São Paulo. *Raízes do Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. *Caminhos e Fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de Bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.
- _____. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEÃO, Duarte Nunes de. *Orthographia da lingua portuguesa*. Lisboa: João de Barreira, 1576.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Irene Ferreira et al. 4. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1996.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. v. 3. São Paulo: Duprat & Companhia, 1904. p. 517-518. (Tit. Borges de Cerqueira).
- LIMA, Luis Caetano de. *Orthographia da Língua Portugueza*. Lisboa: Antonio Isidoro, 1736.
- LIMA, Yêdda Dias. Paleografia. *Apostila do curso de paleografia*. São Paulo: IEB; Universidade de São Paulo, 2006.
- LOURENÇO, Eduardo. A Chama Plural. In: FERRONHA, António Luís (Coord.). *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1992. p. 12.
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente, Hoje Chamada de São Paulo*. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1797.
- MARÍN MARTÍNEZ, Tomás. *Paleografía y Diplomática*. Tomo 1. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2002.
- MARTIN, Olivier. Le livre, les livres, dans la maison: pour une sociologie de l'objet livre. In: GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle; DESJEUX, Dominique (Dirs.). *Objet banal, objet social: les objets quotidiens comme révélateurs des relations sociales*. Paris: L'Harmattan, 2000. p. 57-82.
- MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita: História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- MATEUS, Maria Helena Mira. Elaboração de Glossários: problemas, métodos e técnicas. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e Literários In Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 289-298.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. *Como se estrutura a língua portuguesa?: Perspectiva histórica da fonologia e da morfologia da língua portuguesa*. Disponível em: <http://www.poiesis.org.br/files/mlp/texto_10.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2010.
- MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MCMURTRIE, Douglas C. *O Livro: Impressão e Fabrico*. Tradução Maria Luísa Saavedra Machado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (Org.). *Por Minha Letra e Sinal: Documentos do Ouro do Século XVII*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e. *O Papel como Elemento de Identificação*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *O Marquês de Pombal e o Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. (Brasiliana, v. 299).

MILLARES CARLO, Agustín. *Paleografía Española: Ensayo de una Historia de la Escritura en España desde el siglo VIII al XVII*. Barcelona; Buenos Aires: Labor, 1929.

MOISÉS, Massaud. Arcadismo (1756-1825). *A Literatura Portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 95-109.

MONCADA, L. C. de. *Um "Iluminista" português do século XVIII: Luiz António Verney*. Porto: Saraiva e Cia., 1941.

MONTE CARMELO, Luís de. *Compêndio de orthografia*. Lisboa: Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. A Rochela do Brasil: São Paulo e a Aclamação de Amador Bueno como Espelho da Realeza Portuguesa. *Revista de História*, São Paulo, n. 141, p. 19-44, 2. sem. 1999.

MORAIS SILVA, Antonio de. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Lacérdina, 1813.

MOTTA, Edson; SALGADO, Maria Luiza G. *O Papel: Problemas de Conservação e Restauração*. Petrópolis: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1971.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método Moderno de Tupi Antigo: A língua do Brasil dos primeiros séculos*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

NOTA sobre Manoel Caetano de Abreu. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 6 (1900-1901), p. 291-293, 1902.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade na colônia. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil 1: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 14-39.

O ILUMINISMO. [S.l.]: Brasil Escola, [2002]. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/iluminismo2.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2010.

O SÉCULO do ouro. [S.l.]: Terra Networks, S.A., 2002. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/br_ouro9.htm>. Acesso em: 11 fev. 2010.

OSTOS, Pilar; PARDO, María Luisa; RODRÍGUEZ, Elena E. *Vocabulario de Codicología: Versión Española Revisada y Aumentada del Vocabulaire Codicologique de Denis Muzerelle*. Madrid: Arco; Libros, 1997.

PEREIRA FILHO, Jorge da Cunha. *Tropas militares luso-brasileiras nos séculos XVIII e XIX*. [S.l.: s.n.], 1998. Disponível em: <http://buratto.org/gens/gn_tropas.html>. Acesso em: 12 fev. 2010.

PINTO, Rolando Morel. *História da Língua Portuguesa: Século XVIII*. São Paulo: Ática, 1988.

- PORCHAT, Edith. *Informações Históricas sobre São Paulo no Século de sua Fundação*. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- REGISTROS de casamentos de brancos e livres (1782-1794) [da] Sé de São Paulo. São Paulo, 1782-1794. Manuscrito.
- REGISTROS de óbitos (1802-1810) [da] Sé de São Paulo. São Paulo, 1802-1810. Manuscrito.
- RODRIGUES, Aryon D. I. As Línguas Gerais. In: _____. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986. p. 99-109.
- RODRIGUES, José Honório. A Historiografia Paulista. In: _____. *História da História do Brasil*. Parte 1: Historiografia Colonial. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1979.
- _____ (Org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v. 1. Rio de Janeiro: MEC; Instituto Nacional do Livro, 1954. 400 p.
- SÁNCHEZ MARIANA, Manuel. *Introducción al Libro Manuscrito*. Madrid: Arco; Libros, 1995.
- SANTOS, Maria José Azevedo. *Da Visigótica à Carolina: A Escrita em Portugal de 882 a 1172*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Frei Gaspar de Madre de Deus ou a Controvérsia da História. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 86, p. 29-32, 1986.
- SILVA, Valdez A. da. Paulistas em movimento: bandeiras, monções e tropas. In: SETUBAL, Maria Alice (Coord.). *Terra Paulista: história, arte, costumes: A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra*. v. 1. São Paulo: CENPEC; Imprensa Oficial, 2004. p. 55-101.
- SILVA NETO, Serafim da. *Textos Medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956. (Coleção de Estudos Filológicos, v. 2).
- _____. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1963.
- SILVEIRA, Cláudia D. L. de A. *Edição de Textos Relativos à Defesa, Segurança e Fiscalização Portuária da Baixada Santista no Período Final do Século XVIII e Início do Século XIX*. Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SILVEIRA, Marco Antonio. *O Universo do Indistinto: Estado e Sociedade nas Minas Setecentistas (1735-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do Ouro: A pobreza mineira no século XVIII*. 4. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- _____. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil 1: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 42-81.
- _____; BICALHO, Maria Fernanda Baptista (Coord.). *1680-1720: o império deste mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: Crítica Textual*. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética; Edusp, 1994.

TAUNAY, Affonso d'Escragno. Biografia do Autor. In: MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente Hoje Chamada de São Paulo e Notícias dos Anos em que se Descobriu o Brasil*. 3. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920. p. 9-89.

_____. *Non Ducor, Duco*: Notícias de São Paulo, 1565-1820. São Paulo: Tipografia Ideal, 1924.

_____. Escritores Coloniais. In: SÃO PAULO (Estado). *Anais do Museu Paulista*. tomo 2. São Paulo: Imprensa do Diário Oficial, 1925. p. 117-243. Paginação irregular.

_____. Frei Gaspar da Madre de Deus: Súmula Biográfica. In: MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente Hoje Chamada de São Paulo*. São Paulo: Martins, 1953. p. 7-23.

_____. O Historiador das Bandeiras: Pedro Taques e a sua obra. In: LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*. tomo 1. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980. p. 47-48.

_____. *História Geral das Bandeiras Paulistas*. Tomo IX. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Museu Paulista, 1948. cap. 3, p. 473-482.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TOLEDO, Alfredo de. Um Problema Bibliográfico. *Diário Popular*, São Paulo: 25 de maio de 1916.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil 1: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 331-385.

VITRAL, Lorenzo. Língua Geral versus Língua Portuguesa: a influência do “processo civilizatório”. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 2: primeiros estudos, tomo 2. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP; FAPESP, 2001. p. 303-315.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Tradução Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ZEQUINI, Anicleide. A fundação de São Paulo e os primeiros paulistas: indígenas, europeus e mamelucos. In: SETUBAL, Maria Alice (Coord.). *Terra Paulista: história, arte, costumes: A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra*. v. 1. São Paulo: CENPEC; Imprensa Oficial, 2004. p. 29-53.

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, mestre em Letras e graduada em Letras Português e Espanhol pela mesma instituição, é professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde agosto de 2014.

Da graduação ao doutorado, entre 2002 e 2012, foi pesquisadora com bolsa de produtividade da FAPESP, integrando os projetos Filologia Bandeirante, Fontes para a História da Língua Portuguesa: edição de manuscritos dos períodos médio e clássico, História do Português Paulista e Filologia de Textos Manuscritos e Impressos: métodos e técnicas de edição.

Atua como orientadora de iniciação científica e foi professora pesquisadora com bolsa de produtividade da FAPITEC. Coordena projetos nas seguintes áreas temáticas: História da Língua Portuguesa no Brasil; Constituição de *Corpora*; Edição de Documentos Manuscritos Brasileiros; Incentivo à Leitura.

No ensino básico, foi professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola da Rede Privada de Ensino de São Paulo. Também atuou como professora de Espanhol e Português como Língua Estrangeira em diversos cursos de idiomas. Contato: renataferreiracosta@yahoo.com.br

Publicações

Dentre os artigos e livros publicados estão “Apagamento e alternância b/v em documentos manuscritos do século XVIII”, publicado na *Revista Filologia e Linguística Portuguesa* (2005); “Abreviaturas: simplificação ou complexidade da escrita?”, publicado na *Revista Histórica* (2006); “Carta de Antônio Francisco Lustosa para o rei D. João V”, publicado em *Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas* (2007); “Violência e insubordinação militar na São Paulo do século XVIII: estudo histórico e filológico de três manuscritos”, publicado na *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* (2009); “Um livro manuscrito do século XVIII”, publicado na *Revista Linguagem. Estudos e Pesquisas* (2009); “Os diferentes usos da letra “h” em um manuscrito setecentista”, publicado no livro *Percorrendo Trilhas Filológicas: Estudos para a história da Língua Portuguesa*, organizado por Maria Helena de Paula e Phablo Roberto Marchis Fachin (2010); “As Fontes Textuais da Memória Histórica da Capitania de São Paulo”, publicado na *Revista Histórica* (2013); “Subsídios para uma edição de um manuscrito inédito de Frei Gaspar da Madre de Deus”, publicado na *Revista Philologus* (2013); *Filologia Luso-Hispânica* (2013); *Português Instrumental – PRONATEC* (2013). “Natureza em Catálogo”, publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2014).

